



# DIÁRIO

## República Federativa do Brasil

# DO CONGRESSO NACIONAL

ANO L — Nº 4

QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1995

BRASÍLIA — DF

## CONGRESSO NACIONAL

### SUMÁRIO

#### 1 — ATA DA 1ª SESSÃO CONJUNTA, EM 15 DE FEVEREIRO DE 1995

##### 1.1 — ABERTURA

— Sessão Solene destinada à instalação dos trabalhos da 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 50ª Legislatura.

##### 1.1.1 — Leitura de Mensagem Presidencial

##### 1.1.2 — Fala da Presidência

##### 1.1.3 — Comunicação da Presidência

Convocação de Sessão Conjunta a realizar-se dia 21, às 14 horas e 30 minutos, com ordem do Dia que designa.

##### 1.2 — ENCERRAMENTO

#### 2 — MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SENHOR ITAMAR FRANCO, ENCAMI-

#### NHANDO AO CONGRESSO NACIONAL O RELATÓRIO ANUAL DA AÇÃO DO PODER EXECUTIVO E DO ESTADO GERAL DA REPÚBLICA, AO ENCERRAR-SE SEU GOVERNO.

#### 3 — ATAS DE COMISSÃO

— Anexos às Atas das Reuniões de instalações (1ª Reunião), de oitavas e de aprovação do relatório final e encerramento da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a "apurar fatos contidos nas denúncias do Sr. José Carlos Alves dos Santos, referentes às atividades de parlamentares, membros do Governo e representantes de empresas envolvidas na destinação de recursos do Orçamento da União".

## Ata da 1ª Sessão conjunta, em 15 de fevereiro de 1995

### 1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 50ª Legislatura

*Presidência do Sr. José Sarney*

#### ÀS 16 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Alexandre Costa — Antônio Carlos Valadares — Antônio Carlos Magalhães — Arlindo Porto — Benedita da Silva — Bernardo Cabral — Carlos Bezerra — Carlos Wilson — Casildo Maldaner — Coutinho Jorge — Darcy Ribeiro — Edison Lobão — Eduardo Suplicy — Elcio Alvares — Emília Fernandes — Ernandes Amorim — Espiridião Amim — Fernando Bezerra — Flaviano Melo — Francelino Pereira — Freitas Neto — Gerson Camata — Gilberto Miranda — Gilvam Borges — Hugo Napoleão — Humberto Lucena — Íris Rezende — Jader Barbalho — João França — João Rocha — Joel de Hollanda — Josaphat Marinho — José Agripino — José Alves — José Roberto Arruda — José Sarney — Júlio Campos — Júnia Marise — Lauro Campos — Lucídio Portella — Lúdio Coelho — Luiz Alberto de Oliveira — Marina Silva — Mauro Miranda — Nabor Júnior — Ney

Suassuna — Odacir Soares — Pedro Simon — Ramez Tebet — Renan Calheiros — Roberto Freire — Roberto Requião — Romero Jucá — Romeu Tuma — Ronaldo Cunha Lima — Sérgio Machado — Teotônio Vilela Filho — Valmir Campelo — Waldeck Ornelas.

#### E OS SRS. DEPUTADOS:

##### Roraima

Alceste Almeida — Bloco; Elton Rohnelt — PSC; Francisco Rodrigues — PSD; Luciano Castro — PPR; Luís Barbosa — Bloco; Moisés Lipnik — Bloco.

##### Amapá

Eraldo Trindade — PPR; Fátima Pelaes — Bloco; Raquel Capiberibe — PSB; Sérgio Barcellos — Bloco; Valdenor Guedes — PP.

**EXPEDIENTE**

Centro Gráfico do Senado Federal

**MANOEL VILELA DE MAGALHÃES**  
**Diretor-Geral do Senado Federal**  
**AGACIEL DA SILVA MAIA**  
**Diretor Executivo**  
**LUIZ AUGUSTO DA PAZ JÚNIOR**  
**Diretor Administrativo**  
**JÚLIO WERNER PEDROSA**  
**Diretor Industrial**  
**FLORIAN AUGUSTO COUTINHO MADRUGA**  
**Diretor Adjunto**

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral \_\_\_\_\_ R\$ 23,54

Tiragem: 850 exemplares

**Pará**

Ana Júlia – PT; Anivaldo Vale – PPR; Antonio Brasil – PMDB; Gerson Peres – PPR; Giovanni Queiroz – PDT; Hilário Coimbra – Bloco; Olavio Rocha – PMDB; Paulo Rocha – PT; Paulo Titan – PMDB; Raimundo Santos – PPR; Socorro Gomes – PCdoB; Vic Pires Franco – Bloco.

**Amazonas**

Arthur Virgílio Neto – PSDB; Átila Lins – Bloco; Euler Ribeiro – PMDB; João Thomé Mestrinho – PMDB; Pauderney Ave-lino – PPR.

**Rondônia**

Carlos Camurça – PP; Confúcio Moura – PMDB; Euripedes Miranda – PDT; Expedito Junior – PL; Ildemar Kussler – PSDB; Silvernani Santos – PP.

**Acre**

Célia Mendes – PPR; Chicão Brigido – PMDB; João Maia – PMDB; Mauri Sérgio – PMDB; Zila Bezerra – PMDB.

**Tocantins**

Antonio Jorge – PPR; Dolores Nunes – PP; Freire Júnior – PMDB; João Ribeiro – Bloco; Osvaldo Reis – PP; Paulo Morão – PPR.

**Maranhão**

Antonio Joaquim Araujo – Bloco; César Bandeira – Bloco; Davi Alves Silva – Bloco; Domingos Dutra – PT; Gastão Vieira – PMDB; Jayme Santana – PSDB; João Alberto – PMDB; Pedro Noyais – PMDB; Sarney Filho – Bloco.

**Ceará**

Antonio Balhmann – PSDB; Antonio dos Santos – Bloco; Arnon Bezerra – PSDB; Firmino de Castro – PSDB; Gonzaga Mota – PMDB; Inácio Arruda – PCdoB; José Linhares – PP; José Pimentel – PT; Marcelo Teixeira – PMDB; Nelson Otoch – PSDB; Paes de Andrade – PMDB; Pinheiro Landim – PMDB; Roberto Pessoa – Bloco; Rommel Feijo – PSDB; Ubi-ratan Aguiar – PSDB.

**Piauí**

Ari Magalhães – PPR; B. Sá – PP; Felipe Mendes – PPR; Heráclito Fortes – Bloco; João Henrique – PMDB; Mussa Demes – Bloco; Paes Landim – Bloco.

**Rio Grande do Norte**

Carlos Alberto – Bloco; Cipriano Correia – PSDB; Iberé Ferreira – Bloco; Laire Rosado – PMDB; Ney Lopes – Bloco.

**Paraíba**

Alvaro Gaudencio Neto – Bloco; Armando Abilio – PMDB; Cássio Cunha Lima – PMDB; Efraim Moraes – Bloco; Ivandro Cunha Lima – PMDB; José Luiz Clerot – PMDB; Roberto Paulino – PMDB; Wilson Braga – PDT.

**Pernambuco**

Antonio Geraldo – Bloco; Fernando Lyra – PSB; Gonzaga Patriota – PSB; Inocêncio Oliveira – Bloco; João Colaco – PSB; José Jorge – Bloco; José Mendonça Bezerra – Bloco; José Múcio Monteiro – Bloco; Luiz Piauhyllino – PSB; Mendonça Filho – Bloco; Nilson Gibson – PMN; Pedro Correa – Bloco; Ricardo Heráclio – PMN; Roberto Magalhães – Bloco; Salatiel Carvalho – PP; Sérgio Guerra – PSB; Severino Cavalcanti – Bloco; Wilson Campos – PSDB; Wolney Queiroz – PDT.

**Alagoas**

Alberico Cordeiro – Bloco; Augusto Farias – PSC; Fernan-do Torres – PSDB; José Thomaz Nonô – PMDB; Talvane Albu-querque – PPR.

**Sergipe**

Carlos Magno – Bloco; Cleonancio Fonseca – PPR; Wilson Cunha – PMDB.

**Bahia**

Alcides Modesto – PT; Antonio Sergio Carneiro – PDT; Aroldo Cedraz – Bloco; Benito Gama – Bloco; Beto Lelis – PSB; Claudio Cajado – Bloco; Coriolano Sales – PSDB; Domingos Leonelli – PSDB; Felix Mendonca – Bloco; Geddel Vieira Lima – PMDB; Haroldo Lima – PCdoB; Jairo Carneiro – Bloco; Jaques Wagner – PT; José Carlos Aleluia – Bloco; José Tude – Bloco; Luis Eduardo – Bloco; Luiz Braga – Bloco; Luiz Moreira – Bloco; Manoel Castro – Bloco; Nestor Duarte – PMDB; Prisco Viana – PPR; Severiano Alves – PDT; Simara Ellery – PMDB; Ursicino Queiroz – Bloco.

**Minas Gerais**

Aécio Neves – PSDB; Aracely de Paula – Bloco; Armando Costa – PMDB; Bonifácio de Andrada – Bloco; Carlos Melles – Bloco; Carlos Mosconi – PSDB; Danilo de Castro – PSDB;

Eduardo Barbosa – PSDB; Elias Murad – PSDB; Eliseu Resende – Bloco; Genésio Bernardino – PMDB; Herculanio Anghinetti – PSDB; Hugo Rodrigues da Cunha – Bloco; Ibrahim Abi-Ackel – PPR; Jair Siqueira – Bloco; João Fassarella – PT; José Rezende – Bloco; Leopoldo Bessone – Bloco; Maria Elvira – PMDB; Maurício Campos – PL; Nilmário Miranda – PT; Odelmo Leão – PP; Osmânio Pereira – PSDB; Paulo Delgado – PT; Paulo Heslander – Bloco; Philemon Rodrigues – Bloco; Raul Belém – PP; Roberto Brant – Bloco; Romel Anízio – PP; Ronaldo Perim – PMDB; Sandra Starling – PT; Sérgio Miranda – PCdoB; Sérgio Naya – PP; Silvio Abreu – PDT; Tilden Santiago – PT; Vittorio Medioli – PSDB; Zaire Rezende – PMDB.

#### **Espírito Santo**

Feu Rosa – PSDB; Luiz Buaiz – PDT; Nilton Baiano – PMDB; Rita Camata – PMDB; Roberto Valadão – PMDB; Theodorico Ferraco – Bloco.

#### **Rio de Janeiro**

Alexandre Cardoso – PSB; Alexandre Santos – PSDB; Arolde de Oliveira – Bloco; Candido Mattos – PMDB; Carlos Santana – PT; Cidinha Campos – PDT; Conceição Tavares – PT; Eduardo Mascarenhas – PSDB; Fernando Gonçalves – Bloco; Francisco Domelles – PPR; Francisco Silva – PP; Itamar Serpa – PDT; Jair Bolsonaro – PPR; Jandira Feghali – PCdoB; João Mendes – Bloco; Jorge Wilson – PMDB; José Carlos Lacerda – PPR; José Egídio – PL; Laprovita Vieira – PP; Lima Netto – Bloco; Lindberg Farias – PCdoB; Márcio Fortes – PSDB; Milton Temer – PT; Miro Teixeira – PDT; Moreira Franco – PMDB; Nelson Bornier – PP; Nilton Cerqueira – PP; Noel de Oliveira – PMDB; Roberto Campos – PPR; Rubem Medina – Bloco; Simão Sessim – PPR; Vanessa Felippe – PSDB.

#### **São Paulo**

Adhemar de Barros Filho – ; Alberto Goldman – PMDB; Aldo Rebelo – PCdoB; Almino Affonso – PSDB; Aloysio Nunes Ferreira – PMDB; Antonio Carlos Pannunzio – PSDB; Arnaldo Faria de Sá – PPR; Arnaldo Madeira – PSDB; Ayres da Cunha – PSDB; Beto Mansur – PPR; Carlos Apolinário – PMDB; Celso Daniel – PT; Couraci Sobrinho – PL; Cunha Bueno – PPR; Cunha Lima – PDT; Delfim Netto – PPR; Duílio Pisaneschi – Bloco; Fausto Martello – PPR; Fernando Zuppo – PDT; Franco Montoro – PSDB; Hélio Bicudo – PT; Jair Meneguelli – PT; João Mellão Neto – PL; Jorge Tadeu Mudalen – PMDB; José Anibal – PSDB; José Coimbra – Bloco; José Genoio – PT; Luiz Carlos Santos – PMDB; Luiz Gushiken – PT; Maluly Netto – Bloco; Marcelo Barbieri – PMDB; Marta Suplicy – PT; Maurício Najar – Bloco; Michel Temer – PMDB; Nelson Marquizezelli – Bloco; Paulo de Vêlasco – PSDB; Paulo Lima – Bloco; Regis de Oliveira – PSDB; Tuga Angerami – PSDB; Vadão Gomes – PP; Valdemar Costa Neto – PL; Wagner Rossi – PMDB; Wagner Salustiano – PPR; Welson Gasparini – PPR.

#### **Mato Grosso**

Antonio Joaquim – PDT; Augustinho Freitas – PP; Gilney Viana – PT; Roberto Franca – PSDB; Rodrigues Palma – Bloco; Tete Bezerra – PMDB.

#### **Distrito Federal**

Agnelo Queiroz – PCdoB; Augusto Carvalho – PPS; Benedito Domingos – PP; Chico Vigilante – PT; Jofran Frejat – PP; Maria Laura – PT; Osório Adriano – Bloco; Wigberto Taruete – PP.

#### **Goiás**

Aldo Arantes – PCdoB; Barbosa Neto – PMDB; Josias Gonzaga – PMDB; Jovair Arantes – PSDB; Marconi Perillo – PP; Maria Valadão – PPR; Orcino Gonçalves – PMDB; Pedrinho Abrão – Bloco; Pedro Wilson – PT; Rubens Cosac – PMDB; Sandro Mabel – PMDB; Vilmar Rocha – Bloco.

#### **Mato Grosso do Sul**

Andre Puccinelli – PMDB; Dilso Sperafico – PMDB; Flavio Derzi – PP; Marilu Guimarães – Bloco; Marisa Serrano – PMDB; Nelson Trad – Bloco; Oscar Goldoni – PDT; Saulo Queiroz – PSDB.

#### **Paraná**

Abelardo Lupion – Bloco; Affonso Camargo – PPR; Alexandre Cerantó – Bloco; Dilceu Sperafico – PP; Elias Abrahão – PMDB; Flavio Ams – PSDB; Hermes Parciannelo – PMDB; Homero Oguido – PMDB; João Iensen – Bloco; José Janene – PP; Luciano Pizzatto – Bloco; Luiz Carlos Hauly – PP; Max Rosenmann – PDT; Nelson Meurer – PP; Padre Roque – PT; Paulo Bernardo – PT; Paulo Cordeiro – Bloco; Renato Johnson – PP; Valdomiro Meger – PP; Vilson Santini – Bloco; Werner Wanderer – Bloco.

#### **Santa Catarina**

Edison Andrino – PMDB; Hugo Biehl – PPR; João Pizzolatti – PPR; José Carlos Vieira – Bloco; Leonel Pavan – PDT; Luiz Henrique – PMDB; Mario Cavallazzi – PPR; Milton Mendes – PT; Paulo Bauer – PPR; Paulo Gouvea – Bloco; Serafim Venzon – PDT; Valdir Colatto – PMDB.

#### **Rio Grande do Sul**

Adão Pretto – PT; Adroaldo Streck – PSDB; Adylson Motta – PPR; Airtton Dipp – PDT; Augusto Nardes – PPR; Darcísio Perondi – PMDB; Enio Bacci – PDT; Esther Grossi – PT; Germano Rigotto – PMDB; Hugo Lagranha – Bloco; Ivo Mainardi – PMDB; Jair Soares – Bloco; Luis Roberto Ponte – PMDB; Matheus Schmidt – PDT; Nelson Marchezan – PPR; Paulo Paim – PT; Telmo Kirst – PPR; Wilson Branco – PMDB; Wilson Cignachi – PMDB; Yeda Crusius – PSDB.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Declaro aberta a sessão.

(Compõe a Mesa: à direita do Presidente José Sarney o Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Luis Eduardo, o 1º Vice-Presidente do Congresso Nacional, Sr. Ronaldo Perim, e o 2º Secretário da Mesa da Câmara dos Deputados, Deputado Leopoldo Bessone, em substituição ao 1º Secretário da Mesa da Câmara dos Deputados; a esquerda o 2º Secretário da Mesa do Congresso Nacional, Senador Renan Calheiros.)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Convido o Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Luis Octávio Galotti, para compor a Mesa. (Pausa.)

(S. Exª ocupa a cadeira que lhe está reservada, à esquerda da Presidência.)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Sr.s e Srs. Congressistas, declaro instalados os trabalhos da 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 50ª Legislatura.

Convido os presentes a ouvirem de pé a execução do Hino Nacional.

(É executado o Hino Nacional nas galerias. A tro-

pa, no exterior, presta as continências de estilo. É hasteada a Bandeira Nacional nos mastros das duas Casas.)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Encontra-se presente na Casa S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Ministro de Estado, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Dr. Clovis de Barros Carvalho, portador da mensagem presidencial.

Solicito aos Srs. Diretores-Gerais do Senado Federal e da Câmara dos Deputados que conduzam S. Ex<sup>a</sup> à Mesa. (Pausa.)

(S. Ex<sup>a</sup> comparece, faz a entrega da mensagem e vai ocupar o lugar que lhe está reservado no plenário.) (Art. 57 do Regimento Comum.)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – O Senhor Primeiro Secretário em exercício, Deputado Leopoldo Bessone, procederá à leitura da mensagem presidencial.

É lida a seguinte

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Iniciamos hoje, Legislativo e Executivo, uma jornada comum ao encontro das aspirações da Nação.

Pela vontade livre e soberana dos nossos concidadãos, compartilharemos, nos próximos quatro anos, a responsabilidade de conduzir os destinos da República Federativa do Brasil.

Assumimos esse encargo num momento extraordinariamente propício à realização dos anseios de justiça e desenvolvimento do povo brasileiro. O povo julgará, dentro de quatro anos, a medida em que fomos capazes de nos erguer à altura do momento.

As perspectivas promissoras que se abrem diante do Brasil não diminuem, mas sim valorizam nosso desafio. Que oportunidade de mais consagrada pode um político ambicionar, do que a de entregar seu País melhor do que encontrou ao assumir uma importante função pública? Por outro lado, que frustração poderia ser mais amarga do que a de deixar escapar essa oportunidade?

Reafirmo minha confiança naqueles a quem a Nação elegeu para representá-la no Congresso Nacional. Não lhes faltará patriotismo nem discernimento para adotar as medidas necessárias à transformação do País coerentemente com os compromissos que assumimos com os nossos eleitores.

Da minha parte, os Membros do Congresso encontrarão a mesma determinação para trilhar os caminhos da mudança, e a permanente disposição para o diálogo, de modo que cada passo desta jornada na direção do desenvolvimento com justiça social seja ao mesmo tempo uma reafirmação da nossa crença comum na democracia.

Apresento a seguir, conforme o ditame constitucional, a minha visão da situação do País, as diretrizes gerais da ação do meu Governo e a indicação das providências que julgo necessárias da parte do Congresso Nacional, com ênfase nas propostas de emenda constitucional que estarei submetendo a esta Casa a partir de amanhã.

Meu período de Governo se inaugura sob o sinal positivo do êxito do programa de estabilização econômica iniciado por meu antecessor, para cuja formulação e primeiras etapas da execução eu tive a honra de contribuir como Ministro da Fazenda.

A esta altura, sete meses após o seu lançamento, não cabem dúvidas sobre a eficácia do Plano Real do ponto de vista do controle da inflação e seus efeitos positivos em relação ao desempenho da economia.

Os índices de preços referentes ao mês de janeiro acusam uma variação inferior a 1,5 por cento, alimentada ainda basicamente pelo aumento dos aluguéis de imóveis e dos serviços. O preço da cesta básica vem recuando nas principais cidades do País. Tudo aponta para a continuidade dessa tendência declinante da in-

flação – isto, vale lembrar, sem congelamento, tabelamento ou qualquer outra forma de interferência direta sobre os preços.

Contrariando previsões apressadas sobre supostos efeitos recessivos do programa de estabilização – previsões baseadas na suposição errônea de que a austeridade necessária ao controle da inflação seria incompatível com o crescimento econômico –, o ano de 1994 registrou uma acentuada expansão do consumo interno, impulsionada principalmente pela recuperação do salário real, livre do cruel "imposto inflacionário". A indústria reagiu positivamente ao aumento do consumo, apresentando índices recordes de expansão da produção. No fim do ano, o nível de emprego na indústria paulista registrava uma variação positiva, revertendo quatro anos de queda contínua.

*Meu Governo nasce, portanto, firmemente comprometido com a consolidação do Plano Real e o aprofundamento das reformas que darão sustentação ao crescimento econômico inaugurado nos últimos dois anos.*

A continuidade do crescimento supõe a retomada do investimento em níveis semelhantes aos registrados pela economia brasileira na década de 70, acima de 20 por cento do Produto Interno Bruto. A retomada do investimento supõe, por sua vez, confiança na estabilidade econômica e política do País, e mudanças institucionais que facilitem à iniciativa privada assumir plenamente seu papel de eixo dinâmico da economia.

As expectativas em relação ao Brasil são amplamente favoráveis, tanto da parte dos investidores nacionais como dos estrangeiros. Mais do que expectativas, há projetos de investimento em andamento, e em número crescente. Outros serão iniciados na medida em que realizarmos as reformas estruturais necessárias à consolidação do Plano Real.

Estou convencido de que a agenda de modernização do País nada tem em comum com um desenvolvimentismo à moda antiga, baseado no populismo econômico, no descontrole dos gastos e no forte intervencionismo estatal. Por isso, serei inflexível na defesa da disciplina fiscal e monetária, que é o fundamento da estabilidade econômica, e persistente na remoção dos regulamentos cartoriais que travam a competição e inibem a criatividade da iniciativa privada.

Dessa criatividade as empresas brasileiras já deram demonstração nos últimos anos. Primeiro, ao resistir à estagnação e às altas taxas de inflação, que praticamente inviabilizaram o recurso ao crédito bancário para a realização de investimentos produtivos. Depois, ao responder positivamente ao desafio da abertura comercial iniciada em 1990, reestruturando-se, atualizando-se do ponto de vista tecnológico e gerencial para enfrentar a concorrência dos produtos estrangeiros, tanto no mercado doméstico como no exterior.

A integração competitiva do Brasil ao mercado mundial não é mais uma hipótese, mas um fato irreversível. O Mercosul já funciona como união aduaneira desde 1º de janeiro último. Os acordos de cooperação criando a Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA) estão sendo rapidamente definidos. Os compromissos que assumimos no recente encontro de governantes das Américas preveem a criação de uma área hemisférica de livre comércio dentro de dez anos, em 2005.

Meu Governo dará continuidade a esse processo – revestido, é claro, das medidas cabíveis contra práticas desleais de comércio e acompanhado dos incentivos necessários a novos ganhos de produtividade das empresas e ao aumento da eficiência sistêmica da nossa economia. Longe de uma ameaça à indústria doméstica, a abertura à concorrência externa deve ser encarada como um fator de distribuição de renda a favor dos assalariados, na medida em que os preços internos se aproximem dos preços internacio-

nais, transferindo para o conjunto da sociedade os ganhos de produtividade já ocorridos e por ocorrer.

A abertura da economia implica a eliminação de restrições ao investimento estrangeiro e requer regras claras sobre a movimentação de capitais entre o Brasil e o exterior.

Por sua vez, o estabelecimento de uma nova relação entre o Estado e o setor produtivo não implica que a ação estatal deixe de ser relevante para o desenvolvimento econômico. O Estado não sai de cena. Muda de papel. Suas funções de produtor direto passam para segundo plano, enquanto se reforça a autoridade pública para regular e fiscalizar as atividades transferidas para a iniciativa privada – notadamente os serviços essenciais.

Cabe ressaltar que desestatização e desregulamentação, tal como as entendo, não são diretrizes alheias às preocupações sociais. Ao contrário, são passos necessários na direção de uma verdadeira democracia econômica, que orienta a proteção do Estado para aqueles que efetivamente necessitam dela: os consumidores, os contribuintes, sobretudo os mais pobres e os excluídos.

Com a retomada do crescimento da economia, o Brasil deverá investir o suficiente nos próximos quatro anos, para que não surjam pontos de estrangulamento na infra-estrutura de energia, transportes e telecomunicações. O Estado brasileiro não tem capacidade de financiar sozinho um grande volume de investimentos. E tem outras prioridades para os recursos gerados pela melhora da situação fiscal: as políticas sociais através das quais o País investe em seu povo.

A parceria com a iniciativa privada na ampliação da infra-estrutura econômica é fundamental, portanto, para aumentar o investimento público em saúde, educação, cultura, segurança, habitação, saneamento básico – em suma, nos programas essenciais à melhoria da qualidade de vida da população, de cuja orientação dá conta a segunda parte desta mensagem.

Ao mesmo tempo, a participação da comunidade é essencial para o êxito das próprias políticas sociais, apontando as prioridades corretas para a ação governamental, fiscalizando a aplicação dos recursos e auxiliando diretamente a execução das políticas. É este o sentido do Programa Comunidade Solidária, através do qual meu Governo buscará articular as ações da Administração Federal, dos Estados, Municípios e organizações não-governamentais nas áreas de maior concentração da pobreza no País.

Senhores Membros do Congresso Nacional,

A concretização da agenda de reformas acima esboçada supõe uma intensa participação do Congresso Nacional. A modernização do Estado e da economia e a redução dos desequilíbrios sociais envolvem um amplo conjunto de medidas no âmbito da legislação ordinária, além de mudanças constitucionais.

Na parte final desta mensagem, apresento a fundamentação das propostas de emenda constitucional que estarei encaminhando ao Congresso Nacional a partir de amanhã.

Entendo que, no espírito do sistema presidencialista, cabe ao Presidente da República motivar e articular as forças que apóiam o Governo, inclusive no plano parlamentar. Dentro desse espírito, tomarei as iniciativas cabíveis para o encaminhamento das reformas. Sabendo, porém, que, em função da estrutura constitucional brasileira, a última palavra em relação a emendas constitucionais é exclusivamente do Congresso Nacional, uma vez que elas não passam pela sanção presidencial.

Ao apresentar as propostas do Governo e participar das articulações políticas necessárias para a formação de um consenso a respeito delas, terei sempre presente, portanto, a soberania do Poder Legislativo.

Por esta razão, meu primeiro cuidado, antes mesmo da apresentação de qualquer proposta de texto constitucional, foi fazer

chegar aos Membros do Congresso Nacional, de maneira clara e direta, o diagnóstico dos problemas que, do ângulo de visão do Poder Executivo, fundamenta a necessidade premente de reformas.

Tenho satisfação de constatar a boa acolhida das informações e explicações levadas por meus Ministros às bancadas dos partidos que apóiam o Governo, assim como de partidos que, não integrando a base parlamentar governista, mostram-se abertos à discussão de temas que interessam a toda a Nação, independentemente de alinhamentos partidários ou ideológicos. Ganhamos tempo, possibilitando que as propostas apresentadas a partir de amanhã já reflitam um princípio de entendimento entre o Executivo e o Legislativo, sem prejuízo dos aperfeiçoamentos que venham a sofrer como resultado da discussão no âmbito do Congresso Nacional.

Se nós conseguirmos – e este é o empenho do Governo – construir um entendimento comum sobre os problemas do País em relação ao desenvolvimento econômico e à organização do Estado, isto é meio caminho andado para nos entendermos sobre as soluções no plano constitucional.

Creio que o consenso sobre o diagnóstico dos problemas amadureceu na sociedade. Os debates a respeito do Plano Real são um sintoma disso, ao apontar para uma convergência notável de opiniões sobre as causas da superinflação e, principalmente, sobre a necessidade de debelá-la, como pré-condição para avanços mais consistentes no plano econômico e social.

Tenho plena convicção de que a Casa do Povo irá refletir com sabedoria política o sentimento da sociedade, adotando as providências necessárias, no plano legislativo, para a consolidação da estabilidade econômica e para a ruptura das amarras ao desenvolvimento econômico e social do País.

O Brasil amadureceu para as mudanças. Vamos concretizá-las.

Brasília, 15 de fevereiro de 1995. – Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República.

## PARTE I

### SITUAÇÃO DO PAÍS

*Momento Econômico*  
*Dimensão Social*

### MOMENTO ECONÔMICO

Ao completar-se o sétimo mês desde o lançamento do Plano Real, pode-se confirmar que substanciais resultados foram alcançados no controle da inflação, na evolução do produto real, das vendas e do nível de emprego e salário real, não apenas nos setores industriais relevantes, mas na economia como um todo. Também merece destaque a evolução das contas públicas e do comércio exterior.

O êxito do Real pode ser medido, entre outros indicadores, pelo preço da cesta básica, que caiu quase 10 por cento entre a entrada da nova moeda em julho de 1994 e janeiro de 1995.

As expectativas para o primeiro trimestre do ano de 1995 são também favoráveis, no que diz respeito ao comportamento dos índices de preços, sobretudo em função da perspectiva de continuidade na queda dos preços agrícolas. O Governo está atento a fatores que podem influenciar o comportamento desses índices no início do ano, dentre os quais:

a) necessidade de reposição de estoques nos primeiros meses de 1995, aumentando o poder de barganha da indústria frente ao comércio;

b) pressões de custos decorrente de maiores despesas com mão-de-obra e embalagens, e em matérias-primas, papel e celulose, metais e soda cáustica;

c) comportamento de preços com reajustes periódicos e com participação elevada nos índices, tais como mensalidades escolares, alugueis residenciais e transporte urbano;

d) concentração de dissídios no primeiro semestre do ano.

A estabilidade da moeda estimulou significativamente as vendas no varejo, em decorrência do ganho real de renda dos consumidores que despendem a maior parte de suas rendas em serviços e bens de consumo.

Cresceram também as vendas a prazo, não apenas pela possibilidade de parcelamento das compras de bens duráveis de consumo, mas pela ação conjugada desse fator com a queda da inflação.

Para evitar que uma eventual explosão de consumo compromettesse os objetivos de estabilização de preços, foram tomadas medidas para facilitar a importação de bens cuja oferta se mostrava insuficiente para atender às demandas da população. A contenção do crédito também contribuiu para o objetivo de evitar o acúmulo de pressões capazes de comprometer a administração do Plano Real.

Os efeitos da estabilização monetária sobre o consumo, medidos pelo desempenho do comércio varejista, têm sido mais persistente que os observados por ocasião de outros planos de estabilização. No entanto, os níveis de venda agora tendem a se estabilizar de modo a permitir a coordenação entre os ritmos de expansão da produção interna (e da oferta externa) e das vendas no varejo.

A tarefa dos próximos meses é buscar a adequação entre demanda e oferta no comércio varejista, evitando a formação de estoques indesejados ou o desabastecimento generalizado. Assim, além de graduar o controle sobre o crédito na economia, a política econômica deve sinalizar com nitidez o caminho a ser percorrido de modo a facilitar as negociações entre indústria e comércio, evitando a formação de expectativas inflacionárias. É, ainda, necessário estabelecer as linhas básicas da política industrial para o País.

#### Atividade Industrial

Como o comércio, a indústria respondeu positivamente à introdução da nova moeda. Os dados disponíveis até setembro de 1994 indicavam excelente desempenho industrial, refletido no aumento da produção em 6 por cento nos últimos doze meses e com previsão de níveis recordes para outubro. A indústria paulista testemunhou um aumento significativo do seu nível de utilização da capacidade produtiva, que saltou de 76 por cento, aproximadamente, para 80 por cento em setembro e outubro, em valores dessazonalizados. Esses valores se aproximam da média de utilização da capacidade produtiva em 1986 e refletem, principalmente, o aumento da produção de automóveis e de bens de consumo eletroeletrônicos. Alguns setores demonstraram esgotamento de capacidade, especialmente aqueles fornecedores de matérias-primas e insumos, como embalagens e produtos químicos.

#### Nível de Emprego

O nível de emprego cresceu após a implementação do Plano Real. A taxa média de desemprego nas principais regiões metropolitanas, em outubro de 1994, foi de 4,53 por cento, contra 5,05 por cento em setembro.

Na indústria paulista o nível de emprego aumentou 0,12 por cento na segunda semana de dezembro. Esta recuperação do emprego com o Real poderá ser suficiente para praticamente manter o nível de emprego observado no final de 1993, revertendo quatro anos de contínua queda no emprego industrial.

#### Salários

A implementação do Plano Real teve impacto positivo também sobre os salários. Os maiores crescimentos foram observados em setores de maior dinamismo no seu nível de atividade, pós-Real, como no comércio e outros setores que efetuaram antecipações depois da conversão para a URV. Por outro lado, a baixa taxa de inflação facilitou a manutenção do salário real médio nos setores que seguiram estritamente as regras do Real. No mesmo sentido, a massa salarial respondeu de forma mais rápida nos setores de maior criação de emprego, como o de serviços.

#### Finanças Públicas

Estimativas preliminares revelam que o Governo Federal acumulou em 1994 superávit primário de R\$9,2 bilhões, a preços correntes. As receitas da União (exclusive transferências) somaram R\$37 bilhões, contra R\$28 bilhões de despesas. A Previdência Social arrecadou R\$17 bilhões, contra R\$ 19 bilhões de despesas, sendo que R\$17 bilhões foram gastos com benefícios previdenciários.

Os principais fatores que contribuíram para o aumento real de 65 por cento do superávit primário indicado no período, comparando-se com o ano anterior, foram: a) o aumento das receitas do Tesouro, que cresceram 12,6 por cento; e b) a queda de 12 por cento das transferências a Estados e Municípios. O item que mais contribuiu na elevação da arrecadação do Tesouro no período foi a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS), 73 por cento. Ambos os fatores compensaram a queda das receitas de janeiro a novembro do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), 8,1 por cento, e o aumento das despesas da União, 4,6 por cento, explicada, basicamente, pelo aumento dos gastos com pessoal (em abril foram pagas duas folhas).

#### Sector Externo

O setor externo da economia, antes protegido das flutuações inflacionárias pela taxa cambial e por diferentes barreiras para a entrada de mercadorias e fluxo de capitais, passou a experimentar novas situações. Primeiro, com a redução das tarifas de importação, menores barreiras para a compra de produtos no exterior e a ampliação da integração regional via projeto do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), o fluxo de comércio externo brasileiro alcançou novos recordes. Igualmente, a balança comercial adaptou-se gradualmente aos novos parâmetros da política cambial e aduaneira, como também demonstrou a capacidade de utilizar ganhos de produtividade para manter mercados no exterior e ganhos financeiros, mesmo com pressões do custo em moeda nacional. O ano de 1994 também cristalizou o cenário de termos de trocas muito favoráveis para o Brasil, com significativos aumentos em várias importantes commodities exportadas.

Importa ressaltar ainda que, em 1994, o comércio exterior brasileiro apresentou resultados bastante positivos, com as exportações alcançando US\$44 bilhões e as importações US\$34 bilhões, o que significou um superávit comercial de US\$10 bilhões.

Este desempenho retrata a relevância das medidas adotadas com vistas a estimular o setor exportador, ressaltando-se: a isenção do Cofins para exportações de bens e serviços; a concessão de crédito do Programa de Integração Social (PIS) e Cofins para insumos destinados à produção para a exportação; a isenção do PIS sobre exportações de bens primários e nas exportações realizadas por trading companies.

De forma análoga, foi ampliada a lista de bens passíveis de financiamento nas exportações no âmbito do Programa de Financiamento às Exportações (PROEX), abrangendo bens de consumo

duráveis e os demais bens de capital até então não contemplados. A medida assegura adequado apoio financeiro a segmentos específicos do setor exportador, favorecendo sua competitividade, uma vez que a concorrência no mercado internacional nesses tipos de produtos não dispensa o aporte de financiamento.

A conformação da União Aduaneira do Mercosul, com a aprovação da Tarifa Externa Comum em dezembro de 1994 e sua posterior implementação em 1º de janeiro de 1995, descortina um mercado de aproximadamente US\$700 bilhões a preços correntes de 1994, abrangendo em torno de 200 milhões de consumidores potenciais e mais de 11 milhões de quilômetros quadrados. A adoção dessa estrutura tarifária culmina um processo de negociação inaugurado com a assinatura do Tratado de Assunção, em março de 1991, e dá início a uma nova etapa do processo de integração, destinada à Construção do Mercado Comum.

Trata-se, igualmente, de fator primordial da credibilidade externa do Mercosul, permitindo e incentivando a aceleração das negociações de caráter econômico-comercial com os demais países da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) e das Américas em geral, assim como com a União Européia e outros parceiros comerciais. Tais negociações deverão constituir parte expressiva da agenda das autoridades brasileiras encarregadas das ações no campo da integração regional.

### DIMENSÃO SOCIAL

A situação social do Brasil é marcada pela extrema desigualdade na distribuição da renda nacional e no acesso aos serviços sociais básicos. Tal quadro é agravado pela incapacidade do sistema econômico, mesmo em períodos de crescimento, de gerar empregos de qualidade em número suficiente para reverter a condição de extrema pobreza de quase um terço da população.

Em 1990 o País tinha 39 milhões de pessoas cujo rendimento familiar *per capita* era igual ou inferior a 1/4 do salário mínimo vigente. Outro dado revelador das desigualdades é a concentração da renda familiar. Em 1990, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que os 10 por cento mais pobres apropriavam-se de 0,8 por cento do total das rendas familiares, enquanto no outro extremo os 10 por cento mais ricos apossavam-se de 46 por cento dessas rendas.

As estatísticas oficiais mostram que, comparativamente a outros países, a taxa de desemprego aberto ao nível nacional é relativamente baixa (3,7 por cento em 1990). A real imagem do desemprego, no entanto, aparece quando se examina a sua incidência entre os diversos grupos sociais: a taxa de desemprego aberto no estrato mais pobre das áreas urbanas chegou em 1990 a 14 por cento, ao passo que no estrato social mais abastado ela foi de apenas 2 por cento.

Da uma população economicamente ativa de 66 milhões em 1994, composta de 49 milhões de residentes urbanos e 17 milhões do meio rural, estima-se que o total de desempregados alcance a 2,8 milhões nas áreas urbanas e 0,2 milhão nas rurais, totalizando 3 milhões de pessoas sem ocupação e que procuram emprego sistematicamente. A metade dos desempregados urbanos pertence aos dois estratos de renda familiar *per capita* mais baixa, ou seja, trata-se de pessoas que possuem baixa educação e pouca ou nenhuma especialização.

Se o desemprego aberto não é tão elevado quanto em outros países, a qualidade dos empregos é baixa, haja vista a distribuição de renda apresentada nos parágrafos anteriores. Ao mesmo tempo existe no País uma multidão de subempregados. Dos 63 milhões de ocupados em 1994, estima-se que 26 milhões correspondam a empregos celetistas, servidores públicos e militares. Os demais es-

tão localizados no setor informal da economia.

Observa-se uma sistemática diminuição da proporção de trabalhadores ocupados, com carteira de trabalho. Além da forte recessão econômica do período 1990-1992, essa deterioração das relações de trabalho pode ser associada à terceirização das atividades econômicas e à introdução de processos tecnológicos mais modernos, poupadores de mão-de-obra.

Além das dificuldades de geração de empregos e da baixa remuneração da grande maioria dos trabalhadores, o Brasil enfrenta problemas quanto à oferta dos serviços sociais básicos à população. As classes menos favorecidas são quase que sistematicamente excluídas de tais benefícios.

Os problemas mais importantes da oferta dos serviços sociais são a seguir descritos.

### Educação

A situação de pobreza em que vive mais da metade da população infanto-juvenil dificulta o cumprimento dos preceitos legais de frequência à escola entre 7 e 14 anos e da proibição de ingresso de menores de 14 anos no mercado de trabalho. Os benefícios não se repartem de maneira equitativa e as ações públicas têm sido pouco efetivas para corrigir as desigualdades educacionais entre níveis de ensino, entre regiões, Estados e Municípios e entre o meio rural e urbano.

Atualmente, o fato de uma criança estar numa escola municipal, ou no meio rural, ou nas regiões Norte e Nordeste, destina-lhe, quase certamente, uma educação de pior qualidade do que se estivesse numa escola estadual, ou no meio urbano ou nas regiões Sul e Sudeste. As crianças em situação de pobreza, quando conseguem ingressar no sistema educacional, encontram instalações escolares deficientes, professores despreparados e mal pagos, falta de material didático, fatores que diminuem as chances dessas crianças continuarem seus estudos.

A rede escolar, aparentemente suficiente, é mal distribuída. Apesar de 80 por cento das unidades escolares estarem nas áreas urbanas, persistem sérias deficiências no atendimento às periferias, nas quais a presença de vários turnos tem-se acentuado, diminuindo significativamente o já reduzido tempo de permanência da criança na escola.

Sob a perspectiva regional, os graus mais elevados em termos de cobertura da demanda, rendimento escolar e qualidade do processo educacional encontram-se nas regiões com níveis mais altos de desempenho econômico. Nessas áreas registram-se, paradoxalmente, baixos índices de atendimento escolar nos espaços periféricos, onde estão localizados os bolsões de pobreza.

No ensino fundamental, estudos e levantamentos recentes constataam uma situação de pobreza e ineficácia, sobressaindo os altos índices de repetência e evasão: a existência de 4 milhões de crianças de 7 a 14 anos fora da escola; o atendimento incipiente às crianças em idade pré-escolar; cerca de 17 por cento da matrícula constituída por alunos fora da faixa etária adequada; 18 por cento de analfabetos entre a população maior de 15 anos.

A baixa qualidade do ensino é consequência de condições materiais e de capacitação e organização inadequadas para as atividades docentes, bem como da ausência de conhecimentos atualizados sobre o processo ensino-aprendizagem. Problemas de formação e de remuneração do magistério, precariedade dos prédios escolares, insuficiência de material de apoio a estudantes e professores, ausência de carreiras baseadas no mérito dificultam, ou mesmo impedem, a concretização de políticas estáveis de educação. Tudo isso desdobra-se na oferta de uma educação defasada das necessidades sociais, culturais e econômicas contemporâneas.

Em 1991, dos 20 milhões de brasileiros entre 15 e 19 anos,

somente 15 por cento tiveram acesso ao ensino médio. Isso se agrava, quando se observa que, de 100 matriculados no ensino médio, apenas 49 chegam a concluí-lo. Ademais, 50 por cento dos brasileiros que cursam este grau de ensino se encontram matriculados em escolas noturnas de péssima qualidade.

Intensos debates que vêm ocorrendo no País convergem no sentido de reconhecer a crescente importância do ensino médio como instância formadora da cidadania. Daí a ênfase na educação geral que ressurgiu sob novas perspectivas. Há concordância também em reconhecer que o processo produtivo brasileiro requer qualificações específicas, de complexidade intermediária, embora assentadas em bases de conhecimentos gerais.

Outro aspecto a ser considerado no quadro do ensino médio é a situação das escolas de formação do magistério. Sua progressiva descaracterização como centros de formação do educador acabou por transformá-las em desvalorizadas agências de profissionalização compulsória. Foram objeto de considerável expansão, com perdas substanciais do padrão de qualidade. Como decorrência dessa expansão, o paradoxo que se registra hoje é o da presença de aproximadamente 250.000 docentes leigos na educação fundamental e um estoque de 600.000 professores formados, em nível médio, que não está no exercício do magistério na rede pública.

O ensino superior brasileiro teve um crescimento instável ao longo das últimas décadas. No entanto, o ritmo com que este se processou vem decaindo de intensidade desde meados da década passada; no último quinquênio, a taxa de crescimento foi negativa. Em termos de atendimento à demanda social e econômica por formação profissional, o Brasil encontra-se em posição desfavorável em relação à grande maioria dos países com nível de desenvolvimento similar. Todavia, há que ressaltar que esse problema não será resolvido mediante a simples criação de novas vagas. A questão é anterior e se localiza na educação básica, onde o fracasso escolar impede que um contingente mais expressivo de estudantes conclua a escola média.

A estrutura do ensino superior convive com sérias distorções, a maior parte delas decorrente do processo de expansão desordenado: no conjunto de estabelecimentos existentes, menos de 10 por cento constituem-se de universidades. A participação do poder público na oferta geral de matrículas é pequena, principalmente quando se consideram as profundas diferenças regionais de desenvolvimento e as desigualdades na distribuição da renda nacional. Além de ser pequena, a matrícula é mal distribuída entre as diversas áreas do conhecimento, com excesso de estudantes em áreas já saturadas, sobretudo em ciências humanas e sociais, em detrimento de outras, carentes de pessoal qualificado.

Esse conjunto de problemas agrava a tendência declinante da qualidade do ensino, tanto nos cursos de graduação como nos de pós-graduação. Os procedimentos de avaliação social de qualidade e desempenho só agora começam a se instalar como preocupação dominante no interior da comunidade universitária.

### Saúde

Houve melhoria significativa nos indicadores de saúde no Brasil nas últimas décadas. Mas esta tendência, que tem sido observada na maioria das sociedades, inclusive nas mais pobres, ocorre no Brasil muito aquém do que se verificou em países de economias similares, como México e Argentina, distanciando-nos desses países no que diz respeito aos níveis de saúde.

Assim, apesar da melhoria dos indicadores de mortalidade, da tendência de redução da incidência das doenças imunopreveníveis (difteria, coqueluche e tétano) e da erradicação da poliomielite, persistem altas taxas de prevalência para doenças infecciosas,

ao lado da reintrodução ou recrudescimento do dengue e cólera. Simultaneamente, cresce a presença de doenças crônico-degenerativas (diabetes, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares) como consequência da intensificação da urbanização e da mudança do perfil demográfico brasileiro.

As doenças cardiovasculares constituem, hoje, a principal causa mortis no Brasil, seguida das causas externas, que incluem acidentes em geral, particularmente os de trânsito, e a violência.

A taxa de mortalidade infantil, que era de 117/1.000 nascidos vivos na década de 60, caiu para 50/1.000 na década de 80. No entanto, quando se comparam os indicadores de diferentes regiões do País, verifica-se a enorme desigualdade entre elas. Na década de 30, a Região Sudeste apresentava taxa de mortalidade infantil de 153/1.000, a Região Sul de 127/1.000 e a Região Nordeste de 168/1.000. Portanto, a Região Nordeste apresentava taxa 10 por cento superior à Região Sudeste e 32 por cento superior à Região Sul. Na última década, as taxas são da ordem de 74/1.000, de 43/1.000 e de 33/1.000 para as Regiões Nordeste, Sudeste e Sul, respectivamente. Assim apesar da queda verificada em todas as regiões, o Nordeste apresentava taxa de mortalidade infantil 72 por cento maior que a da Região Sul.

Este quadro resulta, simultaneamente, da deterioração das condições de vida da população, da queda na qualidade da assistência à saúde e da excessiva ênfase nas ações curativas em detrimento das ações de promoção e prevenção.

A Constituição de 1988 redefiniu os paradigmas do sistema de saúde, instituindo o Sistema Único de Saúde (SUS), que deve oferecer atenção universal e integral, organizando-se de forma descentralizada.

No entanto, a despeito de significativos avanços no desenho de estratégias e na definição de instrumentos técnico-normativos, a implementação da descentralização do SUS tem esbarrado na falta de vontade política para superar alguns dos obstáculos à sua efetivação.

### Saneamento Básico

A evolução da cobertura dos serviços de saneamento básico no Brasil revela tanto melhorias quanto déficits significativos.

É significativo o fato de que um País cuja população urbana aumentou de 113 por cento em 21 anos, passando de 52 milhões de pessoas em 1970 para 111 milhões em 1991, tenha conseguido elevar o nível de abastecimento de água dos domicílios ligados à rede geral de 60 por cento para 86 por cento nesse mesmo intervalo. Mas mais de 15 milhões de pessoas que residem em cidades, neste mesmo País, ainda não têm acesso à água de rede canalizada.

No plano regional, as análises confirmam as deficiências nas áreas urbanas da Região Norte e, num patamar um pouco melhor, no Nordeste e Centro-Oeste. Dentro destas regiões, alguns Estados (Rondônia, Acre, Pará, Maranhão e Piauí, entre outros) apresentam déficits mais destacados. Em todos os casos de deficiências notórias, a situação da capital do Estado é bastante superior à das cidades e vilas.

As mudanças significativas no abastecimento de água têm sido basicamente restritas às cidades. Nas áreas rurais, o fato principal a ser observado é o baixo nível de acesso à água encanada em todas as regiões. A uniformidade de padrões nas áreas rurais é notável, independentemente da região. Em 1970, cerca de 2 por cento dos domicílios rurais tinham água encanada; em 1991, este índice chegou a 9,2 por cento, sem que ocorressem grandes disparidades inter-regionais.

Contudo, apesar dos avanços conseguidos nas últimas duas décadas, os dados censitários mostram a persistência de um enorme déficit de esgotamento sanitário. Em 1991 havia 9,7 milhões

de domicílios urbanos, com cerca de 39 milhões de pessoas, que ainda não tinham acesso a um serviço adequado de esgoto. Ademais, tendo em vista a precariedade de muitas redes de coleta e fossas sépticas, o déficit real é certamente muito maior que isso.

De outra parte, as características do modelo do Plano Nacional de Saneamento (PLANASA), sobretudo a auto-sustentação financeira exclusivamente em função da receita tarifária, levaram a que se atendessem primeiramente aos estratos sociais de melhor renda. A população excluída pelo sistema habita periferias das grandes cidades, os pequenos aglomerados urbanos e as regiões mais pobres. Na classe de renda entre 0 e 1 salário mínimo, 33 por cento de domicílios não dispõem de água canalizada e 59 por cento não dispõem de ligação à rede de esgotos sanitários ou fossas sépticas, sobre um total de 1,4 milhão de domicílios. Na classe de rendimentos imediatamente superior, 1 a 2 salários mínimos, a situação é mais complexa. Sobre um total de domicílios bem maior que o existente na classe anterior – 7,8 milhões – há um déficit de 38 por cento de ligação de água e 56 por cento de esgotos.

O modelo institucional e financeiro implantado no País há cerca de duas décadas, através do Planasa e do Sistema Financeiro de Saneamento (SFS), foi responsável por um importante crescimento dos índices de cobertura dos serviços de água e esgotos.

Este modelo, no entanto, exauriu-se em decorrência de disfunções institucionais e financeiras no âmbito da gestão, e do desequilíbrio empresarial e financeiro no nível operativo. Isto levou o Planasa a ser substituído, em 1990, pelo Programa de Saneamento para Núcleos Urbanos (PRONURB), que também não se revelou adequado ao encaminhamento dos problemas do setor. O grande problema do modelo vigente é a rigidez excessiva, que se traduz em uma série de outros obstáculos, entre os quais destacam-se:

- duplo papel de regulador e regulado assumido na prática pelas Companhias Estaduais de Saneamento Básico (CESB), ao planejar, coordenar, definir padrões dos serviços e operá-los, na quase totalidade das ações estaduais e na maioria das ações municipais;

- o caráter ambíguo destas Companhias Estaduais como empresas (atividade econômica) ou como serviço público, a justificar a ineficácia no atendimento social pela condição de empresa e, vice-versa, a ineficiência econômica pela condição de serviço essencial;

- pouca clareza nos critérios de aplicação dos subsídios cruzados e ausência de participação dos municípios nas grandes linhas de prioridades no âmbito de jurisdição das CESB;

- captação de empréstimos vinculada ao endividamento do Estado; pouca flexibilidade para a busca de fontes alternativas de financiamento;

- vinculação a padrões tecnológicos, que tendem a não aproveitar as potencialidades locais;

- ausência de instrumentos de integração com outros componentes do saneamento e com políticas afins.

Estes dados indicam a necessidade de redirecionar a política nacional de saneamento através de um esquema de financiamento que contemple o subsídio ao consumo e ao investimento, visando à universalização dos serviços à população.

### **Alimentação e Nutrição**

O combate às deficiências alimentares e nutricionais representa maior desafio de uma nação que tem pressa de sair do rol dos países injustos. Um quinto da população brasileira sequer tem renda suficiente para adquirir uma cesta básica de alimentos. Em cada três crianças menores de cinco anos, uma sofre de algum grau de desnutrição. Metade dos óbitos das crianças menores de um ano

é devida a uma alimentação insuficiente e inadequada. A miséria também acarreta práticas alimentares pouco saudáveis. Estas redundam em doenças, algumas crônico-degenerativas, que ocupam hoje o primeiro lugar no País como causa de morte do adulto.

O quadro de injustiças se agrava porque não existe equidade sequer na distribuição das deficiências: algumas regiões e populações são mais atingidas do que outras.

A experiência brasileira não permite uma avaliação otimista do desempenho dos programas de alimentação e nutrição. Eles não foram devidamente focalizados na faixa etária prioritária e nos grupos de menor poder aquisitivo e nas regiões menos desenvolvidas. Os recursos financeiros ficaram aquém das necessidades e sofreram discontinuidades. As instituições gestoras não receberam o apoio político necessário e nem foram devidamente aparelhadas. Os programas permaneceram excessivamente centralizados, o que contribuiu para a ausência de participação e de controle por parte das comunidades beneficiárias.

Nos dois últimos anos, o Governo do Presidente Itamar Franco promoveu a retomada dos programas assistenciais de alimentação e nutrição, agora marcados por princípios de descentralização, parceria e solidariedade. Esses princípios foram consolidados com a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA), que cumpriu um papel fundamental na condução das políticas públicas do setor e deverão ser mantidos e ampliados pelo recém-criado Programa Comunidade Solidária.

### **Habitação**

A má distribuição da renda nacional e a inadequação dos programas habitacionais são responsáveis pelo déficit de moradias que aflige o País. Estima-se que existam, nas áreas urbanas e rurais, cerca de 7,0 milhões de habitações precárias, ou seja, 30 milhões de pessoas residem abaixo dos padrões mínimos. São os ocupantes das favelas, cortiços e loteamentos clandestinos desprovidos da infra-estrutura básica.

O Sistema Financeiro da Habitação (SFH), criado nos meados da década de 60, foi responsável pela construção de cerca de 4,5 milhões de casas, mediante a aplicação dos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

O sistema, entretanto, vem apresentando uma série de problemas que o impedem de encaminhar adequadamente a solução das questões habitacionais. As suas dificuldades têm a ver com a ausência de uma política habitacional adequada às condições financeiras da população; com o rombo causado pela renegociação do valor das prestações em níveis inferiores à inflação; com a queda nos instrumentos de captação de recursos para financiamento, notadamente o FGTS e as cadernetas de poupança; e com a incerteza da concessão de financiamento de longo prazo num ambiente de superinflação.

Ademais, a política habitacional padronizada para todo o País, sem levar em conta as diferenças dos estratos de renda e as particularidades de cada região, terminou por inviabilizar a produção de moradias, sobretudo para as camadas mais pobres da população.

De outro lado, a existência de extensas áreas ocupadas por habitações subnormais impedem a provisão adequada de serviços urbanos – notadamente abastecimento de água, esgotamento sanitário e transportes urbanos, o que contribuiu para a queda na qualidade de vida da população e causa sérios problemas para a gestão das cidades.

### **Previdência Social**

As distorções no sistema de seguridade social consagrado pela Constituição de 1988 são por demais conhecidas. Problemas

de natureza estrutural, gerencial e conjuntural afetam não apenas a Previdência, como também as áreas de saúde e assistência social. Por outro lado, a busca de fontes estáveis e permanentes de financiamento dessas atividades está relacionada com a reforma do Estado e o pacto federativo. Antes de tudo, é preciso redefinir o tamanho e as funções do Estado e a correspondente repartição de receitas e encargos entre União, Estados e Municípios.

Os problemas estruturais estão relacionados a mudanças demográficas (aumento da longevidade, e queda da fecundidade) e a um novo padrão de crescimento econômico, com criação mais modesta de postos de trabalho relativamente ao ocorrido no passado. Tudo isso leva ao acelerado crescimento das despesas com benefícios e a diminuição paulatina da relação contribuintes/beneficiários.

Os problemas gerenciais mais relevantes são: baixa eficiência na concessão e manutenção de benefícios, que provoca insatisfação dos segurados e ocorrência de fraudes; altos custos administrativos; e índices elevados de evasão e sonegação das contribuições.

Os problemas conjunturais são resultantes da instabilidade macroeconômica, cujos efeitos adversos refletem-se nos níveis de emprego e renda e no crescimento do mercado informal de trabalho.

Mantidas as regras atuais, mesmo que se atenuem a maioria dos problemas conjunturais e gerenciais, a perspectiva é de déficits crescentes, que se transmitem automaticamente ao Orçamento da União. Não há como pensar em equilíbrio fiscal duradouro nessas condições, se além de medidas pelo lado da receita não forem eliminadas as distorções pelo lado da distribuição dos benefícios. A prevalência do critério de aposentadoria exclusivamente pelo tempo de serviço cria uma distorção social e financeira que se aprofundará no futuro, pois ao mesmo tempo em que as pessoas se aposentam mais jovens, mais tem aumentado sua expectativa de vida.

## PARTE II

### DIRETRIZES DE AÇÃO

#### DE GOVERNO

*Estabilização com Desenvolvimento*  
*Financiamento do Desenvolvimento*  
*Política Econômica para o Setor Produtivo*  
*Política Social*  
*Política de Meio Ambiente*  
*Política Externa*  
*Reforma Administrativa*  
*Agenda Constitucional*

### ESTABILIZAÇÃO COM DESENVOLVIMENTO

O sucesso do Plano Real nos seus primeiros sete meses não assegura por si só a consolidação da estabilidade de preços. Tal consolidação demanda mais tempo, para que a sociedade brasileira aprenda a viver dentro dos critérios de uma economia com inflação baixa e, sobretudo, para que sejam enfrentadas algumas das questões macroeconômicas vitais para a estabilidade a médio e longo prazos. Este é o caso da desindexação da economia e da consolidação do ajuste fiscal.

#### Desindexação

O processo gradual de desindexação da economia foi iniciado com a introdução do real em julho de 1994, quando se restringiu a atualização monetária a prazos inferiores a um ano. As etapas que se seguem nesse processo obedecem às diretrizes de eliminar gradualmente o reajuste automático e uniforme dos salá-

rios pelo Índice de Preços ao Consumidor série-r (IPC-r); eliminar a correção das faixas de impostos e valores contábeis pela Unidade Fiscal de Referência (UFIR); desindexar a Taxa Referencial (TR) do sistema financeiro; estabelecer formas mais modernas de negociação salarial num ambiente de estabilidade de preços.

#### Ajuste Fiscal

Os bons resultados fiscais em 1994 foram obtidos mediante recursos de fontes provisórias de financiamento, como o Imposto sobre a Movimentação ou a Transformação de Valores e dos Créditos de Natureza Financeira (IPMF) e pela desvinculação também provisória da receita através do Fundo Social de Emergência (FSE).

Esforços adicionais para reestruturar as despesas para 1995, em conjunto com as medidas recentemente adotadas de revisão do Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas e a modificação da tributação sobre as aplicações financeiras, que passam a incidir sobre o ganho nominal, certamente contribuirão para o equilíbrio fiscal ao final do exercício.

Espera-se também que em 1995 ocorra ampla reforma fiscal, que permita deslocar o peso do ajuste das atuais políticas monetária e cambial para a política fiscal. De um lado, será possível a implementação de uma política de juros baixos que concorra para aumentar o nível dos investimentos, produzindo impacto favorável sobre as taxas de crescimento e geração de emprego. Por outro, uma reforma tributária deverá contribuir para aumentar sensivelmente os ganhos de produtividade da indústria nacional e melhorar a competitividade da produção doméstica.

### FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO

Nos últimos anos, a União tem destinado uma parcela muito pequena de seu Orçamento para o financiamento dos projetos de infra-estrutura. Com a aprovação das reformas que começa a encaminhar ao Congresso Nacional, o Governo pretende consolidar o saneamento financeiro do Estado para resgatar sua capacidade de financiar investimentos nos setores de transportes e energia. Além disso, novos recursos serão gerados em função do combate ao desperdício e à corrupção e pela redução dos custos financeiros da dívida pública interna.

Nova orientação do gasto público garantirá o financiamento de programas sociais, não apenas evitando os desperdícios e aumentando sua eficácia, mas também por meio do estabelecimento de objetivos centrais para a ação governamental. O financiamento do Programa Comunidade Solidária, por exemplo, não implicará a criação de novos fundos, mas o uso das transferências orçamentárias voluntárias aos Estados e Municípios e a consolidação dos atuais fundos sociais para garantir que seus objetivos sejam atingidos. Trata-se de um montante significativo de recursos, que poderá ter impacto considerável se for usado de maneira coerente com os objetivos da política social.

O Governo Federal atuará, prioritariamente, alocando os recursos do Orçamento para a recuperação dos gastos na área social. A reforma tributária e a retomada sustentada do crescimento deverão permitir, a partir de 1996, maiores investimentos em infra-estrutura.

#### Receitas da Privatização

Ênfase será dada ao processo de privatização para conseguir recursos da ordem de R\$15 bilhões nos próximos quatro anos, que poderão também ser destinados a projetos de infra-estrutura.

#### Recursos Privados

Especial atenção será dada aos recursos internacionais que procuram oportunidades seguras e rentáveis de investimento,

como aqueles dos fundos de pensão de países industrializados. Esses fundos costumam investir em projetos de infra-estrutura por meio de associações do setor privado com empresas estatais.

De outra parte, esforços serão empreendidos no sentido de reformular o sistema privado de previdência complementar no País, para permitir a mobilização da poupança nacional privada para o financiamento de longo prazo.

No Brasil, a previdência complementar ainda está no começo. Seus ativos somam cerca de R\$34 bilhões, com projeções potenciais da ordem de R\$90 bilhões, no ano 2000. Este fato indica a necessidade de os fundos de pensão buscarem alternativas de aplicação para seus recursos, diversificadas e rentáveis, nos próximos anos.

O programa de investimentos do Governo tem como objetivo atrair investidores brasileiros e estrangeiros, como parceiros de projetos de construção de estradas, ferrovias, gasodutos, centrais termelétricas e hidrelétricas, e de expansão e modernização dos sistemas de telecomunicações. As fontes privadas, seguramente, participarão do necessário esforço de adequação da infra-estrutura do País à nova realidade requerida.

### **Mercado Internacional de Capitais**

No período recente, o lançamento de bônus no mercado internacional tem-se constituído em importante fonte de captação de recursos para financiar projetos públicos e privados, procedimento ao qual têm recorrido empresas nacionais, estatais e privadas e alguns Estados. Espera-se que possam ser obtidos recursos externos através do lançamento de bônus no exterior – pelo Tesouro Nacional, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), empresas estatais ou privadas, para serem aplicados no setor de infra-estrutura.

### **Captação dos Recursos e Articulação dos Investimentos**

Para que o Brasil possa tirar o maior proveito possível da situação externa de oferta de recursos, conjugada com as condições internas favoráveis resultantes da retomada do crescimento com estabilização, é necessário garantir um ambiente confiável para os investidores estrangeiros. Por isso, o Governo vai manter regras claras e estáveis para o capital estrangeiro, garantindo liberdade nas decisões de investimento. Por outro lado, será preciso estabelecer claramente o papel do Governo na regulação destas atividades para assegurar qualidade, competição e tarifas adequadas na concessão de serviços públicos.

A mobilização dos recursos deverá contar com a ação positiva por parte do Governo. Por este motivo, será necessário aparelhar o setor público para exercer o papel de articulador na captação de recursos internos e externos. Mais ainda, tendo em vista que a retomada do crescimento sustentado exige uma ação conjunta do Governo e do setor privado, será criado um sistema de coordenação de todas as ações necessárias à viabilização do programa de investimentos. Para tanto, será reforçado o papel coordenador da política de investimentos do Ministério do Planejamento e Orçamento, reformulado e ampliado o papel do BNDES e criada uma agência de promoção de investimentos. Além disso, serão estabelecidos critérios e mecanismos de atuação conjunta dos órgãos federais, ministérios setoriais, Estados e Municípios. Dentre as atribuições desse sistema, destaca-se a de assegurar a remoção dos eventuais obstáculos à realização do investimento e a correta destinação dos recursos no financiamento dos projetos.

### **Desestatização**

Em pouco mais de quatro anos de existência, o Programa Nacional de Desestatização ofereceu importantes contribuições

para o País, seja proporcionando um alívio no serviço da dívida pública – atenuando as pressões altistas sobre as taxas de juros – seja propiciando um aumento na eficiência e competitividade das empresas privatizadas, com efeitos diretos sobre os preços setoriais e a economia das regiões onde tais empresas se localizam.

Tendo os setores siderúrgicos e de fertilizantes sido completamente privatizados e encontrando-se o setor petroquímico em estágio bastante adiantado de privatização, o Programa deve avançar agora no sentido de superar o importante gargalo para o crescimento econômico, ou seja a insuficiência dos serviços públicos, notadamente os de infra-estrutura.

Neste particular, identificam-se como principais oportunidades de investimento a melhoria e ampliação dos serviços de energia elétrica e transportes, envolvendo o sistema ferroviário, rodoviário e portuário.

Atenção especial merece também o setor de telecomunicações, cuja expansão e atualização tecnológica são fundamentais para a integração do País e sua inserção na economia mundial.

É importante destacar que a transferência da responsabilidade da operação desses serviços ao setor privado não exime o Estado da competência de regular tais atividades, essenciais que são para o desenvolvimento econômico e social do País. Na verdade, a atividade de regulador – posição que o Estado deve assumir por sua natureza – pode ser desenvolvida mais adequadamente quando o próprio Estado não é o provedor dos serviços.

Paralelamente à expansão da fronteira do programa em direção à privatização dos serviços públicos, há de se buscar caminhos que facilitem o acesso ao programa de um maior contingente da população. Com efeito, até agora a utilização de moedas de privatização de certa forma privilegiou os grandes detentores de créditos contra o Governo. A democratização do programa será definitivamente alcançada na medida em que pequenos investidores tenham melhores condições de participar. Neste sentido, a introdução das chamadas moedas sociais é fundamental, porque permite também a redução dos passivos prioritários, como os do FGTS e da Previdência Social.

A venda direta à sociedade constituirá uma nova forma de privatização e contribuirá também para a ampliação do universo de participantes. Esta medida viabilizará a plena democratização do capital de grandes empresas estatais.

A privatização dessas empresas continuará com o objetivo de promover a saída do Estado do setor produtivo e deverá contribuir decisivamente para a redução da dívida pública. O montante a ser apurado com suas vendas poderá ser substancialmente aumentado com a remoção de alguns obstáculos constitucionais que influenciam na redução de seus preços, a exemplo daquele que restringe o controle estrangeiro nas empresas de mineração.

Por todo o exposto, o Programa Nacional de Desestatização constitui efetivamente um dos principais instrumentos da reforma do Estado e, portanto, é parte integrante do programa deste Governo. A prioridade a ele conferida exige que sua execução seja agilizadada e, assim, que as grandes decisões sejam tomadas pelos mais elevados níveis do Governo, de modo que perpassem toda a administração pública, o que justifica plenamente a criação do Conselho Nacional de Desestatização, integrado por Ministros de Estado, para a condução do programa.

### **POLÍTICA ECONÔMICA PARA O SETOR PRODUTIVO**

O País ainda precisa avançar muito no aprimoramento das políticas agrícola, industrial, de ciência e tecnologia e de comércio exterior, buscando novos padrões de qualidade para a mão-de-obra e reduzindo custos advindos das carências de infra-estrutura básica e de inadequadas políticas fiscal e creditícia, o chamado "custo

Brasil".

Em vista disso, as ações do Governo na área da política econômica deverão buscar, progressivamente, a competitividade da economia brasileira, requisito indispensável para o dinamismo econômico e a melhoria das condições de vida da população.

A abertura comercial, com a exposição brasileira à concorrência internacional, e a estabilização macroeconômica já vêm estimulando investimentos no aumento da eficiência do setor produtivo. São expressivos os ganhos obtidos no período recente em termos do ajustamento competitivo das empresas brasileiras, num ambiente de concorrência internacional.

#### **Política Industrial e de Comércio Exterior**

Para promover o crescimento e a modernização da indústria brasileira, serão aperfeiçoados os instrumentos de política disponíveis e implementadas novas ações, tendo como princípio básico o fortalecimento da atuação da iniciativa privada e a correção de distorções de mercado. A despeito da prioridade pela utilização de estratégias horizontais, serão aplicadas, quando necessárias, políticas específicas, concebidas e executadas em parceria com as classes empresarial e trabalhadora.

Para promover as exportações brasileiras, adotar-se-á o processo de desoneração fiscal das atividades exportadoras, com propostas de reformas constitucionais que permitam eliminar impostos estaduais sobre exportações de produtos básicos e semi-elaborados.

O novo cenário do comércio mundial, que assume contornos mais definidos com o encerramento da Rodada Uruguai e criação da Organização Mundial do Comércio, exige o aprimoramento contínuo do sistema brasileiro de comércio exterior, com a consolidação das medidas de eliminação de barreiras não tarifárias e adequação dos instrumentos de defesa contra práticas desleais de comércio. Neste contexto, adotar-se-á uma política de comércio exterior estritamente vinculada ao bem-estar da sociedade como um todo, que permita ampliar o leque de escolha dos consumidores e contribua para o aumento do nível de emprego na economia e para absorção de novas tecnologias.

O Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX) será consolidado, com o aperfeiçoamento do módulo de exportação e instalação do módulo de importação, colocando o País entre os mais avançados do mundo em termos da administração do sistema de comércio exterior, permitindo o uso democratizado das informações necessárias para a formulação de políticas e estratégias governamentais e empresariais.

O Programa de Financiamento às Exportações será ampliado, devendo, ainda, ser implementado sistema de seguro de crédito à exportação, eliminando-se, assim, importante obstáculo ao incremento das exportações brasileiras.

O Governo privilegiará, também, a consolidação do processo de integração no âmbito do Mercosul, o que deverá reforçar a tendência de ampliação significativa das transações comerciais regionais verificadas nos últimos anos. E, ainda, concluirá os trabalhos de revisão e consolidação da legislação brasileira de comércio exterior, o que permitirá facilitar substancialmente o processo de tomada de decisão na área.

Para favorecer a retomada sustentada dos investimentos industriais, elemento essencial para a reestruturação produtiva do País, serão adotadas medidas de caráter fiscal e creditício voltadas à recuperação dos instrumentos de financiamento dos investimentos em capital fixo e à redução do custo desses investimentos. O papel do setor público na articulação do novo ciclo de investimentos na economia deve ser reforçado, com destaque para ações destinadas a eliminar obstáculos ao incremento dos investimentos privados e à atração de capitais estrangeiros.

Será estimulada a criação de um mercado de crédito de longo prazo, com a participação preponderante do setor financeiro privado, fortalecendo-se, ademais, a atuação do BNDES, inclusive no financiamento de atividades exportadoras e de investimentos em ciência e tecnologia.

O fomento às atividades empresariais na área de pesquisa e capacitação tecnológica, através da utilização de instrumentos fiscais e creditícios e do poder de compra do Estado, constituirá traço marcante da atuação governamental. O Executivo apoiará o desenvolvimento de áreas indutoras de transformações tecnológicas e de projetos de transferência, difusão e inovação, voltados à capacitação em segmentos prioritários, principalmente das pequenas e médias empresas de base tecnológica. O Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria (PACTI) será fortalecido como instrumento de estímulo ao aumento dos gastos em pesquisa e desenvolvimento pela iniciativa privada, promovendo-se uma maior sinergia de sua execução com a do PBQP.

Por outro lado, será dada continuidade à modernização do aparato institucional do Governo na área da prioridade industrial, com o objetivo de adaptá-lo às mudanças na legislação, dinamizando, ainda, a atuação no que diz respeito ao apoio ao desenvolvimento industrial, comercial e tecnológico do País, particularmente através da agilização na análise dos registros de marcas e patentes e do aperfeiçoamento dos sistemas de disseminação de informação industrial e tecnológica.

O Governo, ao lado de entidades representativas do setor, e contando com o trabalho do Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), desenvolverá ações coordenadas de apoio às micro, pequenas e médias empresas, instrumento importante para o dinamismo da estrutura industrial brasileira, particularmente no tocante à geração de empregos.

A política industrial e de comércio exterior dará, também, especial atenção à extensão do processo de reestruturação industrial para todo o País, respeitadas as vocações e especificações das regiões e os condicionantes do processo de integração regional com outros países, a exemplo do Mercosul. Nesse sentido, procurar-se-á uma maior sinergia entre as ações do Governo Federal e dos governos locais em busca do desenvolvimento econômico com competitividade, utilizando-se, para tanto, de instrumentos como o Conselho Nacional das Secretarias Estaduais de Indústria e Comércio.

O que se pretende, em suma, é caminhar no sentido de dinamizar o processo de crescimento e modernização industrial verificado no período recente, mediante a definição, em conjunto com a sociedade, de uma política industrial e de comércio exterior clara, abrangente e consistente, que considere o processo de globalização da economia mundial, com seus componentes de aceleração do progresso tecnológico e de integração regional, e a necessidade de consolidar o novo papel do Estado como agente regulador e neutralizador das distorções de mercado.

A recente criação da Câmara de Comércio Exterior, no âmbito do Conselho de Governo, dará organicidade e coordenação às iniciativas do Governo nesta área.

#### **Política Agrícola**

Analisando-se o comportamento da agricultura brasileira entre 1980 e 1994, observa-se crescimento médio anual de cerca de 2,8 por cento, superior ao apresentado pela economia, em idêntico período, de apenas 1,7 por cento ao ano. Esses dados evidenciam que o setor conseguiu desempenho muito próximo ao seu padrão histórico de crescimento, de cerca de 3 por cento ao ano, no pós-guerra, além de contribuir para amenizar o processo recessivo que caracterizou a economia brasileira na década de 80.

Esse desempenho esteve associado aos ganhos de produtivi-

dade alcançado em diferentes tipos de explorações, à maior integração de segmentos de nossa agropecuária aos mercados internacionais e ao avanço das fronteiras agrícolas e da agroindustrialização, mesmo tendo que enfrentar mercados externos altamente protegidos nos países desenvolvidos.

Todavia, essa trajetória marcou o setor de contrastes regionais de produção e de categorias de agricultores. De um lado, existem atividades que utilizam tecnologias modernas. De outro, existem atividades de subsistência que operam com baixa produtividade e altos índices de pobreza e empregam práticas predatórias do meio ambiente.

Para reverter esse quadro, tornar-se necessário que a política defina instrumentos mais modernos de comercialização, crédito rural e seguro agrícola, e programas integrados de formação de mão-de-obra, extensão rural e cooperativismo.

Neste Governo, as ações normativas serão da competência dos órgãos federais, transferindo-se para Estados, Municípios e organizações não-governamentais as funções de natureza operacional, que podem ser conduzidas de modo mais eficiente pela descentralização de responsabilidade das políticas de financiamento, comercialização, tecnologia e de defesa vegetal e animal.

A agroindústria, geradora de renda e emprego e reorientadora dos fluxos migratórios no meio rural, será estimulada para tornar possível a interiorização do desenvolvimento sócio-econômico.

Ênfase especial será dada para a necessidade de reduzir perdas que se verificam nos diferentes estágios da produção e comercialização agrícola, com ações voltadas para a melhoria da qualidade dos produtos, redução de custos e aumento da competitividade do setor.

A política deverá estimular o emprego de práticas adequadas à exploração agrícola, ao manejo do solo e preservação do meio ambiente, como forma de garantir o abastecimento interno e a conquista de novos mercados.

A dinâmica da agricultura moderna e competitiva requer a superação dos obstáculos da insuficiente estrutura de armazenamento, transporte, portos, energia e comunicação, e também daqueles existentes na regulamentação do setor e na elevada carga tributária.

Nesse sentido, serão promovidos esforços governamentais articulados com Estados e Municípios, entidades de classe e setor privado, visando à desregulamentação do setor para reduzir o chamado "custo Brasil" e, com isso melhorar a competitividade das exportações de origem rural e agroindustrial.

Nessa linha de ação, as diretrizes para a área de pesquisa agropecuária visam promover a racionalização da produção no âmbito da agricultura de subsistência; a produção de alimentos básicos a menores custos; a ampliação e modernização tecnológica do complexo agroindustrial, bem como a sustentabilidade do desenvolvimento rural. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), os demais órgãos do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária e outras organizações públicas e privadas devem envolver-se na transferência tecnológica buscando o aumento da competitividade e qualidade dos produtos de origem rural e agroindustrial.

A extensão rural deverá integrar-se com outras entidades, tanto públicas quanto privadas, para ampliar a capacitação técnica e profissional dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais, de modo a possibilitar-lhes a integração em formas mais modernas e rentáveis de produção e comercialização agrícolas.

No tocante à defesa agropecuária, proceder-se-á a uma ampla reestruturação do sistema, de forma a erradicar pragas e doenças que afetam lavouras e rebanhos, incluindo, nesses esforços, órgãos

estaduais e municipais, além de entidades representativas dos produtores rurais.

Os serviços de vigilância, inspeção e classificação de produtos e insumos serão ampliados, como forma de garantir padrões de qualidade e sanidade requeridos pelos consumidores, tanto no mercado interno quanto internacional. A classificação de produtos terá seus processos flexibilizados, na linha da descentralização e privatização.

Em termos da política de crédito rural, deverão ser estabelecidas regras claras e estáveis e encargos financeiros apropriados, visando estimular investimentos em correção de solos, equipamentos, irrigação e outras obras de infra-estrutura rural. Para tanto, devem ser fortalecidos mecanismos de financiamentos com recursos provenientes do próprio setor agrícola, a exemplo das cooperativas de crédito, e apoiar a implantação de novos instrumentos de crédito em articulação com as bolsas de mercadorias e de futuro, seguradoras e sistema bancário.

O estabelecimento de programa de seguro rural auto-sustentado, em termos financeiros, é outro requerimento importante não apenas para permitir à agricultura diluir riscos provenientes de adversidades bioclimáticas, como para estimular o emprego de novas tecnologias de produção.

Na área de abastecimento, os estoques oficiais terão de ser redimensionados, considerando-se a maior abertura da economia. Além disso, novos mecanismos de gerenciamento desses estoques terão de ser adotados, de modo que possam ser mais bem fiscalizados, localizados e utilizados para complementar o adequado suprimento do mercado.

A comercialização de estoques públicos terá que se compatibilizar com a Política de Garantia de Preços Mínimos, de modo a evitar o acúmulo de estoques oficiais, enquanto a iniciativa privada recorre a importações. Diante de escassez de recursos orçamentários e do quadro de mudanças da economia e da agricultura brasileiras, essa política terá também que se ajustar, assegurando, porém, nível razoável de proteção de renda aos nossos agricultores, contemplando aqueles produtos mais voltados para o mercado interno.

Por outro lado, a aplicação de tributação compensatória na importação de produtos agrícolas subsidiados na origem e o aprimoramento de medidas de defesa comercial contra práticas desleais de comércio devem ser fortalecidos, objetivando assegurar condições de competição adequadas à agropecuária brasileira.

No que diz respeito aos segmentos de baixa renda, as dificuldades são ainda mais graves, sobretudo porque tais segmentos, marginalizados dos resultados favoráveis conquistados pela agropecuária nacional, em décadas passadas, não estão capacitados técnica e economicamente a enfrentar os desafios que as oportunidades de crescimento da agricultura brasileira impõem no futuro.

Os pequenos produtores e trabalhadores rurais deparam-se com dificuldades crescentes para absorver os benefícios das políticas de pesquisa, extensão rural, créditos e preços mínimos, instrumentos que representam importantes formas de apoio para integrá-los competitivamente à agricultura moderna.

Em consequência, são expressivas as responsabilidades dos governos federal, estadual e municipal, como também de entidades não-governamentais, na promoção de programas de educação e treinamento, cooperativismo, pesquisa, assistência técnica e extensão rural e outros que, associados a um programa de reforma agrária, conduzido dentro dos marcos legais, promovam a integração dos segmentos mais carentes de nossa população rural ao processo de desenvolvimento sócio-econômico do país.

### Política de Ciência e Tecnologia

No Brasil, a atuação governamental no estímulo ao desenvolvimento da ciência e tecnologia (C&T) tem-se dado de forma irregular e incompatível com as suas necessidades e porte econômico. O dispêndio nacional em C&T alcançou, os últimos anos, algo próximo a 0,6 por cento de seu produto, enquanto os países mais desenvolvidos ou em desenvolvimento acelerado, como os "tigres asiáticos", gastam de 1,5 por cento a 3 por cento do PIB.

As diversas experiências de política científica e tecnológica, tanto em países desenvolvidos quanto de industrialização recente, apontam para o papel decisivo do Governo, em articulação com o setor privado, na geração de uma estrutura eficiente de C&T. Em função de suas características estruturas de alto risco, o desenvolvimento da C&T requer uma alocação de recursos governamentais em fluxo adequado e regular para manter e ampliar estas atividades.

Toma-se, portanto, necessário definir um conjunto de medidas que permitam reverter o atual quadro que ordena a capacitação técnico-científica do País: uma estrutura institucional insatisfatória; baixos investimentos em C&T, com graves repercussões sobre a diversificação e obsolescência da infra-estrutura disponível; modesto contingente de cientistas e volume de pesquisa insuficiente para os requerimentos de uma economia competitiva; reduzida participação do setor privado no dispêndio nacional de C&T, acarretando uma sobrecarga do esforço público na área, muito além dos padrões internacionais.

No curto prazo, será prioridade definir objetivos coerentes e políticas permanentes para a modernização tecnológica do setor industrial. E, ainda, implementar medidas que possam estimular os segmentos mais dinâmicos do setor produtivo a se manterem em processo permanente de inovação e incorporação de novas tecnologias, de modo a acompanhar o ritmo do progresso técnico da economia mundial, utilizando-se recursos orçamentários e provenientes de fontes como a privatização, o financiamento internacional e novas parcerias com o setor privado.

Esses objetivos têm em vista a formação de recursos humanos; estabilidade de condições de bom funcionamento aos melhores centros de pesquisa; apoio à criação de novos grupos de pesquisa nas diversas regiões do País; estreitamento das relações da comunidade científica brasileira com a comunidade científica internacional; e assegurar a qualidade de trabalho científico realizado em todos os níveis e instituições.

As ações do Governo na área de ciência e tecnologia destinam-se a:

- Promover uma política de desenvolvimento científico e tecnológico compatibilizada às demais políticas públicas e articulada às estratégias de crescimento do setor produtivo do País.

- Diversificar as fontes de financiamento, por meio de recursos oriundos da privatização, da captação de recursos externos, de novas formas de financiamento como o de *venture capital* ou "securitização dos investimentos de risco", e da participação da iniciativa privada.

- Estabelecer parcerias entre os governos federal e estadual, e empresas públicas e privadas, no apoio a programas de pesquisa básica e tecnológica, projetos de formação de recursos humanos e projetos de cooperação científica e tecnológica entre universidades, institutos governamentais e o setor privado.

- Concluir programas e projetos estratégicos em andamento, que envolvem tecnologias sensíveis.

- Intensificar a participação brasileira no sistema técnico-científico internacional, mediante programas de intercâmbio e cooperação, como também aperfeiçoar os programas de bolsa de estudo no exterior e de professor visitante e investir numa integra-

ção ainda maior do País às redes eletrônicas internacionais de comunicação e intercâmbio científico.

- Apoiar projetos de transferência de difusão e inovação, que visem à capacitação tecnológica dos setores de produção, notadamente nas pequenas e médias empresas de base tecnológica.

- Manter programas voltados para a inovação tecnológica da indústria, estimulando consórcios para o desenvolvimento de tecnologias pré-competitivas; e apoiando a tecnologia competitiva através de incentivos, financiamentos, participação no capital de risco, fundos de formação e aperfeiçoamento de recursos humanos especializados, financiamentos especiais para a construção e implantação de centros empresariais de pesquisa e desenvolvimento.

- Fortalecer instituições dedicadas à difusão, incorporação e certificação de padrões de qualidade no sistema produtivo.

- Institucionalizar uma rede nacional de laboratórios e centros de pesquisa de alto nível, credenciados por procedimentos competitivos e que tenham recursos assegurados para fixar, consolidar e reproduzir a competência científica do País.

- Criar mecanismos que viabilizem a implementação de uma política de qualidade nas agências governamentais de ciência e tecnologia, que intensifique a informatização, simplifique os procedimentos burocráticos, e adote como recurso sistemático o planejamento estratégico e os métodos de acompanhamento e avaliação.

- Dotar os institutos e centros de pesquisa governamentais de estruturas organizacionais compatíveis com suas funções, por meio da flexibilidade de contratação, autonomia gerencial e administrativa, que visem a produtos e resultados bem identificados.

### Política para a Área de Infra-Estrutura Econômica

O nível da qualidade de vida da população e a sustentabilidade do desenvolvimento econômico dependem da existência de uma infra-estrutura econômica adequada: transporte, comunicações e energia.

A situação de adequação de cada um dos setores de infra-estrutura é diferente. Na infra-estrutura de energia, o subsetor elétrico apresenta condições de atender o mercado, mesmo diante de uma retomada do crescimento, durante o tempo suficiente para terminar os projetos de geração em andamento, os quais terão capacidade de produção para suprir os acréscimos de demanda dos próximos anos. A única questão a ser resolvida é a da viabilização financeira de alguns dos projetos já iniciados. Em relação ao petróleo, como é uma mercadoria comercializada internacionalmente, não existe, praticamente, risco de estrangulamento da oferta. O que deve orientar os investimentos é a taxa de retorno dos mesmos.

Nas comunicações, não há igualmente, perspectivas de estrangulamento ao funcionamento normal da economia. No entanto, há um desafio de intensificar os investimentos, de forma a expandir os serviços existentes, e de incorporar as inovações tecnológicas disponíveis, que possibilitam a oferta de novos serviços com grande impacto na competitividade das atividades produtivas e na melhoria da qualidade de vida da população.

No setor de transportes a situação é grave. Parte das malhas rodoviárias e ferroviárias e do material rodante ferroviário, encontram-se em avançado estado de degradação. Ligações rodoviárias de intensa movimentação estão saturadas. Os portos são ineficientes. A cabotagem e a navegação interior são inexpressivas, fazendo com que a movimentação de mercadorias e pessoas seja cara e perigosa.

A ação do Governo na tarefa de remover os estrangulamentos existentes no setor de transportes será emergencial, atendendo escala de prioridades para a alocação de recursos orçamentários e alternativos em regime de parceria.

De outra parte, atenção será dada à atividade reguladora e fiscalizadora, nos marcos da Lei das Concessões recentemente aprovada pelo Congresso Nacional, e apresentando outras alterações necessárias na legislação.

No sistema nacional de viação, serão definidas as responsabilidades do controle federal, e as demais descentralizadas ou privatizadas. A intermodalidade será estimulada através de alterações da legislação, de forma a criar o operador de transportes multimodal.

No subsetor rodoviário, prioridade será dada à recuperação da malha existente, eliminação de pontos críticos, adequação da capacidade de trechos saturados e continuidade do programa de concessões de segmentos rodoviários.

No subsetor ferroviário, ênfase especial será dada à recuperação e modernização da malha e do material rodante, à privatização da Rede Ferroviária Federal e à continuidade da estadualização dos sistemas de transporte ferroviário urbano de passageiros.

No subsetor portuário, a prioridade será a implementação da Lei nº 8.630, de 25 de fevereiro de 1993 – a Lei dos Portos – com a conseqüente intensificação do programa de concessões de serviços e áreas portuárias.

Na navegação interior, a programação objetiva manter, balizar e sinalizar as vias navegáveis e rever a atual legislação, visando simplificar as operações e consolidar a abertura do mercado.

No setor de energia, dar-se-á prioridade aos programas de conservação, sensibilizando a população para o desperdício, atuando junto às indústrias para produção de equipamentos mais racionais energeticamente, estimulando inovações tecnológicas poupadoras de energia, e utilizando preços e tarifas para induzir à conservação. Dar-se-á continuidade às obras em andamento e ao desenvolvimento de instrumentos financeiros e legais que viabilizem parcerias entre o Poder Público e a iniciativa privada.

No setor de telecomunicações, a prioridade será o desenvolvimento de condições para a abertura do setor ao capital privado na expansão do sistema de telefonia, e na ampliação da rede de fibras óticas e sua interligação com a rede mundial.

No serviço postal e telegráfico, será dada prioridade à automação das agências da Empresa Brasileira de Correios e Telegráficos (ECT), à implantação da rede de teleinformática, ao aumento da quantidade de serviços oferecidos e a ampliação do número de agências pelo sistema de *franchising*.

### POLÍTICA SOCIAL

O planejamento das ações públicas e a cooperação sistemática dos governos federal, estaduais e municipais e da sociedade organizada são requisitos essenciais para que o País possa apresentar indicadores sociais mais consentâneos com as suas potencialidades.

Descentralizar as ações do Governo Federal nas áreas da educação, da saúde, da alimentação e nutrição, da previdência e assistência social, do trabalho e da cultura importa em fornecer a Estados e Municípios informações que lhes confirmam maior capacidade de alocar recursos públicos e gerir os problemas e realidades locais.

Importa, por outro lado, em outorgar à União o papel normativo que lhe cabe: estabelecer linhas gerais de políticas sociais, eliminando a superposição de órgãos, funções e competências nos ministérios e órgãos federais; e orientar o gasto federal para o atendimento aos mais necessitados, no sentido de a eles garantir acesso aos serviços básicos e à distribuição de renda.

A atuação deste Governo terá em vista princípios de equidade, eficiência aperfeiçoamento da gestão administrativa, no seu es-

forço concentrado para investir na formação do ser humano e sua qualificação para o trabalho, a fim de integrá-lo à moderna produção baseada em novas tecnologias.

As diretrizes setoriais que se seguem têm por objetivo maior a melhoria dos padrões de qualidade de vida da população brasileira no seu pleno exercício da cidadania, por meio de aplicação dos recursos disponíveis em projetos prioritários de alto retorno social.

#### Emprego

No Brasil, a geração de empregos em número suficiente para absorver a força de trabalho disponível é uma questão especialmente grave. Além do desemprego propriamente dito, manifesta-se em proporções alarmantes o subemprego, concentrado no setor formal. O problema do emprego é agravado pela baixa qualificação da mão-de-obra, falta de oportunidade de emprego no campo, pelas precárias condições de segurança e alta rotatividade nos postos de trabalho.

A estabilização da economia e a recuperação do crescimento econômico são condições essenciais para qualquer política de emprego e de renda.

As ações do Governo obedecerão às seguintes linhas centrais no sentido de acelerar a geração de empregos de qualidade:

- Promover a qualificação da mão-de-obra como vantagem comparativa dentro do novo modelo produtivo mundial, enfatizando a educação básica e as políticas de capacitação, de forma a permitir uma melhor adaptação dos trabalhadores às tecnologias modernas.

- Mobilizar a sociedade civil em amplo e descentralizado programa de capacitação de mão-de-obra.

- Interiorizar a geração de emprego por meio do incentivo à agricultura, aperfeiçoando os instrumentos clássicos de política agrícola, como as políticas de crédito, comercialização e de estabilidade da renda.

- Incentivar projetos de irrigação e de instalação de agroindústrias, sobretudo as micro, pequenas e médias empresas e as formas associativas de produção.

- Implantar, em parceria com a iniciativa privada, programas de recuperação e expansão da infra-estrutura, indispensáveis à expansão da atividade produtiva.

- Implementar, em articulação com Estados e Municípios, programa de habitação visando reduzir o déficit de moradias e permitir a geração de empregos para trabalhadores de baixa qualificação.

- Incentivar o turismo, em especial nas regiões Norte e Nordeste, em razão da capacidade deste setor de responder mais rapidamente aos investimentos realizados.

- Estimular as micro, pequenas e médias empresas, por meio de financiamento preferencial e incentivos à sua regularização fiscal, trabalhista e previdenciária, inclusive para que possam se habilitar às licitações públicas.

- Integrar o programa do Seguro-Desemprego ao sistema público de emprego, por meio da adoção de ações articuladas de formação, treinamento e recolocação de trabalhadores.

- Apoiar mecanismos que reforcem a negociação e a contratação coletiva, bem como a participação dos trabalhadores na gestão e nos resultados da empresa.

- Integrar, em articulação com estados e municípios, ações destinadas à melhoria das condições do trabalho.

#### Educação

O Ministério da Educação e do Desporto deverá passar por reformas em sua estrutura interna para deixar de ser um executor e gestor de escolas, e atuar efetivamente como regulador das políticas de educação com vistas à qualidade do ensino; como financia-

dor das prioridades educacionais; e como avaliador do desempenho escolar dos alunos, de modo a propiciar à sociedade e ao Governo informações úteis e confiáveis.

Neste processo, será crucial a participação do Congresso Nacional na revisão, aprimoramento e simplificação da legislação educacional vigente.

A política do Ministério em todos os níveis de ensino deverá primar pelo objetivo de valorizar a escola como unidade de decisão e de utilização de recursos, para que o controle exercido pelo Poder Público sobre a educação dependa cada vez menos da multiplicação de exigências burocráticas e, cada vez mais, da avaliação objetiva do desempenho das diferentes instâncias e unidades da Federação.

A melhoria da qualidade da escola de primeiro grau constitui a preocupação mais importante. A educação fundamental é um nível de ensino no qual a ação do Governo Federal não pode ser autônoma, porque depende de uma estreita colaboração com os Estados e os Municípios, uma vez que é deles a responsabilidade direta pela rede de escolas.

Também nessa área a ação do Congresso Nacional é decisiva, uma vez que os recursos disponíveis do Governo Federal só permitirão alcançar resultados significativos se forem concentrados na solução dos problemas mais graves e utilizados de maneira eficaz. Para isso, é necessário que sejam distribuídos de acordo com critérios objetivos, estabelecidos em função de projetos educativos consistentes. Não podemos continuar a desperdiçá-los no atendimento individualizado de uma miríade de demandas locais. O apoio do Congresso em relação a essa orientação é fundamental.

Assim sendo, o Ministério concentrará esforços no sentido de:

- Definir parâmetros dos currículos escolares comuns a todo o País, tendo como objetivo o desenvolvimento das atividades de avaliação, formação de professores, elaboração de livros didáticos e formulação de planos de cursos, adaptadas às várias clientelas e regiões brasileiras.

A elaboração de diretrizes curriculares não só organiza a política educacional para o Primeiro Grau, como também constitui instrumento de cooperação entre União, Estados e Municípios, além de envolver a mobilização das próprias escolas e de todos os setores da população interessados na educação. Isso ocorre porque a matriz nacional se desdobra necessariamente em projetos curriculares estaduais e se concretiza nos planos de execução propostos por cada escola.

De outra parte, a definição das habilidades e conhecimentos a serem alcançados em cada série permitirá organizar a avaliação nacional do desempenho escolar, instrumento indispensável para a melhoria da qualidade de ensino. Além disso, servirá de instrumento para orientar a produção de livro didático, de acordo com estritos padrões de qualidade, garantindo sua adequação às necessidades de ensino e ao processo de formação em serviço dos professores.

- Definir critérios objetivos para os repasses automáticos de recursos a Estados e Municípios, em articulação com outros Ministérios e Órgãos responsáveis pelas políticas sociais, de forma a fomentar a assistência técnica e a troca de experiência entre as unidades da federação.

Duas linhas de ação serão desenvolvidas, com vistas à melhoria da qualidade do ensino do Segundo Grau:

A primeira consiste no estabelecimento das bases para a expansão qualitativa e quantitativa do aprendizado, buscando-se novas modalidades que contemplem tanto a terminalidade e profissionalização quanto a preparação para estudos pós-secundários. E no estabelecimento de outras formas de escolarização e de

aprendizagem profissional para a juventude, independentemente da escolaridade anterior por meio da introdução de novos mecanismos de avaliação do ensino e regulação do acesso ao ensino superior.

A segunda consiste em ampliar a participação dos Estados, Municípios e setor privado na gestão e financiamento das escolas técnicas e agrícolas, ora sob a responsabilidade direta do Ministério. Isso deverá permitir a identificação de formas alternativas de financiamento para a expansão do sistema e direcionar as escolas para as necessidades de formação de mão-de-obra dos setores formal e informal da economia.

No ensino superior, objetiva-se viabilizar a expansão e diversificação do sistema para fazer face às necessidades do mercado de trabalho e do desenvolvimento científico e tecnológico do País. Para tanto, buscar-se-á definir não só novas formas de gestão e financiamento como novos mecanismos de controle de qualidade das instituições públicas e privadas. As formas de gestão e financiamento deverão considerar uma crescente descentralização, autonomia e responsabilização das instituições de ensino superior.

Uma nova legislação para o ensino superior deverá voltar-se para a criação de mecanismos alternativos e flexíveis de cursos pós-secundários, com formas diferenciadas de terminalidade; o aprimoramento de mecanismos de financiamento aos alunos carterentes, em substituição aos atuais, de feições burocráticas e cartoriais; o aperfeiçoamento do apoio à pesquisa e pós-graduação.

O uso de novas tecnologias educacionais e do ensino à distância é absolutamente indispensável num País de dimensões continentais como o Brasil, no qual precisamos multiplicar o acesso ao que temos de melhor no campo educacional. As novas tecnologias podem e devem realizar esta tarefa. A estreita cooperação entre o Ministério da Educação e do Desporto e a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República ajudará a produzir uma revolução educacional no País.

### Saúde

A saúde deve ser entendida como expressão da qualidade de vida da população e não somente como cuidados médicos à doença e, portanto, será assegurada mediante o conjunto de políticas econômicas e sociais. No que se refere às diretrizes de ação específicas do setor saúde, o Ministério da Saúde trabalhará no sentido de:

- Promover a reorientação do modelo de atenção à saúde redirecionando a prioridade para ações multisetoriais que assegurem a moção da saúde e a prevenção de doenças, sem prejuízo das ações de assistência médico-hospitalar necessárias para fazer frente ao quadro de morbidade existente.

- Descentralizar e democratizar a gestão, promovendo a implantação de legislação que redefina os papéis das diferentes esferas de governo e determine a participação e o controle da sociedade sobre as ações estatais, através dos Conselhos de Saúde.

- Fortalecer o papel regulatório do Governo Federal, estabelecendo critérios e padrões para incorporação e normalização do uso de recursos tecnológicos, especialmente em procedimentos de maior densidade e de custo mais elevado.

- Regular as atividades do sistema privado, em particular as modalidades de prestação de serviços privados (seguro-saúde e medicina de grupo), produção de medicamentos, equipamentos e de outros insumos para a atenção à saúde.

- Readequar a capacidade de gestão, nos três níveis de governo, restaurando práticas de planejamento, avaliação e controle, promovendo melhoria da gestão dos recursos e da qualidade da atenção e, sobretudo, fomentando a implantação de sistemas de informações gerenciais. Para tanto, será dada prioridade à qualifica-

ção dos servidores públicos para os novos papéis a serem desempenhados e à manutenção de uma burocracia estável.

– Garantir a suficiência e a regularidade no aporte de reduzir cursos federais para financiar o Sistema Único de Saúde (SUS), visando a estimular o incremento dos gastos de Estados e Municípios por meio do sistema de financiamento compartilhado, já previsto na Constituição e na Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Para tanto, é fundamental assegurar o repasse automático e a transferência global de recursos, sem vinculações pré-determinadas, diretamente do Fundo Nacional de Saúde para os Fundos Estaduais e Municipais de Saúde, mediante, critérios redistributivos que garantam a equidade no sistema de saúde.

#### **Alimentação e Nutrição**

É reconhecido que a solução do problema alimentar brasileiro exige mudanças estruturais profundas na organização social, política e econômica do País e que os programas alimentares não podem ser entendidos como substitutos dessas mudanças.

No entanto, a urgência imposta pela fome, pela desnutrição e pelos demais distúrbios de origem alimentar e nutricional não se coaduna com o tempo exigido para transformações estruturais necessárias. Existem alternativas que, se bem encaminhadas, contribuirão sensivelmente para a redução do problema nutricional do País.

Em face desse quadro, as seguintes diretrizes nortearão as ações do Governo na área de alimentação e nutrição:

- Atendimento das carências nutricionais dos grupos biologicamente mais vulneráveis: crianças, gestantes e nutrízes.
- Suplementação alimentar para as crianças que freqüentem a rede de ensino público e filantrópica.
- Melhoria das condições de alimentação dos trabalhadores.
- Atendimento às famílias atingidas por situações de calamidade ou emergências específicas.
- Estímulo à adoção de hábitos alimentares saudáveis para a prevenção e controle de doenças.
- Controle sanitário dos alimentos em toda a cadeia de produção, industrialização e consumo.

#### **Previdência e Assistência Social**

A reforma da Previdência depende da aprovação, pelo Congresso Nacional, das propostas de modificação das normas constitucionais e infraconstitucionais que estão sendo encaminhadas pelo Governo.

A ação ministerial será pautada pelas seguintes diretrizes:

- Critérios mais claros de igualdade e justiça social, tanto na incidência dos encargos quanto nos critérios de cálculo e concessão de benefícios, respeitados os direitos adquiridos.
- Unificação das normas e requisitos para concessão de benefícios entre todos os segurados.
- Incorporação de critérios de renda e idade na aposentadoria por tempo de serviço de forma a minimizar as distorções do atual sistema, que desfavorece os trabalhadores de menor remuneração.
- Critérios de concessão de aposentadorias especiais que levem em conta a exposição efetiva do trabalhador aos agentes prejudiciais à saúde.
- Flexibilização do sistema de financiamento da seguridade social, visando distribuição mais uniforme e equitativa nos setores econômicos.
- Alteração do atual sistema de contribuição previdenciária rural, por meio de critérios que levem em conta as peculiaridades da mão-de-obra e a competitividade da agricultura.
- Incentivo à criação de regimes complementares e facultativos de previdência, públicos e privados, custeados por contribuições adicionais e sob o regime de capitalização.

– Formulação das normas gerais da política nacional de assistência social.

– Normatização da concessão de declarações de mérito às associações sem fins lucrativos.

– Apoio, monitoramento e articulação de benefícios e serviços assistenciais, no âmbito nacional.

– Atendimento, em conjunto com Estados e Municípios, das ações assistenciais de caráter emergencial.

– Implantação de sistema de informações sobre benefícios, beneficiários e serviços assistenciais.

– Cadastramento de entidades de assistência social, para que as ações assistenciais sejam exercidas no contexto de um sistema racional descentralizado, público e democrático.

– Cabe lembrar que a competência para executar ações assistenciais é dos Estados e Municípios, que operam programas e projetos, da sociedade civil, através de entidades de assistência social.

#### **Esporte**

O Ministério Extraordinário dos Esportes foi criado para elevar o status político do intercâmbio com organismos políticos e privados, nacionais, internacionais e estrangeiros, na promoção do desenvolvimento dos esportes no País.

Os conceitos de esporte de massa, de esporte como atividade integradora por excelência, de esporte como elemento propiciador de saúde e bem-estar presidirão as ações propostas, de abrangência nacional, contemplando as necessidades do conjunto da sociedade brasileira e dos seus cidadãos, num amplo leque de ofertas de caráter multi e intersetorial.

São as seguintes diretrizes a serem seguidas nesta área:

– Continuidade dos programas em andamento na Secretaria dos Desportos, voltados para o esporte escolar, esporte para portadores de deficiência, e esporte de criação nacional e de rendimento.

– Adequar a legislação esportiva vigente à defesa do atleta, à modernização da estrutura clubística e profissionalização dos dirigentes.

– Atuar no combate à sonegação fiscal e previdenciária.

– Promover o esporte entre crianças e adolescentes, em conjunto com o Ministério da Educação.

– Explorar a capacidade instalada ociosa nas escolas, de maneira a permitir o acesso da comunidade nos fins de semana.

– Utilizar parques, praças e jardins na prática regular de esportes, em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Esportes.

– Incentivar, junto com o Ministério do Trabalho, a prática do esporte nas empresas, criando prêmios de participação (diploma).

– Estudar, com o Ministério das Relações Exteriores, a possibilidade de criação de Jogos Afro-Brasileiros e Jogos do Mercosul.

– Difundir a importância do esporte/ecologia, em ações do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.

– Apoiar programas esportivos que visem à prevenção da saúde da população brasileira em conjunto com o Ministério da Saúde.

– Criar os Jogos do Menor Carente num esforço conjunto com os Governos Estaduais e a iniciativa privada, assim como com as Forças Armadas.

– Criar Jogos de Pessoas Portadoras de Deficiência, projeto já em estudo com parceria da iniciativa privada.

– Transformar a Secretaria dos Desportos em um Instituto de Esporte, que passará a gerir os recursos do Fundesp.

– Estabelecer parceria com o Ministério da Cultura para difusão dos estados de criação nacional.

– Apoiar criativamente os projetos de realização das Olimpíadas de 2004 na Cidade do Rio de Janeiro e da Copa do Mundo de Futebol de 2006 no Brasil, sem utilização de dinheiro público.

– Criar conselhos consultivos setoriais em cada área de atividade esportiva com a finalidade de, informalmente construir um canal de mão dupla entre o Governo e a sociedade no debate das questões do esporte.

#### **Cultura**

As ações do Governo concentrar-se-ão em três tópicos principais e catalisadores da cultura nacional.

– Preservar a memória do nosso passado histórico: monumentos, igrejas, sítios arqueológicos, museus, documentos, e bibliotecas, em especial a Fundação Biblioteca Nacional.

– Incentivar a criação artística na área de: cinema, vídeo, fotografia, artes gráficas, artes plásticas, arquitetura, paisagismo, música, folclore, dança, teatro, literatura, editoração e bibliotecas, de modo a oferecer oportunidades para o surgimento de novos talentos.

– Difundir a cultura brasileira: promovendo o acesso da população aos bens culturais do presente e do passado; conservando os acervos culturais; apoiando as publicações não-comerciais de evidente interesse cultural; facilitando o acesso à leitura, e resguardando direitos autorais do artista.

#### **Programa Comunidade Solidária**

O Programa Comunidade Solidária concretiza uma estratégia de governo para o combate à fome e à pobreza. Compõem um conjunto de atividades a serem desenvolvidas pelos ministérios e instituições públicas, selecionados em função de capacidade de promover, de imediato, transformações nas condições de vida das populações mais pobres.

O Programa atuará através de ações nas seguintes áreas: alimentação e nutrição, serviços urbanos; desenvolvimento rural; geração de emprego e renda; defesa de direitos e promoção social. Em cada uma dessas áreas serão identificadas atividades nas quais deverá haver todo o empenho para a garantia de recursos e, sobretudo a melhoria de gestão. Um mesmo ministério pode ter mais de um programa selecionado entre os prioritários.

Sua estratégia de atuação será a de identificar em conjunto com os governos estaduais, bolsões de pobreza, nos quais em articulação com Estados e Municípios, e em parceria com a sociedade civil serão concentrados esforços para uma ação convergente dos órgãos federais.

Os Municípios selecionados em cada região deverão receber prioridade nas alocações de recursos de todos os programas que compõem o elenco do Comunidade Solidária e que forem identificados como prioritários pelas próprias comunidades locais, para o enfrentamento dos seus problemas. Esse trabalho de articulação e programação convergente das ações dos Governos será implementado de forma flexível e adaptada à realidade de cada comunidade.

A execução dos programas será descentralizada, e os Estados e Municípios participarão do Comunidade Solidária por adesão. O Governo Federal oferecerá um conjunto de ações sob sua responsabilidade, definirá diretrizes gerais, critérios de enquadramento das propostas, e alocará os recursos financeiros. Os governos estaduais e municipais, com a participação das comunidades, selecionarão suas prioridades, a estratégia local de operação e responderão pela execução dos programas. Os governos estaduais e municipais deverão, ainda, fornecer contrapartidas no financiamento das ações e garantir a parceria da sociedade civil no diagnóstico, na elaboração das propostas, no acompanhamento, na

fiscalização e no controle e, sempre que possível, na execução dos projetos.

O Conselho do Programa Comunidade Solidária, vinculada à Casa Civil da Presidência da República, será integrado por Ministros de Estados das áreas mais diretamente ligadas ao Programa e por personalidades da sociedade civil.

Esse Conselho, de caráter consultivo, absorve e amplia as atribuições do antigo Conselho Nacional de Segurança Alimentar – CONSEA, operando como um instrumento de mobilização da sociedade e divulgação nacional e internacional do Programa. Tem como atribuição comunicar-se com a sociedade civil, debater as questões relacionadas ao combate à fome e à pobreza, encaminhar propostas e fiscalizar as ações de Governo.

A Secretaria Executiva do Programa, também vinculada à Casa Civil da Presidência da República, tem como atribuições definir, em conjunto com os Ministérios as estratégias operacionais; articular uma ação integrada e convergente do Governo Federal e deste com os Estados e Municípios; acompanhar o desempenho dos diversos programas.

Para cada um dos programas ou componentes prioritários do Comunidade Solidária, serão definidos objetivos, metas, recursos necessários critérios para aprovação das propostas encaminhadas pelos Estados e/ou Municípios e as atribuições dos órgãos federais envolvidos.

No âmbito de cada ministério, em particular Planejamento, Fazenda, Trabalho, Agricultura, Saúde, Educação, Justiça, Previdência e Esportes, serão criados Grupos Executivos vinculados diretamente ao Ministro. Estes responderão pelos programas selecionados como prioritários em suas respectivas pastas. Isto significa que a implementação das ações será da responsabilidade dos diversos Ministérios e que os recursos destinados ao Programa serão alocados através dos orçamentos setoriais.

O Programa Comunidade Solidária é uma prioridade do conjunto do Governo. Todos os ministérios e órgãos da Administração Pública Federal estarão empenhados em contribuir para aquele que é objetivo maior do País: erradicar a fome, a miséria e a pobreza. A busca da eficiência, de eficácia e da equidade, a descentralização, a parceria e a participação são as grandes diretrizes para todo o Governo Federal.

#### **POLÍTICA DE MEIO AMBIENTE**

Para dar continuidade ao processo de desenvolvimento com base nos princípios da sustentabilidade, estabelecidos desde 1987 no relatório "Nosso Futuro Comum" (Relatório Brundtland), o Governo associou num mesmo plano institucional a política ambiental, a política nacional de recursos hídricos e a responsabilidade pela articulação de todas as ações federais na Amazônia Legal.

Nesse novo arranjo institucional, compete ao Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal coordenar as ações planejadas em favor do desenvolvimento sustentável, qual seja "aquele que atende às necessidades das atuais gerações sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem a suas próprias necessidades."

A concepção de que a água é parte integrante dos ecossistemas e é um recurso natural e um bem social e econômico de caráter essencial deverá presidir a política de recursos hídricos, que dará ênfase à conservação e o uso sustentável dos aquíferos e à sua distribuição entre os diferentes fins, como irrigação, abastecimento, saneamento, geração de energia e navegação.

Diante do exposto, será discutida e avaliada a política de recursos hídricos, para se estabelecer legislação que contemple nova forma de gerenciamento do uso da água no território brasileiro e de seu uso na produção agrícola, através de projetos de irrigação,

de microbacias hidrográficas e de aproveitamento de várzeas.

A política ambiental deverá orientar-se pelos seguintes mecanismos de planejamento integrado:

- Aprimorar a representatividade do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), como foro de articulação entre a sociedade e o Governo, na definição da política nacional do meio ambiente.

- Estabelece padrões regionais de desenvolvimento, levando em conta ecossistemas típicos e seu melhor aproveitamento econômico, propondo, quando necessário, zoneamento ecológico-econômico.

- Promover projetos de recuperação de áreas degradadas.

- Apoiar esforços, planos, programas e projetos estaduais, municipais, empresariais e comunitários de combate à poluição e tratamento de dejetos, efluentes e emissões tóxicas.

- Fomentar o desenvolvimento de tecnologias ambientais, pelo apoio à cooperação entre universidade, empresa, organizações não-governamentais e Governo.

- Favorecer projetos de cooperação internacional científica, técnica, tecnológica e financeira dirigidos ao esforço de proteção e preservação ambientais, bem como à prevenção da contaminação e ao combate à poluição, adequados à realidade nacional.

- Diligenciar para fazer efetivos os compromissos assumidos pela comunidade internacional, em especial aqueles que prometem recursos novos e adicionais para promoção do desenvolvimento sustentável e metas ambientais.

- Atuar no sentido de garantir o acesso brasileiro a tecnologias ambientais atuais, nas condições prometidas em convenções e compromissos internacionais.

Os diferentes programas e projetos do Ministério e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), terão suas metas avaliadas e compatibilizadas com as disponibilidades de recursos orçamentários.

Programas de meio ambiente financiados com recursos de organismos internacionais serão implementados, a exemplo do Programa de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica (PROBIO), cujo contrato com o Banco Mundial será firmado para começar a receber os recursos a serem doados pelo Global Environment Facility (GEF).

O Probio será implementado em todo o território nacional, através do Programa Nacional de Diversidade Biológica (PRONABIO), instituído em dezembro de 1994 com o objetivo de executar as diretrizes de uma política de conservação e uso sustentado da diversidade biológica.

O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil deverá executar o conjunto de projetos já aprovados, que contarão com recursos dos países do Grupo dos Sete e da Comissão das Comunidades Europeias, através do Banco Mundial.

A atuação do Governo na Amazônia Legal será orientada por diretrizes de preservação do meio ambiente; melhoria das condições de vida da população; conservação e uso adequado dos recursos naturais; promoção do desenvolvimento sócio-econômico; apoio às ações de segurança na região; e aperfeiçoamento da cooperação internacional.

Caberá ao Ministério promover a integração dos órgãos e entidades de meio ambiente atuantes na Região Amazônica, visando à preservação dos recursos ambientais e avaliação das atividades econômicas quanto aos efeitos e custos sobre o patrimônio natural. E, ainda, estimular a participação da sociedade civil e de suas entidades organizadas na defesa do meio ambiente da região.

Esforços devem ser empreendidos, também, para melhorar as condições de saúde, educação, saneamento, infra-estrutura e habitação da Região Amazônica. As comunidades que vivem do ex-

tratativismo e os povos indígenas serão protegidos de ações nocivas e ilegais, buscando-se soluções próprias ao atendimento de suas necessidades básicas.

O Ministério participará do planejamento da segurança da Amazônia, cujos objetivos são: manter o controle e a defesa do território nacional; impedir o narcotráfico e o contrabando; reprimir e desarticular a exploração ilegal dos recursos naturais; e proteger a população da ação de grupos ilegais e clandestinos.

A promoção do desenvolvimento sócio-econômico obedecerá os princípios de: zoneamento ecológico-econômico; fortalecimento das comunidades; sustentabilidade ambiental; recuperação de áreas degradadas; e implementação do turismo ecológico, visando à integração com os países do Tratado de Cooperação Amazônica.

## POLÍTICA EXTERNA

O Brasil conta hoje com um patrimônio respeitável de realizações na área diplomática.

Somos um ator global, com presença significativa, embora ainda não plenamente desenvolvida e aproveitada, em todas as regiões do mundo e nos foros decisórios de natureza econômica e política, tanto regionais como internacionais.

Somos também um "mercador global", com interesse nas relações comerciais e econômicas com praticamente todos os países e regiões.

Participamos de um processo de integração regional, o Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL), que se consolida como união aduaneira a partir de 1º de janeiro de 1995 e que traz um aporte significativo em peso político e dimensão econômica à própria inserção internacional do Brasil, reforçando nossa identidade e aumentando o interesse internacional do País.

Nossa personalidade jurídica e política internacional se ampliou, nossa dimensão latino-americana se fortaleceu, nossa parceria com os vizinhos ganhou contornos decisivos, ancorada em sólidas relações comerciais que já fazem do Mercosul nosso terceiro parceiro comercial, depois da União Européia e dos Estados Unidos, com cerca de 13 por cento do nosso comércio externo. Temos tido participação ativa e construtiva na diplomacia multilateral, especialmente nas Nações Unidas e no Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (GATT), agora transformado na Organização Mundial de Comércio.

A esse patrimônio soma-se, hoje, uma nova projeção regional e internacional do País, conseguida graças aos êxitos obtidos na área econômica, com o encaminhamento satisfatório e duradouro da questão da dívida externa, o combate à inflação e a estabilização da moeda mediante políticas eficazes nas áreas fiscal, cambial e monetária, a abertura da economia brasileira à competição internacional, a retomada do crescimento, a melhora dos padrões de consumo da população e o crescimento dos atrativos para os investimentos no País.

Essa nova projeção amplia a projeção natural que o País já tinha em função das suas características (dimensões continentais, grande população, recursos naturais abundantes, multiplicidade de vizinhos, parque industrial desenvolvido, trajetória de desenvolvimento, multiplicidade de parceiros econômicos e comerciais) e o aproxima mais dos modelos econômicos dos países em desenvolvimento que têm obtido as melhores vantagens em sua participação no comércio internacional e no acesso a tecnologias e a investimentos.

Ao mesmo tempo, o Brasil hoje situa-se claramente em lugar de realce no Continente, mostrando um vigor econômico e uma capacidade de recuperação e estabilização que o singularizam na região.

O Brasil tem ainda de lidar com muitos constrangimentos próprios de uma sociedade injusta, marcada pela violência, má distribuição social e regional de renda, analfabetismo, doença, baixa qualificação profissional de uma grande massa de trabalhadores. Esses constrangimentos marcam de forma profunda a nossa agenda interna e a nossa agenda internacional.

A diplomacia só será eficiente se tiver uma visão realista do País, de seus acertos e de seus problemas. Melhorar as condições de nossa inserção internacional é um instrumento básico no processo de transformação qualitativa da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que essa transformação qualitativa será uma alavanca fundamental para a melhoria do padrão dessa inserção externa do Brasil.

Com a economia mais aberta, consequência de um processo refletido de maior exposição à competição internacional em benefício dos consumidores brasileiros e da nossa própria competitividade, temos melhores condições de buscar e mesmo exigir acesso mais desimpedido ao mercado internacional e práticas leais e transparentes em matéria de comércio, transferência de tecnologia e investimentos.

Temos uma agenda interna mais definida, com a atenção posta no crescimento e na busca de maior equidade social e na qual as reformas assumem prioridade porque têm uma função a cumprir na consolidação da estabilidade e na retomada do crescimento com mais justiça social. Nossos compromissos em matéria de direitos humanos, proteção ambiental, combate à criminalidade e ao narcotráfico e proteção das minorias dão-nos um vigor novo para lidar com uma agenda renovada no plano externo, buscando parcerias, a cooperação e o diálogo construtivo necessários para avançar essa agenda internamente.

O Brasil é mais confiável e tem mais credibilidade internacional, porque soubemos, em tempo hábil e sem comprometer princípios ou sacrificar visões de longo prazo em favor de benefícios conjunturais duvidosos, fazer as alterações de política que melhor respondiam às mudanças em curso no mundo, no nosso Continente e no próprio País. E essas alterações prosseguirão, reforçando nosso capital político e nosso instrumental de atuação internacional.

#### O quadro internacional

No plano externo, temos uma conjunção de fatores favoráveis nunca vista:

- um interesse renovado pelo Brasil;
- a retomada do crescimento nos países desenvolvidos, ainda que a taxas modestas;
- uma América Latina que tem crescido com abertura comercial e estabilidade econômica, na qual nos acomodamos plenamente, com evidentes vantagens mútuas;
- o fim da confrontação ideológica e o encaminhamento da solução de velhos e persistentes focos de conflitos que afetavam regiões potencialmente ricas e promissoras para o intercâmbio internacional, como o Oriente Médio, Angola e a República da África do Sul;
- a preeminência, também no cenário internacional, de valores caros ao povo brasileiro, como a democracia, as liberdades individuais e o respeito aos direitos humanos, e a evidência de que, apesar de retrocessos localizados, o mundo está engajado em um processo de crescimento da civilização e de melhoria das relações entre os Estados;
- a conclusão bem-sucedida da Rodada Uruguai, que se corporifica na implantação da Organização Mundial de Comércio (OMC) e que consolida o multilateralismo no comércio internacional de bens e serviços, com a atualização e a universalização de regras fundamentais para que os países possam lidar de forma leal,

transparente e eficaz com o fenômeno da globalização da economia e com a crescente competitividade entre as economias e os agrupamentos regionais;

- a própria convivência harmoniosa entre o fortalecimento do multilateralismo sob a égide da OMC e a realidade dos processos de integração regional;

- a criação e a operação de novos foros e coalizões, em obediência a forças de agregação diferentes daquelas tradicionalmente geradas pelas clivagens Leste-Oeste e Norte-Sul, impondo escolhas para os Estados e políticas novas para retirar desses exercícios o melhor proveito.

Trata-se de um cenário basicamente positivo, ainda que muitas alterações se imponham para a democratização do processo decisório e sobretudo para que se distribuam melhor os frutos do progresso material, científico e tecnológico entre os povos do mundo.

No mundo atual, o poder cada vez mais se mede por outros fatores que não o poderio estratégico e militar. Países e povos que dominam a agenda econômica internacional e avançam em progresso material, bem-estar social e, sobretudo, nível e qualidade de emprego, mostram caminhos claros do desenvolvimento e para uma melhor inserção internacional: a competitividade, o acesso a mercados, o acesso desimpedido a tecnologias avançadas, a abertura aos investimentos, o nível educacional e técnico da mão-de-obra, o investimento em ciência e tecnologia, a capacidade de promover no exterior a marca de qualidade da sua produção, a habilidade de estar à frente na criação e comercialização de novos produtos e serviços. A essas qualidades soma-se a formação de novas parcerias operacionais, que transcendam o diálogo político para situar-se na esfera dos resultados práticos em termos de comércio, investimentos, geração de empregos, ampliação da escala das economias, transferência de conhecimentos e tecnologia.

Um processo decisório mais ágil e descentralizado caracteriza as relações internacionais de hoje, que se definem cada vez mais como um jogo feito em diversos tabuleiros, mais aberto à participação dos países, mesmo que em condições menos vantajosas de saída, desde que se conte - a exemplo do que nós estamos crescentemente fazendo - com as capacidades adequadas. A melhor inserção do Brasil nesse processo decisório - e portanto a escolha refletida das instâncias de que podemos e devemos participar - é um desafio que alcança hoje a dimensão de imperativo, especialmente porque as escolhas pressupõem a capacidade de não promover exclusões.

#### As prioridades da ação externa brasileira

O papel da diplomacia brasileira e particularmente do Itamaraty é o de coadjuvar os esforços do Brasil por uma nova inserção internacional, que responda de forma adequada e produtiva à inédita combinação de fatores positivos e de desafios nos planos interno e internacional.

Os objetivos fundamentais da política externa brasileira são:

- Ampliar a base externa para a consolidação da estabilidade econômica e a retomada do desenvolvimento em forma sustentável e socialmente equitativa, abrindo mais e melhores acessos aos mercados, ajudando a proteger a nossa economia de práticas desleais de comércio, atraindo investimentos e tecnologia, melhorando as condições de acesso ao conhecimento.
- Melhorar o padrão das relações do Brasil com seus parceiros, alargando o leque dessas parcerias operacionais e diversificando o relacionamento.
- Dar ênfase à cooperação internacional que nos permita melhorar nossa competitividade e produtividade e que nos auxilie a progredir no tratamento de temas, como direitos humanos, proteção ambiental, combate ao narcotráfico e ao crime organizado, que

figuram em lugar de destaque na nossa agenda interna e na agenda internacional.

– Buscar uma maior e mais adequada participação no processo decisório regional e mundial, tanto nos foros políticos como nos foros econômicos.

Com esses objetivos em mente, vários temas e área de atuação adquirem sentido de premência e de particular importância. Uma listagem não exaustiva, que não implica diminuição da importância relativa de outras áreas que compõem o conjunto de uma política externa que se quer universal e ativa, inclui:

– O processo de consolidação do Mercosul, sua eventual ampliação com a incorporação de novos parceiros e sua participação no processo de estabilização monetária e retomada do crescimento econômico do Brasil;

– as relações com nossos vizinhos latino-americanos e o processo de integração hemisférica, especialmente a partir do aprofundamento das relações com a América do Sul;

– as relações com o centro dos três pólos de poder econômico mundial, os Estados Unidos, a União Européia e o Japão;

– as relações com a região da Ásia-Pacífico, com especial atenção aos novos parceiros emergentes na região, integrantes da Associação dos Países do Sudeste Asiático (ASEAN);

– as relações com os três países continentais, a China, a Rússia e a Índia;

– as relações com nossos parceiros econômicos tradicionais na África, acrescidos agora da África do Sul pós-apartheid;

– a organização Mundial de Comércio e a operacionalização dos resultados da Rodada Uruguai;

– a proteção internacional dos direitos humanos e o diálogo construtivo com Organismos Internacionais e Organizações Não-Governamentais sobre o assunto;

– a proteção ambiental, a cooperação para o desenvolvimento sustentável e muito particularmente o cumprimento dos compromissos assumidos, no mais alto nível, por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento;

– a reforma das Nações Unidas;

– os foros políticos e econômicos de consulta e concertação de que o Brasil faz parte ou tem interesse em integrar, como o Grupo do Rio, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Grupo dos 15, a Conferência Ibero-Americana e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;

– o desenvolvimento das relações fronteiriças com nossos vizinhos;

– a proteção e a assistência aos brasileiros no exterior; e

– a adequação da estrutura da diplomacia brasileira, na Secretaria de Estado e no exterior, na busca de mais eficiência e maior presença para fazer face aos desafios representados pela necessidade de avançar em todas essas e em outras áreas de interesse do País.

Nesse panorama de renovação do Brasil e de consolidação de novas credenciais para que o País possa operar no plano externo, terá importância fundamental a participação ativa do Presidente na diplomacia de Chefes de Estado e Governo, que é a marca das relações internacionais contemporâneas e uma característica particularmente importante da diplomacia hemisférica.

Por essa razão, estão programadas diversas viagens do Presidente da República ao exterior, seja para participar de compromissos multilaterais periódicos, como as reuniões presidenciais do Grupo do Rio, Mercosul, Conferência Ibero-Americana, Grupo dos 15 e Nações Unidas, seja como parte de processos de fortalecimento das relações bilaterais do Brasil com países e regiões prioritários.

No grupo das viagens de caráter bilateral, definidas com critério de prioridade e equilíbrio regional, estão previstas em 1995 visitas ao Uruguai, Chile, Estados Unidos, Argentina, Colômbia, África do Sul, Alemanha e Japão. O pressuposto de tais visitas é um criterioso processo de preparação, de forma que o encontro de alto nível culmine processos de aperfeiçoamento real das relações bilaterais e o lançamento de iniciativas concretas nas áreas de comércio, investimentos, cooperação técnica e científica; acesso à tecnologia e diálogo e consulta política.

No planejamento e na execução da política externa, é diretriz governamental dar ênfase aos vetores da democracia e do federalismo, o que se traduz no exercício regular do diálogo da Chancelaria com a sociedade civil, através dos sindicatos e associações de classe, dos partidos políticos e do Congresso Nacional, dos formadores de opinião, do empresariado, dos meios acadêmicos, das organizações não-governamentais, dos governos dos Estados e dos Municípios.

## REFORMA ADMINISTRATIVA

A reforma da Administração Pública Federal resultará de uma política bem definida, lúcida e clara que, de forma realista, escalone metas para o curto e médio prazos, não se curvando a corporativismos, mas que também não atropele direitos.

O Estado brasileiro não cumpre suas funções básicas, de forma responsável e eficiente, devido à degradação a que o corporativismo e o clientelismo submeteram tanto o seu aparelho institucional quanto seus funcionários.

A reforma administrativa está, portanto, intrinsecamente ligada à reforma do Estado e se constitui em direito do cidadão e condição de governabilidade.

Processo de crescente esvaziamento da administração direta e descontrole da administração indireta verificou-se a partir da segunda metade dos anos 60 e durante a década de 70, de tal forma que hoje existem, na esfera federal, mais de 100 autarquias, 40 fundações e 20 empresas públicas, sem contar as empresas estatais. Desestímulo vários à carreira e ao mérito e um processo de crescente achatamento salarial, tiveram como resultado um êxodo dos melhores quadros da administração direta em direção à administração indireta, ou à iniciativa privada. Por outro lado, a tendência das instituições da chamada administração indireta tem sido a de fugir do controle, o que vem dificultando uma ação mais concertada e eficaz do Governo.

De outra parte, as desastrosas reformas administrativas desorganizaram as mais altas estruturas da Administração Pública Federal, agravando a situação e produzindo, como resultado, a desmoralização a que foram expostos órgãos que constituíam centros de excelência na área pública federal. São nada menos que 45 as mudanças verificadas, nos últimos dez anos, nos organogramas e nas estruturas de ministérios e secretarias, com a fusão, criação, recriação ou extinção de órgãos, numa sistemática extremamente nociva. Os reflexos estão sendo sentidos com o desmantelamento do sistema de produção de informações para a tomada de decisões governamentais, a desestruturação dos centros decisórios e a perda, em muitos casos, da "memória administrativa".

A desprofissionalização do pessoal, a desorganização e a má distribuição interna, são os fatores impeditivos da qualidade e produtividade do serviço público. Não há um número excessivo de funcionários. Houve até uma diminuição do número total de servidores federais, de cerca de 1,5 milhão em 1988 para 1,3 milhão em 1992, número que, em relação ao número de habitantes ou à força de trabalho, é muito inferior ao encontrado na França ou na Itália, por exemplo.

Metade do funcionalismo está concentrada nas atividades-

meio e existem mais de 2.000 cargos públicos com denominações imprecisas, remunerações díspares e atribuições mal definidas. Por outro lado, o gasto com pessoal representava, em 1992, cerca de 4 por cento do PIB, índice considerado relativamente elevado, sendo ainda onerado pelas despesas com grande número de inativos e pensionistas, aproximadamente 550.000 em 1992.

O Estado precisa dispor de uma burocracia profissionalizada e corrigir todas essas distorções para se tornar ágil e eficiente e o servidor público tem que ter restauradas a sua dignidade, responsabilidade e capacidade de criação, de forma a que possa de fato cumprir a sua função de contribuir para o bem-estar da população.

A principal missão do recém-criado Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado é aprofundar e consolidar a Reforma do Estado, especialmente no que se refere ao aparelho estatal e sua burocracia.

Esta missão deverá ser norteada pelas seguintes diretrizes:

- Unificação dos mercados de trabalho. Enquanto o mercado de trabalho privado se caracteriza por um amplo leque salarial e a inexistência da estabilidade no emprego, fatores estes que estimulam o trabalho e a produtividade, o setor público se caracteriza por reduzido leque de salários e excessiva estabilidade dos funcionários, fatores decisivos para a baixa produtividade do setor. O objetivo desta diretriz é a valorização do funcionalismo, através do aumento de sua produtividade, premiações dos mais competentes, e, em seqüência, aumento do nível de sua remuneração.

- Criação e consolidação de uma carreira de administradores públicos de alto nível, com formação em nível de pós-graduação e devidamente remunerados para ocuparem os principais cargos de direção administrativa do Estado.

- Revisão do funcionamento do aparelho estatal e seus mecanismos de controle. A exemplo da prática das grandes empresas, o princípio da hierarquia formal rígida deve ser abandonado e substituído pelos princípios da descentralização, da atribuição de responsabilidade a gestores competentes e do controle por resultados. A moderna teoria de administração, tanto pública como privada, busca limitar a organização burocrática central a um pequeno núcleo de gestores, que se coordenam com base no princípio da cooperação, ao invés do princípio da hierarquia e do regulamento. Fora desse núcleo burocrático estão os trabalhadores, organizados em células de produção, e o setor terceirizado, cujas atividades são avaliadas e controladas pelos resultados alcançados e pela competitividade do mercado.

- Redução do núcleo do próprio aparelho do Estado. Para a consecução esta diretriz pode-se dispor de dois instrumentos: a privatização, que consiste na transferência para o setor privado das atividades produtivas voltadas para o mercado; e o desenvolvimento de organizações públicas não-estatais, voltadas para o interesse público, que não visam a lucro e nem agem exclusivamente segundo os critérios do mercado. Estas organizações são especialmente necessárias nas áreas de educação, de saúde, da cultura, das obras sociais e da proteção ao meio ambiente.

Uma das dimensões fundamentais da reforma do Estado brasileiro diz respeito à articulação da União com os governos estaduais e municipais. Para assegurar a cada uma das unidades federativas autonomia compatível com as suas responsabilidades, é preciso eliminar do texto constitucional ambigüidades acerca de atribuições administrativas. O Governo irá propor, nesse sentido, como contribuição ao debate no Congresso Nacional:

- uma melhor distribuição de competências da União, Estados e Municípios, para acabar com as dificuldades geradas pelas competências concorrentes, que desarticulam ação do Estado e permitem a superposição de funções administrativas;

- o princípio da subsidiariedade: sempre que uma função pú-

blica puder ser exercida pelo poder hierarquicamente inferior, não deve ser absorvida pelo poder que está acima. Ou seja, a distribuição de competência entre Estados e Municípios deve considerar suas possibilidades de assumir responsabilidades técnicas e financeiras.

## AGENDA CONSTITUCIONAL

A Constituição de 1988 foi elaborada em circunstâncias que estimularam os constituintes a incorporar ao texto constitucional tudo o que pudesse ser incorporado. De um lado, pela razão prática de que tornava-se mais fácil, do ponto de vista do processo legislativo, aprovar uma proposta de dispositivo constitucional do que um projeto de lei ordinária. De outro lado, porque a memória recente do período de autoritarismo alimentava uma enorme preocupação em restringir os poderes do Executivo e estabelecer de modo permanente a garantia de direitos e o atendimento de demandas sociais.

E função disso, a Constituição acabou impondo restrições exageradas, não só ao exercício eficaz das ações de Governo, mas à própria soberania popular, tal como se manifesta através dos mandatários eleitos, tanto na esfera do Executivo como do Legislativo.

A verdade é que a Constituição de 1988 inclui dispositivos que dizem respeito mais propriamente a políticas de governo do que às regras permanentes de funcionamento do Estado e aos direitos dos cidadãos. Na medida em que o eleitorado pode conduzir ao Executivo e ao Legislativo representantes com orientações programáticas distintas das contidas na Constituição, está aberto o terreno para conflitos constantes sobre a constitucionalidade ou inconstitucionalidade de medidas infraconstitucionais dos dois poderes. Conflitos cuja solução acaba sendo submetida ao Poder Judiciário, transformado assim, de maneira não prevista pelos constituintes nem desejada pelos próprios membros deste Poder, em responsável último por decisões típicas de governo.

O detalhismo da Constituição judicializa a política e despolitiza as decisões. Em vez da independência e harmonia que fundam a governabilidade democrática, instaura-se assim o impasse entre os Poderes constituídos. Impasse de conseqüências particularmente nefastas em matéria fiscal e financeira, na medida em que as oscilações naturais da fazenda pública e da economia nacional chocam-se com a rigidez da ordem constitucional.

A constitucionalização de vastas áreas da vida social e econômica acarreta o esvaziamento da atividade parlamentar, relegando o Poder Legislativo à mera reprodução de normas já incluídas na Lei Maior.

Reverter esse quadro preocupante importa em devolver à classe política a capacidade de, por suas maiorias e pelo voto democrático do Legislativo, nas relações com o Executivo, administrar o País, ou seja, ditar com a necessária flexibilidade os objetivos imediatos e os instrumentos ordinários da ação do Governo.

Daí por que as propostas de emenda constitucional do Governo têm como pano de fundo a desconstitucionalização, ou seja, a retirada do texto constitucional de normas que lá não deveriam estar por serem mais propriamente matéria de política de governo, passíveis de tratamento por legislação infraconstitucional.

A supressão pura e simples desses dispositivos criaria, porém, graves incertezas jurídicas e políticas. Para evitá-las, o Governo propõe que se adote, quando for o caso, emendas com o triplo efeito de:

- a) alterar, no que couber, os dispositivos sobre um dado assunto que devam permanecer no corpo da Constituição;

- b) eliminar da Constituição os dispositivos sobre o mesmo

assunto que devam ser tratados em legislação infraconstitucional;

e) manter em vigor como norma transitória, com as modificações cabíveis, os dispositivos eliminados do corpo da Constituição, até a edição da legislação infraconstitucional correspondente.

Com isso evitar-se-á o vácuo legal que poderia ser criado pela supressão de dispositivos constitucionais sem a simultânea aprovação das normas infraconstitucionais.

Vem a propósito, aqui, a seguinte afirmativa de Ralph Dahrendorf numa reflexão sobre os destinos da Europa Central após o colapso do comunismo: "Em questões de política constitucional não há dois caminhos, ou melhor, só há dois caminhos: a sociedade fechada ou a sociedade aberta, ao passo que, na política normal, uma centena de opções pode ser oferecida e três ou quatro geralmente o são".

Não deixemos escapar a oportunidade de consagrar no Brasil a sociedade aberta — a Constituição da liberdade —, devolvendo ao âmbito da política normal e da atividade legislativa ordinária a centena de opções que o dia-a-dia da vida social normalmente exige.

Tal é o espírito das proposta de emenda constitucional que o Governo encaminhará ao Congresso Nacional a partir de amanhã.

Os temas de algumas dessas propostas e a respectiva fundamentação são antecipados a seguir. Outros temas, ou novas propostas sobre os mesmos temas, serão suscitados pelo Governo nos próximos meses, sempre no intuito de oferecer, não um "pacote" fechado, mas contribuições para a decisão soberana do Poder Legislativo.

#### **Ordem Econômica**

A fim de consolidar a estabilidade econômica e assentar as bases materiais da justiça social, é imprescindível eliminar da Constituição dispositivos que restringem de maneira descabida a participação do capital privado nacional e o estrangeiro nos investimentos essenciais ao desenvolvimento do País.

É o caso do modelo monopolístico do setor de telecomunicações. Mais de 50 por cento das localidades brasileiras, 80 por cento das residências e 98 por cento das propriedades rurais não têm telefone. A carência é estimada em 10 milhões de linhas, uma demanda que pode acentuar-se com a retomada do crescimento econômico. Propondo a eliminação da exigência de controle estatal, para que também as empresas privadas possam explorar os serviços telefônicos, telegráficos, de transmissão de dados e demais serviços públicos de telecomunicações, o Governo não quer mais do que possibilitar investimentos no volume necessário na expansão e modernização da infra-estrutura nacional de telecomunicações. Ao mesmo tempo, mantido o regime de concessão, assegura-se ao Poder Público o instrumento básico para a adequada fiscalização do setor.

Propõe-se também emenda com o objetivo de flexibilizar o monopólio do petróleo, permitindo à União exercê-lo através de contratos com empresas privadas para a exploração das atividades de pesquisa e lavra, refino, importação e exportação e transporte. Essa mudança possibilitará reduzir os custos de exploração e produção de petróleo, derivados e gás natural.

Outra proposta de emenda visa a eliminar o monopólio para empresa estatal estadual na exploração dos serviços locais e a exclusividade de distribuição de gás canalizado. Pretende-se, assim, tornar o setor mais competitivo por meio da injeção de investimentos privado, mantendo-se a responsabilidade do Poder Público sobre a atividade, mediante o regime de concessão.

A Constituição de 1988 estabeleceu discriminação entre empresa brasileira e empresa brasileira de capital nacional, chegando a prever tratamento preferencial para esta última. Essa dis-

criminação perdeu sentido no contexto da abertura da economia, com a eliminação das reservas de mercado, maior interrelação entre as economias e necessidade de atrair capitais estrangeiros para complementar a poupança interna. Propõe-se, em vista disto, sua eliminação do texto constitucional.

Na mesma linha, encaminha-se proposta que permite a pesquisa e a lavra de recursos minerais e aproveitamento dos potenciais de energia hidráulica por brasileiro ou empresa brasileira, mediante autorização ou concessão, sem qualquer prejuízo do controle da União.

Também será proposta emenda remetendo para a legislação ordinária as eventuais restrições ao capital estrangeiro na navegação de cabotagem. Não faz sentido manter a "reserva de mercado" para embarcações nacionais na navegação de cabotagem e interior — exigência que implica em menor flexibilidade na contratação do serviço de transporte de carga, acarretando aumento de custos e de preços finais dos produtos, notadamente daqueles em que o custo de transporte é significativo.

No setor de assistência à saúde, propõe-se emenda com o objetivo de eliminar a discriminação não justificada em favor do capital nacional, assegurando a concorrência essencial para a melhoria da qualidade e a redução do custo dos serviços.

#### **Reforma Tributária**

As relações entre os contribuintes e o fisco precisam ser fortalecidas, como condição básica para reestruturar os vínculos financeiros do Estado com a sociedade.

As alterações legais do sistema tributário, quando frequentes, dificultam o adequado cumprimento das obrigações fiscais pelo contribuinte, além de onerar a máquina administrativa. Um bom planejamento governamental deve compatibilizar necessidades de recursos e fontes de financiamento, evitando a criação ou elevação de impostos para a cobertura de déficits conjunturais. O sistema fiscal assentado em normas permanentes e de domínio público confere maior transparência e previsibilidade às contas governamentais.

A profusão de normas fiscais e as constantes alterações tributárias tiveram origem, muitas vezes, na combinação do processo inflacionário com a crise fiscal — o Governo tentando cobrir seus déficits e, ao mesmo tempo, preservando receitas fiscais ameaçadas de corrosão pela aceleração inflacionária. Com a estabilidade econômica, haverá as melhores condições para promover os ajustes fiscais necessários e garantir regras estáveis para o sistema tributário.

Os tributos precisam ser repensados, alguns até mesmo eliminados, mas é essencial simplificar nosso sistema tributário, racionalizando-o e modernizando-o para a nova etapa de desenvolvimento econômico. Isto não quer dizer que o Governo pode renunciar a parte das receitas fiscais que financiam os serviços prestados à sociedade, sem avaliar as necessidades de gastos. Pelo contrário, é necessário balizar as receitas para que o Estado exija da sociedade a menor quota de sacrifício possível, sem deixar de atender as prioridades sociais.

A simplificação tributária não quer dizer simples redução do número de tributos. Um único imposto pode ser mais oneroso, e injusto que um conjunto racional de impostos. Simplificar e criar princípios para a capacidade contributiva, equidade fiscal, eficiência e neutralidade econômica, em ambiente de uma administração tributária eficaz e modernizada.

Estudo concluiu que a carga tributária no Brasil, em torno de 25 por cento do PIB, não é alta, mas é extremamente mal distribuída.

O sistema tributário, portanto, deve operar como instrumento que atenua efeitos da concentração da renda e da riqueza no

País, e como redutor de tais disparidades. A concentração dos impostos em uma base de incidência restrita, tanto no que se refere àqueles cobrados diretamente das pessoas físicas como aqueles cobrados das empresas, merecerá cuidadosa revisão.

O peso da tributação indireta também é alto no Brasil, atingindo indistintamente os consumidores em qualquer nível de renda, e o estrato mais pobre da população. O efeito final dessa tributação é regressivo e concentrador.

A busca de maiores receitas fiscais por meio da elevação de alíquotas de impostos e contribuições, agravou ainda mais essas distorções, porque ampliou a carga tributária daqueles que já pagavam impostos ao invés de estender a cobrança de impostos àqueles que escapam à tributação.

O sistema tributário brasileiro ainda contém dispositivos que afetam o desenvolvimento e a expansão de certas atividades produtivas. O excessivo custo tributário em setores e atividades econômicas, decorre, muitas vezes, da cumulatividade da incidência de impostos, que eleva a carga tributária a níveis gravosos. As distorções impositivas atingem e prejudicam, as decisões de investir, inibindo o crescimento da produção e a oferta de empregos. Parte dos impostos e contribuições tem natureza cumulativa, e incide em cascata nas diversas fases do processo produtivo, a exemplo do IOF, IPMF, Cofins e do PIS, tributos que, em conjunto, representam expressiva parcela da carga tributária total. Os impostos que recaem sobre a produção e o consumo, ainda que incidindo sobre o valor adicionado, apresentam algum grau de cumulatividade.

A sobretaxação do investimento é também, fator de distorção da carga tributária. Além de encarecer o preço dos produtos, inibe a criação de empregos e o próprio desenvolvimento econômico e social do País. Torna-se necessário, portanto, assegurar o aproveitamento integral dos créditos do IPI e do ICMS, respectivamente, relativos aos bens de uso, consumo ou ativo permanente aplicados na produção.

O elevado custo tributário que incide sobre os produtos agrícolas tem sido apontado como fator de desestímulo à expansão do setor, anulando, muitas vezes, a margem do produtor, particularmente do pequeno produtor.

Uma das distorções mais tradicionais do sistema tributário brasileiro, hoje na contramão da teoria e práticas internacionais, é a incidência generalizada de impostos sobre as exportações. Será corrigida para melhorar a competitividade externa do País. As exportações estarão sujeitas apenas ao imposto de exportação, vedada a cobrança dos demais tributos, inclusive daqueles incidentes sobre vendas, a exemplo da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS), da Contribuição para o Programa de Integração Social (PIS), do Imposto sobre operações relativas à Circulação de Mercadorias (ICMS) ou Imposto sobre Serviços (ISS). Com isto, a política de comércio exterior poderá ser exercida, de forma racional e integrada de acordo com os interesses nacionais.

No caso do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), a imunidade constitucional já é prevista, embora não seja disciplinado, com clareza, o direito ao aproveitamento ou restituição de créditos do mesmo imposto, já pago nas operações precedentes.

No tocante ao ICMS, que hoje ainda incide sobre as exportações de produtos primários ou semi-elaborados, será proposta completa desoneração alteração fundamental para o desenvolvimento das atividades produtivas internas e incremento das exportações brasileiras.

A diversidade de regras para os tributos é a causa principal das dificuldades por que passam as micro e pequenas empresas do País. A complexidade do sistema tributário impõe custos adicionais para elas, que operam em pequena escala e não dispõem de

assessoramento tributário-contábil. As obrigações acessórias e burocráticas são tantas que, por vezes, chegam a superar as despesas com o pagamento dos impostos propriamente ditos.

A regressividade do sistema fiscal brasileiro é agravada pela forte incidência de impostos sobre os produtos da cesta básica. Isso porque a população de mais baixa renda gasta a quase totalidade do que ganha na compra de produtos que compõem a cesta básica. O peso relativo desta tributação para os mais ricos que consomem outros produtos e poupam parte de suas rendas, é proporcionalmente menor do que para os pobres.

A reforma tributária que será proposta, prevê compensações para as perdas de receita dos Estados em decorrência das isenções tributárias às exportações e aos produtos e insumos agrícolas.

A tributação dos bens de consumo, na forma de impostos indiretos, não diferencia ricos e pobres e, por isso, é menos justa que a tributação direta. Para cada produto o imposto é o mesmo, independentemente de quem o consome. Uma forma de amenizar esse efeito indesejável é diferenciar as alíquotas do imposto de acordo com a essencialidade do produto. Taxando mais fortemente os produtos de consumo de luxo ou supérfluo, e graduando seletivamente as alíquotas para atenuar os indesejáveis efeitos concentradores dessa tributação.

O Governo vai enfrentar a questão da reforma tributária levando em conta a necessidade de resgatar a capacidade de realização de investimentos públicos na área social, e adotando os princípios de simplicidade, eficácia, equidade e justiça social.

#### **Reforma da Previdência Social**

As distorções do sistema previdenciário brasileiro, já abordados no diagnóstico da situação social do País, representam uma ameaça imediata ao equilíbrio das contas públicas e um risco para a continuidade, a médio e longo prazo, da prestação dos benefícios hoje oferecidos. É dever do Governo e do Congresso Nacional enfrentar o problema agora, quando ainda é possível resolvê-lo assegurando os direitos adquiridos e as expectativas de direito. Abster-se diante das dificuldades do tema significaria compactuar com a implosão do sistema num futuro não muito distante.

As propostas de emenda constitucional que serão oferecidas pelo Governo buscam garantir o equilíbrio financeiro da previdência pública, tanto pelo lado da receita como da despesa, incluindo as seguintes providências:

- ampliar a base de incidência das contribuições sociais, incluindo receitas financeiras, patrimoniais e de outra natureza;
- garantir a participação dos Estados e Municípios no financiamento da seguridade social, mediante exigência de contrapartida para a transferência de recursos da União;
- remeter para lei complementar a definição das prestações, prazos de carência e limite máximo de valor para os benefícios do regime geral de previdência social;
- desconstitucionalizar as normas referentes aos critérios de aposentadoria e reajustamento dos benefícios dos servidores públicos;
- equalizar, dentro de princípios de viabilidade atuarial, os critérios de contribuição e pagamento de benefícios do regime de previdência dos servidores públicos com os do regime geral;
- desestimular a aposentadoria precoce de servidores públicos, vedando o acúmulo de rendimentos provenientes de aposentadoria com outros rendimentos pagos pelo setor público;
- vedar a instituição, em todas as esferas do Governo, de regimes de previdência pelo exercício de mandato eletivo, que, por serem inviáveis do ponto de vista atuarial, constituem privilégios custeados quase exclusivamente pelo Tesouro Público;
- aplicar aos magistrados, incluindo ministros dos tribunais superiores, os mesmos critérios de aposentadoria dos servidores

públicos em geral;

– dar tratamento isonômico aos servidores públicos civis e militares, exceto no que se refere ao limite de idade para aposenta-

doria e regras de cálculo do valor do benefício, que devem observar às especificidades da vida militar.

### PARTE III

#### APÊNDICE ESTATÍSTICO

#### 1. BRASIL: Contas Nacionais 1986-1993

Em CR\$ 1000

| Discriminação                             | 1986  | 1987  | 1988   | 1989    | 1990       | 1991        | 1992          | 1993           |
|-------------------------------------------|-------|-------|--------|---------|------------|-------------|---------------|----------------|
| PIB a preços de mercado (R\$ 1000)        | 1     | 4     | 29     | 426     | 10 899     | 57 105      | 618 612       | 14 048 588     |
| Consumo                                   | 2 710 | 8 154 | 56 635 | 815 396 | 22 578 804 | 123 031 716 | 1 308 016 000 | 29 897 619 505 |
| Investimento Interno Bruto                | 702   | 2 573 | 19 650 | 314 398 | 862 713    | 30 810 000  | 333 471 000   | 7 872 184 000  |
| Exportação de Bens e Serviços não-fatores | 323   | 1 091 | 9 425  | 104 511 | 2 345 010  | 14 043 820  | 177 760 498   | 3 789 460 000  |
| Importação de Bens e Serviços não-fatores | 233   | 714   | 4 928  | 63 919  | 1 813 698  | 10 847 356  | 118 064 771   | 2 925 647 000  |
| Poupança Interna Bruta                    | 630   |       |        |         |            |             |               |                |
| Poupança Externa Bruta                    | 74    | 56    | -1 131 | -2 341  | 269 755    | 628 152     | -27 218 928   | 38 633 616     |

Fonte: Fundação IBGE

### ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDO MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

#### COMPOSIÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

#### 2. BRASIL: Meios de Pagamento, Base Monetária e Multiplicadores Principais Haveres Financeiros 1988-1994

(CR\$ bilhões)

| Discriminação                                          | 1988 | 1989 | 1990 | 1991 | 1992    | 1993     | 1994 (5) |
|--------------------------------------------------------|------|------|------|------|---------|----------|----------|
| Meios de Pagamento - M1                                | 0,0  | 0,1  | 2,5  | 10,8 | 104,6   | 2 331,4  | 23 081   |
| Papel-moeda em poder do público                        | 0,0  | 0,0  | 1,0  | 3,6  | 36,9    | 934,8    | 8 622    |
| Depósitos à vista                                      | 0,0  | 0,1  | 1,5  | 7,2  | 67,7    | 1 396,6  | 14 459   |
| Base Monetária                                         | 0,0  | 0,1  | 1,6  | 6,3  | 69,2    | 1 421,0  | 17 685   |
| Multiplicador                                          | 1,91 | 1,53 | 1,55 | 1,70 | 1,51    | 1,64     | 1,31     |
| Meios de Pagamento - M2                                | 0,0  | 0,8  | 5,4  | 37,5 | 652,8   | 18 725,0 | 72 172   |
| Meios de Pagamento - M3                                | 0,1  | 1,2  | 7,7  | 53,9 | 905,9   | 27 206,7 | 117 117  |
| Meios de Pagamento - M4                                | 0,1  | 1,3  | 10,4 | 71,8 | 1 354,2 | 40 756,0 | 174 771  |
| Meios de Pagamento - M5                                | 0,1  | 1,3  | 15,2 | 84,6 | 1 354,2 | 40 756,0 | 174 771  |
| Principais Haveres Financeiros                         | 0,1  | 1,2  | 12,7 | 73,8 | 1 249,7 | 38 424,6 | 151 690  |
| FAF e Fundos de Renda Fixa - Curto Prazo (1)           | -    | -    | -    | 10,3 | 133,7   | 2 561,7  | 9 446    |
| Depósitos Especiais Remunerados - DER                  | -    | -    | -    | 4,1  | 84,3    | 1 011,1  | 3 345    |
| Títulos Federais em Poder do Público (2)               | 0,0  | 0,6  | 2,0  | 8,2  | 248,4   | 7 980,8  | 29 529   |
| Títulos Estaduais e Municipais em Poder do Público (2) | 0,0  | 0,1  | 0,9  | 4,2  | 81,8    | 4 840,0  | 6 772    |
| Depósitos de Poupança                                  | 0,0  | 0,3  | 2,4  | 16,4 | 253,1   | 8 481,7  | 44 945   |
| Títulos Privados (3)                                   | 0,0  | 0,2  | 2,7  | 17,9 | 448,4   | 13 549,3 | 57 654   |
| Valores à Ordem Banco Central - VOB (4)                | -    | -    | 4,8  | 12,7 |         |          |          |

Fonte: Banco Central do Brasil / DEPEC

(1) Exclui depósitos à vista dos FAF e dos FRF-CP

(2) Exclui títulos em carteira do Banco Central, dos FAF, dos FRF-CP e de outras instituições financeiras

(3) Inclui depósitos a prazo, letras de câmbio e letras hipotecárias, exceto aqueles em poder dos FAF e dos FRF-CP

(4) Saldo dos cruzados novos bloqueados por ocasião do Plano Brasil Novo (março de 1990)

(5) Valores em R\$ milhões e ainda preliminares

## 3. BRASIL: Exportações 1986-1994

Volume em 1 000 toneladas  
Valor em US\$ milhões

| Discriminação                  | 1986   |         | 1987   |         | 1988   |         | 1989   |         | 1990   |         | 1991   |         | 1992 1/ |         | 1993 1/ |         | 1994 2/ |         |
|--------------------------------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
|                                | Valor  | Volume  | Valor  | Volume  | Valor  | Volume  | Valor  | Volume  | Valor  | Volume  | Valor  | Volume  | Valor   | Volume  | Valor   | Volume  | Valor   | Volume  |
| Total                          | 22 348 | 133 833 | 26 224 | 142 378 | 33 789 | 169 666 | 34 383 | 177 032 | 31 414 | 168 095 | 31 620 | 165 974 | 35 793  | 167 321 | 38 597  | 182 648 | 39 863  | 177 796 |
| Produtos Primários             | 7 280  | 107 972 | 8 022  | 115 401 | 9 411  | 135 477 | 9 549  | 144 116 | 8 747  | 138 303 | 8 737  | 135 474 | 8 834   | 131 802 | 9 366   | 142 861 | 10 194  | 136 992 |
| Açúcar Demerara                | 141    | 904     | 134    | 908     | 166    | 892     | 114    | 433     | 289    | 825     | 209    | 803     | 168     | 682     | 196     | 711     | 163     | 586     |
| Café em Grão                   | 2 066  | 478     | 1 959  | 988     | 2 009  | 904     | 1 560  | 948     | 1 106  | 853     | 1 382  | 1 095   | 970     | 1 018   | 1 065   | 964     | 1 977   | 795     |
| Cacau em Amêndoas              | 273    | 135     | 266    | 143     | 215    | 134     | 134    | 107     | 128    | 118     | 88     | 84      | 84      | 84      | 98      | 96      | 93      | 75      |
| Minério de Ferro               | 1 615  | 91 135  | 1 615  | 95 332  | 1 891  | 112 815 | 2 233  | 118 475 | 2 407  | 113 497 | 2 600  | 113 623 | 2 381   | 108 472 | 2 257   | 114 375 | 2 085   | 110 682 |
| Minério de Manganês            | 31     | 780     | 28     | 716     | 45     | 1 048   | 63     | 1 035   | 83     | 924     | 86     | 854     | 38      | 479     | 50      | 751     | 53      | 835     |
| Fumo em folhas                 | 394    | 149     | 405    | 147     | 511    | 171     | 512    | 164     | 566    | 188     | 681    | 190     | 803     | 244     | 697     | 243     | 644     | 255     |
| Farelo de Soja                 | 1 253  | 6 952   | 1 450  | 7 802   | 2 023  | 8 127   | 2 136  | 9 871   | 1 610  | 8 744   | 1 369  | 7 489   | 1 596   | 8 545   | 1 815   | 9 447   | 1 848   | 9 886   |
| Outros Minérios Metalúrgicos   | 83     | 3 066   | 75     | 2 821   | 133    | 4 712   | 145    | 4 691   | 163    | 5 519   | 194    | 5 931   | 114     | 4 563   | 160     | 6 573   | 142     | 4 411   |
| Soja                           | 242    | 1 198   | 570    | 3 024   | 728    | 2 597   | 1 154  | 4 618   | 910    | 4 077   | 448    | 2 020   | 809     | 3 736   | 946     | 4 180   | 1 316   | 5 366   |
| Outros                         | 1 182  | 3 195   | 1 520  | 3 520   | 1 660  | 4 077   | 1 468  | 3 774   | 1 485  | 3 558   | 1 680  | 3 385   | 1 871   | 3 779   | 2 082   | 5 521   | 1 893   | 4 101   |
| Produtos Industrializados      | 14 895 | 24 687  | 18 014 | 25 890  | 24 079 | 32 501  | 24 441 | 31 659  | 22 119 | 28 573  | 22 448 | 29 182  | 26 500  | 34 367  | 28 918  | 38 689  | 29 059  | 38 615  |
| Semimanufaturados              | 2 491  | 7 476   | 3 175  | 8 462   | 4 892  | 10 408  | 5 807  | 13 383  | 5 108  | 11 372  | 4 691  | 10 980  | 5 168   | 12 480  | 5 445   | 14 375  | 6 216   | 14 777  |
| Alumínio em Bruto              | 350    | 297     | 587    | 397     | 1 072  | 469     | 841    | 419     | 875    | 545     | 985    | 721     | 970     | 785     | 900     | 772     | 860     | 674     |
| Pasta Química de Madeira       | 319    | 862     | 394    | 800     | 618    | 1 044   | 677    | 986     | 592    | 1 024   | 578    | 1 357   | 734     | 1 654   | 711     | 2 387   | 740     | 1 870   |
| Semimanufat. em ferro e aço    | 414    | 2 442   | 460    | 2 653   | 878    | 4 066   | 1 356  | 5 336   | 753    | 3 406   | 952    | 4 323   | 919     | 4 809   | 1 122   | 5 265   | 965     | 4 305   |
| Outros                         | 1 408  | 3 875   | 1 734  | 4 612   | 2 324  | 4 829   | 2 933  | 6 642   | 2 888  | 6 397   | 2 176  | 4 579   | 2 543   | 5 432   | 2 712   | 5 951   | 3 651   | 7 928   |
| Manufaturados                  | 12 404 | 17 211  | 14 839 | 17 428  | 19 187 | 22 093  | 18 634 | 18 276  | 17 011 | 17 201  | 17 757 | 18 202  | 21 334  | 21 887  | 23 473  | 24 314  | 22 843  | 23 838  |
| Açúcar Refinado                | 190    | 1 196   | 160    | 1 095   | 162    | 781     | 158    | 504     | 186    | 577     | 142    | 506     | 211     | 823     | 230     | 875     | 183     | 621     |
| Calçados, suas Partes e Comp   | 1 026  | 68      | 1 169  | 67      | 1 281  | 72      | 1 312  | 82      | 1 184  | 71      | 1 245  | 65      | 1 473   | 83      | 1 932   | 129     | 1 514   | 91      |
| Caldeiras, Apar. e Instr. Mec  | 1 472  | 305     | 1 634  | 356     | 2 291  | 467     | 2 723  | 554     | 2 486  | 494     | 2 597  | 482     | 2 843   | 518     | 3 324   | 978     | 3 406   | 650     |
| Gasolina                       | 385    | 2 703   | 629    | 3 802   | 589    | 3 846   | 520    | 2 906   | 405    | 1 659   | 236    | 1 140   | 282     | 1 516   | 403     | 2 379   | 412     | 2 744   |
| Máquinas e aparelhos Elétricos | 771    | 85      | 889    | 87      | 970    | 109     | 1 076  | 124     | 1 023  | 106     | 3 612  | 366     | 1 159   | 136     | 1 320   | 173     | 1 290   | 165     |
| Material de Transporte         | 1 569  | 386     | 2 775  | 587     | 3 054  | 646     | 2 995  | 576     | 2 299  | 397     | 2 217  | 236     | 3 440   | 601     | 3 433   | 880     | 3 459   | 729     |
| Papel e suas Manufaturas       | 347    | 692     | 365    | 609     | 684    | 1 104   | 609    | 899     | 613    | 957     | 657    | 49      | 709     | 1 240   | 797     | 1 424   | 856     | 1 417   |
| Produtos Químicos Orgânicos    | 512    | 941     | 611    | 1 079   | 870    | 1 191   | 792    | 1 049   | 743    | 1 027   | 732    | 64      | 751     | 1 111   | 750     | 1 237   | 772     | 1 205   |
| Produtos Siderúrgicos Manuf.   | 1 179  | 3 797   | 1 060  | 3 200   | 2 353  | 6 165   | 1 842  | 3 992   | 1 644  | 3 920   | 2 648  | 6 591   | 2 747   | 7 344   | 2 777   | 7 631   | 2 408   | 5 945   |
| Suco de Laranja                | 678    | 803     | 830    | 755     | 1 144  | 664     | 1 019  | 724     | 1 468  | 954     | 900    | 914     | 1 046   | 974     | 827     | 1 175   | 878     | 1 048   |
| Outros                         | 4 275  | 6 235   | 4 717  | 5 791   | 5 789  | 7 048   | 5 588  | 6 866   | 4 960  | 7 039   | 2 771  | 7 789   | 6 673   | 7 541   | 7 680   | 7 433   | 7 664   | 9 223   |
| Operações Especiais            | 173    | 1 174   | 188    | 1 087   | 299    | 1 688   | 393    | 1 257   | 548    | 1 219   | 435    | 1 318   | 459     | 1 352   | 313     | 1 098   | 610     | 2 189   |

Fonte: SECEX e Banco Central do Brasil

1/ Dados preliminares

2/ Dados preliminares Janeiro/Novembro

## 4. BRASIL: Importações 1986-1994

Volume em 1 000 toneladas  
Valor em US\$ milhões

| Discriminação                    | 1986   |        | 1987   |        | 1988   |        | 1989   |        | 1990   |        | 1991   |        | 1992 1/ |        | 1993 1/ |        | 1994 2/ |        |
|----------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|
|                                  | Valor  | Volume | Valor  | Volume | Valor  | Volume | Valor  | Volume | Valor  | Volume | Valor  | Volume | Valor   | Volume | Valor   | Volume | Valor   | Volume |
| Total                            | 14 044 | 60 605 | 15 052 | 61 975 | 14 605 | 58 085 | 18 263 | 57 293 | 20 661 | 57 212 | 21 041 | 63 278 | 20 554  | 68 057 | 25 480  | 77 813 | 28 326  | 75 505 |
| Bens de Consumo                  | 1 999  | 1 369  | 1 522  | 841    | 1 373  | 473    | 2 619  | 1 135  | 2 789  | 1 813  | 2 790  | 1 688  | 2 244   | 1 157  | 2 741   | 1 572  | 3 596   | 3 060  |
| Alimentos                        | 1 098  | 1 321  | 643    | 795    | 376    | 437    | 1 249  | 1 080  | 1 379  | 1 763  | 1 275  | 1 627  | 850     | 1 098  | 1 090   | 1 388  | 1 708   | 2 701  |
| Vestuário                        | 199    | 34     | 223    | 33     | 196    | 20     | 412    | 39     | 321    | 29     | 358    | 35     | 281     | 28     | 365     | 51     | 414     | 52     |
| Outros                           | 702    | 14     | 656    | 13     | 801    | 16     | 958    | 16     | 1 089  | 21     | 1 157  | 26     | 1 113   | 31     | 1 286   | 133    | 1 474   | 307    |
| Matérias Primas,                 | 5 041  | 18 109 | 4 863  | 16 108 | 4 901  | 10 413 | 6 342  | 11 601 | 6 577  | 13 241 | 7 437  | 18 317 | 7 115   | 19 508 | 9 076   | 22 536 | 9 925   | 25 125 |
| Trigo                            | 248    | 2 255  | 250    | 2 749  | 97     | 941    | 211    | 1 308  | 295    | 1 962  | 455    | 4 672  | 542     | 4 437  | 726     | 5 666  | 675     | 5 363  |
| Fertilizantes e Adubos           | 295    | 3 765  | 317    | 3 815  | 313    | 3 208  | 282    | 2 633  | 319    | 3 007  | 376    | 3 494  | 441     | 5 398  | 511     | 4 938  | 573     | 5 705  |
| Produtos Químicos                | 1 868  | 2 161  | 1 942  | 2 420  | 2 078  | 2 006  | 2 469  | 1 881  | 2 631  | 2 404  | 2 832  | 2 882  | 2 745   | 3 004  | 3 435   | 3 540  | 3 883   | 3 822  |
| Pasta, Madeira, Celulose e Obras | 192    | 296    | 269    | 348    | 269    | 247    | 401    | 445    | 394    | 407    | 445    | 481    | 339     | 347    | 422     | 492    | 491     | 564    |
| Obras de Plásticos e Borrachas   | 417    | 191    | 476    | 224    | 224    | 535    | 629    | 262    | 668    | 277    | 740    | 351    | 737     | 357    | 1 012   | 580    | 1 160   | 814    |
| Ferro Fundido e Aço              | 323    | 1 068  | 286    | 682    | 263    | 228    | 420    | 652    | 373    | 337    | 342    | 296    | 358     | 424    | 368     | 363    | 387     | 369    |
| Metais Não-Ferrosos              | 275    | 181    | 369    | 262    | 281    | 118    | 441    | 128    | 412    | 130    | 433    | 163    | 410     | 151    | 437     | 210    | 474     | 704    |
| Outros                           | 1 423  | 8 192  | 954    | 5 608  | 1 376  | 3 130  | 1 489  | 4 292  | 1 485  | 4 717  | 1 814  | 5 978  | 1 543   | 5 390  | 2 165   | 6 747  | 2 282   | 7 784  |
| Combustíveis e Lubrificantes     | 3 540  | 40 793 | 4 709  | 44 754 | 4 136  | 46 966 | 4 430  | 44 326 | 5 363  | 41 899 | 4 848  | 42 974 | 4 860   | 47 053 | 5 072   | 53 160 | 4 242   | 46 474 |
| Petróleo e Derivados             | 3 020  | 31 522 | 4 123  | 33 222 | 3 515  | 35 040 | 3 753  | 32 457 | 4 734  | 30 809 | 4 073  | 29 661 | 4 141   | 33 615 | 4 399   | 39 239 | 3 601   | 34 141 |
| Outros                           | 520    | 9 271  | 586    | 11 532 | 621    | 11 926 | 677    | 11 869 | 629    | 11 090 | 775    | 13 313 | 719     | 13 438 | 673     | 13 921 | 641     | 12 333 |
| Bens de Capital                  | 3 464  | 334    | 3 958  | 272    | 4 195  | 233    | 4 872  | 231    | 5 932  | 259    | 5 966  | 299    | 6 335   | 339    | 8 591   | 545    | 10 563  | 846    |
| Material de Transporte           | 750    | 180    | 947    | 109    | 525    | 63     | 693    | 49     | 756    | 49     | 995    | 84     | 1 283   | 103    | 2 320   | 230    | 2 969   | 448    |
| Máquinas e Material Elétrico     | 2 714  | 154    | 3 011  | 163    | 3 670  | 170    | 4 179  | 182    | 5 176  | 210    | 4 971  | 215    | 5 052   | 236    | 6 271   | 315    | 7 594   | 398    |

Fonte SRF-Cotec e Banco Central do Brasil

1/ Dados preliminares

2/ Dados preliminares Janeiro/Novembro

## 5. BRASIL: Intercâmbio comercial 1986-1994

US\$ milhões

| Discriminação        | 1986   |        | 1987   |        | 1988   |        | 1989   |        | 1990   |        | 1991   |        | 1992 1/ |        | 1993 1/ |        | 1994 2/ |        |
|----------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|
|                      | Export | Import | Export | Import | Export | Import | Export | Import | Export | Import | Export | Import | Export  | Import | Export  | Import | Export  | Import |
| Total                | 22 348 | 14 044 | 26 224 | 18 592 | 33 789 | 14 605 | 34 363 | 18 263 | 31 414 | 20 661 | 31 620 | 21 041 | 35 793  | 20 554 | 36 783  | 25 711 | 39 863  | 28 326 |
| Total exclusive OPEP | 20 550 | 11 533 | 24 223 | 15 180 | 31 703 | 11 561 | 32 559 | 14 695 | 29 616 | 16 230 | 29 667 | 17 529 | 33 907  | 17 159 | 36 933  | 22 541 | 38 518  | 25 598 |
| AELC                 | 646    | 644    | 593    | 652    | 539    | 742    | 559    | 939    | 622    | 965    | 532    | 966    | 432     | 891    | 503     | 1 080  | 704     | 1 248  |
| Aladi                | 2 040  | 1 710  | 2 497  | 1 604  | 3 068  | 1 707  | 3 049  | 3 110  | 2 792  | 3 197  | 4 378  | 3 160  | 7 184   | 3 279  | 8 755   | 4 290  | 8 602   | 4 993  |
| Argentina            | 678    | 737    | 832    | 580    | 975    | 707    | 710    | 1 239  | 639    | 1 412  | 1 476  | 1 615  | 3 070   | 1 687  | 3 661   | 2 626  | 3 773   | 3 105  |
| Chile                | 246    | 278    | 355    | 353    | 541    | 349    | 693    | 515    | 484    | 485    | 677    | 494    | 930     | 475    | 1 110   | 438    | 907     | 508    |
| Uruguai              | 203    | 301    | 268    | 247    | 321    | 314    | 334    | 596    | 295    | 585    | 337    | 434    | 517     | 343    | 775     | 431    | 666     | 542    |
| Paraguai             | 289    | 150    | 289    | 66     | 341    | 117    | 321    | 359    | 379    | 330    | 496    | 220    | 541     | 185    | 961     | 272    | 949     | 302    |
| México               | 156    | 151    | 171    | 214    | 274    | 116    | 431    | 194    | 505    | 190    | 758    | 204    | 1 111   | 341    | 995     | 295    | 971     | 284    |
| Outros               | 468    | 93     | 582    | 144    | 616    | 104    | 560    | 207    | 480    | 195    | 634    | 193    | 1 015   | 248    | 1 253   | 228    | 1 336   | 252    |
| Canadá               | 436    | 434    | 562    | 410    | 874    | 419    | 886    | 456    | 522    | 406    | 464    | 511    | 402     | 471    | 455     | 655    | 452     | 662    |
| CEE                  | 5 869  | 3 174  | 6 941  | 3 364  | 9 342  | 3 227  | 9 937  | 3 736  | 9 852  | 4 232  | 9 850  | 4 679  | 10 730  | 4 562  | 10 008  | 5 809  | 10 874  | 7 100  |
| Alemanha             | 1 099  | 1 285  | 1 229  | 1 449  | 1 424  | 1 435  | 1 583  | 1 483  | 1 788  | 1 754  | 2 158  | 1 902  | 2 078   | 1 893  | 1 824   | 2 277  | 1 860   | 2 929  |
| Países Baixos        | 1 299  | 253    | 1 608  | 287    | 2 583  | 244    | 2 671  | 359    | 2 495  | 336    | 2 147  | 349    | 2 347   | 356    | 2 468   | 424    | 2 911   | 467    |
| Itália               | 910    | 349    | 1 270  | 333    | 1 378  | 289    | 1 655  | 436    | 1 596  | 649    | 1 353  | 792    | 1 626   | 823    | 1 312   | 1 012  | 1 512   | 1 418  |
| Reino Unido          | 646    | 346    | 756    | 379    | 1 065  | 403    | 1 032  | 433    | 945    | 416    | 1 057  | 456    | 1 294   | 404    | 1 140   | 525    | 1 110   | 636    |
| França               | 718    | 569    | 678    | 601    | 850    | 574    | 916    | 529    | 902    | 573    | 864    | 806    | 849     | 583    | 791     | 692    | 818     | 742    |
| Belgica              | 484    | 103    | 611    | 128    | 921    | 129    | 967    | 212    | 980    | 168    | 1 084  | 213    | 1 184   | 208    | 1 168   | 289    | 1 217   | 417    |
| Espanha              | 447    | 82     | 444    | 107    | 749    | 88     | 697    | 116    | 704    | 211    | 706    | 223    | 753     | 156    | 675     | 230    | 646     | 250    |
| Outros               | 266    | 187    | 345    | 80     | 372    | 65     | 416    | 168    | 442    | 125    | 481    | 138    | 599     | 139    | 610     | 360    | 800     | 241    |
| Comecon              | 863    | 400    | 1 344  | 3 936  | 1 043  | 320    | 992    | 323    | 704    | 359    | 368    | 352    | 375     | 344    | 522     | 415    | 466     | 389    |
| EUA                  | 6 306  | 3 228  | 7 325  | 3 187  | 8 714  | 3 121  | 8 014  | 3 922  | 7 675  | 4 412  | 6 361  | 4 974  | 7 120   | 4 949  | 8 028   | 6 028  | 8 201   | 6 578  |
| Japão                | 1 514  | 882    | 1 676  | 843    | 2 271  | 960    | 2 312  | 1 204  | 2 350  | 1 247  | 2 557  | 1 213  | 2 324   | 1 140  | 2 313   | 1 519  | 2 311   | 1 554  |
| Demais Países        | 2 876  | 1 061  | 3 285  | 1 184  | 5 852  | 1 065  | 6 810  | 1 005  | 5 099  | 1 422  | 5 157  | 1 674  | 5 340   | 1 523  | 6 349   | 2 765  | 6 878   | 3 074  |
| OPEP                 | 1 798  | 2 511  | 2 001  | 3 412  | 2 086  | 3 044  | 1 824  | 3 568  | 1 798  | 4 431  | 1 953  | 3 512  | 1 886   | 3 395  | 1 850   | 3 170  | 1 345   | 2 728  |

Fonte SECEX, SRF-Cotec e Banco Central do Brasil

1/ Dados preliminares

2/ Dados preliminares Janeiro/novembro

**6. BRASIL: Indicadores diversos das relações econômico-financeiras com o Exterior 1981-1994**

| Discriminação                                    | 1981 | 1982 | 1983  | 1984  | 1985  | 1986  | 1987  | 1988  | 1989   | 1990   | 1991  | 1992   | 1993   | 1994 <sup>2/</sup> |
|--------------------------------------------------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|-------|--------|--------|--------------------|
| <b>Taxa de Câmbio - Variações Percentuais</b>    |      |      |       |       |       |       |       |       |        |        |       |        |        |                    |
| Compra - Final de Período                        | 95,1 | 97,7 | 289,4 | 223,6 | 229,5 | 42,4  | 383,6 | 959,2 | 1384,2 | 1391,7 | 533,9 | 1059,1 | 2532,6 | 611,8              |
| Compra - Média Anual                             | 76,6 | 93,2 | 221,7 | 217,6 | 237,9 | 119,4 | 189,4 | 571,9 | 964,7  | 2304,8 | 503,9 | 1013,7 | 1882,4 | 1859,9             |
| Venda - Final de Período                         | 95,1 | 97,7 | 289,4 | 223,6 | 229,5 | 42,4  | 383,6 | 959,2 | 1384,1 | 1397,3 | 528,5 | 1059   | 2532,5 | 613,4              |
| Venda - Média Anual                              | 76,8 | 93,2 | 221,7 | 217,6 | 237,7 | 119,5 | 189,4 | 571,9 | 965,6  | 2304,9 | 501,3 | 1012,1 | 1882,4 | 1865,8             |
| <b>Reservas Internacionais (US\$ milhões) 1/</b> |      |      |       |       |       |       |       |       |        |        |       |        |        |                    |
| Caixa                                            |      | 938  | -1555 | 7522  | 7690  | 4585  | 4433  | 5359  | 7268   | 8751   | 8552  | 19008  | 25878  | 40441              |
| Balanço de Pagamentos                            | 7507 | 3260 | 3757  | 11033 | 10631 | 5330  | 6799  | 8116  | 8736   | 9175   | 8763  | 23268  | 31710  | 42474              |
| Liquidez                                         | 7507 | 3994 | 4563  | 11995 | 11608 | 6760  | 7458  | 9140  | 9679   | 9973   | 9406  | 23754  | 32211  | 42845              |

Fonte: Banco Central do Brasil

1/ A partir de 1986 exclui o Banco do Brasil

2/ Posição em outubro

## 7. BRASIL: Saldos da Dívida Mobiliária Interna Federal e Taxas de Juros 1984-1994

| R\$ 1 000 11                 |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
|------------------------------|--------|--------|-------|--------|---------|---------|-----------|------------|-------------|---------------|----------------|
| Discriminação                | 1984   | 1985   | 1986  | 1987   | 1988    | 1989    | 1990      | 1991       | 1992        | 1993          | 1994           |
| Total                        |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | 14     | 52     | 272   | 2 181  | 15 757  | 300 862 | 5 718 780 | 29 344 892 | 373 273 631 | 7 722 117 131 | 23 973 000 000 |
| Fora do Banco Central        | 23     | 94     | 131   | 834    | 11 465  | 256 954 | 804 449   | 4 493 219  | 163 973 914 | 4 987 559 280 | 62 529 548 056 |
| ORTN/OTN                     |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | 13     | 33     | 153   | 986    | 6 398   | 880     | -         | -          | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | 22     | 91     | 54    | 225    | 3 608   | 271     | 169       | 250        | 812         | 1 091         | -              |
| LTN                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | 2      | 19     | 119   | 194    | -       | -       | 61 174    | -          | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | 0      | 3      | 3     | 15     | -       | -       | 250 155   | -          | -           | 240 199 058   | 519 000 000    |
| BTN                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | -          | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | -       | 5 049   | 37 433    | 188 434    | 213 377     | 4 965 455     | 36 407 317     |
| LFT                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | 2 609   | 239 212 | 257 481   | 3 941 784  | 25 387 964  | 949           | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | 7 857   | 251 633 | 505 631   | 2 752 809  | 8 880 559   | 187 883 778   | 7 867 000 000  |
| BTNE                         |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | -       | -       | 3 946 927 | 14 802 244 | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | -          | -           | -             | -              |
| LTNE                         |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | 1 002  | 6 750   | 60 770  | 1 453 197 | 6 852 027  | 86 304 135  | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | -          | -           | -             | -              |
| NTN                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | 3 748 838  | 261 581 532 | 7 722 116 182 | 23 973 000 000 |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | 564 926    | 59 088 351  | 3 477 240 945 | 26 998 677 040 |
| LBC                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | -          | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | 74    | 594    | -       | -       | 11 061    | 265 437    | 5 938 795   | 923           | 2 132 514 030  |
| BBC                          |        |        |       |        |         |         |           |            |             |               |                |
| Em carteira do Banco Central | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | -          | -           | -             | -              |
| Fora do Banco Central        | -      | -      | -     | -      | -       | -       | -         | 721 563    | 89 852 021  | 1 077 268 030 | 24 975 949 669 |
| Taxa Over-Selic              | 242,5% | 272,8% | 68,6% | 353,0% | 1057,7% | 2407,3% | 1153,2%   | 536,9%     | 1549,4%     | 3080,0%       | 1153,6%        |
| IGP-DI (centrado) 2/3/       | 227,9% | 242,7% | 61,0% | 431,9% | 1117,9% | 2012,6% | 1216,9%   | 596,7%     | 1187,3%     | 2851,5%       | 933,4%         |
| Over real                    | 4,4%   | 8,8%   | 4,8%  | -14,8% | -4,9%   | 18,7%   | -4,8%     | -8,6%      | 30,2%       | 7,1%          | 21,3%          |

1/ Valores anteriores a Jul/94 convertidos pela URV de Jun/94 (CR\$ 2 750,00)

2/ IGP-DI centrado em final de mês, ou seja, a média geométrica do mês de referência e do mês posterior

3/ Estimativa do IGP-DI para o mês de jan/95 = 1%

## 8. BRASIL: Saldos da Dívida Líquida do Setor Público 1991-1994

| Descrição                                                                             | R\$ milhões 1/ |          |         |          |         |          |             |          |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------|----------|---------|----------|---------|----------|-------------|----------|
|                                                                                       | 1991           |          | 1992    |          | 1993    |          | 1994 Set 2/ |          |
|                                                                                       | Valores        | % do PIB | Valores | % do PIB | Valores | % do PIB | Valores     | % do PIB |
| <b>DÍVIDA TOTAL</b>                                                                   | 56,1           | 43,51    | 678,3   | 42,76    | 17 817  | 36,56    | 147 966     | 31,73    |
| Governo Federal e Banco Central do Brasil                                             | 18,8           | 14,58    | 221,8   | 13,98    | 5 207   | 11,27    | 55 353      | 11,87    |
| Governos Estaduais e Municipais                                                       | 10,6           | 8,24     | 166,5   | 10,62    | 5 001   | 10,82    | 49 217      | 10,55    |
| Empresas Estatais                                                                     | 26,7           | 20,70    | 289,0   | 18,15    | 7 610   | 16,47    | 43 396      | 9,31     |
| <b>DÍVIDA INTERNA</b>                                                                 | 20,5           | 15,94    | 336,8   | 21,23    | 10 064  | 21,78    | 108 862     | 23,35    |
| <b>GOVERNO FEDERAL E BANCO CENTRAL DO BRASIL</b>                                      | (3,2)          | (2,47)   | 15,0    | 0,95     | 1 002   | 2,17     | 27 266      | 5,85     |
| Div. Mob. fora do Banco Central                                                       | 4,5            | 3,49     | 184,0   | 10,34    | 4 988   | 10,80    | 59 596      | 12,78    |
| Dívida Bancária                                                                       | (2,7)          | (2,08)   | (35,7)  | (2,25)   | (1 103) | (2,39)   | (10 328)    | (2,21)   |
| Arrecadação a Recolher                                                                | (0,1)          | (0,08)   | (3,9)   | (0,25)   | (74)    | (0,16)   | (1 611)     | (0,35)   |
| Previdência Social                                                                    | (0,0)          | (0,01)   | (4,6)   | (0,29)   | (125)   | (0,27)   | (1 732)     | (0,37)   |
| Agências Descentralizadas                                                             | 0,1            | 0,11     | 5,5     | 0,35     | 222     | 0,48     | 2 123       | 0,46     |
| Aviso MF-30                                                                           | (9,6)          | (7,43)   | (115,7) | (7,29)   | (3 056) | (6,61)   | (19 302)    | (4,14)   |
| Certificado de Privatização, Dívida Vencida e Renegociada e Títulos da Dívida Agrária | 0,5            | 0,40     | 8,8     | 0,56     | 101     | 0,22     | 1 814       | 0,39     |
| Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT)                                                  | (1,4)          | (1,12)   | (23,2)  | (1,46)   | (788)   | (1,71)   | (8 948)     | (1,92)   |
| Títulos Estaduais e Municipais                                                        | (0,9)          | (0,67)   | (0,2)   | (0,01)   | (9)     | (0,02)   | 0           | 0,00     |
| Base Monetária                                                                        | 2,3            | 1,79     | 25,2    | 1,59     | 517     | 1,12     | 12 788      | 2,74     |
| Depósitos em NCz\$ no BCB (Lei nº 8 024)                                              | 3,8            | 2,95     | 0,0     | 0,00     | 0       | 0,00     | 0           | 0,00     |
| Recolhimento Especial Remunerado - RER                                                | 0,5            | 0,38     | 6,2     | 0,39     | 204     | 0,44     | 1 465       | 0,32     |
| Outros Depósitos no BCB                                                               | 1,6            | 1,27     | 24,7    | 1,56     | 746     | 1,62     | 10 111      | 2,17     |
| Créditos do BCB às Inst. Financeiras                                                  | (0,7)          | (0,51)   | (17,4)  | (1,10)   | (121)   | (0,26)   | (10 912)    | (2,34)   |
| Demais Contas                                                                         | (0,6)          | (0,50)   | (9,7)   | (0,61)   | (261)   | (0,56)   | (2 419)     | (0,52)   |
| Carteira de Fundos de Entid. Autônomas em Tit. Púb.                                   | (0,6)          | (0,46)   | (9,0)   | (0,57)   | (240)   | (0,52)   | (4 514)     | (0,97)   |
| Dívida Assumida pela União Lei 8727/93                                                | -              | -        | -       | -        | -       | -        | 6 794       | 1,46     |
| Créditos da União Lei 8727/93                                                         | -              | -        | -       | -        | -       | -        | (7 688)     | (1,65)   |
| <b>GOVERNOS ESTADUAIS E MUNICIPAIS</b>                                                | 9,0            | 6,97     | 146,7   | 9,37     | 4 455   | 9,64     | 45 180      | 9,69     |
| Dívida Mobiliária fora do BCB                                                         | 2,7            | 2,08     | 60,6    | 3,82     | 1 982   | 4,29     | 12 999      | 2,79     |
| Dívida Mobiliária no BCB                                                              | 0,9            | 0,67     | 0,2     | 0,01     | 9       | 0,02     | 9 384       | 2,01     |
| Títulos em Tesouraria                                                                 | (0,3)          | (0,20)   | (5,1)   | (0,32)   | (62)    | (0,13)   | (1 098)     | (0,24)   |
| Dívida Bancária e Agências Descentralizadas                                           | 4,5            | 3,47     | 76,9    | 4,84     | 2 116   | 4,58     | 16 473      | 3,53     |
| Arrecadação a Recolher                                                                | (0,0)          | (0,02)   | (0,4)   | (0,03)   | (8)     | (0,02)   | (102)       | (0,02)   |
| Depósitos à Vista + Depós. Agências Desc.                                             | (0,4)          | (0,31)   | (2,8)   | (0,18)   | (93)    | (0,20)   | (1 242)     | (0,27)   |
| Aviso MF-30                                                                           | 1,7            | 1,29     | 19,4    | 1,22     | 510     | 1,10     | 3 051       | 0,66     |
| Dívida Renegociada Lei 8727/93                                                        | -              | -        | -       | -        | -       | -        | 5 685       | 1,22     |
| <b>EMPRESAS ESTATAIS</b>                                                              | 14,7           | 11,44    | 173,1   | 10,91    | 4 606   | 9,97     | 36 415      | 7,81     |
| Dívida Bancária                                                                       | 5,7            | 4,43     | 66,1    | 4,17     | 1 825   | 3,95     | 18 017      | 3,86     |
| Depósitos à Vista                                                                     | (0,1)          | (0,07)   | (1,2)   | (0,07)   | (18)    | (0,04)   | (279)       | (0,06)   |
| Empreiteiras e Fornecedores                                                           | 0,3            | 0,26     | 4,1     | 0,26     | 100     | 0,22     | 498         | 0,10     |
| Debêntures                                                                            | 1,2            | 0,90     | 11,7    | 0,74     | 283     | 0,61     | 2 506       | 0,54     |
| Carteira das Empresas Estatais                                                        | (0,3)          | (0,21)   | (3,9)   | (0,25)   | (129)   | (0,28)   | (2 521)     | (0,54)   |
| Aviso MF-30                                                                           | 7,9            | 6,14     | 96,3    | 6,07     | 2 545   | 5,51     | 16 221      | 3,48     |
| Dívida Renegociada Lei 8727/93                                                        | -              | -        | -       | -        | -       | -        | 2 003       | 0,43     |
| <b>DÍVIDA EXTERNA</b>                                                                 | 35,5           | 27,57    | 341,5   | 21,53    | 7 754   | 16,78    | 39 106      | 8,39     |
| Governo Federal e Banco Central do Brasil                                             | 22,0           | 17,05    | 206,8   | 13,03    | 4 205   | 9,10     | 28 086      | 6,02     |
| Governos Estaduais e Municipais                                                       | 1,6            | 1,27     | 19,8    | 1,25     | 546     | 1,18     | 4 036       | 0,87     |
| Empresas Estatais                                                                     | 11,9           | 9,25     | 114,9   | 7,24     | 3 003   | 6,50     | 6 983       | 1,50     |

Fonte: Bacen/DEPEC

- /OBS: PIB em doze meses a preços do final do ultimomês do período ajustados pelo deflator implícito - Defl.IGP-DI centrado.

1/- De 1991 a junho/94 valores em Cruzeiros foram divididos por 2 750 e transformados em Reais 2/ Dados Preliminares.

## 9. BRASIL: Indicadores de Endividamento 1980-1993

|                                      | US\$ bilhões |       |       |       |       |       |       |        |        |        |        |        |        |        |
|--------------------------------------|--------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Discriminação                        | 1980         | 1981  | 1982  | 1983  | 1984  | 1985  | 1986  | 1987   | 1988   | 1989   | 1990   | 1991   | 1992   | 1993   |
| Serviço da Dívida                    | 14,1         | 17,8  | 20,6  | 12,6  | 13,0  | 12,8  | 13,8  | 9,7    | 19,3   | 12,8   | 8,1    | 12,0   | 12,4   | 16,3   |
| Amortizações 1/                      | 6,7          | 7,5   | 8,1   | 2,6   | 2,1   | 2,3   | 3,7   | 4,2    | 5,5 3/ | 5,6 2/ | 4,6 2/ | 5,3 2/ | 6,6 2/ | 8,4 2/ |
| Juros Brutos                         | 7,4          | 10,3  | 12,5  | 10,0  | 10,9  | 10,5  | 10,1  | 5,5 2/ | 13,8   | 7,2 2/ | 3,5 2/ | 6,7 2/ | 5,8 2/ | 7,9 2/ |
| Dívida Registrada (A)                | 53,8         | 61,4  | 70,2  | 81,3  | 91,1  | 95,9  | 101,8 | 107,5  | 102,6  | 99,3   | 96,5   | 93,0   | 110,8  | 114,3  |
| Dívida Não Registrada (B)            | 10,4         | 12,6  | 15,3  | 12,4  | 11,0  | 9,3   | 9,4   | 13,7   | 10,9   | 16,2   | 26,9   | 30,9   | 25,1   | 31,4   |
| Dívida Total (C)=(A+B)               | 64,2         | 74,0  | 85,5  | 93,7  | 102,1 | 105,2 | 111,2 | 121,2  | 113,5  | 115,5  | 123,4  | 123,9  | 135,9  | 145,7  |
| Reservas Internacionais (D)          | 6,9          | 7,5   | 4,0   | 4,6   | 12,0  | 11,6  | 6,8   | 7,5    | 9,1    | 9,7    | 10,0   | 9,4    | 23,8   | 32,2   |
| Créditos Brasileiros no Exterior (E) | 2,0          | 1,8   | 1,7   | 2,4   | 2,8   | 3,4   | 1,7   | 2,6    | 2,2    | 2,5    | 2,2    | 2,1    | 2,3    | 2,1    |
| Haveres de Bancos Comerciais (F)     | 1,5          | 2,1   | 2,1   | 1,9   | 2,3   | 2,0   | 1,4   | 1,4    | 1,8    | 2,4    | 2,8    | 1,0    | 5,1    | 8,4    |
| Dívida Total Líquida (G)=(C-D-E-F)   | 53,8         | 62,6  | 77,7  | 84,8  | 85,0  | 88,2  | 101,3 | 109,7  | 100,4  | 100,9  | 108,4  | 111,4  | 104,7  | 103,0  |
| Exportações                          | 20,1         | 23,3  | 20,2  | 21,9  | 27,0  | 25,6  | 22,4  | 26,2   | 33,8   | 34,4   | 31,4   | 31,6   | 35,8   | 38,6   |
| PIB                                  | 219,6        | 230,9 | 246,7 | 248,0 | 272,9 | 305,6 | 337,9 | 361,7  | 375,9  | 406,1  | 406,4  | 427,8  | 437,2  | 473,0  |
| Memorando (Em percentagem)           |              |       |       |       |       |       |       |        |        |        |        |        |        |        |
| Serviço da Dívida/Exportações        | 70           | 76    | 102   | 58    | 48    | 50    | 62    | 37     | 57     | 37     | 26     | 38     | 35     | 42     |
| Serviço da Dívida/PIB                | 6            | 8     | 8     | 5     | 5     | 4     | 4     | 3      | 5      | 3      | 2      | 3      | 3      | 3      |
| Dívida Total/Exportações             | 319          | 318   | 423   | 428   | 378   | 411   | 496   | 463    | 336    | 336    | 393    | 392    | 380    | 377    |
| Dívida Total/PIB                     | 29           | 32    | 35    | 38    | 37    | 34    | 33    | 34     | 30     | 28     | 30     | 29     | 31     | 31     |
| Dívida Total Líquida/Exportações     | 268          | 269   | 385   | 387   | 315   | 345   | 452   | 419    | 297    | 293    | 345    | 353    | 292    | 267    |
| Dívida Total Líquida/PIB             | 24           | 27    | 31    | 34    | 31    | 29    | 30    | 30     | 27     | 25     | 27     | 26     | 24     | 22     |

Fonte: Banco Central do Brasil

\* Preliminar

1/ Exclui pagamentos em moeda nacional. Não estão consideradas as amortizações refinanciadas, a partir de 1983

2/ Exclui pagamentos em atraso

3/ Não inclui pagamento de Bridge Loan no valor de US\$ 955 milhões

**10. BRASIL: Necessidades de Financiamento do Setor Público 1991-1994**

| Discriminação                    | Fluxos em R\$ milhões |               |               |                |
|----------------------------------|-----------------------|---------------|---------------|----------------|
|                                  | 1991                  | 1992          | 1993          | 1994           |
| <b>Total Nominal</b>             | <b>16,1</b>           | <b>299,6</b>  | <b>9 219</b>  | <b>91.767</b>  |
| Governo Federal e Banco Central  | 3,9                   | 108,2         | 3 415         | 35 311         |
| Governos Estaduais e Municipais  | 5,9                   | 108,5         | 3 828         | 37 944         |
| Empresas Estatais                | 6,3                   | 82,9          | 1 976         | 18 512         |
| <b>Total Operacional</b>         | <b>0,1</b>            | <b>17,5</b>   | <b>175</b>    | <b>(2 715)</b> |
| Governo Federal e Banco Central  | 0,0                   | 7,4           | 133           | (3 542)        |
| Governos Estaduais e Municipais  | (0,4)                 | 4,3           | 16            | 772            |
| Empresas Estatais                | 0,5                   | 5,8           | 26            | 55             |
| <b>Total Primário</b>            | <b>(1,6)</b>          | <b>(4,2)</b>  | <b>(245)</b>  | <b>(9.673)</b> |
| Governo Federal e Banco Central  | (0,6)                 | (3,8)         | (77)          | (5.712)        |
| Governos Estaduais e Municipais  | (0,8)                 | (0,2)         | (83)          | (2 080)        |
| Empresas Estatais                | (0,2)                 | (0,1)         | (86)          | (1 881)        |
| <b>Total Juros Reais</b>         | <b>1,8</b>            | <b>21,7</b>   | <b>421</b>    | <b>6 957</b>   |
| Governo Federal e Banco Central  | 0,6                   | 11,2          | 210           | 2.170          |
| Governos Estaduais e Municipais  | 0,4                   | 4,5           | 99            | 2.851          |
| Empresas Estatais                | 0,7                   | 5,9           | 112           | 1 936          |
| <b>PIB (acumulado no ano) 2/</b> | <b>57,1</b>           | <b>619</b>    | <b>14 049</b> | <b>234 007</b> |
| <b>Em percentagem do PIB</b>     |                       |               |               |                |
| <b>Total Nominal</b>             | <b>28,24</b>          | <b>48,43</b>  | <b>65,62</b>  | <b>39,22</b>   |
| Governo Federal e Banco Central  | 6,90                  | 17,49         | 24,31         | 15,09          |
| Governos Estaduais e Municipais  | 10,32                 | 17,54         | 27,25         | 16,21          |
| Empresas Estatais                | 11,03                 | 13,40         | 14,06         | 7,91           |
| <b>Total Operacional</b>         | <b>0,20</b>           | <b>2,84</b>   | <b>1,25</b>   | <b>(1,16)</b>  |
| Governo Federal e Banco Central  | 0,08                  | 1,20          | 0,95          | (1,51)         |
| Governos Estaduais e Municipais  | (0,72)                | 0,70          | 0,12          | 0,33           |
| Empresas Estatais                | 0,83                  | 0,93          | 0,19          | 0,02           |
| <b>Total Primário</b>            | <b>(2,88)</b>         | <b>(0,67)</b> | <b>(1,75)</b> | <b>(4,13)</b>  |
| Governo Federal e Banco Central  | (1,05)                | (0,61)        | (0,55)        | (2,44)         |
| Governos Estaduais e Municipais  | (1,47)                | (0,04)        | (0,59)        | (0,89)         |
| Empresas Estatais                | (0,35)                | (0,02)        | (0,61)        | (0,80)         |
| <b>Total Juros Reais</b>         | <b>3,08</b>           | <b>3,51</b>   | <b>2,99</b>   | <b>2,97</b>    |
| Governo Federal e Banco Central  | 1,14                  | 1,82          | 1,49          | 0,93           |
| Governos Estaduais e Municipais  | 0,76                  | 0,73          | 0,70          | 1,22           |
| Empresas Estatais                | 1,18                  | 0,96          | 0,79          | 0,83           |

Fonte: Banco Central - Departamento Econômico

1/ - Dados Preliminares

2/ - PIB a preços correntes

Obs. De 1991 até junho de 1994, os valores em cruzeiros foram divididos por 2 750 e transformados em reais

## 11. BRASIL: Endividamento Externo Bruto 1982-1994

| Discriminação                                    | Saldos em US\$ milhões |        |         |         |         |         |         |         |         |         |         |         |         |
|--------------------------------------------------|------------------------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
|                                                  | 1982                   | 1983   | 1984    | 1985    | 1986    | 1987    | 1988    | 1989    | 1990    | 1991    | 1992    | 1993    | 1994    |
| A Dívida total (B+C)                             | 85 487                 | 93 746 | 102 127 | 106 171 | 111 203 | 121 188 | 113 511 | 115 506 | 123 439 | 123 910 | 135 949 | 145 660 | 149 506 |
| B Dívida registrada no Banco Central 1/          | 70 197                 | 81 319 | 91 091  | 95 857  | 101 759 | 107 514 | 102 555 | 99 285  | 96 546  | 92 996  | 110 835 | 114 270 | 119 109 |
| Empréstimos do FMI                               | 544                    | 2 648  | 3 967   | 4 608   | 4 490   | 3 938   | 3 075   | 2 439   | 2 206   | 1 173   | 739     | 305     | 230     |
| USAID - "Empréstimos Programa"                   | 470                    | 449    | 430     | 410     | 388     | 372     | 347     | 340     | 340     | 340     | 340     | 204     | 204     |
| Bônus                                            | 2 610                  | 2 226  | 1 737   | 1 919   | 1 901   | 1 589   | 1 586   | 1 126   | 1 147   | 2 490   | 10 376  | 10 270  | 54 184  |
| Financiamentos de importações                    | 13 520                 | 16 242 | 18 379  | 22 630  | 27 713  | 33 609  | 33 031  | 34 251  | 34 952  | 32 235  | 38 351  | 36 282  | 36 520  |
| Entidades internacionais                         | 3 847                  | 4 324  | 5 714   | 7 411   | 9 059   | 10 027  | 10 195  | 11 514  | 12 081  | 11 462  | 11 057  | 10 561  | 10 629  |
| BIRD                                             | 2 341                  | 2 588  | 3 905   | 5 057   | 6 367   | 6 932   | 6 946   | 8 310   | 8 593   | 8 227   | 7 173   | 6 451   | 6 555   |
| BID 2/                                           | 1 202                  | 1 367  | 1 397   | 1 920   | 2 071   | 2 405   | 2 591   | 2 380   | 2 624   | 2 488   | 3 235   | 3 510   | 3 421   |
| CFI                                              | 301                    | 303    | 285     | 279     | 231     | 222     | 252     | 405     | 474     | 455     | 450     | 479     | 550     |
| Outras                                           | 3                      | 66     | 127     | 155     | 390     | 468     | 406     | 419     | 390     | 292     | 199     | 121     | 103     |
| Agências governamentais                          | 3 690                  | 4 405  | 6 173   | 7 792   | 10 225  | 12 670  | 13 003  | 13 380  | 12 847  | 10 911  | 19 834  | 19 629  | 19 932  |
| USAID - "Empréstimos Projeto"                    | 519                    | 518    | 466     | 476     | 460     | 488     | 476     | 462     | 456     | 453     | 282     | 324     | 209     |
| USDA - Lei no 480 Trigo (VI, VII e VIII Acordos) | 50                     | 44     | 37      | 30      | 23      | 18      | 14      | 14      | 14      | 14      | 14      | 14      | 9       |
| Trigo - outros financiadores                     | 839                    | 1 168  | 1 375   | 1 125   | 697     | 661     | 444     | 97      | 70      | 81      | 78      | 76      | 67      |
| Eximbank - EUA                                   | 934                    | 981    | 789     | 674     | 633     | 532     | 457     | 355     | 335     | 295     | 188     | 180     | 132     |
| Eximbank - Japão                                 | 477                    | 502    | 384     | 349     | 510     | 602     | 523     | 370     | 356     | 340     | 167     | 159     | 70      |
| Kreditanstalt für Wiederaufbau                   | 613                    | 722    | 644     | 796     | 1 167   | 1 503   | 1 398   | 1 527   | 1 863   | 1 681   | 1 430   | 1 224   | 1 188   |
| OPIC                                             | 2                      | 1      | 1       | 1       | 1       | 1       | 1       | 1       | 1       | 1       | 15      | 15      | 14      |
| Outras 3/                                        | 256                    | 469    | 2 477   | 4 341   | 6 734   | 8 865   | 9 690   | 10 554  | 9 752   | 8 046   | 17 660  | 17 637  | 18 243  |
| Outros financiadores                             | 5 983                  | 7 513  | 6 492   | 7 427   | 8 429   | 10 912  | 9 833   | 9 357   | 10 024  | 9 862   | 7 460   | 6 092   | 5 959   |
| Empréstimos em moeda                             | 52 915                 | 59 633 | 66 467  | 66 195  | 67 185  | 67 938  | 64 458  | 61 082  | 57 856  | 56 720  | 60 991  | 67 179  | 27 943  |
| Resolução nº 63, de 21 8 67                      | 16 145                 | 15 115 | 13 630  | 11 379  | 8 772   | 6 831   | 4 317   | 2 604   | 2 036   | 1 792   | 6 044   | 8 863   |         |
| Instrução nº 289, de 14 1 66                     | 7                      | 7      | 7       | 7       | 7       | 8       | 8       | 8       | 8       | 8       | 8       | 8       |         |
| Lei nº 4 131, de 3 9 62                          | 36 763                 | 44 511 | 52 830  | 54 809  | 58 406  | 61 099  | 60 133  | 58 470  | 55 812  | 54 920  | 54 939  | 58 308  |         |
| Empréstimos diversos                             | 138                    | 121    | 111     | 95      | 82      | 68      | 58      | 47      | 45      | 38      | 38      | 30      | 28      |
| C Dívida não-registrada                          | 15 290                 | 12 427 | 11 036  | 9 314   | 9 444   | 13 674  | 10 956  | 16 221  | 26 893  | 30 914  | 25 114  | 31 390  | 30 397  |
| Linhas de crédito de import de petróleo          | 4 059                  | 3 638  | 3 309   | 2 880   | 2 493   | 2 159   | 1 931   | 1 359   | 1 569   | 2 016   | 2 438   | 2 366   | 1 988   |
| Outras linhas de crédito                         | 627                    | 439    | 370     | 148     | 798     | 963     | 1 212   | 1 369   | 1 582   | 494     | 295     | 11      | 84      |
| Bancos comerciais (obrigações)                   | 6 404                  | 5 520  | 6 870   | 6 007   | 5 459   | 5 905   | 6 636   | 7 228   | 8 352   | 9 354   | 15 740  | 21 915  | 27 517  |
| Operações especiais                              | 4 200                  | 2 830  | 487     | 279     | 694     | 4 647   | 1 177   | 6 265   | 15 390  | 19 050  | 6 641   | 7 098   | 4,3     |

1/ As posições acima referem-se a dados de registro de capitais efetuados no Banco Central, correspondendo a dívida de médio e longo prazos, não cabendo conciliação com os números apresentados no balanço de pagamentos, que especificam ingressos e saídas efetivamente ocorridos no exercício

2/ Inclui financiamento de serviços e custos locais

3/ Inclui valores reescalados junto ao Clube de Paris

**12. BRASIL: Petróleo bruto e derivados; produção, importação, exportação e consumo aparente 1980-1994**

US\$ milhões

| Discriminação                                                              | 1980  | 1981   | 1982   | 1983  | 1984  | 1985  | 1986  | 1987  | 1988  | 1989  | 1990  | 1991  | 1992 1/ | 1993 1/ | 1994 2/ |
|----------------------------------------------------------------------------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|---------|---------|
| <b>Petróleo Bruto</b>                                                      |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| Produção Nacional (mil b/d)                                                | 187   | 220    | 268    | 339   | 474   | 563   | 593   | 590   | 576   | 616   | 653   | 646   | 651     | 665     | 682     |
| Importações                                                                |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| (Mil b/d)                                                                  | 869   | 845    | 798    | 729   | 649   | 545   | 601   | 624   | 639   | 592   | 571   | 526   | 528     | 400     | 471     |
| US\$ Milhões                                                               | 9 372 | 10 804 | 9 566  | 7 822 | 6 735 | 5 418 | 2 786 | 3 859 | 3 194 | 3 360 | 4 354 | 3 371 | 3 069   | 2 138   | 2 089   |
| US\$/b                                                                     | 29,47 | 34,38  | 32,84  | 29,40 | 28,35 | 27,24 | 12,70 | 16,94 | 13,66 | 15,70 | 20,90 | 17,56 | 15,88   | 14,64   | 13,28   |
| Exportações                                                                |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| (Mil b/d)                                                                  | -     | 15     | 22     | 1     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -       | -       | -       |
| US\$ Milhões                                                               | -     | 178    | 270    | 13    | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -       | -       | -       |
| US\$/b                                                                     | -     | 32,56  | 33,51  | 28,00 | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -     | -       | -       | -       |
| <b>Derivados de Petróleo</b>                                               |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| Importações                                                                |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| (Mil b/d)                                                                  | 44    | 28     | 69     | 31    | 14    | 36    | 44    | 52    | 86    | 80    | 70    | 106   | 166     | 382     | 304     |
| US\$ Milhões                                                               | 472   | 402    | 554    | 357   | 131   | 276   | 234   | 264   | 321   | 364   | 381   | 702   | 1073    | 2261    | 1512    |
| US\$/b                                                                     | 29,30 | 39,32  | 22,01  | 31,55 | 25,57 | 21,00 | 14,57 | 13,91 | 10,20 | 12,41 | 14,87 | 16,58 | 17,66   | 16,21   | 14,89   |
| Exportações                                                                |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| (Mil b/d)                                                                  | 37    | 81     | 108    | 120   | 184   | 169   | 131   | 149   | 155   | 129   | 92    | 73    | 87      | 131     | 129     |
| US\$ Milhões                                                               | 350   | 966    | 1 149  | 1 121 | 1 793 | 1 606 | 674   | 930   | 876   | 832   | 672   | 521   | 619     | 863     | 830     |
| US\$/b                                                                     | 25,85 | 32,67  | 29,15  | 25,59 | 26,62 | 26,04 | 14,10 | 17,10 | 15,42 | 17,64 | 20,01 | 19,45 | 19,38   | 17,99   | 17,27   |
| Produção Consumo Aparente (%)                                              | 17,59 | 22,07  | 26,67  | 34,66 | 49,74 | 57,74 | 53,57 | 52,82 | 50,26 | 53,15 | 54,33 | 53,61 | 51,75   | 50,53   | 51,36   |
| Total Import. de Petróleo e derivados                                      |       |        |        |       |       |       |       |       |       |       |       |       |         |         |         |
| US\$ Milhões                                                               | 9 844 | 11 006 | 10 120 | 8 179 | 6 866 | 5 694 | 3 020 | 4 123 | 3 515 | 3 754 | 4 735 | 4 073 | 4 142   | 4 399   | 3 601   |
| Total Import. de Petróleo e Derivados/<br>Importações Totais do Brasil (%) | 42,88 | 49,82  | 52,18  | 53,01 | 49,34 | 43,29 | 21,50 | 27,39 | 24,07 | 20,56 | 22,92 | 19,36 | 20,15   | 17,26   | 12,71   |
| Total Import. de Petróleo e Derivados/<br>Exportações Totais do Brasil (%) | 48,90 | 47,25  | 50,16  | 37,35 | 25,42 | 22,21 | 13,51 | 15,72 | 10,40 | 10,92 | 15,07 | 12,88 | 11,57   | 11,40   | 9,03    |

Fonte PETROBRAS, SECEX e Banco Central do Brasil

1/ Dados preliminares

2/ Dados preliminares até novembro

## 13. BRASIL: Preços e salários 1986-1994

| Discriminação                                         | Variação % |        |          |          |          |        |          |          |          |
|-------------------------------------------------------|------------|--------|----------|----------|----------|--------|----------|----------|----------|
|                                                       | 1986       | 1987   | 1988     | 1989     | 1990     | 1991   | 1992     | 1993     | 1994     |
| Índice de Preços ao Consumidor - IPC                  | 63,50      | 432,30 | 1 006,40 | 1 759,60 | 1 657,70 | 493,80 | 1 156,20 | 2 828,74 | 1 237,99 |
| Índice de Preços ao Consumidor Ampliado - IPCA        | 91,90      | 363,00 | 960,00   | 1 973,00 | 1 621,00 | 473,00 | 1 119,00 | 2 477,14 | 916,46   |
| Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC        | 58,60      | 395,00 | 993,00   | 1 864,00 | 1 585,00 | 475,00 | 1 149,00 | 2 489,11 | 929,32   |
| Índice Geral de Preços - Disp. Interna - IGP-DI       | 65,00      | 415,80 | 1 037,60 | 1 782,90 | 1 476,60 | 490,20 | 1 158,00 | 2 708,55 | 1 093,84 |
| Índice de Preços por Atacado - Disp. Interna - IPA-DI | 62,60      | 407,20 | 1 050,00 | 1 746,80 | 1 449,50 | 417,70 | 1 154,20 | 2 639,27 | 1 029,36 |
| Índice de Preços por Atacado - Oferta Global - IPA-OG | 59,92      | 400,66 | 1 055,41 | 1 732,42 | 1 425,26 | 472,86 | 1 161,01 | 2 635,67 | 1 031,37 |
| Índice Nacional de Custo da Construção - INCC         | 81,26      | 416,63 | 1 061,00 | 2 023,00 | 1 095,00 | 486,00 | 1 195,00 | 2 763,69 | 1 029,93 |
| Variação dos Preços dos Combustíveis                  |            |        |          |          |          |        |          |          |          |
| Alcool Hidratado                                      | 131,75     | 325,20 | 811,11   | 1 713,01 | 1 228,39 | 488,82 | 1 184,72 | 2 644,47 | 686,84   |
| Gasolina                                              | 131,52     | 323,75 | 762,32   | 1 563,87 | 1 227,69 | 489,82 | 1 184,72 | 2 644,47 | 686,84   |
| Óleo Diesel                                           | 13,14      | 461,29 | 1 026,44 | 1 384,89 | 1 235,64 | 584,74 | 1 655,32 | 2 857,68 | 702,90   |
| GLP                                                   | 10,71      | 544,97 | 770,26   | 1 680,97 | 1 311,82 | 619,84 | 1 171,56 | 3 297,16 | 654,04   |
| Salário Mínimo (Final de Período)                     |            |        |          |          |          |        |          |          |          |
| Valor (R\$)                                           | 0,00       | 0,00   | 0,04     | 0,79     | 0,00     | 0,02   | 0,19     | 6,82     | 70,00    |
| Variação (%)                                          | 34,00      | 347,76 | 1 022,92 | 1 849,73 | 1 021,17 | 375,28 | 1 143,30 | 2 529,09 | 926,12   |
| Índice Total de Salários Nominais                     |            |        |          |          |          |        |          |          |          |
| Índ. de Transformação (FIESP) 1/                      | 183,15     | 201,00 | 654,00   | 1 414,00 | 2 202,00 | 376,00 | 1 051,00 | 1 615,00 | 2 724,01 |

Fontes: IBGE, FGV, FIESP e Ministério da Fazenda

1/ Variação percentual média de dez/93-nov/94 contra dez/92-nov/93

## 14. BRASIL: Indicadores do nível de emprego 1986-1994

| Discriminação                | 1986 | 1987  | 1988 | 1989  | 1990  | 1991  | 1992  | 1993  | 1994 2/ |
|------------------------------|------|-------|------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|
| Nível de Emprego (Var. %) 1/ |      |       |      |       |       |       |       |       |         |
| Total                        | 4,95 | 0,77  | 2,99 | 2,9   | -3,98 | -2,5  | -2,84 | 0,68  | 0,82    |
| Índ. de Transformação        | 9,76 | -2,5  | 1,99 | 2,3   | -8,03 | -4,44 | -5,18 | 0,75  | 0,68    |
| Comércio                     | 6,98 | 0,68  | 3,8  | 4,84  | -2,21 | -4,62 | -3,26 | 1,86  | 1,69    |
| Serviços                     | 2,33 | 3,64  | 4,12 | 3,14  | -2,16 | -1,17 | -1,73 | 0,97  | 0,97    |
| Construção Civil             | 6,95 | -0,35 | 5,92 | -1,95 | -8,15 | -1,8  | -4,51 | -1,87 | -1,26   |
| PEA (milhões de hab.)        | 56,8 | 59,5  | 61   | 62,5  | 64,5  |       |       |       |         |
| Taxa Média de Des. Aberto 3/ | 3,59 | 3,73  | 3,85 | 3,35  | 4,28  | 4,83  | 5,76  | 5,31  | 5,21    |
| Rio de Janeiro               | 3,49 | 3,24  | 3,09 | 2,76  | 3,5   | 3,59  | 4,03  | 4,07  | 4,23    |
| São Paulo                    | 3,34 | 3,76  | 4,02 | 3,44  | 4,55  | 5,52  | 6,51  | 5,73  | 5,58    |
| Belo Horizonte               | 3,72 | 3,92  | 4,02 | 3,39  | 4,09  | 4,11  | 4,8   | 4,46  | 4,41    |
| Porto Alegre                 | 3,87 | 3,92  | 3,63 | 2,58  | 3,72  | 4,34  | 5,51  | 4,01  | 4,24    |
| Salvador                     | 4,54 | 4,08  | 4,63 | 4,37  | 5,39  | 5,91  | 6,76  | 6,61  | 7,17    |
| Recife                       | 4,39 | 5,18  | 5,56 | 5,31  | 5,65  | 5,9   | 8,46  | 8,91  | 7,06    |

Fontes: Ministério do Trabalho e IBGE

1/ Posição do emprego em dezembro de cada ano

2/ Nível de emprego: variação perc. de out/93 a out/94

3/ Desemprego aberto: posição até novembro

**O SR. PRESIDENTE (José Sarney)** – Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Octávio Galotti, Sr. Vice-Presidente da República, Marco Maciel, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Luís Eduardo, Srs. Ministros, Srs. Embaixadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Parlamentares, minhas senhoras, meus senhores, já declarei abertos os trabalhos da 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 50ª Legislatura. Há quase duzentos anos nos reunimos, Câmara e Senado, em nome do povo brasileiro, construindo as instituições que fazem o Brasil.

Saúdo todos os Deputados e Senadores que agora chegam, para desejar-lhes êxito na tarefa de continuar a construir um País que não transige, não se curva, não negocia sua soberania, sua dependência e seu destino.

Sou o mais antigo Congressista desta Casa. Aqui cheguei pela primeira vez na legislatura de 1955. Isso me legitima para presidir o Congresso: uma longa vida política nesta Casa. Uma vida constituída de três mandatos de Deputado, três de Senador, Governador, Vice-Presidente, Presidente da República.

Aceitei este cargo não num momento de glória do Poder Legislativo, mas numa fase em que a instituição atravessa profunda crise de identidade, exposta a permanente crítica e censura.

Meu desejo é prestar um serviço ao Congresso, juntando-me a todos os Senadores e Deputados, igual a qualquer um deles, na tarefa indispensável de modernização da Casa, animado pelo propósito de dar-lhe prestígio e respeito perante a sociedade, empreendendo um programa de reformas que lhe confirmem o necessário suporte e agilidade de um Parlamento forte e digno de nosso povo.

Nosso trabalho exige a sedimentação de uma profunda consciência moral de nossas responsabilidades, a obstinada decisão de não cometer erros, de jamais aceitar qualquer arranhão nos procedimentos éticos que devem nortear nossa conduta. Transparência, moralidade, eficiência e trabalho.

O Congresso é maior do que a soma de todos nós e a maior instituição do governo democrático. Os Parlamentos perderam aquele charme romântico que os acompanhou durante todo o século XIX, até metade do século XX. Eram o centro das decisões, e elas podiam vir pela eloquência. Era o tempo em que os plenários podiam ser tocados pela palavra, pelo delírio e pelo encantamento dos oradores.

Infelizmente, ainda somos dominados pela visão do parlamento do discurso, apenas uma das formas de fiscalização, e passamos essa imagem à sociedade, que vincula o Congresso ao Plenário.

Mas o Congresso é muito mais.

É fiscalização, é acompanhamento, é controle do Poder Executivo e é o único lugar onde o povo, onde qualquer segmento social pode questionar governos, pessoas, fatos e apontar defeitos e erros, mesmo do próprio Parlamento.

Na mídia, nos organismos da sociedade organizada, nos grupos de pressão, a denúncia do povo passa pelo crivo da aprovação dos que governam e comandam. Aqui, não. Haverá sempre uma voz, um representante de um segmento social, de um Município, de um bairro, de uma ideologia, de uma religião, de uma raça, de uma profissão, no amplo espectro de que é formada a Casa, para dar corpo à função parlamentar de ser o instrumento da liberdade de opinião.

Sem Parlamento não há democracia, sem democracia não há liberdade, e sem liberdade o homem é apenas e às vezes um sobrevivente.

Sem parlamento forte não há democracia forte.

O que está sob suspeita nas críticas não são os valores do Parlamento, mas a realização imperfeita desses valores. O Congresso não pode ser julgado pela conduta daqueles que o traíram, dos que o denegriram, de quantos o corromperam, aviltaram e transformaram em instrumento de abuso pessoal ou de grupo.

Srs. Parlamentares, o Congresso nunca faltou ao Brasil. Aqui nasceu o País. Aqui construímos nossas instituições. Nenhum Poder sofreu mais do curso da nossa História. Em 1823, fomos fechados quando, sem termos imprensa, discutíamos a liberdade de imprensa; sem termos povo, as liberdades civis; sem termos fronteiras, a constituição de uma nação; sem termos leis, a vitaliciedade e a independência do Judiciário.

Nunca ninguém pensou em fechar o Executivo, mas fomos fechados e dissolvidos em 1823, 1889, 1892, 1930, 1937, 1968 e 1977.

Muitas vezes, ao longo da História, foi o Congresso suspenso, invadido; presos e cassados foram muitos de seus membros. Porém, nunca faltou um grupo de homens que aqui não ficasse, falando, conspirando ou lutando pela sua abertura, pela sua existência, sabendo que a sobrevivência do Congresso era a sobrevivência da Nação. "O que é o poder civil?", perguntava Milton Campos; e respondia: "É a brigada de choque dos políticos que compõem o Congresso".

Quero, também, ressaltar a nossa identificação inseparável com a imprensa brasileira. Cito apenas um fato: quando o Congresso foi fechado em 1968, não passou um dia sem que o jornalista Carlos Castello Branco não pregasse sua abertura. (Palmas.) Lembro Quintino Bocaiuva, Joaquim Serra, Macedo Soares, Carlos Lacerda, Orlando Dantas, Edmundo Bittencourt.

A vulnerabilidade do Parlamento decorre do fato de ser esta a Casa política por excelência, e o conflito é a marca inarredável da política e da liberdade de crítica. No Judiciário as sentenças apenas são conhecidas depois de publicadas; as decisões do Executivo são coordenadas no âmbito do próprio Governo, entre quatro paredes.

As decisões legislativas, ao contrário, são debatidas e tomadas em público, no quadro das divergências políticas e à mercê de nossas paixões, que são legítimas, e de interesses contrariados ou favorecidos.

A visão de um Congresso como uma corte celeste ou uma reunião de sábios e notáveis, e não de homens e políticos, é, sem dúvida, irrealista e ingênua. Os Congressistas são recrutados dentro da sociedade e são representativos das camadas sociais.

No mundo inteiro, a instituição parlamentar encontra atualmente a contestação de sua legitimidade. Surgiu – e devemos estar atentos, porque, sem dúvida esse fenômeno veio para ficar – um novo interlocutor da sociedade democrática, a opinião pública, com poder político agregado. Ela é formada pela mídia, que, graças às conquistas da ciência e da tecnologia, pode, em velocidade incalculável, através do fascinante mundo dos satélites, fazer com que todos, ao mesmo tempo e na mesma hora, possam julgar os fatos e os homens. É o mundo da sociedade organizada, da democracia participativa, de milhares de associações que agregam legitimidade para falar em nome do povo e de segmentos importantes da sociedade.

O Pe. Antônio Vieira já dizia que, sendo tão natural no homem o desejo de ver, o apetite de ser visto é muito maior. O uso de ver tem um fim com a vida; o apetite de ser visto não acaba com a morte.

O velho conceito da democracia representativa entra em competição com outras legitimidades. Os Congressos podem envelhecer rapidamente, e os partidos sofrem, também, o mesmo fe-

nômeno com os seus programas. E o nosso País, que não tem tradição partidária, convive com algumas reminiscências de instituições políticas do fim do século XIX, de que é exemplo o voto proporcional uninominal, desintegrador dos partidos e estimulador da corrupção. Basta dizer que o Brasil é o único país do mundo onde ainda se pratica esse sistema eleitoral.

Durante muito tempo, julgou-se que o Estado era o instrumento do bem-estar social. Hoje, com o fim das ideologias, o desmoronamento dos dogmas e sectarismos, já se sabe que o desenvolvimento social só terá êxito com o desenvolvimento econômico. Estamos advertidos, também, de que a economia de mercado não é boa distribuidora de renda, impondo-se necessário que tenhamos um Estado forte para assegurar uma sociedade justa. Assim, o que deve pesar não é o tamanho, mas a qualidade do Estado.

Caminhamos para um mundo cada vez mais interdependente. De livre circulação do capital, que pode tirar seu passaporte e sua nacionalidade a qualquer hora, em qualquer casa de câmbio.

Srs. Congressistas, esta legislatura vive a expectativa de promover uma reforma constitucional, sem dúvida a mais ambiciosa e profunda de todas quantas foram apresentadas. Chegam ao Congresso mensagens do Poder Executivo que propõem ampla reforma da Constituição, da qual, todos sabem, sempre fui um crítico sincero e honesto. Estou convencido de que, sem adequadas mudanças no texto de nossa Lei Maior, não haverá meios de superar a crise em que o Brasil começou a mergulhar no final da década de 70, quando já havia sinais de exaustão do modelo que elegia o Estado como o grande agente das transformações efetivamente experimentadas pelo Brasil nos últimos decênios.

O grande mal que vemos em nossa Carta Magna é que ela criou uma situação inviável: é ao mesmo tempo parlamentarista e presidencialista. Nem o Governo governa, nem o Legislativo legisla. Cria direitos sociais e, ao mesmo tempo, impede pagá-los e ampliá-los, uma vez que não deixa o País desenvolver-se para usufruir do poder germinativo da livre competição e inserir-se na nova ordem mundial.

Balanco terrível dessa crise, Srs. Congressistas, é a falência do Estado, que perde, a cada dia, sua capacidade de prestar serviços ao povo e pagar a dívida social, cuja face mais exposta e mais dramática é o salário mínimo. Na verdade, assistimos ao total desmoronamento das políticas de administração e de governo. Basta dizer – para conhecimento dos Congressistas da dimensão da nossa tarefa – que vamos começar esta legislatura com 59 medidas provisórias e 134 vetos ainda não votados, que obstruem a pauta de nossos trabalhos. Alguns deles remontam a 1990.

Aos olhos da sociedade, perpassa uma visão de ineficiência do Poder Legislativo, quando, na realidade, o fenômeno é mais profundo, porque vivemos uma crise profunda das instituições de governo com o sistema criado pela Constituição de 1988.

Este Congresso será desafiado a promover uma mudança que recoloque o Brasil em sintonia com as profundas transformações que são pedidas pelo povo brasileiro. O Brasil cresceu, suas estruturas tornaram-se mais complexas, criando uma variada gama de agentes econômicos que clamam por espaços para recolocar o sistema produtivo funcionando no lugar de relevo que lhe está reservado. Em benefício de todos.

Felizmente, há um consenso nacional de que a Constituição

criou uma soma exageradamente elevada de encargos para o Estado sem indicar as correspondentes fontes de financiamento deles. Assim como existe a convicção de que, sem remover esses obstáculos constitucionais, não haverá força humana capaz de vencer a crise e reconduzir o Brasil para os caminhos do desenvolvimento econômico com justiça social.

Não é segredo para ninguém que a estabilização econômica definitiva depende das reformas estruturais, que promovam o saneamento do setor público e desregulem a economia brasileira, de modo a estimular os investimentos de risco no aumento da capacidade produtiva do País, como tem dito o Presidente Fernando Henrique. A estabilização econômica reclama estabilidade política. Ao atual Congresso está reservada a importante tarefa de modernizar nossas instituições políticas, para que o regime se torne mais estável e eficaz.

Convido todos a um árduo trabalho. O Congresso é a Casa do debate, da controvérsia, das idéias, das posições. Desse debate floresce a democracia e surgem as soluções. A idéia do Congresso votando só assuntos de consenso é o anticongresso. Aqui é a Casa para se trabalhar, discutir e dividir a criação de idéias e de soluções.

Vamos dar ao Brasil uma visão de trabalho. Vamos desobstruir nossa pauta e iniciar, nas Casas separadas, mas ligadas por um ideal comum, Senado e Câmara, um trabalho conjugado, para que a opinião pública tenha presente que esta Quinquagésima Legislatura será citada na História do Brasil como um dinâmico e criativo tempo de construção e de serviços prestados ao País. Para isso, estou perfeitamente sintonizado com esta excelente revelação de homem público que é o Presidente da Câmara, Deputado Luís Eduardo, que comigo dividirá o comando de nossas Casas legislativas. (Palmas.)

O Congresso Nacional jamais faltou ao Brasil, nunca obstruiu as tarefas do Executivo e do Judiciário. Nossa obrigação é ajudar o País a diminuir os problemas de nosso povo e assegurar que iremos cumprir quatro anos de mandato em um Congresso de renovação, transparente, sem contemplações com os erros e disposto a punir todos aqueles que, de um modo ou de outro, traírem o mandato que o povo lhes conferiu.

Mas, também, seremos intransigentes e inarredáveis e jamais nos vergaremos na defesa das prerrogativas e da autonomia do Parlamento, Casa que é a expressão da soberania do povo e do sistema democrático, que fez e construiu as instituições que nos mantêm até agora. (Palmas.)

Quero, terminando estas palavras, agradecer pelo prestígio que deram a esta solenidade o Exmo. Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Luiz Octávio Galotti; o Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; os Srs. Ministros de Estado, os chefes de missões diplomáticas, as autoridades eclesásticas, enfim, todas as senhoras e todos os senhores que participaram desta sessão.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Declaro cumprida a finalidade desta reunião e convoco sessão do Congresso Nacional, a realizar-se terça-feira, dia 21, às 14h30min, destinada à apreciação de medidas provisórias.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16h55min.)

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SENHOR ITAMAR FRANCO,  
ENCAMINHANDO AO CONGRESSO NACIONAL O RELATÓRIO ANUAL DA AÇÃO DO PO-  
DER EXECUTIVO E DO ESTADO GERAL DA REPÚBLICA, AO ENCERRAR-SE SEU GO-  
VERNO:

## INTRODUÇÃO

Senhores Membros de Congresso Nacional,

Sinto-me mais uma vez honrado em levar a Vossas Excelências o relatório anual da ação do Poder Executivo e do estado geral da República. Sendo esta a última vez que me dirijo a essas egrégias Câmaras, como o Presidente da República que encerra o seu mandato, manda a minha consciência agradecer a colaboração recebida durante os vinte e três meses em que, juntos com o Poder Judiciário, pudemos manter coesa a Nação, retomar o desenvolvimento econômico, combater os desvios morais, restaurar o altaneiro sentimento de Pátria.

Reafirmo, neste papel, o meu profundo respeito pela instituição parlamentar. Ela é a mais antiga de todas as instituições do Estado. Nascida para aferir a vontade comum dos grupos humanos, na luta contra a adversidade do meio e na busca dos caminhos de afirmação e sobrevivência, ela foi substituída, em certas épocas, mais ou menos longas, pela arrogância e pela violência das ditaduras, mas o bom senso dos homens, ao reconstruí-la, sempre prevalece.

O sistema republicano representativo tem sido, assim, o esforço permanente dos povos para organizar a vida de todos os dias por meio das leis, buscar, o quanto seja possível, o consenso das sociedades nacionais, dirimir os conflitos e manter a paz.

Temos, senhoras e senhores senadores e deputados, razões para a nossa satisfação moral. Estes quatro últimos anos estarão recordados nos anais da República como sendo de grandes dúvidas e grandes afirmações, de graves sobressaltos e de fortes esperanças. Iniciado com a boa vontade geral da Nação, disposta a todos os sacrifícios para dar dignidade à moeda dilacerada pelo processo inflacionário, o período foi subitamente golpeado pelas revelações penosas de atos ilícitos. Chamados a intervir pela consciência nacional, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário, sem ultrapassar os sagrados limites da Constituição e das leis, reendereçoaram o Estado, determinando a mudança na Presidência da República.

Tão grave como as violações da ética, haviam sido providências administrativas que retiraram do Estado o seu poder de atuar sobre a sociedade, como é de sua essência. Desmantelou-se o sistema de saúde pública, reduziram-se os investimentos na educação e na assistência direta aos mais pobres, enquanto as obras de saneamento básico e de edificação de escolas obedeciam aos interesses de grupos econômicos que se associavam a altos funcionários da Administração, conforme as denúncias levadas a Vossas Excelências e encaminhadas pelo Ministério Público ao Poder Judiciário.

Ao assumir a Presidência, na obediência à Constituição e à intervenção do Poder Legislativo, confirmada pelo Supremo Tribunal Federal, tínhamos a exata noção de que devíamos fazer tudo e ao mesmo tempo, mas sabíamos que as dificuldades não nos permitiriam andar muito. Não podíamos, sem embargo, ter o luxo das prioridades. Optamos por fazer tudo o que fosse possível, em todas as áreas da administração, mas presididos pela preocupação de gastar o mínimo. Convinha ao Estado dar o seu exemplo de austeridade, o que procuramos fazer. Havia, no entanto, compromissos, alguns de ordem internacional, a que não podíamos faltar, como o da construção de uma zona de livre comércio no Sul do Continente, anseio antigo de nossos povos e que já se iniciara. Não só mantivemos o calendário estabelecido, como procuramos dar outra dinâmica aos entendimentos e aos atos ajustados. Estou convencido de que a democracia e a paz internacional dependerão, cada vez mais, da instituição de grandes blocos regionais, desde que alicerçados na absoluta igualdade de direito entre as nações associadas. A renúncia a parcelas de autonomia, desde que se faça de modo igual entre todos, não significa o abandono da soberania nacional, mas a sua afirmação. O que não pode haver é a igualdade nos tratados e a desigualdade na prática.

Ainda no que se refere à política internacional, o Brasil se manteve em sua postura histórica. Não recusamos os olhos e os ouvidos à mudança do cenário mundial, e oferecemos a nossa colaboração para o crescente entendimento entre todos os povos do mundo, sem comprometer a soberania de nosso povo sobre o seu território e o seu destino. Consciente de que os povos têm o dever de preservar alguns bens em comum com outros povos, como a língua e a cultura, encarregamos o nosso Embaixador em Lisboa, o jornalista José Aparecido de Oliveira, homem de alto prestígio em nosso tempo, de propor a Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe a criação de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Os entendimentos se encontram concluídos, e só não a institucionalizamos este ano em consequência de dificuldades políticas em Angola, que fizeram adiar o encontro anteriormente

marcado para o fim de novembro. A convite do Presidente William Clinton, dos Estados Unidos, participamos do Encontro das Américas, em Miami. E como último ato internacional de meu Governo, realizamos, em Ouro Preto, a VII Reunião do Conselho do Mercosul.

O esforço mais visível do Governo foi o de combate à inflação. Se é verdade, e é, que a inflação nasce do conflito na distribuição dos resultados do trabalho comum, a sua aceleração pode ser maior ou menor, dependendo da ação das autoridades financeiras. O Governo pagava juros cada vez maiores, ao recorrer ao financiamento, dia a dia, no mercado aberto - o que estimulava a especulação financeira. O sistema era cruel de muitas formas. Encarecia-se o custo da produção industrial, ao se elevarem as taxas de juros no mercado financeiro. Os empresários não tinham como competir com o Governo, que pagava, todos os dias, taxas elevadas de captação. Com isso se reduzia a atividade produtiva; com a diminuição dos recursos tributários e se elevava o déficit fiscal, provocando o endividamento sempre maior do Governo, a elevação das taxas de juros, o aumento dos custos de produção, o "repasse" desses custos aos produtos finais, enfim, a espiral inflacionária. Nesse movimento insano, os mais sacrificados só podiam ser os mais fracos.

Insisti, desde o primeiro momento, no combate à inflação, mas advertido de que esse combate não podia trazer mais sacrifícios aos trabalhadores. Entendi, também, que o problema inflacionário era mais político do que técnico, e, por isso, cuidamos de estabelecer prioritariamente a credibilidade do Governo. Ainda que o tempo fosse curto, tínhamos que agir sem sofreguidão, mas sem descanso. Graças a isso nos foi possível o êxito do Plano Real. Mesmo que não tenhamos ainda obtido a plena estabilidade monetária, os índices de aumento de preços, nestes meses, correspondem aos cálculos previstos. Depois de décadas de cultura inflacionária, exacerbada nos últimos treze anos, não podíamos esperar resultados melhores.

Tínhamos, no Governo, a plena convicção de que só podíamos debelar a inflação se contássemos com o apoio de todo o povo brasileiro, representado nas duas casas parlamentares. Desprezamos os expedientes anteriores, como os do segredo e da surpresa. Preferimos o caminho mais demorado e mais seguro do esclarecimento prévio da população e a adoção, passo a passo, das medidas, de forma a que obtivéssemos a compreensão e a colaboração de todos. Sou-lhes grato, senhoras e senhores parlamentares, pelo apoio oferecido ao Plano Real. Sem ele estaríamos ainda angustiados, sob o temor do inferno hiperinflacionário.

A reconstrução do Estado democrático se afirma no processo de alternância no Poder. Ele é mais delicado no que se refere à

sucessão presidencial, conforme a nossa experiência republicana. Cuidamos de criar as condições para que ele se fizesse dentro da mais absoluta liberdade dos cidadãos e na obediência à ordem legal. Quase cem milhões de eleitores compareceram às seções eleitorais e elegeram, já no primeiro turno, o meu sucessor. O segundo turno, nas eleições para Governadores, ali onde se fizeram exigidas, transcorreram também dentro da normalidade. A anulação, por ordem judicial, do pleito para os cargos legislativos, no Estado do Rio de Janeiro, exigiu novo comparecimento dos eleitores às urnas, coincidindo com o segundo turno para a eleição do Governador, o que ocorreu sem alteração da tranquilidade pública.

O clamor dos cidadãos da cidade do Rio de Janeiro e o entendimento de suas autoridades locais exigiram um convênio entre a União e o Estado para o combate ao crime organizado naquela cidade.

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Cinjo-me, nesta Introdução, aos aspectos gerais da Administração Federal. Nos relatórios específicos que se seguem, poderão Vossas Excelências avaliar os esforços realizados. Estou certo de que, tanto quanto o Presidente da República, os representantes do Povo Brasileiro se sentirão honrados por terem cumprido o seu dever nestes meses densos de História.

Assino a Vossas Excelências a expressão de respeito constitucional e de meu apreço político e pessoal.

Brasília, dezembro de 1994.



Itamar Franco  
Presidente da República

## PARTE I

### AS DIRETRIZES DE GOVERNO

*Desenvolvimento Sustentável*

*Racionalização do Gasto Público*

*Desenvolvimento Social*

*Desenvolvimento Científico Tecnológico*

*Melhoria da Competitividade da Economia*

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, os chefes de Estado e de Governo de mais de 170 países adotaram por consenso amplos compromissos consignados em um programa de ações para o desenvolvimento sustentável - a Agenda 21 - estabelecendo estratégias para reverter a degradação ambiental e a miséria social no mundo até o início do próximo século. Como definiu em 1987 o relatório "Nosso Futuro Comum" (Relatório Brundtland), o desenvolvimento sustentável "é aquele que atende às necessidades das atuais gerações sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades".

A Conferência do Rio teve entre seus principais méritos o de difundir mundialmente esse novo conceito de desenvolvimento, fundado na perspectiva de continuidade e sobrevivência humana, contrariando os processos de crescimento econômico que desconsideram os impactos negativos sobre as comunidades e seu meio ambiente. O desenvolvimento sustentável contempla a justiça social e oportunidades para todos os povos, sem a necessidade de destruir os recursos naturais e de atingir o limite das condições de equilíbrio para a sobrevivência do ser humano nas suas relações com o meio material.

Essas preocupações tiveram origem nos sinais de exaustão dos recursos naturais, como se observa nos solos agrícolas, e nos crescentes desequilíbrios do meio ambiente, sobretudo em relação à poluição do ar e das águas, à destruição das florestas e às mudanças no clima terrestre. São realidades que marcam a segunda metade deste século e decorrem de fatores como o crescimento demográfico e o desenvolvimento tecnológico, determinantes do desenvolvimento mundial nas últimas décadas. O esgotamento dos recursos naturais e ambientais e a crescente artificialização do meio natural são ameaças aos níveis de progresso material, à civilização e à própria sobrevivência de muitas sociedades, tanto nos países ricos como nos países pobres.

O desenvolvimento sustentável se fundamenta em uma nova concepção do crescimento econômico, em que são necessárias profundas alterações nos padrões atuais de produção e consumo, mediante a promoção de políticas que assegurem um processo de desenvolvimento permanente e equilibrado, abrangendo todos os aspectos da vida humana e caracterizado pela sustentação econômica, social e ecológica.

Além da Agenda 21, a Conferência do Rio aprovou as Convenções de Mudança do Clima e de Diversidade Biológica, que têm força

legal nas relações entre os países, uma carta de princípios - a Declaração do Rio para o Meio Ambiente e Desenvolvimento - e a Declaração de Princípios sobre Florestas. No âmbito da Organização das Nações Unidas a Conferência motivou a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável como uma comissão do Conselho Econômico, com o objetivo de acompanhar a implementação da Agenda 21 em todos os países.

O conteúdo essencial da Agenda 21 propugna pela sustentabilidade da vida para as futuras gerações, tendo como principais temas as políticas nacionais destinadas à cooperação internacional para o combate à pobreza, a alteração dos padrões de produção e consumo, à dinâmica demográfica, a promoção da saúde humana e da educação, aos assentamentos humanos, a conservação dos recursos naturais e a integração do meio ambiente nos processos decisórios do desenvolvimento.

A partir da Conferência do Rio, o Governo Brasileiro, representado pelo Ministério das Relações Exteriores, participa das conferências e negociações internacionais que visam definir com os demais países os programas de ação para dar cumprimento aos termos da Agenda 21 no âmbito da Comissão de Desenvolvimento Sustentável da ONU e dos compromissos das Convenções de Mudança do Clima e de Diversidade Biológica e da Declaração de Princípios sobre Florestas, e das negociações econômicas sobre as regras do comércio internacional.

Para transformar a Agenda 21 em uma efetiva política nacional é necessário identificá-la com a realidade brasileira, avaliando sua adequação e factibilidade, observando as limitações existentes para a implementação das ações e definindo quando e como tais ações poderão ser concretizadas. A intrínseca complexidade do conceito de desenvolvimento sustentável requer o envolvimento de grande número de agentes e instituições do governo e da sociedade e a consolidação de políticas nacionais setoriais e globais.

Nesse sentido, assumimos no plano interno o desafio de implementar uma política de meio ambiente que superasse a inércia observada em décadas passadas, dando os primeiros passos na direção de sua integração às políticas nacionais, buscando redefinir o processo de desenvolvimento com base nos princípios da sustentabilidade para melhorar as condições de vida da população brasileira, associando qualidade ambiental à noção de qualidade de vida.

Assim, empreendemos o Zoneamento Ecológico-Econômico do território brasileiro, coordenado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos e executado com a participação dos governos estaduais. A prioridade inicial do zoneamento foi a Região Amazônica, em estágio

avançado de diagnóstico e de definição das condições de ocupação e uso sustentável.

Ocupamos-nos, também, de implementar os compromissos do Protocolo de Montreal, com vistas a eliminar a produção e uso de substâncias que destroem a camada de ozônio da atmosfera. Foram aprovados diversos projetos de conversão industrial.

No plano institucional, elevamos o nível político das questões de meio ambiente e sustentabilidade, criando o Ministério do Meio

Ambiente com a finalidade de articular todas as ações federais na Amazônia Legal, em benefício do futuro da região e do país. No mesmo ato foi criado o Conselho Nacional da Amazônia Legal, integrado por todos os Ministros de Estado e pelos Governadores dos Estados amazônicos. Esse Conselho representou um importante passo para a adoção e implementação dos princípios do desenvolvimento sustentável no país.

Instituímos pelo Decreto nº 1.160, de 21 de junho de 1994, a Comissão Interministerial para o Desenvolvimento Sustentável - CIDES, com a atribuição de assessorar o Presidente da República na tomada de decisões sobre as estratégias e políticas nacionais de acordo com a Agenda 21. Nos termos do Art. 2º do Decreto, compete à CIDES:

- I. propor estratégias e políticas nacionais necessárias à implementação das atividades programadas na Agenda 21, com especial atenção à sua incorporação ao planejamento global e orçamentário no âmbito da Administração Federal;
- II. propor os instrumentos legais necessários à implementação da Agenda 21, ao cumprimento da Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e às obrigações advindas de acordos e convenções internacionais;
- III. propor critérios e prioridades nacionais para a obtenção de recursos financeiros, técnicos e tecnológicos internacionais necessários à implementação da Agenda 21;
- IV. acompanhar e avaliar a implementação das atividades programadas.

A CIDES é presidida pelo Ministro Chefe da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coordenação da Presidência da República e integrada por todos os Ministros de Estado. Sua estrutura compreende uma Secretaria Executiva e três Coordenadorias permanentes - de Assuntos Internacionais, de Mudança do Clima e de Diversidade

Biológica - sob a responsabilidade, respectivamente, dos Ministérios das Relações Exteriores, da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente e da Amazônia Legal.

Os objetivos que se apresentam para a CIDES são de que exerça as funções de articulação e coordenação das atividades relacionadas à implementação da Agenda 21, como também de que atue na avaliação da sustentabilidade, em todas as dimensões do desenvolvimento, das políticas, planos e programas de âmbito nacional, regional ou setorial de responsabilidade do Governo Federal. As três Coordenadorias têm correspondência com os temas atuais mais importantes relacionados à Agenda 21, incluindo a defesa das posições brasileiras nas negociações dos acordos e convenções internacionais.

Prevê-se também que outros temas que ocupam o Governo, tais como gerenciamento dos recursos hídricos, política florestal, combate à desertificação, preservação da camada de ozônio da atmosfera, recursos do mar, etc., passem a ser estudados no âmbito da CIDES. Em síntese, essa Comissão constitui um esforço para ampliar as possibilidades de articulação das iniciativas do Governo em favor do desenvolvimento sustentável e para coordenar ações segundo uma nova perspectiva de planejamento governamental.

## RACIONALIZAÇÃO DO GASTO PÚBLICO

Quando assumimos o Governo, as liberdades democráticas prosseguiram, com mais intensidade, nas denúncias, inquéritos e investigações relacionadas com a malversação financeira e patrimonial da União. Sucederam-se as CPI do Orçamento, da Desestatização, da Previdência, da Sonegação... A mídia dedicou cada vez mais espaço e tempo às interfaces governamentais com os desperdícios, ineficiências, corrupções...

Em todas essas iniciativas, correspondemos com isenção e com ampla abertura no acesso às informações requeridas, determinando a condução de levantamentos em áreas novas, como a das folhas salariais e do cadastramento das contas bancárias, entre outras, para dar condições estruturais e institucionais à racionalização do gasto público.

A legalidade formal do gasto público deve estar sempre referendada por estrita vigilância, mas não basta à racionalização. Cumpre assegurar ainda a *economicidade* do menor preço, a *eficiência* da maior produtividade com melhor qualidade no suprimento de bens e serviços de interesse coletivo, mas tampouco

basta minimizar custos. Afinal, as ações de Governo só se convalidam se também maximizam a *eficácia* no atingimento de resultados, e esse requisito não é trivial, quando se volta aos problemas mais crônicos e complexos da estagnação econômica, da exclusão social ou da preservação ambiental.

Trata-se, portanto, de inserir a gestão de recursos na gestão por objetivos, sistematicamente monitoradas para otimizar essa função de produção, numa perspectiva de continuidade plurigovernamental. E cumpre ir além dos recursos financeiros da União, visando maior *alavancagem* na convergência alocativa dos demais agentes públicos e privados e maior grau de *utilização* dos recursos reais da nação, ainda ociosos. E cumpre submeter os próprios objetivos ao crivo das análises de *efetividade*, frente às preferências sociais, e de *abrangência*, frente às reais dimensões do público.

Na confluência dos critérios precedentes, a abordagem racional-compreensiva do gasto público se associa aos novos paradigmas do Planejamento Concertado para o Desenvolvimento Sustentável.

O enfrentamento desse desafio questiona a fundo desde os procedimentos de gestão, às estruturas do Estado e às bases institucionais dos modelos vigentes, já passadistas mas ainda hegemônicos. Tamanha reversão ultrapassa necessariamente a maturação de um governo de transição e tem de ser perseguida tanto por reajustes pontuais quanto pelo redesenho e implementação de todo um modelo novo. Nesse sentido, o que pôde ser encetado na minha administração foi ainda incipiente, mas no rumo certo:

- i) com a Medida Provisória nº 480, de 27 de abril de 1994, aprimorada nas sucessivas reedições, organizam-se e disciplinam-se os Sistemas de Controle Interno e de Planejamento e Orçamento do Poder Executivo, pré-condições administrativas para a correção e prevenção dos desvios alocativos;
- ii) dentro do Programa de Trabalho da SEPLAN-PR, desenvolvem-se metodologias de planejamento e programação, de acompanhamento e avaliação, de cenários e indicadores, consolidando-se a rede de informática que abre ao público o acesso ao Orçamento Cidadão;
- iii) no bojo da Revisão Constitucional, o Executivo encaminhou ao Congresso Nacional suas propostas para a sistematização do processo integrado de Gestão de Recursos Públicos.

Conquanto as duas primeiras medidas sejam fundamentais para o reaparelhamento imediato do Setor Público, inclusive visando o próximo Plano Plurianual - elas só se complementam e se perenizam

a partir do texto constitucional e/ou da sua Legislação Complementar e ordinária.

Esse o desafio remanescente para a próxima Administração Federal. Há que superar as fragmentações setorialistas e corporativistas, inclusive as que dissociam as subfunções da gestão integrada: a pré-alimentação das Informações Estatísticas e Geográficas, as etapas preventivas do Planejamento & Programação e da Orçamentação & Finanças, as etapas corretivas da Fiscalização & Auditoria e do Acompanhamento & Monitorização, a retroalimentação final da Avaliação pelos critérios propostos. Desde a compatibilização global-setorial-regional ao encadeamento das subfunções de gestão, múltiplas agências interferem no processo e terão de ser estreitamente articuladas na adesão comum aos mesmos conceitos, indicadores, variáveis, critérios e parâmetros. Há que superar também as dissociações de meios e fins, para que os recursos públicos cheguem efetivamente aos seus benefícios declarados. Há que superar finalmente as tendências isolacionistas, em prol de uma nova postura cooperativa e solidária, entre setores, entre regiões e entre atores sociais.

A descentralização e a participação verdadeiras só se alcançam através do terceiro princípio da integração intersetorial e intra-espacial. Sem integração, a descentralização tende para a mera desconcentração e a participação se degrada em mera cooptação. Caminhando juntas, Descentralização-Integração-Participação irão colocar na ordem do dia o reestudo e remontagem das delimitações regionais, dos *locus* e forum para a concertação intergovernamental, das alternativas cruzadas de alocação setorial e regionalização orçamentária, e coroar, em definitivo, o escopo da racionalização para a sustentabilidade.

## DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O resgate das dívidas sociais do Estado foi um elemento importante de nosso discurso político, uma vez constatado que o simples crescimento econômico não conduz, necessariamente, a uma melhoria dos padrões de vida da população.

Apesar de freqüentar a agenda dos governantes, a promoção do desenvolvimento social sempre ocupou posição subalterna em relação a outros objetivos nacionais, dentre os quais se destaca a importância conferida à política econômica - em especial aos planos de

estabilização adotados a partir da crise econômica iniciada no começo da década de 80.

O resultado desse enfoque equivocado expressa-se no desequilibrado processo de desenvolvimento que acumulou ao longo do tempo um conjunto de situações indesejáveis no campo social e cuja solução a sociedade não deseja mais postergar.

A lógica absurda do “primeiro crescer o bolo” para posterior distribuição, jamais funcionou e a ausência de uma política efetiva de promoção social tem sido, na verdade, um fator de atraso na obtenção da estabilidade e do crescimento.

Essas constatações levaram-me a adotar o desenvolvimento social como prioridade central e eixo orientador da atuação do Governo, sem prejuízo da importância conferida à política econômica que, se exitosa, constitui fator decisivo para a redução das desigualdades e da exclusão.

Assim, foi eleito o combate à pobreza e suas manifestações como objetivo da ação governamental de modo a: (i) reduzir as disparidades interregionais e inter-pessoais de renda; (ii) aperfeiçoar o sistema de proteção social indispensável à preparação dos recursos humanos para a inserção do país na nova ordem internacional, onde os padrões de qualidade e competitividade são fundamentais à conquista de mercados, e (iii) consolidar os direitos da cidadania.

Os paradigmas dessa nova abordagem da política social aludem à complementaridade e sinergia entre as políticas econômicas e sociais e à defesa da cidadania.

O primeiro paradigma parte da convicção de que a política econômica é um fator de promoção social e não um instrumento com objetivos autônomos, portanto, é fundamental buscar-se a estabilização macroeconômica como pré-condição do crescimento econômico sustentado que, por sua vez, conduzirá a geração de empregos e à elevação dos salários reais.

Por essa razão, as políticas públicas de todos os órgãos governamentais foram reorientadas para elevar a qualidade de vida da população e potencializar as oportunidades de desenvolvimento, em particular a criação de empregos e o aumento da renda. Os efeitos deletérios de eventuais medidas econômicas que representassem desvantagens para o cidadão, em particular, dos menos protegidos foram, sistematicamente, evitados.

Quanto à defesa da cidadania, procurou-se internalizar em toda a sociedade princípios éticos e normas de conduta social e a consciên-

tização de direitos civis, políticos e sociais. Buscou-se, também, facilitar o acesso dos cidadãos à justiça e garantir o seu funcionamento democrático, equalizando as oportunidades de acesso e reduzindo as situações de impunidade. Não foram esquecidos a valorização da segurança pública, o incentivo à participação popular e o combate à todas as formas de atrelamento clientelista.

Consoante os paradigmas enunciados anteriormente, a ação governamental foi pautada por diversas diretrizes e instrumentos.

### • **Redirecionamento do Gasto Federal.**

O gasto federal foi redirecionado para atender, não somente às necessidades dos planos de estabilização econômica, como também para converter-se em instrumento de promoção social, de melhoria da oferta dos serviços públicos essenciais, e de redução das desigualdades na distribuição da renda.

### • **Descentralização**

A descentralização foi o instrumento adotado para evitar o centralismo das decisões e conferir maior eficiência ao gasto público. Ao transferir-se para os governos subnacionais e para as organizações não-governamentais o planejamento e execução de atividades, foi possível identificar-se as ações de acordo com as necessidades específicas de cada grupo social e lugar, aumentando a participação dos setores público e privado.

A ação federal tornou-se gradativamente mais normativa, cabendo à União o traçado de diretrizes gerais, financiamento, acompanhamento e avaliação de projetos e atividades.

Ao lado da descentralização buscou-se novo arranjo institucional, de modo a eliminar a superposição de funções e o conflito de competências para dar maior transparência às ações.

### • **Universalização dos Serviços Sociais Básicos**

As dificuldades resultantes da crise econômica e financeira não impediram que o governo procurasse agir junto a todos os órgãos no sentido de universalizar a prestação dos serviços sociais básicos, conforme determinam os preceitos constitucionais. Atenção especial foi dedicada aos grupos situados na faixa de pobreza absoluta.

### • Participação Popular

A participação popular e a parceria foram importantes instrumentos adotados no planejamento, implantação, acompanhamento e avaliação. Assim, fortaleceram-se os diversos conselhos responsáveis pelo traçado das políticas sociais onde a participação da sociedade civil tem tido representação de destaque.

### • Política Salarial

A política salarial procurou valorizar o trabalhador e manter o poder de compra dos salários que, em função do processo de ajuste macroeconômico, combinado com os altos índices de inflação, vinham sofrendo grande corrosão. Até à introdução da nova moeda - o Real - adotou-se, ao invés de correções quadrimestrais, o Sistema de Correção Parcial Mensal, zerando-se as perdas salariais a cada quadrimestre.

### • Programas de Combate à Pobreza

As ações desenvolvidas pelo Governo em conjunto com a sociedade civil e organizações não-governamentais, priorizaram a descentralização da merenda escolar; o atendimento aos menores desnutridos e gestantes de risco nutricional, o aperfeiçoamento e ampliação do Programa de Assistência ao Trabalhador - PAT e a distribuição de alimentos mediante a implantação do Programa Emergencial de Distribuição de Alimentos - PRODEA, dentre outras ações sociais.

No âmbito do Governo Federal, seis ações foram consideradas prioritárias pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar - CONSEA - órgão máximo da estrutura prevista para a execução do Plano de Combate à Fome e à Miséria, a saber:

### • Programa de Alimentação do Trabalhador - PAT

Criado para atender o setor formal do mercado de trabalho, contemplou, em 1994, aproximadamente 33,0% dos trabalhadores com carteira assinada, ou seja, 8 milhões de empregados e um total de 45 mil empresas. Este resultado representou um crescimento de 15% em relação a 1992, superior ao registrado historicamente, cerca de 10%.

Tal crescimento deveu-se, principalmente, ao esforço conjunto (trabalhadores, empregadores e Governo) na divulgação do progra-

ma, após ter sido incluído como um dos programas prioritários no bojo do Plano de Combate à Fome e à Miséria.

Ressalte-se, entretanto, que a abrangência atual do PAT deixa a desejar, dado que o número de empresas que aderiram ao mesmo é ainda muito pequeno: apenas 10% das empresas potencialmente habilitadas a participarem do Programa.

#### • Programa de Assentamento de Trabalhadores Rurais

O programa permitiu a desapropriação de cerca de 150 imóveis, com área total de 850.000 hectares, beneficiando cerca de 20.000 novas famílias. Ademais, 86.000 famílias (em novos e antigos projetos de assentamento) receberam financiamentos para a produção e crédito para a implantação (alimentação, habitação e fomento).

#### • Programa de Atendimento aos Desnutridos e às Gestantes em Risco Nutricional - Leite é Saúde

Instituído pelo Ministério da Saúde através da Portaria nº 799, de 20 de julho de 1993, com os objetivos de reduzir a desnutrição, reforçar a prestação das ações básicas de saúde e contribuir para a implementação do sistema único de saúde no que se refere à municipalização e à reorganização dos serviços, o Programa atendeu cerca de 1.300.000 pessoas, entre crianças desnutridas, seus irmãos e as gestantes em risco nutricional, residentes em 600 municípios.

#### • Programa Nacional de Alimentação Escolar

Executado pela Fundação de Assistência ao Estudante - FAE, distribuiu através dos municípios e durante 180 dias letivos, merenda a 31 milhões de crianças da rede de ensino fundamental (municipal e estadual) e escolas filantrópicas.

#### • Programa de Geração de Emprego e Renda

O ano de 1994 foi declarado pelo CONSEA como o ano do emprego. Visando atender a essa demanda e a dos setores envolvidos (bancos oficiais e trabalhadores), o Ministério do Trabalho assinou convênios com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Banco do Brasil e Banco do Nordeste, com o intuito de utilizar as disponibilidades financeiras do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT - para programas de geração de emprego em projetos de micro e pequenas empresas, que não têm condições técnico-financeiras de habilitar-se às linhas de crédito tradicionais.

Reestruturou-se o Sistema Nacional de Emprego - SINE nos Estados, de modo a viabilizar, com a utilização de recursos do FAT, o apoio a pequenas unidades produtivas, e o treinamento e a reciclagem associados ao pagamento do seguro-desemprego e à intermediação de mão-de-obra.

• **Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos - PRODEA**

O Programa é coordenado pelo CONSEA e prevê na sua operacionalização a participação dos municípios e da sociedade civil organizada localmente.

Criado com o objetivo de atender a mais de dois milhões de famílias flageladas pela seca em 1.162 municípios com calamidade pública decretada, localizados na região semi-árida do País, distribuiu cestas básicas contendo cada uma 25 kg de alimentos *in natura*, sendo: 12 kg de arroz em casca, 4 kg de feijão, 6 kg de milho e 3 kg de farinha de mandioca.

Em outubro de 1994, foi ampliado para âmbito nacional com o objetivo de distribuir até 400 mil toneladas de grãos para famílias carentes de todo o País, sendo: 100 mil toneladas de trigo, 100 mil toneladas de arroz e 200 mil toneladas de milho. Em paralelo, foram beneficiados também 100 municípios próximos dos armazéns, onde estão localizados os estoques disponíveis.

Esta fase do Programa teve como meta beneficiar cerca da metade da população considerada em nível de indigência, o que perfaz um total aproximado de 16 milhões de pessoas, prevendo-se a distribuição de 25 kg *per capita* de alimentos.

As ações foram inicialmente concentradas no Vale do Jequitinhonha, reconhecido bolsão de pobreza, com a distribuição de cestas contendo arroz beneficiado, fubá e macarrão, atendendo a cerca de 100 mil famílias.

Diretrizes setoriais específicas foram adotadas pelos diversos órgãos governamentais responsáveis pela implantação das políticas de desenvolvimento social.

**Educação** - Melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis com ênfase especial para o ensino fundamental, buscando-se reduzir os altos índices de repetência e evasão por meio de ações preconizadas pelo Plano Decenal de Educação Para Todos. Descentralização de ações até então executadas pela União como, merenda escolar e material didático que têm sido, progressivamente, transferidas para os Estados, Distrito Federal e Municípios.

**Saúde** - Consolidação e aperfeiçoamento do Sistema Único de Saúde - SUS através da descentralização e parceria com os governos estaduais e municipais. Além disso, a concentração da atenção da União nas questões de regulação e financiamento e no atendimento prioritário ao estrato mais pobre da população, procurou universalizar o atendimento dos serviços de saúde.

**Previdência Social** - Ampliação dos níveis de cobertura dos benefícios e integração do setor aos esforços de distribuição de renda e formação da rede de proteção social; viabilização financeira da previdência por meio do combate às fraudes e melhoria do sistema de arrecadação; valorização dos aposentados com a redução do prazo de concessão de benefícios e cumprimento das disposições constitucionais; busca de um novo modelo previdenciário auto-sustentado e mais equitativo.

**Trabalho** - Modernização das relações empregado/empregador; aperfeiçoamento dos sistemas de fiscalização das condições de trabalho e das contribuições trabalhistas; manutenção do poder de compra dos salários; geração de empregos e adoção de ações de atendimento integral ao trabalhador.

**Assistência Social** - Oferta dos serviços de assistência social aos grupos sociais mais vulneráveis: crianças, adolescentes, deficientes, idosos e mulheres; descentralização da prestação dos serviços para os Estados, Distrito Federal e Municípios em parceria com as organizações não-governamentais e outras associações civis; reordenamento do aparato legal e institucional.

**Alimentação e Nutrição** - Atendimento aos 32 milhões de necessitados pelo Plano de Combate à Fome e à Miséria; barateamento dos produtos da cesta básica e utilização dos estoques excedentes para a implementação de programas de alimentação.

**Saneamento Básico** - Universalização dos serviços de abastecimento de água e aumento do nível de cobertura dos serviços de coleta e tratamento de esgotos; flexibilização do modelo de funcionamento e busca de novos instrumentos de financiamento; modernização geral do setor.

**Habituação** - Acesso da população de baixa renda à programas habitacionais; preferência à oferta de lotes urbanizados no lugar da construção de moradias; equilíbrio do Sistema Financeiro da Habitação; e, conclusão das obras decorrentes das excessivas contratações efetuadas pela Caixa Econômica Federal, ao final de 1991, com recursos do FGTS.

**Cultura** - Formulação e implantação de políticas de resgate da cultura nacional e fortalecimento político - institucional do setor;

preservação do patrimônio artístico e histórico; apoio à produção audiovisual, sobretudo do cinema nacional; e, difusão dos bens e serviços culturais.

## DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

A aceleração do processo de reestruturação produtiva da economia tem demandado, com intensidade crescente, respostas do setor de ciência e tecnologia para enfrentar a concorrência internacional. O sucesso dessa política depende, de um lado, da apropriação econômica e social de conhecimentos técnico-científicos, tanto nas atividades de produção agrícola e industrial quanto no setor de serviços, e de outro, da articulação das atividades de ciência e tecnologia com as demais políticas governamentais.

A retomada do desenvolvimento econômico depende da modernização da infra-estrutura de produção provida pelos setores de telecomunicações, transportes e energia, da oferta de serviços de apoio à capacitação tecnológica e do desenvolvimento das tecnologias industriais básicas, incluindo a legislação de propriedade industrial e supervisão dos negócios de transferência de tecnologia. Um outro fator altamente relevante para a competitividade econômica é a educação para o trabalho, de modo a capacitar os trabalhadores para aprendizagem e incorporação de novas tecnologias.

Além disso, outras ações de natureza estratégica são essenciais para dar suporte ao projeto de desenvolvimento sócio-econômico sustentável do País, como: o tratamento da questão ambiental, para dar condições à sustentabilidade econômica, preservar e melhorar a qualidade de vida da população atual e das próximas gerações; o ensino de pós-graduação para garantir a ampliação e diversificação da base técnico-científica; capacitá-la para acompanhar os avanços realizados no exterior e contribuir para a melhoria da qualidade dos programas de graduação e dos profissionais de nível superior; realização de atividades de pesquisa, desenvolvimento e engenharia nas áreas de telecomunicações, tecnologia aeroespacial, energia nuclear, fontes alternativas de energia, novos materiais, biotecnologia e informática, estrategicamente relevantes para os segmentos civil ou militar e por suas potencialidades de retorno econômico.

Esses aspectos das relações das atividades de C&T com as demais políticas públicas foram priorizadas em nosso Governo.

### • Dimensão Organizacional do Sistema Federal de C&T

O Brasil conta com uma organização institucional de ciência e tecnologia bem diversificada para atender às suas necessidades de apoio e fomento. Apesar de possuir e mobilizar um conjunto significativo de instituições executoras de pesquisa, desenvolvimento e engenharia, necessita ajustar o perfil da base técnico-científica existente, sobretudo no segmento acadêmico, mediante fortalecimento de algumas áreas de relevância econômica, social ou estratégica, ainda insuficientes para atender aos novos desafios dos setores de produção industrial, agrícola e de serviços.

As dificuldades encontradas para operacionalizar os mecanismos de planejamento, acompanhamento e avaliação para realimentar o sistema em todos os âmbitos e dimensões da política de C&T, inclusive com respeito ao desempenho das instituições, foram corrigidas através de medidas implementadas ou propostas, tais como: elaboração de Projeto de Lei para constituição de um novo CCT - Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia; criação da Comissão de Capacitação Tecnológica da Indústria, com o objetivo de ampliar a descentralização e a participação do setor industrial e da classe trabalhadora; criação das Comissões Técnico-Científicas dos Institutos, com a função consultiva e de assessoramento na formulação da política científica e tecnológica; criação da Comissão de Supervisão e Avaliação dos Institutos, pertencentes à estrutura do Ministério da Ciência e Tecnologia, para acompanhamento e avaliação de desempenho institucional dessas entidades; realização de estudos para melhor instruir as futuras decisões para aperfeiçoamento do sistema nacional de C&T; e constituição de dois programas: o PROACT - Programa de Acompanhamento e Avaliação das Ações de Ciência e Tecnologia do Governo Federal, e o PROSECT - Programa de Acompanhamento dos Sistemas Estaduais de Ciência e Tecnologia.

### • Ações no Âmbito da Política de C&T

Os objetivos da política de C&T, e suas conexões com as demais políticas públicas estão contidos no Plano Plurianual de Governo, e identificam duas políticas centrais complementares: a excelência na área científica e a competitividade no campo tecnológico.

Na *dimensão econômica*, destacam-se a contribuição das atividades de C&T para a recuperação, ampliação e modernização da

infra-estrutura de energia, transportes e telecomunicações, além da melhoria das condições sistêmicas de competitividade industrial, envolvendo estratégias de capacitação tecnológica das empresas para incorporação do progresso técnico e implementação de mudanças organizacionais, mediante desenvolvimento dos programas de qualidade e produtividade.

No setor de *transportes*, a implantação do “Sistema Integrado de Suporte à Tomada de Decisões”, permitiu o aperfeiçoamento das atividades de planejamento e gestão, viabilizado pelo tratamento integrado dos sistemas rodoviário, ferroviário, marítimo e fluvial, incluindo o desenvolvimento tecnológico e aprimoramento de técnicas, processos e do emprego de materiais, para a otimização do uso de energia e a diminuição dos custos de transporte.

No setor *energético*, a partir do reexame da Matriz Energética Nacional, garantiu-se a oferta de energia de acordo com as necessidades e restrições sociais, ambientais e estratégicas, compreendendo a racionalização de uso, melhoria da eficiência e da competitividade dos sistemas, bem como a introdução de inovações tecnológicas. Quanto a energia elétrica, destacam-se as atividades de planejamento e operação dos sistemas de geração, transmissão e distribuição, visando a automação desses processos.

Na área das *telecomunicações*, as ações voltaram-se para o longo prazo, no intuito de identificar e avaliar as tecnologias emergentes, decisivas para garantir a evolução competitiva das redes e serviços. No curto e médio prazos, para a seleção de tecnologias destinadas a atender as demandas atuais das empresas do sistema Telebrás e para a capacitação tecnológica das mesmas, mediante licenciamento, absorção, adaptação, aperfeiçoamento, difusão e introdução de inovações tecnológicas.

No setor *agrícola*, garantiu-se condições para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA atuar com os seguintes objetivos: gerar, promover e transferir conhecimentos e tecnologias para o desenvolvimento sustentável dos segmentos agropecuário, agroindustrial e florestal; incrementar a produção e a eficiência para tornar mais competitivo o sistema de produção agropecuário e florestal; gerar tecnologia para produtos básicos de alimentação, capazes de promover incrementos na produtividade e na renda dos produtores; adequar a qualidade e as características de produtos às demandas dos consumidores intermediários e finais; gerar tecnologias para produtos e processos agroindustriais, promover e agilizar a transferência e marketing de informações científicas e tecnológicas para reduzir o tempo da adoção por parte dos usuários dos resultados das pesquisas; promover um salto qualitativo da pesquisa, incorporando avanços do

conhecimento científico e novos instrumentos para a pesquisa agropecuária.

Na área de *desenvolvimento social*, destacam-se as atividades de C&T voltadas para: melhoria da saúde pública, incluindo as atividades de pesquisa para o controle das doenças transmissíveis (transmissão vetorial, suscetíveis de prevenção por imunização, transmissão sexual-AIDS e outras) e crônico-degenerativas (câncer, diabetes, hipertensão arterial), odontologia sanitária, nutrição, produção de medicamentos essenciais, imunobiológicos e reativos para diagnóstico, desenvolvimento de sistemas especializados (hemoterapia, atendimento emergencial e procedimentos de alta complexidade); melhoria das condições de vida da população de baixa renda, pela ampliação do saneamento básico e desenvolvimento de tecnologias que viabilizem a construção de habitações de baixo custo.

Na área do *trabalho*, destacam-se as atividades dirigidas para a qualificação profissional de empregados e desempregados, objetivando a adaptação às inovações tecnológicas, bem como à criação de normas e desenvolvimento de estudos e pesquisas nas áreas de segurança e medicina.

No segmento *militar*, o Estado Maior das Forças Armadas - EMFA definiu suas atividades de ciência e tecnologia, objetivando a capacitação tecnológica desse setor mediante realização de esforços de pesquisa e desenvolvimento, formação de recursos humanos e fortalecimento da infra-estrutura dos laboratórios.

O Ministério da Aeronáutica concentrou sua atenção na Missão Espacial Completa Brasileira-MECB, bem como no desenvolvimento do Veículo Lançador de Satélites e de artefatos bélicos para aeronaves.

Em complementação, na área civil, com a criação da Agência Espacial Brasileira, foi dada especial atenção à Política Nacional de Desenvolvimento das Atividades Espaciais (PNAE) e ampliação da cooperação internacional.

Ainda no plano normativo, a Marinha deu prioridade ao cumprimento dos compromissos internacionais firmados pelo Brasil na Convenção das Nações Unidas sobre Direitos do Mar, no Capítulo XVII da Agenda 21, na Comissão Oceanográfica Intergovernamental e no Anexo Especial em Ciências Marinhas do Acordo Geral de Cooperação nos Setores da Pesquisa Científica e do Desenvolvimento Tecnológico Brasil-Alemanha, além da continuidade do Programa Antártico Brasileiro. Orientou-se também para o desenvolvimento de atividades de pesquisa, visando à exploração econômica de recursos

do mar e para o levantamento da biótica das costas brasileiras, definindo-as como atividades prioritárias.

O Ministério do Exército priorizou a modernização e aperfeiçoamento dos materiais de uso militar, a produção de documentos cartográficos, além do esforço de capacitação de recursos humanos.

Na área das *relações internacionais*, destaca-se a contribuição do Ministério das Relações Exteriores na formulação da política relacionada às atividades de C&T, advogando as posições brasileiras na negociação e implementação de programas de cooperação bilaterais e multilaterais; e na organização e intercâmbio de informações científicas e tecnológicas, complementando as atividades desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica - IBICT.

Deu-se continuidade aos *projetos de interesse estratégico*, em especial ao Programa Nuclear, com ênfase na recuperação da capacitação tecnológica, mediante aperfeiçoamento e formação de recursos humanos, no sentido de repor as perdas de pessoal qualificado que se verificaram nos últimos anos e manter as conquistas quanto ao domínio do ciclo completo do combustível nuclear.

De relevância múltipla, com implicações econômicas, sociais e na estratégia de desenvolvimento do País, destacam-se a política educacional e suas interdependências com as atividades de ciência e tecnologia.

A formação de recursos humanos para a pesquisa constitui um dos mais importantes mecanismos da ação de fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES são as instituições especializadas que mais investem nesta atividade, atendendo a todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, registra-se o esforço dos ministérios setoriais e das empresas estatais em relação à qualificação de pessoal, realizado pelos diversos centros de formação de recursos humanos para atendimento às demandas setoriais específicas.

Na área *ambiental*, dentre os projetos de investigação científica e tecnológica, financiados com recursos do Banco Mundial - BIRD e do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, destacam-se aqueles apoiados pelo GTO - Grupo Técnico para a Proteção da Camada de Ozônio (Protocolo de Montreal) e G-7. Este último destinado a financiar a realização de estudos e pesquisas sobre preservação e conservação da floresta amazônica e da

mata atlântica, inclusive envolvendo o desenvolvimento de modelos de gerenciamento econômico, social e ambiental, voltados para o aperfeiçoamento dos procedimentos extrativistas utilizados pelas populações locais.

Outro instrumento importante criado para viabilizar a capacitação tecnológica das empresas, refere-se ao estabelecimento de incentivos fiscais, dentro do Programa de Capacitação Tecnológica da Indústria e da Política de Informática, que complementam as linhas de crédito orientadas para atrair e ampliar os investimentos privados para as atividades de ciência e tecnologia.

## MELHORIA DA COMPETITIVIDADE DA ECONOMIA

Nos últimos anos, as transformações dos sistemas econômicos e o dinamismo do processo evolutivo da economia mundial nos mostraram que a tendência do sistema econômico internacional seria a consolidação do processo de regionalização e globalização de mercados, iniciado nas últimas décadas.

Essa percepção foi impulsionada pelos avanços obtidos pelos países europeus na formação de sua Comunidade Econômica, pela assinatura dos acordos de livre comércio que resultaram no NAFTA.

As relações entre os diversos países do mundo vão, aos poucos sendo intensificadas através de negociações multilaterais, que terminaram por substituir a concorrência entre as nações por acordos regionais de complementariedade e ação conjunta.

A criação do MERCOSUL inseriu-se nesse contexto e fez parte de um processo evolutivo dos Países da América do Sul, que vêm procurando desvincular-se de políticas protecionistas para adaptar-se aos novos tempos, baseadas sobretudo na eficiência e na competitividade.

A assinatura do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991, estabelecendo as diretrizes para a constituição do MERCOSUL, foi o resultado de um intenso processo negociador. Pelo Tratado, o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai comprometeram-se a formar uma Zona de Livre Comércio e posteriormente uma União Aduaneira, e fixaram os parâmetros básicos para consecução daqueles objetivos.

O Tratado criou também, órgãos encarregados de atuar no período de transição, responsáveis pelo encaminhamento dos temas essenciais para a consecução dos objetivos propostos. Foram eles:

- a) CONSELHO DO MERCADO COMUM - CMC
- b) GRUPO DO MERCADO COMUM - GMC
- c) SUBGRUPOS TÉCNICOS E ESPECIALIZADOS

Cabe registrar que o MERCOSUL deixou de ser, nos últimos anos, um projeto exclusivamente governamental, envolvendo apenas os negociadores oficiais, para projetar-se sobre o conjunto da sociedade, mobilizando os mais diversos grupos sociais e entidades representativas, tanto em nível empresarial quanto dos trabalhadores.

Como é notório, num ambiente de crescente regionalização e globalização da economia mundial, com a conseqüente intensificação da concorrência, um dos grandes desafios da sociedade brasileira foi, e continua sendo, elevar o grau de competitividade da estrutura produtiva do País. A incorporação do progresso técnico e de novos métodos de gestão e organização da produção, permitindo ganhos consistentes de produtividade e produção, passaram a ser requisitos indispensáveis para garantir o dinamismo da economia, seja pela possibilidade de ampliar o mercado doméstico, incorporando nesse processo parcela da população excluída, seja pela abertura de novos espaços no mercado internacional.

O processo de reestruturação e modernização do sistema produtivo vem facilitando a construção progressiva de melhores condições de preço e qualidade da oferta de bens e serviços para o mercado interno, possibilitando, ainda, a ampliação desse mercado através de um processo de manutenção ou redução dos preços, constituindo-se em instrumento valioso para a melhoria do padrão de vida da população.

Esse processo tem como objetivo permitir uma inserção mais favorável do Brasil no mercado externo, alterando o padrão de competição internacional utilizado pelo País no passado recente, que era baseado, fundamentalmente, na desvalorização cambial, na forte concessão de incentivos fiscais e financeiros à atividade exportadora e nos baixos salários pagos aos trabalhadores.

Em síntese, a condução de um processo eficaz de elevação da competitividade da economia depende da ampliação das oportunidades de crescimento do País e da melhoria nas condições de vida de sua população. Para o incremento da competitividade, não bastam, no entanto, esforços feitos ao nível das unidades produtivas. O desempenho competitivo de uma economia é influenciado por um conjunto de fatores externos às empresas, como os relacionados à forma como se estruturam os setores na economia. A competitividade depende também, de fatores que impactam a eficiência do sistema econômico como um todo, estimulando o aproveitamento do potencial competitivo das empresas, tais como a estabilidade macroeconômica, a refor-

ma fiscal, a disponibilidade de serviços de infra-estrutura básica, a qualidade da oferta de recursos humanos e a situação do mercado internacional.

### • Estabilização Macroeconômica

Ao final do Governo, decorridos apenas pouco mais de dois anos de início de nossa administração, avanços significativos foram conseguidos com vistas à estabilidade macroeconômica do País.

Entre as conquistas mais importantes encontra-se, sem dúvida, o resgate da estabilidade macroeconômica, fruto de uma série de ações, que culminaram com o Plano Real, e resultaram na regularização das relações do País com a comunidade financeira internacional, e na conseqüente melhoria do clima para ampliação do nível de capitação de investimentos produtivos na economia.

A redução da inflação, bem como a forma de atuação empregada no seu combate - caracterizada pela ausência de choques e observação de regras estáveis na condução das políticas macroeconômicas - contribuíram decisivamente para fortalecer o adequado funcionamento do mercado e ampliar os horizontes de planejamento para a iniciativa privada. A ordenação macroeconômica favoreceu a retomada do crescimento econômico, destacando-se a recuperação significativa do produto industrial brasileiro, de que resultou um crescimento da ordem de 5% no PIB brasileiro em 1994.

### • Consolidação da Reforma da Política de Comércio Exterior

Em nosso Governo consolidamos a abertura do comércio exterior brasileiro, com a redução da tarifa média de importação de 32,2%, em 1990, para 14,4% em 1993, além de termos desenvolvido um grande esforço de desregulamentação do setor, através do Sistema Integrado de Comércio Exterior - SISCOMEX. Antecipamos a entrada em vigor da Tarifa Externa Comum do MERCOSUL, o que possibilitou reduzir ainda mais a tarifa de importação média do Brasil, que se situa atualmente em torno de 12%.

A abertura comercial tem permitido grande aumento no volume de comércio exterior do País, observando-se que, ao contrário de algumas previsões iniciais, com a consolidação desse processo de abertura existem fortes evidências de que o setor empresarial brasileiro vem obtendo sucesso na promoção de ajustes competitivos, com aumentos substanciais de eficiência produtiva e atualização tecnoló-

gica de produtos e processos. Além do impacto no aumento da competição no mercado doméstico, a abertura comercial tem viabilizado o reequipamento das empresas, destacando-se que, em 1994, cerca de 70% das importações brasileiras se concentraram em máquinas e equipamentos e outros bens de produção, inclusive matérias-primas.

Cabe também destacar o êxito obtido na harmonização da política de comércio exterior com a revisão da Zona Franca de Manaus, que permitiu - através da implementação da sistemática do processo produtivo básico - uma intensa reestruturação da indústria regional, particularmente do complexo eletrônico, caracterizado pela eliminação de linhas de fabricação, modernização de produtos e processos e redução dos índices de nacionalização da produção, com elevação importante de produtividade. Como resultado, o parque industrial de Manaus conseguiu, já em 1993, recuperar os patamares históricos de faturamento.

#### • Defesa da Ordem Econômica

Paralelamente às iniciativas de abertura da economia, o Brasil avançou significativamente na construção do arcabouço legal e administrativo de defesa da ordem econômica e das relações de consumo.

O País já dispõe de uma legislação antitruste tão moderna quanto as existentes nas economias de mercado mais avançadas do mundo. A nova legislação (Lei nº 8.884, de 11 de junho de 1994) consolida e aperfeiçoa a legislação anterior de defesa da concorrência e repressão ao abuso do poder econômico, permitindo aos agentes econômicos melhor conhecimento das regras vigentes.

A nova Lei foi amplamente discutida com a sociedade antes de sua promulgação, o que permitiu que incorporasse formas contemporâneas de interação do poder público com o setor privado, priorizando a utilização de instrumentos educativos e dissuasórios para o aperfeiçoamento das práticas de concorrência no mercado interno, em detrimento de mecanismos meramente punitivos. Foi concebida para funcionar como instrumento de estímulo à eficiência produtiva, mediante a utilização de mecanismos de mercado que desestimulem práticas restritivas de proteção de posições de mercado já alcançadas. A Lei incorpora conceitos modernos tais como: o de posição dominante no mercado, que não pune a grande empresa, mas aquela que abusa de seu poder econômico; compromisso de cessação de prática, que permite resolver grande parte dos conflitos de forma ágil; e o princípio da responsabilidade objetiva, consagrado pelo Código de Defesa do Consumidor, que considera não as motivações mas os efeitos sobre o mercado das práticas abusivas.

Visando dotá-lo de maior agilidade operacional, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica - CADE foi transformado em Autarquia. Além disso, no campo da defesa dos direitos do consumidor, foi desenvolvido um grande esforço de fomento à criação de órgãos locais de assistência técnica aos consumidores (PROCON). Tal aparato institucional, em conjunto com a nova legislação de defesa da concorrência, já tem permitido a obtenção de resultados expressivos no que diz respeito à normalização, regulação e fiscalização das relações entre o cidadão e os setores produtivos e na instauração de processos administrativos para a apuração de práticas abusivas, restritivas ou criminosas contra a ordem econômica.

### • Harmonização dos Interesses e Busca de Parcerias

Fortaleceram-se os mecanismos de articulação dos vários agentes envolvidos na reestruturação do setor produtivo. As Câmaras Setoriais tornaram-se importantes instrumentos de negociação entre empresários, trabalhadores e Governo, em busca da harmonização de interesses e da construção de parcerias objetivando a reestruturação dos complexos industriais e a modernização das relações de trabalho.

Merecem registro os resultados obtidos no caso da indústria automobilística. Temia-se pela sobrevivência do setor à luz da abertura comercial, considerando-se seu grau de defasagem tecnológica. Como fruto dos acordos feitos na Câmara Setorial, o setor pôde continuar a desenvolver-se, apresentando atualmente performance competitiva mais favorável. O nível de produção em 1994 deverá superar todos os recordes históricos do setor, destacando-se, ainda, a obtenção paulatina de vantagens competitivas na fabricação de veículos populares.

Ao lado das Câmaras Setoriais, implementou-se uma série de outros mecanismos de articulação com o setor privado e com as várias esferas do setor público, o que tem apresentado bons resultados em termos da coordenação das ações para o aumento da competitividade. Entre esses mecanismos destacam-se: Conselho Consultivo Empresarial de Competitividade - CONCEC, que reúne mais de 200 empresários, e o Conselho Consultivo dos Trabalhadores para a Competitividade - CTCOM, reunindo cerca de 280 trabalhadores.

### • Ações para Melhoria da Qualidade e Proteção da Propriedade Industrial

No âmbito das ações de mobilização para a melhoria da qualidade e produtividade, promoveu-se profunda reestruturação no Pro-

grama Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP), buscando, entre outros objetivos, o envolvimento dos trabalhadores na condução do Programa e seu maior direcionamento para o segmento de empresas de pequeno porte. Pode-se hoje afirmar que a conscientização sobre a importância da qualidade e da produtividade já está bastante disseminada na sociedade brasileira, para o que desempenhou papel fundamental o PBQP. Nesse sentido, cabe destacar o avanço importante no número de empresas brasileiras certificadas pelas normas da série ISO 9000, que evoluiu de 15 em 1991 para mais de 420 em 1994.

Ainda na área de indústria e comércio exterior, cabe mencionar iniciativas no campo da reforma administrativa que objetivaram - mediante a criação do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo - aperfeiçoar a gestão governamental em áreas afins, articulando ações de política industrial com as de propriedade industrial, marcas, patentes e transferência de tecnologia, metrologia, normalização e qualidade industrial.

Foram dinamizadas as ações de metrologia e normalização e certificação de qualidade, com um efetivo esforço de descentralização dessas atividades, mediante o credenciamento de laboratórios e criação de várias entidades tecnológicas setoriais para a certificação de produtos padronizados e com garantia de qualidade.

No campo da propriedade intelectual, ao lado de iniciativas voltadas para agilizar a tramitação do projeto de lei de propriedade industrial, já aprovado na Câmara dos Deputados, empenhou-se na melhoria das condições técnica e administrativa do Instituto Nacional de Propriedade Industrial, para capacitá-lo a desenvolver as funções previstas pela nova legislação.

#### **• Recuperação e Modernização da Infra-Estrutura Econômica Básica**

No que diz respeito à melhoria das condições da infra-estrutura básica do País e ao apoio à reestruturação produtiva, através do financiamento de longo prazo aos investimentos e do fortalecimento das ações para favorecer a capacitação tecnológica do setor produtivo, também foram alcançados resultados importantes .

No setor elétrico, destaca-se a implantação, de reformas orientadas para a modernização e busca do equilíbrio econômico-financeiro do setor, abrindo perspectivas favoráveis para aumentar a produtividade e resgatar sua capacidade de investimento.

Foi também retomada a construção de obras prioritárias para expansão da oferta de energia elétrica no País, como as UHE de

Xingó, Samuel e Corumbá e as Termelétricas de Santana e Jorge Lacerda, tendo sido concluídas as UHE de Xingó e Samuel. Nesse particular, destaca-se a efetivação de parcerias com a iniciativa privada para viabilizar a conclusão de obras paralizadas por falta de recursos públicos, como foi o caso das usinas de Serra da Mesa, Itá e Jacuí. E autorizada a formação de consórcios de autoprodutores de energia, com vista à construção de novas usinas hidrelétricas, através do Decreto nº 915, de setembro de 1993.

Por outro lado, foi promovida a recuperação tarifária do setor de telecomunicações, o que resultou na ampliação da capacidade de investimento do Sistema TELEBRÁS, permitindo alcançar melhoria da qualidade e ampliação e diversificação dos serviços prestados.

Os atuais requisitos de investimentos em telecomunicações combinam necessidades de expansão da planta telefônica com sua modernização, investimentos que precisam ser feitos concomitantemente. Isto demanda grandes volumes de recursos que ultrapassam a capacidade de geração interna do Sistema TELEBRÁS. Para contornar esse problema, iniciaram-se ações para viabilizar parcerias com a iniciativa privada na ampliação dos serviços de telecomunicações, abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento do setor.

Envidou-se esforços para consolidar a implantação da nova legislação portuária já sendo possível observar-se aumentos importantes na eficiência operacional do setor e uma substancial ampliação da oferta de serviços, pela autorização para que os terminais privativos passem a operar com cargas de terceiros. Foram constituídos 26 Conselhos de Autoridade Portuária (CAP), compostos por representantes de entidades públicas, privadas, empresariais e de trabalhadores, existindo atualmente cerca de 410 operadores portuários pré-qualificados pelas Administrações Portuárias.

Alguns avanços importantes também foram obtidos na constituição dos Órgãos Gestores de Mão-de-Obra. Foi lançado o Programa de Concessão de Portos, estabelecendo diretrizes para a descentralização da exploração portuária.

Ainda no segmento dos transportes, a despeito de reconhecer-se que o esforço desenvolvido para recuperação física dos sistemas existentes no País foi insuficiente *vis-à-vis* ao quadro de elevada deterioração desses sistemas, pode-se mencionar algumas medidas de caráter institucional que lançam as bases para, no curto prazo, iniciar-se a recuperação, modernização e ampliação do setor.

Nesse sentido, destaca-se o desenvolvimento do modelo de concessão/privatização da Rede Ferroviária Federal, constituindo-se em elemento fundamental para permitir a recuperação dos investi-

mentos na área. Ademais, para superar dificuldades na realização de projetos prioritários, lançou-se mão de um conjunto de parcerias com a iniciativa privada que permitiram concluir obras paralizadas, como o trecho Norte da Ferrovia do Aço, e recuperar parte das locomotivas da RFFSA.

Também atuou-se para que os grandes projetos ferroviários da FERROESTE e FERRONORTE, conduzidos pelo Governo do Estado do Paraná e pela iniciativa privada, respectivamente, pudessem ter uma execução normal.

Apesar das indefinições no tocante à aprovação da legislação de concessão de serviços públicos pelo Congresso Nacional, levou-se a cabo, no setor rodoviário, iniciativas de concessão de trechos de estradas para a iniciativa privada, o que pode servir de embrião de novo modelo para financiamento da atividade no País. Além disso, avançou-se bastante nas ações relativas ao programa de duplicação de rodovias federais no eixo São Paulo-Florianópolis, que além dos aspectos de segurança rodoviária, tem importância decisiva no desenvolvimento econômico do País, inclusive pelo seu papel como elo de ligação com países do MERCOSUL.

Foram também tomadas medidas no âmbito da descentralização das ações na área dos transportes, direcionadas para a modernização e melhor gerenciamento dos sistemas, incluindo a progressiva transferência, para Estados da Federação, dos sistemas de transporte ferroviário metropolitano de passageiros e a intensificação do processo de negociação para reformulação do Sistema Nacional de Viação, que objetiva redistribuir responsabilidades pela manutenção e ampliação da malha rodoviária do País entre as esferas federal e estadual.

Ainda no campo institucional, promoveu-se uma ampla desregulamentação da atividade de transportes no País, flexibilizando e aumentando a competitividade na prestação de serviços.

#### **• Fortalecimento dos Mecanismos de Financiamento e Apoio à Capacitação Tecnológica**

Ná área do financiamento às atividades produtivas, além dos efeitos favoráveis da estabilização econômica no reedirecionamento dos fluxos financeiros para o financiamento da produção, cabe enfatizar a atuação decisiva do BNDES na reestruturação produtiva da economia. O Banco direcionou sua atuação para o apoio ao processo de incremento da competitividade do País, privilegiando, também, a geração de empregos e a redução dos desequilíbrios regionais. Nesse sentido, os financiamentos concedidos concentraram-se na expansão

do setor industrial e agrícola, bem como dos serviços de infra-estrutura básica, tendo sido também priorizados projetos de reestruturação industrial, qualidade e produtividade, desenvolvimento tecnológico e treinamento de mão-de-obra.

O BNDES desempenhou papel fundamental na modernização do setor agropecuário, financiando a mecanização no campo e a incorporação de novos conhecimentos tecnológicos. Atualmente, mais de 80% dos equipamentos e máquinas agrícolas são comercializados através da FINAME/BNDES.

Com vistas a dotar a estrutura produtiva do País de maior equilíbrio e dinamismo, a atuação do Banco procurou fortalecer o apoio à redução dos desequilíbrios regionais e ao segmento de empresas de menor porte. No primeiro caso, destaca-se o lançamento dos Programas Nordeste Competitivo e Amazônia Integrada, mobilizando recursos da ordem de R\$ 2 bilhões, direcionados à promoção de novo ciclo de investimentos nessas regiões.

No tocante ao apoio às empresas de menor porte, em 1994, tais operações passaram a ser preponderantes no quadro de aplicações totais do Banco. Os financiamentos foram direcionados para a capacitação tecnológica e gerencial, formação de recursos humanos e reequipamento. Criou-se, também, uma linha de crédito destinada exclusivamente a profissionais liberais, micro e pequenas empresas (ENTER/BNDES), ligada à informatização do pequeno empreendimento. O mecanismo financia a compra de microcomputadores e de "software".

Foi intensificado o apoio financeiro ao desenvolvimento científico e tecnológico, no âmbito dos Programas de Capacitação Tecnológica e de Qualidade e Produtividade, sendo igualmente fortalecida, através da BNDESPAR, a linha de capitalização de pequenas e médias empresas de base tecnológica.

### • Modernização da Agricultura

No processo de crescente integração da economia brasileira com o mercado mundial, a agricultura vem buscando o aumento de sua competitividade, para não correr o risco de reduzir exportações e possibilidades de conquistar novos mercados, podendo, inclusive, perder espaço no atendimento da demanda doméstica. Isto porque a prática de subsídios às exportações oriundas de países desenvolvidos ainda é expressiva, apesar da tendência declinante em face do Acordo Agrícola inserido na recente conclusão da Rodada Uruguai.

Nesse sentido, além de ações e iniciativas para adequar as estruturas tributária e tarifária que afetam a competitividade agrícola,

empreendidas no âmbito das Câmaras Setoriais e nas negociações da Tarifa Externa Comum, bem como nas negociações para fixação de normas e padrões fitossanitários no MERCOSUL, foram importantes, nesse mesmo sentido, iniciativas visando aumentar a produtividade setorial e a qualidade dos bens e matérias-primas produzidos pelo setor.

Ao se analisar a produção agrícola nacional sob a ótica das variáveis determinantes de seu crescimento, pode-se observar que os ganhos de produtividade mostram-se cada vez mais importantes para explicar o aumento da produção, contrariando tendências de períodos anteriores quando a expansão da área cultivada era a principal fonte de crescimento das colheitas.

A agricultura nacional, responsável por parcela expressiva de nossa pauta de exportações, tende a ganhar competitividade com o reaparelhamento da infra-estrutura econômica, principalmente no que diz respeito à malha viária e aos portos, indispensáveis à redução dos elevados custos de transporte e embarque da safra, que vem crescendo ano a ano, tendo atingido, em 1994 a produção recorde da ordem de 75 milhões de toneladas de grãos.

## PARTE II

### A AÇÃO SETORIAL

#### *Ministérios*

#### *Órgãos da Presidência da República*

### MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

#### a. Situação Encontrada

A Constituição e a reforma administrativa atribuíram ao Ministério da Justiça novas responsabilidades e funções, abrangendo a ordem jurídica, a cidadania e a justiça, a segurança pública, a política indigenista, a defesa econômica, o registro do comércio, a metrologia, a normalização e a propriedade industrial bem como a documentação, publicação, divulgação e arquivo dos atos oficiais.

Observa-se, por essa razão, a urgente e fundamental necessidade de se promover a formação e o aprimoramento dos recursos humanos disponíveis e de serem reequilibrados alguns setores com vistas à eficiência dos serviços a serem prestados.

Esta situação aliada ao fato de que o Ministério da Justiça, desenvolvia suas atividades sob forte regime de contenção de despesas, contribuíram para aumentar a crise em áreas de sua competência.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

##### **Cidadania e Justiça**

As ações e atividades desenvolvidas na área de Cidadania constituem, por assim dizer, o âmago da atuação do Ministério da Justiça.

A par de suas obrigações ligadas a assuntos de estrangeiros, nacionalidade, direitos políticos e administração penitenciária, as atividades relativas à Cidadania sempre foram motivo de uma atenção especial, voltada ao bem-estar dos brasileiros e dos que escolheram nosso País para nele fincar raízes. Métodos e processos foram sendo continuamente aperfeiçoados e a modernização administrativa perseguida, no afã de produzir serviços de melhor qualidade.

Foram muitos os momentos em que a autoridade foi instada a atuar ante a constatação, a denúncia ou a ameaça de ocorrência de fatos que pusessem em risco os direitos do cidadão.

Os diversos Conselhos que integram a Estrutura Regimental do Ministério da Justiça, notadamente o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana - CDDPH, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, inúmeras vezes, investigaram e se pronunciaram em face da iminência ou evidência de atrocidades cometidas.

São notórios os fatos revelados pela imprensa, tais como: sindicatos do crime, tráfico de crianças e de órgãos, emasculação e prostituição de menores, adoções ilegítimas, grupos de extermínio. Em nenhum momento, durante o meu Governo, verificou-se a omissão ou negativa dos órgãos governamentais de apurar a veracidade das denúncias para, sempre que possível, apontar e punir os responsáveis.

A ação do Governo se fez presente da forma cada vez mais ampla e, em 1994, foi constituído um Grupo Permanente de Investigação de Violações dos Direitos Humanos - GPIVDH, cujos primeiros resultados se fizeram sentir imediatamente.

Outra área de crescente preocupação refere-se ao consumo de entorpecentes, mormente entre os jovens. A criação, no âmbito do Ministério da Justiça, da Secretaria Nacional de Entorpecentes (Lei nº. 8.764, de 1993) reflete a atenção com que procuramos tratar do assunto. Através do Conselho Federal de Entorpecentes - CONFEN, por outro lado, foi possível disciplinar e normatizar a realização de leilões dos bens apreendidos de traficantes, capitalizando, com isso, recursos em favor do Fundo de Prevenção, Recuperação e Combate às Drogas de Abuso - FUNCAB. Tais recursos acrescidos de outros de fontes internacionais, deverão permitir a elaboração e execução de programas públicos de assistência às vítimas do tráfico de drogas. A intenção de e impedir que o País faça parte das rotas de narcotráfico motivou intensos contatos com entidades internacionais envolvidas no combate ao tráfico bem como a participação em missões destinadas a enfrentar e desestruturar tais conexões. Cabe ainda notar que foram múltiplas as iniciativas que objetivaram juntar órgãos da Administração Pública Federal em programas comuns, como, por exemplo, os destinados à redução do risco de os drogados contraírem o vírus HIV e a elaboração de convênios, com objetivos da mesma natureza, com órgãos da esfera estadual.

Com vistas a traçar um perfil fiel e atual da realidade carcerária brasileira, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária - CNPCP procedeu, pela primeira vez, ao Censo do Sistema Penitenciário, concluído em 16 de novembro de 1994, cujos resultados trouxeram subsídios da maior importância para equacionar os problemas existentes.

Ressalte-se, ainda, a instituição, no meu Governo, do FUNPEN - Fundo Penitenciário Nacional, destinado a contribuir para reverter o triste quadro que o Censo revelou.

### **Ordem Jurídica**

Dada minha firme determinação em estabelecer diálogo aberto e regular com as entidades representativas da sociedade, foram inúmeras as comissões criadas nos últimos 2 anos, com a participação de renomados juristas, com vistas à atualização e ao aperfeiçoamento de nossa legislação, nos diversos campos do Direito.

Em novembro de 1992, foram constituídas comissões para rever o Código Eleitoral, a Lei Orgânica dos Partidos Políticos e a Lei de Falências e Concordatas; em dezembro do mesmo ano, foi constituída comissão para elaborar o anteprojeto de lei de reforma da Parte Especial do Código Penal (trabalho que acaba de ser concluído); em 1993, novas comissões foram constituídas com vistas à simplificação da Lei de Execução Penal e à introdução de novos procedimentos no

Código de Processo Penal e, em 1994, no Código de Processo Civil e na Lei de Introdução ao Código Civil. Desse trabalho, alguns projetos já foram transformados em lei; outros encontram-se ainda em tramitação no Congresso Nacional.

Além disso, foi organizada e está sendo implementada, ainda que de forma emergencial e provisória, a Defensoria Pública da União, do Distrito Federal e dos Territórios, com sua expressiva importância no que tange à prestação de assistência jurídica aos necessitados, conforme prevê a Constituição Federal de 1988.

O ordenamento jurídico nacional mereceu especial atenção também no tocante aos seguintes pontos: a) segurança do tráfego aquaviário sob a jurisdição brasileira; b) ocupação, utilização e exercício de atividades nas faixas de fronteira; c) instituição de programas de atenção integral a meninos e meninas de rua; d) definição de crimes de tortura e sobre uma nova e mais ampla concepção do que sejam crimes hediondos, esta transformada em lei neste governo.

### **Segurança Pública**

A execução de uma Política Nacional de Segurança Pública consolida o relacionamento harmônico entre os Poderes do estado e entre as esferas administrativas Federal e Estadual.

Não se trata somente de exercer, *a posteriori*, uma função policial ou repressora. Deve-se prevenir o cometimento de delitos que possam pôr em risco o bem-estar das coletividades. Para tanto, conta o Governo Federal com a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal, bem como com o Conselho Nacional de Segurança Pública - CONASP, e com o Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN. Em nosso Governo foi criada a Secretaria de Trânsito, com o objetivo precípuo de supervisionar, coordenar, controlar e fiscalizar a execução da Política e do Programa Nacionais de Trânsito.

A manutenção da Ordem Política e Social, supõe a instauração de milhares de inquéritos policiais destinados a apurar crimes de toda natureza, delitos praticados contra a vida e o patrimônio de comunidades indígenas, contra o trabalhador e outros. Cumpre atuar no controle do porte de armas, e na fiscalização de empresas de segurança privada. É ainda de sua atribuição garantir a integridade física de dignitários e autoridades, inclusive os estrangeiros em visita oficial, bem como daqueles que são ameaçados e clamam por garantia de vida.

Foram muitas as operações especiais realizadas, como as chamadas "Selva Livre", "Catrimani II", "Saráré", "Pico da Neblina II",

“Guaporé”, “Sul Parã” e, atualmente, “Operação Rio”, em conjunto com as Forças Armadas e as Polícias daquele Estado.

No que se refere às atividades de polícia fazendária, a Polícia Federal combateu, sem cessar, os crimes contra bens, serviços e interesses da União, notadamente os de contrabando/descaminho, retirada de circulação de dinheiro falso e os chamados “crimes de colarinho branco”, realizando expressivas apreensões e detectando danos financeiros causados a órgãos governamentais por estelionatários, como são os fraudadores do INSS, alguns dos quais identificados, processados e condenados.

A terceira grande área de atuação da Polícia Federal a merecer destaque é a de Repressão a Entorpecentes, tendo 1993 sido o “Ano de Combate às Drogas,” com apreensões de vulto efetuadas, e enormes quantidades de drogas retiradas do mercado.

As Polícias Rodoviária e Ferroviária Federal estão subordinadas à Secretaria de Trânsito criada neste governo. O último ano da gestão Itamar Franco foi denominado “Ano de Educação para o Trânsito” e, em conjunto com o Ministério dos Transportes e contando com a parceria de empresas privadas, foram programadas estratégias de policiamento, envolvendo, igualmente, os governos estaduais e o DETRAN de cada Estado, no que se refere ao policiamento rodoviário. Nossa Polícia Rodoviária, por sua capacitação eminentemente técnica, pode ser comparada às polícias dos países mais evoluídos nesse setor. As ações fiscalizadoras, que se espalham e se fazem sentir por todas as estradas federais do Brasil, são complementadas com cuidados especiais relativamente ao meio ambiente, ao socorro a vítimas de acidentes, à coibição de tráfico de menores, prevenção e repressão ao tráfico de entorpecentes, bem como com a solidariedade em campanhas de vacinação em massa, de segurança e educação de trânsito.

Os programas de modernização e informatização, voltados para o registro de veículos automotores (RENAVAM) e de carteiras de habilitação (RENACH), interligam hoje quase que a totalidade dos DETRANs do País e incluem quase toda a frota nacional.

Ainda nos assuntos que dizem respeito ao trânsito, deve-se destacar a atuação do CONTRAN, através do qual se discutiu e encaminhou para a análise do Congresso projeto de lei instituindo o Código de Trânsito Brasileiro e o Modelo Único da Carteira Nacional de Habilitação, que já está sendo adotada em alguns Estados e no Distrito Federal.

### **Defesa da Ordem Econômica**

A justa aplicação dos princípios legais, no que concerne à Defesa da Ordem Econômica e das Relações de Consumo, é o que busca garantir a Secretaria de Direito Econômico, normatizando, regulando e fiscalizando as relações entre o cidadão e os setores produtivos. Foi inextinguível sua atuação no fomento à criação dos órgãos locais de assistência aos consumidores (PROCONs) e na instauração de processos administrativos para a correta apuração de práticas abusivas, restritivas e criminosas contra a ordem econômica.

Tudo quanto pareceu oportuno e necessário foi, adotado na intensificação dos cuidados para preservar valores e assegurar a livre concorrência, combatendo os abusos do poder econômico ao se configurarem monopólios, cartéis e outras práticas econômicas condenáveis. Assim é que as questões da mensalidade escolar e da indústria farmacêutica - duas entre tantas - mereceram conhecida atenção dos órgãos do governo, intervindo quando foi conveniente exercer papel equilibrador no processo.

Importantes ações foram desenvolvidas na área econômica relativamente ao Projeto do Mercado Comum do Cone Sul - MERCOSUL, com ativa presença e participação nos subgrupos técnicos que coordenam e harmonizam a promoção das medidas requeridas para o funcionamento de uma política de livre comércio entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Igualmente incansável foi a atuação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica - CADE, neste governo transformado em Autarquia e ora em fase de implantação sob nova personalidade jurídica. A nova legislação antitruste, consubstanciada na Lei nº. 8.884, de 11 de junho último, tem como meta a conciliação do processo competitivo, de livre concorrência com o desenvolvimento econômico, social e tecnológico equilibrado.

### **Política Indigenista**

A postura do governo brasileiro no trato da questão indígena é de reconhecimento, proteção, defesa e garantia dos direitos dos índios. Dentro desse contexto, toda prioridade foi emprestada à demarcação das terras indígenas brasileiras, com atividades conjuntas, a nível federal e estadual para lhes garantir a posse e o uso da terra ameaçada por garimpeiros, madeireiros, posseiros, caçadores e exploradores outros. Já se conta hoje com quase uma centena de áreas indígenas identificadas e delimitadas; o número de demarcações

nesse governo atingiu 2,5 milhões de hectares, encontrando-se em andamento a demarcação/aviventação de mais 3,3 milhões de hectares em outras oito áreas. Além disso, procedeu-se a homologação e regularização fundiária de pelo menos 25 milhões de hectares de áreas indígenas.

Para o empreendimento de ações de proteção ambiental e dos recursos naturais, fiscalização, controle e apoio às atividades produtivas para as comunidades indígenas, foi criada uma Comissão Inter-setorial que agrega a participação dos Ministérios do Meio Ambiente e da Amazônia Legal e de Minas e Energia aos trabalhos da Fundação Nacional do Índio - FUNAI e da Polícia Federal.

Merece citação a importante atividade desenvolvida no sentido de reorganizar e revitalizar o Museu do Índio, fortalecendo-o como instituição científica e cultural especializada na temática indígena.

Numerosas "Frentes de Contato" atuaram na aproximação de índios isolados, ante a informação, os vestígios e a confirmação do aparecimento de grupos que, até então, se mostravam arredios ou não haviam sido identificados/ localizados. Note-se que esse trabalho engloba o esclarecimento e a orientação das populações não-indígenas quanto ao procedimento a ser observado na eventualidade de um inesperado contato entre ditas populações e índios ou grupos de índios isolados.

Quanto à FUNAI, apesar de suas limitações orçamentárias competiu-lhe levar educação, saúde, apoio ao artesanato e ao desenvolvimento comunitário das comunidades indígenas.

### **Preservação Documental dos Atos Públicos**

Compete ao Arquivo Nacional, fundado em 1838, executar a gestão, o recolhimento, a guarda, a preservação e a restauração do acervo arquivístico da Administração Pública Federal, garantindo acesso público às informações nele contidas.

Em 29 de junho de 1994, assinei o Decreto nº. 1.173 que permitiram a organização e o funcionamento de duas instituições da maior relevância, quais sejam, o Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ e o Sistema Nacional de Arquivos - SINAR. Com isso, deu-se o necessário amparo legal para o desenvolvimento de um amplo programa de ação técnica junto a todos os órgãos integrantes da Administração Pública, alcançando a agilidade requerida no acesso e na recuperação da informação, redução de custos de armazenagem e conservação de documentos e seleção criteriosa da massa documental a ser preservada.

Com esse fito, foram firmados diversos Convênios, com entidades governamentais ou não-governamentais, e elaborados Projetos e Programas que permitirão atingir esses objetivos.

Grandes exposições foram organizadas tendo por temas “Os Militares no Poder”, “O Tratado de Tordesilhas e os Limites do Novo Mundo” e “Em Cena, os Presidentes”, bem como Seminários promovidos para divulgar o acervo e o registro de nossa história tal como documentada.

Em prosseguimento a suas atividades de estímulo ao arquivismo, o Prêmio “Arquivo Nacional de Pesquisa” de 1993 selecionou e está publicando três obras que focalizam nossa realidade escravagistas nos séculos XVIII e XIX.

### **Divulgação de Atos Públicos**

A publicação e a divulgação de atos oficiais, com a edição regular do Diário Oficial da União e o Diário da Justiça, é a finalidade primordial da Imprensa Nacional, existente desde 1808. Faz parte, também, de suas atribuições a execução de trabalhos gráficos para órgãos da União, notadamente neste último ano, os impressos da Justiça Eleitoral (títulos, cédulas, folhas de votação, ...), ou destinados a campanhas feitas pelo Governo Federal, a que se somam textos sob a forma de livros, revistas e brochuras.

A modernização do parque gráfico e a informatização de suas atividades foram duas prioridades nesses dois anos. Está em fase de reativação por outro lado a antiga Escola de Aprendizagem de Artes Gráficas - EAGIN, criada em 1942 e que, depois de ter formado centenas de excelentes profissionais para a própria Imprensa Nacional, cessara suas atividades no início dos anos 60. Com essa reativação, recentemente decidida, surge a possibilidade de se dar uma profissão a menores carentes.

A Imprensa Nacional é, na verdade, uma indústria gráfica que trabalha diuturnamente, com segurança e agilidade, representando sensível economia para o Erário, uma vez que se mantém, basicamente, com recursos oriundos de receita própria, o que constitui fato atípico no Serviço Público. Até o final de dezembro, foram impressas 1.400.000.000 de páginas de Diários com os atos dos Poderes da República.

## MINISTÉRIO DA MARINHA

### a. Situação Encontrada

O Ministério trabalha, há muitos anos, orientado por um Plano Diretor que engloba todas as ações necessárias ao perfeito desempenho de sua responsabilidade constitucional.

As mudanças políticas, que trouxeram em seu bojo alterações em muitos dos setores da Administração Federal, apenas reorientaram a condução das ações previstas na sua área de atuação, não ocasionando descontinuidade na consecução das metas factíveis previstas no Plano Diretor, nem exigindo reformas estruturais para se trabalhar em busca dos objetivos governamentais.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

#### **Estrutura Organizacional do Ministério da Marinha**

Criação das seguintes Organizações Militares:

- Depósito Naval do Rio de Janeiro, Comando Naval da Amazônia Ocidental, Agência da Capitania dos Portos do Estado do Espírito Santo em Conceição da Barra, Missão Naval Brasileira na Namíbia, Comando do 3º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral, Companhia de Carros de Combate e Companhia de Guerra Eletrônica, Centro de Obtenção da Marinha no Rio de Janeiro, Centro de Controle de Inventário da Marinha, Base Almirante Newton Braga, Depósito de Fardamento da Marinha no Rio de Janeiro e a Base de Fuzileiros Navais da Ilha das Flores.

Extinção das seguintes Organizações Militares:

- Centro de Instrução e Adestramento Almirante Newton Braga, Agências de Capitania em Caracaraí, Valença, Aruanã, Tocantinópolis e Barra do Riacho, Estação Rádio Pina, Centro de Controle de Estoque da Marinha e o Batalhão de Comando da Tropa de Reforço.

#### **Renovação e Ampliação dos Meios do Poder Naval**

Foram incorporados os Navios Patrulha GRAJAÚ, GRAÚNA e GUAÍBA e adquiridos dois helicópteros de transporte de tropas Super Puma.

Encontram-se em construção o Navio Patrulha “GOIANA” e, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, os Submarinos “TIMBIRA” e “TAPAJÓS”.

Fechado o contrato para a construção dos Navios Patrulha "GUARUJÁ" e "GUAPORÉ" tendo sido efetivada a compra e incorporação do Navio de Apoio Oceanográfico "AR RONGEL" e do Navio de Desembarque de Carros de Combate "MATTOSO MAIA".

Paralelamente, foi iniciado o processo de aquisição de quatro Fragatas inglesas (do tipo 22) de licitação para a construção de mais quatro Navios Patrulhas (da classe "GRAJAÚ") e para a construção do 5º submarino (da classe "TUPI"), bem como do programa de modernização das Fragatas da classe "NITERÓI".

Merece ainda registro o lançamento do Submarino "TAMOIO", o primeiro submarino construído no Brasil, e a decisão de se construir a 5ª Corveta classe "INHAÚMA".

Por outro lado, foi assinado o contrato para a aquisição de nove helicópteros de ataque LINX e para a modernização dos cinco hoje em serviço, tendo sido firmada também a Carta de Aceitação de seis helicópteros antisubmarinos SH-3 equipados e dois desequipados. Encontra-se ainda em andamento o programa de modernização do Navio-Aeródromo Ligeiro "MINAS GERAIS". Vale assinalar, por sua vez, a elaboração dos projetos destinados à: 1) construção de um Navio de Transporte Fluvial - e de três navios balizadores; 2) conversão do Navio Tanque "POTENGI" em Navio de Apoio Logístico; 3) modernização do Monitor "PARNAÍBA" e atualização dos planos das Corvetas classe "INHAÚMA", (com a finalidade de construção de oito novas unidades modernizadas, que constituirão uma nova classe de navio).

Ressalte-se, por fim, o início do processo de obtenção de vinte lanchas-patrulhas e de polícia naval (dez para a rede de Capitânias; e dez para o projeto Calha Norte), de vinte e cinco embarcações de desembarque de viaturas e pessoal da modernização de dez helicópteros de emprego geral UH-2 ESQUILO MONO TURBINA. Em fase de execução, encontra-se o programa de obtenção de Carros de Lagarta Anfíbios.

### **Reaparelhamento e Modernização da Infra-Estrutura de Apoio**

Foi concluída a construção de heliportos ao longo do litoral, a fim de apoiar a operação de helicópteros na Patrulha Costeira. Além disso, encontra-se em andamento os seguintes projetos: construção do pier da Estação Naval do Rio Grande, ampliação do cais da Base Fluvial de Ladário, construção de novo Hospital Naval em Salvador e construção de sede definitiva para a Comissão Naval em São Paulo.

### **Programa Antártico Brasileiro**

Em prosseguimento ao Programa Antártico, concluiu-se a Operação Antártica XI e encontra-se em execução a Operação Antártica XII, com a participação da Força Aérea Brasileira, da comunidade científica nacional e de representantes convidados das Marinhas da Argentina, do Chile e do Uruguai.

### **Levantamento da Plataforma Continental**

Encontra-se em andamento o levantamento dos limites exteriores da plataforma continental brasileira, além das 200 milhas náuticas, de modo a propiciar ao País o direito de exercer a soberania em relação à exploração e ao aproveitamento dos recursos naturais dos fundos marinhos nessa área, de acordo com o previsto na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

### **Relacionamento com os Países Africanos**

Em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, a Marinha deu prosseguimento ao programa de cooperação que pretende intensificar o relacionamento brasileiro com países ocidentais africanos.

Assim, antes mesmo da assinatura do Acordo de Cooperação Técnica no Domínio Militar, a Marinha enviou a Cabo Verde material em quantidade, para apoiar a estruturação da Marinha daquele país. Estão igualmente em andamento os entendimentos relativos à formação e instrução de pessoal cabo-verdiano no Brasil.

Com a assinatura do Acordo Bilateral de Cooperação Naval, no dia 4 de março de 1994, e a criação da Missão Naval Brasileira na Namíbia, foram dados os passos indispensáveis para a concretização do apoio que a Marinha do Brasil prestará à Ala Naval da Força de Defesa da Namíbia, que, no início, será basicamente de formação de pessoal.

Por solicitação do Ministério das Relações Exteriores, a Marinha tem programado visitas de seus navios aos países africanos de língua portuguesa. Neste ano, todos os países serão visitados por navios da Marinha.

Como contribuição às "Operações de Paz" da ONU, foi criado o Contingente Brasileiro para as Forças de Paz da ONU em Moçambique, composto de uma Companhia de Infantaria do Exército, com

apoio logístico. Por solicitação do Secretário-Geral da ONU, esse contingente foi transportado para Beira, Moçambique, a partir do dia 3 de julho de 1994, utilizando-se o Navio de Desembarque-Doca "CEARÁ", escoltado pela Fragata "DEFENSORA".

### **Operações e Exercícios**

Com o propósito de contribuir para a manutenção do elevado grau de prontidão da Esquadra, foram conduzidos diversos exercícios, dentre os quais se destacam operações navais, conjuntas com as Marinhas dos EUA, da Argentina, do Uruguai e da Venezuela.

Foram também realizadas visitas operativas a portos de países vizinhos da América do Sul e do Caribe, além de viagens a portos da África Ocidental.

O Navio-Escola "BRASIL" realizou mais uma viagem de instrução, marcando nossa presença e divulgando nossa cultura em diversos portos estrangeiros, na África, Europa e Américas, com a participação a bordo de diplomatas, oficiais do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira, bem como representantes das Marinhas da Argentina, Chile, Uruguai e Peru.

## **MINISTÉRIO DO EXÉRCITO**

### **a. Situação Encontrada**

O efetivo do Exército, em torno de cento e noventa e seis mil homens, é pequeno, tanto em relação à base física do País, quanto em relação à sua base humana, com seus cento e cinquenta milhões de brasileiros. No início do Governo, a Força Terrestre apresentava grande concentração de suas organizações na região Centro-Sul do território, deixando tênue o dispositivo na imensidão da área Amazônica.

Quanto à capacitação, organização e aparelhamento da Força Terrestre, apesar das restrições orçamentárias e financeiras, dava-se prosseguimento à implantação da Aviação do Exército e à reestruturação da Força, reduzindo, eliminando ou racionalizando organizações consideradas obsoletas ou desnecessárias. Na área de ensino, instrução e adestramento do pessoal, os cursos, estágios e o adestramento da Força transcorria normalmente.

## b. Principais Realizações do Período de Governo

### **Instrução e Adestramento**

Cerca de 200 mil homens receberam instrução, adestramento, capacitação física e educação. As Organizações Militares, em número superior a 600, buscaram desenvolver, no jovem, o espírito cívico, desportivo e de cidadania e proporcionaram ao contingente anual, alimentação, vestuário, assistência médica, farmacêutica e odontológica.

Nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, foram concedidos estágios para aproximadamente 4.300 oficiais temporários das áreas de combatentes e de saúde.

### **Ensino**

Nas principais capitais do País, mais de 22 mil alunos, filhos de civis e militares, entre 10 e 18 anos de idade, receberam ensino Preparatório e Assistencial. O Exército ministrou, para oficiais e praças, em diferentes postos e graduações da hierarquia militar, ensino de formação, aperfeiçoamento, especialização, altos estudos, a nível de graduação e pós-graduação, mestrado e doutorado.

Destacam-se, dentro da área de ensino de 1º e 2º graus, os diversos Colégios Militares que foram criados, reativados ou ampliados.

Aproveitando a permanência do recruta no Quartel, tem sido estimulada a profissionalização em vários ramos de atividades, tendo sido beneficiados cerca de 60 mil homens, que obtiveram, assim, melhores condições de trabalho no retorno à vida civil.

### **Reaparelhamento do Exército**

O trabalho prosseguiu, no período, com a realização de ações para a implantação da Aviação do Exército, em Taubaté-SP.

Mereceu destaque a informatização das áreas administrativa e operacional, bem como a implantação do Centro de Instrução de Guerra Eletrônica. Continuou a implantação do Sistema de Comando e Controle, que permitirá agilizar a coordenação das atividades administrativas e operacionais, dentro da Força e com as demais Forças singulares.

Para o atendimento ao Programa de Modernização da Força Terrestre obteve-se, junto ao Congresso Nacional, autorização para contratar operação de crédito externo no valor de US\$ 424 milhões, para aquisição de bens e serviços, sendo US\$ 185 milhões no mercado externo e US\$ 239 milhões no mercado interno.

Os recursos oriundos da privatização de estatais em 1993, no valor de R\$ 31,5 milhões foram empregados na manutenção do equipamento de material bélico e na aquisição de novos materiais.

### **Rearticulação da Força Terrestre**

O Exército transferiu, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul para os Estados de Roraima e do Amazonas, duas Brigadas de Infantaria, transformando-as em Unidades de Selva que, com a implantação e melhoramento de outras Organizações Militares ao norte da calha dos rios Solimões e Amazonas, como parte do Programa Calha Norte, promoverão importantes atividades em prol da vivificação e defesa da faixa de fronteira Norte.

### **Participação em Missões de Paz**

No período, em cumprimento a compromissos internacionais com a ONU, 260 militares do Exército participaram de missões de paz em Angola, El Salvador, EUA, Honduras, Moçambique, Nicarágua, Suriname e Uganda-Ruanda e na ex-Iugoslávia.

Destaca-se, neste particular, a Companhia que foi a Moçambique, onde o soldado brasileiro demonstrou o elevado nível profissional e operacional de que é dotado.

### **Doutrina e Planejamento Militar Terrestre**

O Exército vivencia uma fase de transição, em que se questionam e se atualizam estruturas organizacionais, concepções políticas e estratégicas, e se realiza um renovado esforço de sistematização e de racionalização de planejamentos e atividades.

A primeira medida objetiva de preparação do Exército para atuar nos cenários futuros, foi a de definir esses cenários e fazer evoluir a Doutrina Militar Terrestre.

Seguiu-se o desenvolvimento de todas as etapas do Planejamento Militar Terrestre, caracterizando, a partir de 1984, um novo ciclo de planejamento, renovado em 1990 sob a influência de mudanças substanciais nos âmbitos internacional, regional e nacional.

As novas prioridades de áreas estratégicas, a necessidade histórica da presença do soldado, fiadora da unidade, da coesão e da integridade nacionais, a necessidade de preparar, desde já, o Exército da próxima década, a adoção de hipóteses de conflito dependentes de ameaças atuais ou potenciais, o nível de preparo desejado para a Força Terrestre relacionado com a estatura e projeção do País, a necessidade do desenvolvimento da Expressão Militar harmônico com o das demais Expressões do Poder Nacional, foram fatores determinantes para a atualização ou reformulação das concepções políticas e estratégicas da Força Terrestre, permitindo traçar sua trajetória de evolução e a seleção de opções básicas de preparo a curto, médio e longo prazo.

### **Ação na Área do Bem-Estar Social**

O Ministério do Exército priorizou as ações sociais visando manter elevado o moral da tropa. Foram criados dois centros gerontológicos para proporcionar melhores condições de lazer e saúde aos militares reformados.

A Fundação Osório passou ao controle e fiscalização do Exército, criando novas perspectivas para o ensino assistencial aos dependentes dos militares.

Convênios assinados com a rede bancária, permitiram aos integrantes da Força receber seus vencimentos em qualquer banco conveniado, proporcionando um maior conforto para a família militar, bem como maior integração dessa com o meio civil.

O Ministério do Exército aprovou os Planos de Assistência Pré-Escolar para os seus servidores civis e militares. Para o pagamento desse benefício, no ano de 1994, todas as medidas já foram tomadas. Para 1995, o custeio foi incluído no orçamento.

Assinou-se convênio de cooperação com a SEPLAN visando desenvolver um sistema federal que permita a utilização do pessoal militar inativo em trabalhos adequados às suas habilidades e aptidões, em benefício do serviço público, de empresas estatais ou mistas e da iniciativa privada.

Para proporcionar melhores condições de lazer e permitir o turismo da família militar, foram reformados os hotéis de trânsito de várias guarnições militares espalhadas por todo o Território Nacional.

## MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

### a. Situação Encontrada

As profundas transformações nas relações internacionais, determinadas fundamentalmente pelo fim da Guerra Fria e pela dissolução do bloco soviético, trouxeram notável complexidade e grande dinamismo à atuação externa dos Estados. Na esfera econômica, surgiram blocos de comércio constituídos por países com níveis mais elevados de produtividade, quadro que levou a mudanças profundas na forma de articulação da economia brasileira com o mercado mundial. Esse cenário oferece novos espaços de atuação diplomática, especialmente para países que, como o Brasil, têm crescente presença internacional, tanto no plano político quanto no econômico.

No entanto, justamente quando a internacionalização da economia brasileira e a necessidade de estar presente em todos os quadrantes geográficos exigiram da ação diplomática do Brasil maior dinamismo, o Itamaraty viu-se confrontado com severas restrições orçamentárias.

A despeito de todas as dificuldades impostas pela escassez de recursos, a política externa do meu Governo deixa notável acervo de realizações em áreas vitais para o desenvolvimento econômico e social do país e para a maior projeção do Brasil no cenário internacional. Naturalmente, muito mais poderia ter sido realizado em situação orçamentária menos restritiva. A divulgação da riqueza cultural brasileira, a melhoria da assistência consular a nossos cidadãos no exterior, a projeção adequada da realidade do País, a expansão de programas de promoção comercial, a densificação de marcos limítrofes nas fronteiras secas são exemplos de atividades que poderiam adquirir dinamismo com maiores recursos orçamentários.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

A política externa brasileira teve como objetivo principal revalorizar e expandir a presença do Brasil no cenário internacional, ao buscar refletir no plano externo os ideais compartilhados pela sociedade brasileira, de consolidação da democracia, de busca do desenvolvimento com justiça social e do compromisso com o desarmamento. O Brasil participou ativamente dos processos de reestruturação política, econômica e social das relações interna-

cionais e adotou, como prioridades, o tratamento multilateral dos grandes temas políticos e econômicos, a democratização do processo decisório internacional, bem como a consolidação do projeto de integração regional e o fortalecimento das relações com os nossos principais parceiros.

No plano das relações multilaterais, o desejo de contribuir para a formulação de uma ordem mais democrática das relações internacionais levou-nos a deixar claro, no discurso de abertura da XLIX Assembléia Geral das Nações Unidas, que o Brasil está disposto a assumir todas as responsabilidades inerentes aos países que ocupam assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU. Países da América Latina, Europa, África e Ásia manifestaram apoio à postulação brasileira. Nos últimos 2 anos, o Brasil foi eleito para integrar o Conselho de Segurança, como membro não permanente. Nossa atuação nesse foro conquistou grande respeitabilidade, característica que creditamos ao vasto acervo de realizações positivas que moldaram para a diplomacia brasileira perfil marcado pela credibilidade, coerência e sólida capacidade de articulação de consenso, em termos de interesse, para todas as regiões do mundo.

Quando da votação, no Conselho de Segurança da ONU, de resolução que autorizou a constituição de força multinacional para intervir no Haiti, determinei que o Brasil se abstivesse, por respeito ao princípio de não-intervenção nos assuntos internos dos Estados e com base nas disposições da Constituição Federal e da Carta das Nações Unidas.

No âmbito das Nações Unidas, o Brasil participou de operações de paz em Angola, Moçambique, El Salvador, Libéria, Iugoslávia, Camboja e Ruanda. Teve também participação ativa na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, realizada em Viena, em 1993, quando coube à delegação brasileira presidir o comitê encarregado da redação da Declaração Final. Na área de meio ambiente, destacam-se a entrada em vigor da Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima e da Convenção sobre Diversidade Biológica, assim como a eleição do Brasil para integrar a Comissão do Desenvolvimento Sustentável.

O Brasil se empenha em que a promoção do desenvolvimento seja tarefa básica das Nações Unidas, de forma a que seja possível responder com maior acerto aos desafios de construção da paz e de uma ordem justa e estável, bem como dar sentido concreto ao conceito de "diplomacia preventiva". Com esse espírito, a diplomacia brasileira apresentou à Assembléia Geral da ONU a proposta de convocação de uma Conferência Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento.

O nosso compromisso com o desarmamento e a não-proliferação de armas de destruição em massa teve seguimento com a entrada em vigor, para o Brasil, do novo texto do Tratado de Tlatelolco e do Acordo Quadripartite entre o Brasil, a Argentina, a Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares (ABACC) e a AIEA para a aplicação de salvaguardas abrangentes às instalações nucleares de ambos os países. Com essas iniciativas, o Brasil ofereceu plena expressão jurídica à sua política de repúdio às armas de destruição em massa e contribuiu decisivamente para a transformação da América Latina e do Caribe na primeira região povoada do mundo efetivamente livre de armas nucleares. Paralelamente, o Brasil passou a aplicar, em sua atividade de exportações de materiais sensíveis, as diretrizes do Regime de Controle de Tecnologia de Mísseis (MTCR) e empenhou-se no sentido de ver concluído um Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares, bem como para a criação do registro de transferência internacional de armas convencionais das Nações Unidas. Insere-se também nesse quadro a assinatura, em janeiro de 1993, da Convenção sobre Armas Químicas, e em setembro de 1994 da Convenção sobre Armas Biológicas. A luz de que precede, e como prova de reconhecimento do caráter pacífico e construtivo da política externa brasileira na área de tecnologias sensíveis, países como Estados Unidos, Alemanha, Japão, França e Rússia, já reduziram ou eliminaram suas restrições à exportação dessas tecnologias para o Brasil.

O nosso Governo, por outro lado, realizou tenaz trabalho com vistas à integração regional. O comércio intra-MERCOSUL saltou de US\$ 3,6 bilhões em 1990 para US\$ 8 bilhões em 1993 e o volume de transações continua a crescer no sentido de superar, em 1994, o nível de 10 bilhões de dólares. Essas cifras traduzem o empenho do Brasil, em conjunto com Argentina, Paraguai e Uruguai com vistas à consolidação do processo de integração. Durante a Presidência Pro Tempore do MERCOSUL, que o Brasil ocupou no segundo semestre de 1994, realizou-se, em Ouro Preto, a VII Reunião de Cúpula do Conselho do Mercado Comum, encontro de significado histórico por assinalar a consolidação da União Aduaneira, a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1995, alicerçada em uma Tarifa Externa Comum, abrangendo os produtos comercializados pelos países membros. Nesse mesmo período realizou-se, também no Brasil, a Conferência Diplomática do MERCOSUL, em nível de Chanceleres, com o objetivo de definir os aspectos institucionais do processo de integração.

Ainda no campo da integração regional, o governo brasileiro lançou, em dezembro de 1992, a Iniciativa Amazônica, com o objetivo de aprofundar o relacionamento econômico com nossos parceiros

amazônicos, neles incluídos os países do Grupo Andino, a Guiana e o Suriname. Insere-se também nesse contexto a celebração de acordos de complementação econômica com Venezuela, Bolívia e Peru. Em outubro de 1993, tomei a iniciativa de lançar a formação de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana - a ALCSA -, mediante a desgravação, a partir de 1995, de praticamente todo o comércio dentro da América do Sul. A ALCSA foi adotada como proposta comum do MERCOSUL e as negociações (que no caso do Chile e da Bolívia já estão em curso) envolvem não apenas os países do MERCOSUL, em conjunto, mas também os demais países sul-americanos, individualmente ou em grupo.

O Brasil desempenhou papel ativo nos entendimentos com vistas à constituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, com o objetivo de que, juntamente com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe desenvolvamos a cooperação nas áreas social, cultural e econômica. As negociações encontram-se concluídas, esperando-se para breve a institucionalização do CPLP. A cidade de Brasília sediou, em 1994, a III reunião da Zona de Paz e Cooperação no Atlântico Sul, durante a qual houve consenso quanto à necessidade de seu fortalecimento como instrumento regional de cooperação, tendo sido adotadas as Declarações sobre Desnuclearização do Atlântico Sul, sobre Cooperação Empresarial e sobre Meio Ambiente Marinho.

A tradicional prioridade conferida pela diplomacia brasileira às relações com o continente americano ganhou, nos últimos dois anos, novo impulso e dinamismo. Ilustram essa atuação no plano bilateral os encontros que mantive com meus homólogos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Uruguai, Paraguai, Guiana e Venezuela, assim como a intensa troca de visitas, a nível de Chanceleres e Ministros de Estado, que envolveram praticamente todos os países da região.

Nessas ocasiões, buscou-se materializar as oportunidades de concertação política e cooperação econômica materializadas, entre outras, pelas seguintes atividades: - a) Argentina - diminuição dos trabalhos conjuntos com vistas à construção das pontes São-Borja-São Tomé e Capanema-Andrés Borge e da Hidrovia Paraguai-Paraná, que constituem projetos de infraestrutura indispensáveis para o processo de integração regional; - b) Uruguai - conclusão do Acordo de Cooperação Ambiental; - c) Paraguai - finalização das negociações que conduziram à normalização dos pagamentos ao Governo paraguaio pela Itaipu Binacional e à conclusão do acordo sobre o Estatuto da Binacional; - d) Venezuela - assinatura, em março de 1994, do Protocolo da Guzmán, que estabelece a Comissão Binacional de

Alto Nível; - e) Bolívia - celebração do acordo para a aquisição pelo Brasil de gás boliviano; - f) Colômbia - instalação da I Reunião da Comissão de Vizinhança; - g) Peru - conclusão do Acordo de Complementação Econômica; - h) Chile - assinatura dos Acordos para a Promoção e Proteção de Investimentos e para evitar dupla tributação e de Cooperação Jurídica; Com o México, houve negociações para a conclusão de acordos de tributação, promoção e proteção de investimentos e renegociação do Acordo de Alcance Parcial. Ao Suriname e Guiana propusemos negociações do Acordo de Complementação Econômica, no âmbito da Iniciativa Amazônica.

Realizou-se em 1994 a primeira reunião de Chefes de Missões Diplomáticas e Brasil na América Central e Caribe, com o objetivo de promover o fortalecimento da presença brasileira na região. No relacionamento com Cuba, merecem menção especial a política brasileira de não estender a assistência à conservação do meio físico no convívio internacional. Quando Che Guevara realizou sua visita a Havana, fez gestões que contribuíram para a desalojamento da comunidade de Tlatelolco, bem como à visita ao país do Alto Comissário de Direitos Humanos das Nações Unidas. Concluiu-se com Cuba, em 1994, o Acordo sobre a Redução do Tráfico de Entorpecentes e os Ajustes Complementares ao Acordo de Cooperação Científica, Técnica e Tecnológica.

O Brasil participou, em 1994, em junho, da Assembleia Geral da OEA, ocasião em que foi assinado o Protocolo da Convenção Americana sobre Direitos Humanos relativo à Abolição da Pena de Morte, à Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e à Convenção Interamericana sobre Desaparecimento Forçado de Pessoas. Acidentalmente, no acolhimento em julho de 1993, a III Conferência Ibero-Americana, sob o lema "Estado e de governo, construindo novos caminhos para o desenvolvimento, com ênfase no aspecto social", comemoramos o centésimo do encontro. Participei ainda da IV Cúpula Ibero-Americana, em Cartagena, Colômbia, em junho de 1994, tendo também sido anfitrião, em setembro último, da VIII Cúpula Presidencial do Mecanismo Permanente de Consulta e Concertação Política. Realizou-se ainda, em São Paulo, em abril de 1994, a IV Reunião dos Ministros das Relações Exteriores dos países do Grupo do Rio e da União Européia, com a finalidade de promover a cooperação entre as duas áreas.

Ressalte-se que o Governo também atribuiu a importância devida ao relacionamento com os países desenvolvidos, que se constituem em fontes de progresso nas áreas cultural, comercial, financeiro e tecnológico. Com os Estados Unidos da América promoveu-se a redução do contencioso comercial (que afetava sobretudo a área de

propriedade intelectual e foi tudo o levantamento das sanções comerciais aplicadas pela legislação comercial norte-americana ao Brasil (Supra 301). Em decorrência do "desbloqueio" da agenda bilateral foi concluído em março último, o Protocolo de Emenda ao Acordo de Ciência e Tecnologia. Nessa mesma época o Vice-Presidente Al Gore visitou Brasília, quando tive oportunidade de expressar nosso empenho em participar ativamente e de forma construtiva da Cúpula das Américas. Com esse espírito compareci em companhia do Presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, a esse encontro de grande significado para as relações hemisféricas. A preparação do Brasil para o evento foi precedida de articulação diplomática, sobretudo no Grupo do Rio, do qual o Brasil teve a Secretaria Pro-Tempore em 1994.

Merece destaque o estabelecimento da parceria na área tecnológica com os EUA, ilustrada pelo concluído em março de 1994 do Memorando de Entendimentos entre a CDTA e a NASA, para a realização da "Campanha Guarã", relativa ao lançamento de foguetes de sondagem norte-americanos a partir do Centro de Lançamentos de Alcântara. Registre-se também o lançamento, em fevereiro de 1993, em Cabo Canaveral, Flórida, do Primeiro Satélite Brasileiro de Colaboração com a CDTA, o qual, embora não ainda, participou o norte-americano em projeto de grande magnitude na área ambiental, o Sistema de Vigilância do Amazonas - SIVAM - SIPA.

No nosso período de Governo, conferiu-se dinamismo ao relacionamento com a Europa comunitária, reatando comercial o PECO realizado 26% nos setores das atividades de intercâmbio comercial não só por meio do diálogo bilateral mas também através de comissões envolvendo o tipo bilateral, como o CCCC para a Europa. O Brasil Busca-se, através de negociações a nível bilateral, a criação do MEECO "UE", delimitando as bases de um acordo de cooperação entre as duas áreas. Ante a Visão alta da América Latina, a expressão demonstrando a complementaridade na política externa brasileira ao deontar, e a postura firme, a comissão do Brasil de sua "Lista H", seleção de países sobre os quais poder-se-iam aplicar restrições à importação de tecnologias sensíveis.

O Chamado brasileiro visitou o Reino Unido, em julho de 1994, quando foi assinado o Acordo de Promoção e Proteção Recíproca de Investimentos, estabelecendo-se o regime de consultas de alto nível e instituiu-se a Comissão Impr. Supra Cct. 10.

A América Latina também ganhou renovado impulso com os trabalhos para a formação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP. Destacam-se no relacionamento bilateral a assinatura do Acordo para a Promoção e Proteção Recíproca de Investimentos e as

reuniões do Grupo de Trabalho Especial criado para examinar a questão da equivalência de títulos universitários.

Merecem ainda relevo, entre as ações do Governo no relacionamento com o continente europeu, a abertura da Embaixada do Brasil em Kiev, o reconhecimento da independência da República Tcheca e da República Eslovaca, a formalização de relações diplomáticas com a Eslovênia e a Croácia, bem como a celebração de Acordos de Comércio e Cooperação bilateral com a República Tcheca, a Polônia, a Romênia e a Bulgária.

O relacionamento do Governo brasileiro com o Japão recebeu importante estímulo, quando da visita ao Brasil do Vice-Primeiro-Ministro e Chanceler japonês, Yohei Kono. Nessa ocasião, foram discutidas, entre outras matérias, formas de intensificação do relacionamento no marco da próxima celebração do centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, concluído entre o Brasil e o Japão em 1895. Destacam-se, ainda, no relacionamento bilateral, a abertura do Consulado do Brasil em Nagóia, a conclusão do Acordo relativo à doação cultural japonesa à UNICAMP e à assinatura do Registro de Conversações relativo à implementação da fase III do Programa de Desenvolvimento do Cerrado. Em 1993, foi concluído o acordo bilateral relativo à concessão de empréstimo japonês para o financiamento dos projetos ambientais de despoluição da Baía de Guanabara, do Rio Tietê e para construção de usina de reprocessamento em São Paulo.

Procuramos desenvolver relacionamento especial com países que, como o Brasil, apresentam dimensões continentais, grande massa populacional, nível tecnológico relativamente elevado em alguns setores e se caracterizam como países em fase de desenvolvimento. Dessa forma, com a China, a Rússia e a Índia o Brasil buscou dinamizar a cooperação em temas de interesse comum, nos planos bilateral e multilateral. Nesse sentido foi assinado com a China o Protocolo sobre Cooperação em Aplicações Pacíficas da Ciência e Tecnologia do Espaço Exterior. Destaque-se também, a conclusão do Protocolo de Pontos Principais do Projeto CBERS, relativo à construção de dois satélites de sensoriamento remoto, que representa o mais importante projeto de cooperação em alta tecnologia entre países em desenvolvimento. Foram igualmente assinados Ajustes Complementares com vistas a estimular a cooperação científica e tecnológica com a RPC. Em 1994, inaugurou-se o Consulado Geral em Xangai.

Com a Rússia buscou-se desenvolver, cooperação em áreas de tecnologia de ponta, em cujo âmbito insere-se a assinatura, em 1994,

do Acordo para a Cooperação nos Usos Pacíficos da Energia Nuclear. Foram concluídos o Acordo de Cooperação quanto ao Tráfico Ilícito de Drogas, o Protocolo de Consultas e o Memorando de Intenções sobre cooperação na área de meio ambiente. Foi também rubricado o Tratado sobre Relações de Parceria entre os dois países. Nos últimos dois anos, concluiu-se ainda o Acordo Brasil-Rússia sobre Transportes Aéreos, o Acordo sobre a criação de Adidâncias Militares e o Protocolo de Cooperação Econômico-Comercial. Merece nota especial a conclusão, em 1993, do Protocolo de Cooperação no Campo Espacial.

A sintonia de interesses entre Brasil e Índia manifesta-se de forma marcada na maioria dos grandes temas da agenda internacional, (como "Agenda para o Desenvolvimento", Conselho de Segurança das Nações Unidas, meio ambiente e cooperação sul-sul). Destacam-se a realização da II Reunião de Consultas sobre Assuntos de Interesse Comum, a assinatura da Declaração Conjunta sobre Meio Ambiente e do Ajuste Complementar sobre Cooperação Científica e Tecnológica no setor ferroviário.

Nas relações com a Ásia merecem relevo a abertura da Embaixada do Brasil em Hanói, Vietnã, país que foi, em abril último, visitado por missão empresarial brasileira, e a normalização, também em abril de 1994, das relações diplomáticas com o Camboja, o que levou ao estabelecimento de Embaixada cumulativa com Bangkok. Visitaram o Brasil, durante a minha gestão autoridades do Paquistão, da Austrália e da Tailândia.

Em Camberra foram celebrados o Tratado de Extradução e o Acordo sobre o Trabalho de Dependentes de Funcionários Diplomáticos e Consulares. Foram também discutidas possibilidades de aproximação entre o MERCOSUL e a área de livre comércio australiana-neozelandesa: a "Closer Economic Relations".

A política externa brasileira tratou ainda de imprimir vigor e dinamismo às relações com o continente africano. O fim do "apartheid" e o processo de democratização na África do Sul abriram grandes possibilidades de estreitamento dos vínculos com o Governo de Pretória. Importante missão comercial brasileira realizou visita à África do Sul, em março último.

Com a África, merecem também destaque a assinatura, em Windhoek, do Memorando de Entendimentos na área agrícola e do Acordo de Cooperação Naval Brasil-Namíbia, a visita ao Brasil de autoridades do Governo de Gana para tratar da aquisição de navios junto a estaleiro brasileiro e analisar projetos na área de construção civil (a serem levados a cabo por empresa brasileira), a conclusão de

acordo de reescalonamento da dívida da Costa do Marfim com o Brasil, além da vinda a Brasília de Missão Comercial e de autoridades do Governo da Nigéria. Delegação brasileira participou, em Harare, da I Conferência Consultiva da SADC (Southern African Development Community), principal entidade de integração econômica da África Austral.

Por outro lado, o Brasil foi o único país da América Latina a ser convidado para as cerimônias de assinatura do acordo de paz entre Israel e Jordânia, fato que demonstra não só a importância do nosso relacionamento com os países do Oriente Médio, mas também o reconhecimento à atuação relevante da diplomacia brasileira na construção de uma ordem internacional baseada na paz e no entendimento.

Exemplificam o bom relacionamento com o Oriente Médio a realização, em abril de 1994, da reunião da Comissão Mista Cultural Brasil-Israel, a primeira celebrada desde a assinatura do Convênio de Intercâmbio Cultural, em 1959, ocasião em que foi firmado o Programa de Cooperação Cultural e Educacional para o período 1994-96. Tendo em vista a assinatura, por parte da OLP e do Estado de Israel, da Declaração de Princípios sobre Administração Autônoma e de instrumentos de reconhecimento recíproco, o Governo brasileiro anunciou, em outubro de 1993, sua autorização para o funcionamento no Brasil de uma Delegação Especial Palestina, inaugurada naquele mesmo ano. Com o Irã, destacam-se as negociações do Acordo sobre Transporte Marítimo bilateral, além de intensa troca de visitas de autoridades governamentais e da área empresarial. Com os Emirados Árabes Unidos, verifica-se o estreitamento dos contatos entre as Forças Armadas dos dois países, impulsionado pela visita a Brasília, em maio último, do Xequê Tenente Brigadeiro-do-Ar Mohamed Bin Zayed Al-Nayan. O Brasil recebeu ainda, em janeiro deste ano, a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Estado do Catar, quando se decidiu a criação de Embaixadas residentes em ambos os países. Recebemos também a visita do enviado especial do Emir do Estado do Kuaite e do Ministro da Informação daquele país. O Ministro Celso Amorim realizou, em outubro de 1994, a primeira visita de um Chanceler brasileiro ao Líbano, quanto tratou de cooperação bilateral.

A distribuição relativamente homogênea do comércio exterior brasileiro entre nossos principais parceiros fundamenta a prioridade que foi atribuída ao fortalecimento do sistema multilateral de comércio com regras estáveis. Com esse espírito, o Brasil teve ativa participação em praticamente todos os grupos negociadores da Rodada Uruguai do GATT. Em seu discurso por ocasião da assinatura do Acordo da Rodada Uruguai, em Marrakesh, o Chanceler brasileiro

reiterou a disposição do Brasil de defender na Organização Mundial do Comércio os princípios que devem orientar as trocas internacionais, no sentido de ver abolidas as restrições comerciais, as práticas desleais de comércio e as medidas unilaterais.

A importância que o Brasil atribui aos foros que reúnem países em desenvolvimento foi ilustrada por minha presença na III Reunião de Cúpula do Grupo de Consulta e Cooperação Sul-Sul (Grupo dos 15). Naquela ocasião tive oportunidade de reiterar que uma efetiva “Agenda para a Paz” não pode prescindir de uma “Agenda para o Desenvolvimento”.

Concretizou-se a participação do Brasil no Centro de Desenvolvimento da OCDE, mediante acordo firmado com aquela organização em março de 1994. Nesse contexto, realizou-se em São Paulo o primeiro seminário em país latino-americano promovido por aquela organização.

Por outro lado, o Governo brasileiro alcançou, após longas e complexas negociações com seus credores internacionais, o encaminhamento favorável da dívida externa brasileira, inclusive através da conclusão, em 1993, de acordo de reescalonamento com o Comitê de Bancos Credores e com o Clube de Paris.

Na área cultural, exemplo marcante da atividade brasileira foi nossa representação na Feira do Livro de Frankfurt, realizada este ano, que teve o Brasil como tema principal. O Brasil teve também atuação relevante no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesse órgão foram aprovadas importantes iniciativas do Brasil que resultaram nas resoluções relativas à Conclusão de um Acordo Geral sobre a Cultura e o Desenvolvimento e ao estabelecimento de uma comunidade cultural da América Latina e Caribe.

As relações internacionais atravessam momento de grande complexidade. Delineiam-se quadros em que tendências positivas em direção à liberalização das trocas econômicas e ao prevalecimento do diálogo e do entendimento políticos contrapõem-se a outras, ligadas a interesses excludentes, ou a concepções nacionalistas extremadas. O dinamismo desse cenário, no entanto, faz surgir novas oportunidades para a atuação dos Estados. Nesse ambiente, a diplomacia brasileira soube mover-se com sensibilidade, dinamismo e criatividade para identificar, em todos os quadrantes, condições para a promoção do interesse nacional.

## MINISTÉRIO DA FAZENDA

### a. Situação Encontrada

A economia brasileira encontrava-se em recessão, prevalecendo expectativas de incerteza por parte dos agentes econômicos: decisões de investimentos eram postergadas, os níveis de renda caíam e aumentava o ritmo de remarcação de preços, e fazia-se necessária a promoção da estabilização da economia e a retomada do crescimento econômico.

Encerramos o nosso Governo com um cenário oposto ao encontrado em outubro de 1992: níveis mínimos e toleráveis de inflação; consistente credibilidade do padrão monetário; taxas de juros reduzidas; confiança da população no plano de estabilização e amplo apoio da base parlamentar ao Governo, fatores que permitem antecipar a retomada, em bases sólidas, do crescimento da economia nos próximos anos.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

#### **Equilíbrio Fiscal**

O ajuste fiscal para os exercícios de 1994 e 1995 foi viabilizado através da aprovação, pelo Congresso Nacional, da proposta de Emenda Constitucional criando o Fundo Social de Emergência - FSE, que consiste em mecanismo transitório de desvinculação de receitas para atenuar a excessiva rigidez dos gastos da União, possibilitando o equilíbrio orçamentário até o final de 1995.

Foi ainda adotado severo controle sobre as liberações de despesas, conjugado a um maior esforço de combate à sonegação. Além disso, a transparência das contas públicas foi perseguida, destacando-se a separação das contas do Tesouro Nacional e do Banco Central e a transferência para o Tesouro de parte da dívida externa depositada no Banco Central. Esta última operação teve como contrapartida a redução, em mesmo montante, dos títulos públicos que garantiam os débitos no Banco Central, e sobre os quais o Tesouro pagava juros.

Consoante o programa econômico, adotou-se um conjunto de medidas abrangendo todos os níveis de governo, como a redução do orçamento federal em R\$ 5,13 bilhões, a adoção de medidas para combater a evasão fiscal e a retomada do fluxo de pagamentos da dívida dos Estados e Municípios junto aos bancos federais.

A arrecadação foi da ordem de R\$ 62 bilhões, permitindo um incremento em torno de 33% em relação à arrecadação de 1993 de R\$ 46,6 bilhões

### **Reordenamento das Finanças do Setor Público**

Em dezembro de 1993 foi encaminhado ao Congresso Nacional projeto de lei orçamentária, reformulado e equilibrado, que incorporava os efeitos das principais medidas tributárias aprovadas para 1994, gerando um aumento adicional nas receitas de, aproximadamente, R\$ 1,2 bilhão.

As despesas também apresentaram queda de, aproximadamente, R\$ 5,13 bilhões, em função dos cortes efetuados em despesas de custeio e capital, por força da aprovação, pelo Congresso Nacional, do Fundo Social de Emergência. Os gastos com juros reais sobre a dívida pública também reduziram em R\$ 3,4 bilhões.

### **Refinanciamento da Dívida da União, Estados e Municípios**

O comprometimento das administrações estaduais e municipais com o ajuste macroeconômico do setor público foi efetivado através da assinatura de termos de compromisso relativos ao refinanciamento de suas dívidas contratuais, com o intuito de assegurar o fluxo de retorno de créditos da União e reduzir o nível de inadimplemento dos Estados e Municípios.

As dívidas dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, e das entidades a eles vinculadas, foram refinanciadas durante o primeiro semestre de 1994, conforme previsto na Lei 8.727, de 5 de novembro de 1993. O montante do refinanciamento atingiu a cifra de R\$ 17.700 milhões, propiciando um retorno de cerca de R\$ 85 milhões/mês.

### **Controle dos Gastos Públicos**

Com relação à execução de caixa do Tesouro Nacional, o Governo desenvolveu uma política de contenção de gastos, com o objetivo de manter as despesas nos estritos limites da arrecadação. Tal política compreende a programação antecipada dos gastos, em consonância com a expectativa de ingresso de recursos no caixa do Tesouro. Apesar disso, as contas do Tesouro, no período de janeiro a outubro de 1993, apresentaram resultado negativo, em razão, principalmente, do incremento dos desembolsos destinados ao pagamento dos encargos da dívida pública federal.

As despesas do Tesouro elevaram-se em mais de 44%, em termos reais, relativamente a 1992, basicamente em decorrência do crescimento real das liberações para o pagamento de encargos da dívida mobiliária (554%), encargos da dívida interna e externa (56%), despesas de custeio e investimento (49%) e despesas de pessoal (29%).

Ainda no que tange aos gastos públicos, procedeu-se à reestruturação do Sistema de Controle Interno, com o início da implantação do Programa de Controle de Gastos Públicos e a realização de auditorias especiais no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e nos empréstimos externos contraídos com o Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e bancos estrangeiros.

### **Dívida Pública Mobiliária Federal**

Até o final de outubro, a dívida pública mobiliária, fora do Banco Central, atingiu o montante equivalente a R\$ 34,2 bilhões (US\$ 40 bilhões, na cotação de 9 de dezembro de 1994), revelando estabilidade no decorrer do ano.

O retorno a um cenário marcado pela estabilidade política possibilitou ao Tesouro Nacional a colocação de títulos com prazos maiores e taxas de juros inferiores àquelas verificadas até setembro de 1992, quando o prêmio exigido pelo mercado para adquirir títulos do Tesouro Nacional encontrava-se em torno de 30% a.a. Mesmo a essa taxa elevada, a demanda pelos papéis era bastante reduzida, dificultando a rolagem da dívida pública mobiliária federal.

É importante ressaltar que, durante o ano de 1994, e principalmente a partir da implantação da terceira fase do Plano de Estabilização Econômica, em 1º de julho, o estoque da dívida reduziu-se consideravelmente, de R\$ 83,9 bilhões em janeiro de 1994 para R\$ 58,0 bilhões, em outubro de 1994. Esta redução ocorreu devido aos seguintes fatores: resgate de parte da dívida pública mobiliária federal na carteira do Banco Central; desvalorização do dólar em relação ao real, fazendo com que a parte da dívida indexada àquela moeda (aproximadamente 40%) reduzisse em termos reais; utilização pelo Tesouro Nacional de recursos próprios para resgate de parte da dívida vencida e redução das taxas de juros na colocação de novos títulos no mercado.

## **Redefinição do Papel do Estado**

### **Programa de Desestatização**

A alteração do papel do Estado, reduzindo sua participação no setor produtivo em benefício de suas funções tradicionais na área social e outras típicas de governo, remete o Programa Nacional de Desestatização (PND) à questão do ajuste fiscal. Um dos estágios do PND é o processo de privatização das empresas estatais. Do início do Governo, em outubro de 1992, até o final de 1993, foram vendidas seis empresas, propiciando receita de R\$ 2,39 bilhões. Em 1994 foram privatizadas, entre outras, as empresas Petroquímica União - PQU, Arafertil S/A e Minerações Caraíba Ltda, além da venda da participação do Estado em companhias já privatizadas e de participações minoritárias em grande número de outras empresas, gerando recursos da ordem de R\$ 627 milhões.

De outubro de 1992 até o presente momento foram renegociadas e securizadas R\$ 2,47 bilhões em dívidas. O instrumento de securitização foi ativamente utilizado no saneamento das empresas privatizadas neste período, possibilitando a realização das alienações das siderúrgicas Açominas e Cosipa, entre outras. O processo de securitização foi utilizado para a assunção das debêntures da Empresa Brasileira de Aeronáutica EMBRAER e de dívidas da Companhia Lloyd Brasileiro LLOYDBRÁS, com vistas a viabilizar a privatização daquelas empresas, bem como na renegociação de parte de um grande passivo da União, referente às dívidas com o setor elétrico provenientes da Conta de Resultados a Compensar.

### **Dívida Externa**

A conclusão do acordo abrangente de reescalonamento da dívida externa com os bancos comerciais em 15 de abril de 1994 restabeleceu uma situação de normalidade entre o Brasil e seus credores externos. O acordo com os bancos comerciais envolveu o reescalonamento de dívidas, totalizando cerca de US\$ 47,2 bilhões, incluindo US\$ 32,5 bilhões de dívidas de médio e longo prazo com bancos comerciais estrangeiros, US\$ 5,3 bilhões devidos às agências externas de bancos brasileiros, US\$ 3,8 bilhões de dinheiro novo de 1988 e US\$ 5,6 bilhões de juros em atraso referentes ao período de 1º de janeiro de 1991 a 15 de abril de 1994. A garantia total exigida foi de quase US\$ 3,9 bilhões, sendo que US\$ 2,8 bilhões foram desembol-

sados à época da permuta da dívida (15 de abril) com o restante a ser proporcionado no prazo de dois anos, em quatro parcelas semestrais. A garantia inicial foi financiada com as reservas internacionais do Brasil e quase US\$ 400 milhões em dinheiro novo proporcionado pelos bancos comerciais. A redução da dívida e do serviço da dívida derivada deste acordo, juntamente com o ajuste fiscal projetado, contribuirá para a obtenção de uma posição sólida do balanço de pagamentos, a médio prazo. Para ajudar a obter esse objetivo, o governo restringirá os empréstimos externos líquidos do setor público, incluindo os créditos de curto prazo tomados pelo setor público não-financeiro.

Acrescente-se que, conquanto ainda não se tenha alcançado acordo com o Fundo Monetário Internacional, foi assinado o acordo da dívida externa brasileira com os credores privados internacionais, que permitirá reduzir em aproximadamente US\$ 7 bilhões a dívida atual, de US\$ 35 bilhões, com esses credores.

## **Desenvolvimento Econômico e Integração Regional**

### **Apoio ao Setor Agropecuário**

Na execução das Operações Oficiais de Crédito, relativamente aos recursos sob supervisão do Ministério da Fazenda, especial ênfase tem sido conferida aos programas de apoio ao setor agrícola, particularmente aos mini e pequenos produtores rurais, e à exportação.

Foram destinados às atividades agropecuárias e agroindustriais recursos da ordem de R\$ 1,05 bilhões em 1993, e de R\$ 2,17 bilhões em 1994 (janeiro a outubro). Na execução dos programas voltados ao custeio agrícola, comercialização e estoques estratégicos, verifica-se em 1994 um acréscimo de 63,42% em relação aos desembolsos efetuados durante todo o ano de 1992.

Objetivando essencialmente a ampliação da produção e da produtividade agropecuária, foram adotadas, em 1993 e 1994, medidas e ações voltadas ao atendimento mais expressivo à demanda por crédito rural ao pequeno e médio produtor, para custeio e comercialização. Nesse contexto figura a criação do PROVAPE - Programa de Valorização da Pequena Propriedade Rural, com taxas de juros inferiores às praticadas nas demais operações oficiais de crédito; o estabelecimento de condições adequadas de renegociação de dívidas, a fim de permitir ao agricultor a continuidade da assistência financeira; o direcionamento de recursos para aquisição de insumos, correção de solos e outros investimentos; a implementação de sistema de equivalência em produto, aplicável aos financiamentos de custeio e

de investimento para mini e pequenos produtores de alimentos básicos; a atração de recursos não orçamentários para suplementação de créditos ao setor, mediante o pagamento de equalizações de taxas de juros em financiamentos concedidos pelo Banco do Brasil com recursos de captação própria.

### **Integração com a Economia Internacional**

A principal meta das relações econômicas com o resto do mundo foi a aproximação do Brasil aos seus vizinhos do sul e do norte na América do Sul. Ao sul, isso se deu através de um cronograma rígido, de tal sorte que antes do término de 1994 estavam consolidadas as principais medidas para a criação do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL. No norte do País, o Mercado dos países da Bacia Amazônica apenas se delineou politicamente. Porém, por iniciativa do Presidente Itamar, ocorreu importante encontro de Presidentes dos países da região.

A partir de primeiro de janeiro de 1995 implantar-se-á a zona de livre comércio entre o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Isto significa que os produtos produzidos por qualquer um dos quatro países envolvidos terão livre acesso ao mercado dos outros. Além disso, esses países adotarão tarifas aduaneiras comuns, em suas relações com o resto do mundo.

### **Liberalização de importações**

O processo de liberalização de importações, iniciado em 1990, já contribuiu muito para o desmonte de um sistema comercial complexo e pesadamente regulamentado, e os primeiros frutos de maior eficiência e produtividade estão sendo colhidos. Todos os controles quantitativos no setor de importações foram eliminados. A concessão de guias de importação tornou-se automática. E um programa plurianual de redução de tarifas foi concluído em julho de 1993. Em 1990, as tarifas variavam entre 0% e 105%, com uma média de 32%. Hoje, variam entre 0% e 40%, com poucas ocorrências acima de 20% (nas áreas de informática e telecomunicações). A tarifa média encontra-se abaixo de 14%. As alíquotas aplicadas aos setores mais protegidos de bens de capital, equipamentos de informática e de telecomunicações serão reduzidas gradativamente a níveis máximos de 14% e 16%, nos anos 2001 e 2006, respectivamente.

## **O setor externo**

Diversas medidas foram tomadas com o fim de melhorar o desempenho do setor exportador, cabendo destaque a: a) isenção da Contribuição para o Finsocial - COFINS na exportação de bens e serviços; b) concessão de crédito do PIS e COFINS para insumos destinados à produção para a exportação; c) isenção do PIS sobre exportações de bens primários e nas exportações realizadas por *trading companies*.

O balanço de pagamentos do Brasil deverá permanecer firme em 1994. Projeta-se que o déficit em conta corrente aumentará de US\$ 600 milhões em 1993 para US\$ 900 milhões em 1994 (0,18% do PIB), devido à continuação do processo de recuperação econômica, à liberalização de importações e à estabilização da moeda. Os grandes influxos de capital observados na primeira metade de 1994 diminuíram durante o restante do ano, devido aos efeitos da política cambial. As reservas internacionais brutas devem aumentar em cerca de US\$ 8,4 bilhões em 1994, alcançando um nível de US\$ 40,1 bilhões até o fim do ano.

No que respeita aos programas de apoio à exportação, verifica-se uma redução dos aportes destinados a financiamentos diretos, em razão da prioridade que tem sido conferida às operações de equalização de taxas de juros, com recursos provenientes da emissão de títulos públicos federais. Em 1992, os recursos totais aplicados ao Programa de Financiamento às Exportações - PROEX montaram a R\$ 211 milhões (US\$ 247 milhões, pela cotação de 9 de dezembro de 1994). Para atender gastos com o setor, o orçamento de 1994 estimou despesas da ordem de aproximadamente R\$ 602 milhões, dos quais foram executados apenas R\$ 52,8 milhões, em virtude da fase ainda incipiente de implantação do programa de equalizações.

## **Desenvolvimento Social e Relações com a Comunidade**

### **Habitação - Saneamento - Drenagem**

Com Recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS - geridos pela Caixa Econômica Federal, foram concluídas 219.665 unidades habitacionais, no valor de R\$ 2,0 bilhões, beneficiando uma população da ordem de um milhão de pessoas. Encontram-se ainda em construção 102.348 habitações, com financiamentos da ordem de R\$ 1,1 bilhão, que beneficiarão 512.000 pessoas. Com recursos da Caderneta de Poupança, foram concluídas

47.345 habitações, com financiamentos no valor de R\$ 995 milhões, beneficiando 237.000 pessoas. Estão sendo construídas, com recursos do Fundo de Desenvolvimento Social - FDS, 2.150 habitações, com financiamento da ordem de R\$ 41 milhões, destinadas à construção de unidades habitacionais para populações de baixa renda, através dos Programas de Habitação do Trabalhador e do Cidadão, que irão beneficiar 11.000 pessoas.

## MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

### a. Situação Encontrada

O volume de investimentos públicos na área dos transportes reduziu-se drasticamente na década de 80, prejudicando fortemente a ampliação e manutenção da infra-estrutura e sistemas existentes, do que resultou a degradação de malhas e sistemas, hoje carentes de obras de reconstrução de grande envergadura. Cerca de 32% da malha rodoviária federal - ou 24 mil Km - encontravam-se em péssimo estado de conservação. Estima-se que cerca de 35% da malha da Rede Ferroviária Federal - ou 8 mil Km - estavam em situação precária, enquanto 530 locomotivas estavam paralisadas ( 38% da frota total da empresa ).

Por seu turno, o sistema portuário brasileiro mostrava condições físicas e operacionais deficientes, implicando altos custos de movimentação nos portos brasileiros, o que comprometia a competitividade da economia brasileira.

Além disso, observava-se uma forte presença do transporte rodoviário em detrimento do intermodal na matriz do sistema de transportes brasileiro, afetando o desempenho racional das funções básicas de transporte no tocante à integração nacional, abastecimento interno e comércio exterior.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

#### **Transporte Ferroviário Urbano de Passageiros**

De grande relevância foi o início da implementação da transferência para os Estados e Municípios dos sistemas de transporte ferroviário urbano de passageiros geridos pela CBTU e pela TRENSURB.

Tal transferência, que atende preceito constitucional e foi definida em Lei aprovada pelo Congresso Nacional em 1993, envolve a implantação de projetos de reabilitação dos sistemas ferroviários urbanos, a maioria em estado precário de operação, e ações institucionais, administrativas e operacionais. Com tal objetivo, foram assinados contratos de financiamento com o Banco Mundial, destinados à recuperação e modernização dos sistemas de São Paulo e Rio de Janeiro, totalizando US\$ 553 milhões.

O sistema de São Paulo já está transferido para o Governo do Estado, e a estadualização do Sistema do Rio de Janeiro está em fase final de efetivação. Encontram-se em andamento os processos de transferência dos sistemas de Belo Horizonte e Recife.

### **Transporte Ferroviário de Longa Distância**

No âmbito da Rede Ferroviária Federal, são destacadas as seguintes medidas:

- retomada das obras no corredor ferroviário Goiás-Minas (Centro Oeste) e Paraná.
- realização de investimentos no Tronco Sul, rota ferroviária entre São Paulo e Uruguaiana, na fronteira com a Argentina, para melhor utilização do transporte ferroviário pelo MERCOSUL.
- retomadas das obras da travessia de Belo Horizonte, em fase de conclusão, que permitirão eliminar o gargalo operacional no corredor ferroviário Goiás-Minas-Espírito Santo.
- realização de estudos para construção da ponte internacional rodo-ferroviária sobre o Rio Uruguai, entre São Borja e Santo Tomé (Argentina).
- implantação do RODOTRILHO/CARGA, no eixo Rio São Paulo, e do RODOTRILHO AREIA, no vale do Paraíba, aliviando o trânsito de carga pesada na Via Dutra.
- entrega ao tráfego, em setembro de 1994, do trecho Norte da Ferrovia do Aço, obra realizada em parceria com a iniciativa privada (Minerações Brasileiras Reunidas - MBR).
- reativação, em novembro de 1994, do transporte regular de passageiros entre o Rio de Janeiro e São Paulo, com o lançamento do denominado "Trem de Prata".
- recuperação e modernização das locomotivas da RFFSA, com a participação de recursos das empresas privadas Companhia Brasileira de Alumínio - CBA e Companhia de Materiais Sulfurosos - MATSULFUR.

No campo operacional, a movimentação de cargas alcançada pela RFFSA em 1994 deve situar-se em torno de 39 bilhões de toneladas - quilômetro úteis - TKU, transportadas, próximo do patamar recorde do ano passado.

A RFFSA, a despeito dos bons resultados obtidos no período, continua operando sob forte restrição econômico-financeira, com elevado índice de endividamento. Assim, buscando a redução da participação do Estado na economia, foram patrocinados pelo BNDES estudos visando a identificação do modelo de privatização da RFFSA, mediante a modalidade de concessão da exploração, operação e manutenção do sistema federal de transporte ferroviário de cargas.

### **Subsetor de Portos e Hidrovias**

O evento de maior relevância, no período em questão, foi a promulgação da Lei nº 8.630, de 25 de fevereiro de 1993, face às profundas modificações que introduziu na estrutura do sistema portuário, através do estímulo à competição entre os portos, da alteração do regime de trabalho, da modificação da organização administrativa e, ainda, facilitando a privatização dos serviços. Esta Lei permitiu às diversas Companhias Docas melhor gestão de seus portos. Por essa razão, o Sistema Portuário Brasileiro apresentou, já em 1994, uma significativa recuperação operacional, com o acréscimo de movimentação de carga nos portos.

A instituição dos Conselhos de Autoridade Portuária - CAP trouxe para o subsetor uma dinâmica gerencial mais participativa, porque neles estão representados todos os setores envolvidos nessa atividade. O trabalho dos CAP resultou na aprovação e colocação em funcionamento vários instrumentos e regulamentos pertinentes à área.

Com a participação dos CAP, no ano de 1994, foi possível reativar os serviços de dragagem nos portos, retomar o treinamento da mão-de-obra portuária e buscar novas cargas, bem como fontes alternativas de recursos para o subsetor.

Ainda dentro de uma nova política de descentralização e como desdobramento da Lei dos Portos, foi realizada, em março de 1994, audiência pública dando início ao processo de concessão dos portos organizados de Porto Velho, Cabedelo, Itajaí e Laguna, bem como adotadas as providências iniciais para a constituição dos Órgãos Gestores de Mão-de-Obra - OGMO's nos portos.

Foi dado início, também, ao processo de revitalização de áreas portuárias, referente às instalações que não mais se adequam ao perfil moderno da movimentação de cargas. Foram lançados os projetos do Porto do Rio de Janeiro, vinculado a Companhia Docas do Rio de Janeiro - CDRJ e do Porto de Salvador, vinculado a Companhia Docas da Bahia - CODEBA. Essas áreas serão destinadas ao comércio e lazer, gerando receita para a administração portuária e renda para o setor privado.

Buscando a modernidade administrativa do setor, foi iniciada a implementação da gestão pela qualidade total, através de convênios com organizações privadas.

### **Navegação Mercante**

Para melhor gerenciamento desse segmento, estabeleceu-se um novo Sistema de Estatística do Transporte Mercante, visando a propiciar às Autoridades Marítimas dados que possibilitem a análise dos transportes nos diversos tráfegos e a participação da Bandeira Brasileira no transporte marítimo nacional e internacional.

No âmbito do MERCOSUL fortaleceu-se o intercâmbio com os parceiros do Brasil, estando em vias de aprovação pelos Estados - Parte o "Acordo Multilateral de Transporte Marítimo", o "Acordo de Transporte Multimodal e Internacional" e o "Registro de Embarcações".

### **Construção e Reparação Naval**

Em consequência dos novos critérios fixados para financiamento de embarcações com recursos do Fundo da Marinha Mercante, concedeu-se prioridade para a construção de setenta e sete embarcações, num total de aproximadamente um milhão de toneladas de porte bruto - TPB.

O Fundo da Marinha Mercante contou, no período considerado, com recursos da ordem de US\$ 538 milhões que foram aplicados na construção e reparação naval.

### **Transporte Rodoviário**

Encontram-se em fase final os processos de licitação para concessão à iniciativa privada das seguintes vias rodoviárias: Ponte Rio - Niterói - 14 Km; Rio de Janeiro - São Paulo (Via Dutra) - 430 Km; Porto Alegre - Osório - 92 Km; Rio-Teresópolis - Além Paraíba - 160 Km; Rio - Petrópolis - Juiz de Fora - 170 Km.

O Programa de Duplicação de Rodovias incluiu, também, notadamente em face do funcionamento do MERCOSUL o início das negociações com o BID para financiamento parcial da duplicação das rodovias que compõem o eixo São Paulo - Curitiba - Florianópolis - Rodovia Régis Bittencourt.

Tiveram início, em março de 1994, as obras de grande porte para duplicação de 269 Km da BR 381 (Fernão Dias), com a conclusão prevista para meados de 1996. Ao final das obras, a exploração da BR 381 deverá ser privatizada.

## MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA REFORMA AGRÁRIA

### a. Situação Encontrada

Reverter o quadro de incerteza quanto ao futuro da economia e às ações do Governo nos campos da política agrícola mostrava-se tarefa urgente e difícil, face à necessidade de restabelecer a capacidade de atuação do Ministério, num clima de mudança administrativa e de aguda limitação de recursos orçamentários.

A reforma agrária ressentia-se da escassez de recursos orçamentários e das deficiências de pessoal para o prosseguimento dos projetos de assentamento iniciados em épocas anteriores os quais abrigavam aproximadamente 325 mil famílias.

A continuidade das ações visando o assentamento de novas famílias enfrentava situação semelhante de limitações, além do sério entrave representado pela falta de dispositivos legais complementares, necessários para viabilizar e acelerar a desapropriação de terras improdutivas.

Na área de pesquisa e experimentação agropecuária, a instabilidade na liberação de recursos financeiros e os problemas de gerenciamento dos recursos humanos e materiais disponíveis dificultavam a manutenção e a seqüência do processo de geração e adaptação de tecnologias indispensáveis ao desenvolvimento agrícola nacional.

A essas dificuldades somava-se a necessidade de reorientar o modelo de pesquisa predominante, de modo a torná-lo mais sintonizado com as efetivas necessidades de seus usuários e clientes e adaptado a uma nova realidade em que a iniciativa privada e órgãos estaduais e municipais precisavam ser induzidos a assumir participação crescente no processo de modernização da agropecuária.

No tocante à defesa agropecuária, vários fatores motivavam a regressão na qualidade dos serviços de defesa sanitária vegetal e animal e de inspeção, padronização e classificação de produtos, deixando o País mais vulnerável em termos de consumo interno e de exportações. O aprimoramento desses serviços deparava-se com dificuldades relacionadas ao lento processo de incorporação dos governos estaduais, universidades e laboratórios privados no complemento às ações oficiais; à inadequação da legislação pertinente às necessidades e à dinâmica da produção rural; ao modelo organizacional vigente e à escassez de recursos materiais, financeiros e humanos.

Quanto às políticas de abastecimento e de estoques reguladores, os principais problemas encontrados no início do Governo relacionavam-se à qualidade dos estoques governamentais armazenados na rede pública e privada, aos desvios e perdas de produtos, ao precário controle dos estoques e à dificuldade de dimensionar, fiscalizar e mobilizar esses excedentes de forma eficiente para atender populações carentes e regular o mercado agrícola.

As conseqüências da escassez de recursos financeiros, materiais e humanos também afetavam negativamente outras ações do Ministério, a exemplo dos serviços de informações meteorológicas, estímulo ao cooperativismo e eletrificação rural.

No campo da política agrícola, os segmentos mais representativos do setor rural reivindicavam aperfeiçoamentos nos programas de crédito e seguro rural, preços mínimos e comercialização, sobretudo em termos de mais estabilidade nas regras estabelecidas pelo Governo, maior oferta de recursos oficiais e menores encargos.

#### b. Principais Realizações

Um Programa Emergencial de Reforma Agrária foi elaborado buscando superar as principais dificuldades encontradas e aumentar a eficiência das ações do Governo na implementação da reforma agrária.

A descentralização das ações, tanto ao nível interno, através das superintendências regionais do INCRA, quanto na co-participação dos governos estaduais e municipais, dos demais órgãos de Governo e das entidades representativas dos próprios beneficiários na formulação e operacionalização dos assentamentos, constituiu importante medida visando reduzir custos do programa de reforma agrária.

Ações articuladas com o Congresso Nacional, no sentido de aprovar legislação complementar à Constituição de 1988, resultaram na aprovação da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 (Lei Agrária), que disciplina ações de desapropriação, e da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, que trata do rito do processo judicial.

Com base nessa legislação, foi possível retomar, a partir de julho de 1993, a desapropriação de terras, priorizando-se regiões mais críticas em termos de concentração fundiária, ocorrência de terras agricultáveis ociosas, incidência de tensões ou conflitos sociais e de maior proximidade dos centros consumidores, processadores e exportadores de produtos e matérias-primas agrícolas.

Dentre as principais realizações do Governo no campo da reforma agrária, cabe destacar: assinatura de decretos de desapropriação, por interesse social, de aproximadamente 1,4 milhão de hectares, beneficiando cerca de 35 mil famílias; imissões de posse que propiciarão a disponibilidade de um estoque de terras da ordem de 870 mil hectares (suficientes para beneficiar 20 mil famílias); assentamento de 25 mil famílias, em 161 projetos, numa área de 1,2 milhão de hectares; atendimento de 178 mil famílias com crédito para reforma agrária, bem como a arrecadação de 404 mil hectares e discriminação de 416 mil hectares no âmbito da regularização fundiária.

Merecem registro, também, a expedição de 31 mil documentos de titulação de imóveis rurais; a assinatura de 4.400 convênios com municípios para atualização do cadastramento de aproximadamente 3,5 milhões de imóveis rurais e a retomada do processo de fiscalização de imóveis.

As transformações de conceitos e critérios de atuação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA acarretaram mudanças qualitativas no sistema de pesquisa agropecuária, as quais o tornaram mais flexível, sintonizado e articulado com as atuais prioridades do País.

A produção de sementes básicas atingiu 159 cultivares, crescendo em 49% a diversificação da oferta de materiais de plantio adaptados e recomendados para diversas áreas agrícolas. A produção de sementes básicas em 1994, possibilitou a produção de 1,6 milhão de toneladas de sementes melhoradas e sua distribuição a pequenos, médios e grandes produtores para o plantio de mais de 11 milhões de hectares de lavouras comerciais.

No tocante à defesa sanitária animal, cabe registrar as seguintes ações: incremento do controle, prevenção e erradicação das principais doenças dos bovinos (com ênfase na febre aftosa), suínos e aves; controle de vacinas e insumos pecuários; análise de amostras; vistoria e credenciamento de laboratórios vinculados ao diagnóstico de doenças animais; participação em reuniões, acordos e comissões internacionais sobre normas e procedimentos relacionados à produção, transporte e comercialização de produtos e insumos animais e acompanhamento de missões técnicas estrangeiras em visitas de trabalho e inspeção ao Brasil.

Na área de inspeção animal, foram intensificadas as atividades de inspeção tecnológica e sanitária de estabelecimentos de abate de animais e da indústria de processamento de carnes, leite, pescado, ovos e mel, e revisados regulamentos e normas higiênico-sanitárias relativos ao assunto. Além da participação em reuniões e decisões relacionadas à inspeção animal no âmbito do Mercosul e de outros acordos e organismos internacionais.

No que diz respeito à sanidade e inspeção vegetal, buscou-se fortalecer as ações de inspeção e fiscalização de insumos, produtos e derivados vegetais e de prevenção, controle e erradicação de pragas e doenças que afetam as lavouras. Aperfeiçoamento em regulamentos e normas relacionados à área; promoção de cursos de treinamento e atualização e participação em reuniões e encontros internacionais relacionados à defesa sanitária vegetal constituem outras iniciativas a se ressaltar.

No campo da política agrícola, cumpre destacar a implantação e ampliação do sistema de equivalência em produto, em financiamentos de custeio e investimentos, abrangendo produtores de algodão, arroz, feijão, mandioca, milho e trigo, a partir da safra 1993/94. Na safra em curso, a soja também passou a se beneficiar do mecanismo de equivalência em produto, além de ter retornado à pauta de produtos amparados pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).

No âmbito da PGPM, merecem registro, ainda, a concessão de preços de garantia mais estimulantes para produtos regionais com peso significativo na renda dos produtores locais e que utilizam intensivamente mão-de-obra familiar, assim como o reinício do processo de regionalização dos preços mínimos de produtos como o arroz de sequeiro, milho e soja para o Estado de Mato Grosso e Região Norte.

O apoio creditício aos mini e pequenos produtores também constituiu prioridade do Governo, através da fixação de encargos financeiros reduzidos nas linhas normais de crédito agrícola e da implantação do Programa de Valorização da Pequena Produção Rural (PROVAP), que visa a promover melhorias no nível de vida de seu público alvo e estimular o associativismo rural, mediante concessão de apoio financeiro direto à produção e à comercialização, com taxas de juros e preços favorecidos.

Foi criado o Prêmio de Liquidação de EGF (Empréstimos do Governo Federal), instrumento novo de política agrícola alternativo às AGF (Aquisições do Governo Federal), que permite ao Governo cobrir a diferença entre o custo de remição do financiamento e o preço de mercado, agilizando os canais de comercialização.

Na área de abastecimento, destaca-se a consolidação da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) como órgão responsável pela formação e gerenciamento dos estoques reguladores e estratégicos do Governo Federal, cuja atuação tem sido pautada pela descentralização das decisões administrativas.

Essa estratégia permitiu a recuperação de créditos oriundos de perdas e desvios de produtos armazenados, através de processos administrativos e judiciais; assinatura do chamado “contrato de depósito de quebra zero” por armazenadores; revisão de normas de credenciamento de unidades armazenadoras e recuperação de armazéns que representam 90% da capacidade estática em operação.

Quanto aos estoques públicos, vale ressaltar a implantação do Inventário Nacional de Estoques, a partir de 1993, que promoveu a vistoria de 3,8 mil armazéns. A comercialização desses estoques passou a ser feita de forma mais ágil e transparente através de leilões públicos em bolsas de mercadorias e cereais.

Através da Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, foram desenvolvidos programas de abastecimento em parceria com entidades oficiais e não governamentais, junto a áreas carentes, periferias de grandes centros urbanos, áreas rurais, cidades ribeirinhas da Amazônia e em pólos de reforma agrária e assentamentos, atuando de forma essencialmente social. O programa da Rede SOMAR, que conta atualmente com 15 mil varejistas e o engajamento no Plano Nacional de Combate à Fome e à Miséria e no Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos (PRODEA), que atendeu cerca de 2 milhões de famílias/mês, por ocasião da última seca, no Nordeste, são exemplos ilustrativos dessa linha de ação.

Entre outras ações desenvolvidas pela PaSTA, cumpre mencionar a integração, à estrutura administrativa do Ministério, dos serviços de assistência técnica e extensão rural; apoio ao cooperativismo e ao associativismo rurais; fortalecimento do Programa de Microbacias Hidrográficas e iniciativas nas seguintes áreas: padronização e classificação de produtos, conservação do solo e da água; distribuição de sementes e mudas; informação e documentação agrícola; estímulo à produção e exportação de frutas, hortaliças, flores e plantas ornamentais; zoneamento ecológico-econômico, além de mecanização e aviação agrícolas, agricultura irrigada e eletrificação rural.

Apesar das dificuldades enfrentadas e dos desafios que ainda persistem na execução da política de apoio ao meio rural cabe enfatizar que, durante nosso Governo, a produção agrícola foi crescente, tendo a safra 1993/94 registrado recorde da ordem de 75 milhões de toneladas de grãos, o que representa incremento de 9% em relação à safra anterior.

## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

### a. Situação Encontrada

Os altos índices de mortalidade infantil, de retenção e evasão escolar de menores abandonados, e as altas taxas de desemprego, baixo poder aquisitivo das camadas populares e o amplo contingente de desabrigados revelavam a fragilidade histórica e a desarticulação das políticas educacionais. A baixa produtividade, os níveis insatisfatórios de qualidade em face de insuficientes condições infra-estruturais e pedagógicas, as práticas inadequadas de avaliação escolar, a desvalorização do magistério e a administração equivocada dos recursos educacionais configuravam um quadro de iniquidade quanto às oportunidades de aprendizagem em todos os níveis. A dimensão dos problemas educacionais advertia para a falência de um modelo de Estado calcado no clientelismo, no assistencialismo, na redução do emprego e na superinflação.

Os Centros Integrados de Atendimento à Criança-CIAC's enfrentavam fortes críticas, em razão da magnitude dos recursos e da ênfase no seu projeto arquitetônico. Estados e municípios refutavam as propostas de inovação alegando o sacrifício da redimensão da rede estruturada. As instituições federais de ensino, marcadas pelas greves de 1992, sobreviviam com recursos mínimos para sua manutenção e enfrentavam problemas em face do expressivo contingente de docentes aposentados, dos baixos salários, da carência e obsolescência dos recursos institucionais. Elevavam-se os valores das mensalidades nos estabelecimentos de ensino privado, acima dos índices de preços; registros mostravam a multiplicação de fatos e situações de crise no custo educacional e ausência de processo de negociação de preços, previstos em lei. O atraso nos pagamentos inviabilizava ou comprometia o programa de alimentação escolar nos municípios. Por falta de verbas, os estudantes pobres não recebiam material escolar e as Delegacias do Ministério, carentes de diretrizes, viam-se impedidas de exercerem a supervisão, análise e avaliação da ação educacional.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

#### **Educação Fundamental: Ajustamento e Extensão**

O Plano Decenal de Educação Para Todos, lançado em junho de 1993, visa garantir até o ano de 2003, à crianças, jovens e adultos, conteúdos mínimos de aprendizagem que atendam as necessidades

elementares da vida contemporânea. Preconiza a profissionalização do magistério, a autonomia da escola, a equidade na aplicação dos recursos e o engajamento dos segmentos sociais mais representativos na promoção, avaliação e divulgação dos esforços de universalização e melhoria da qualidade da educação fundamental.

Para consolidar seu processo de estruturação, edições do Plano, destinadas especificamente às escolas, foram distribuídas para discussão nas unidades escolares do País, tendo como retorno a elaboração de 3.600 Planos Decenais Municipais e 23 Planos Decenais Estaduais.

A partir da vigência do Plano Decenal, a Educação Fundamental passou a receber recursos do Ministério, somados à liberações da quota estadual do Salário-Educação e às parcelas provenientes dos Fundos de Participação dos estados e dos municípios.

Tendo em conta o elevado índice de analfabetismo no Nordeste e com o objetivo de alterar, substancialmente, este quadro em um período de cinco anos (1993-1998), concebeu-se um instrumento de intervenção regional: o Projeto de Educação Básica para o Nordeste. Para a execução de um projeto de tal envergadura foram mobilizados recursos do Banco Mundial, do FNDE e das Unidades Federadas da região. Esta iniciativa mobiliza um contingente de 6,5 milhões de alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental na rede pública, 176.625 professores, 22.386 diretores e equipes técnico-pedagógicas das escolas, e as equipes técnicas das Secretarias Estaduais de Educação.

A política de atenção à criança e ao adolescente foi reavaliada e redimensionada. O Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - PRONAICA, criado pela Lei nº 8642, de 31 de março de 1993, pautou-se pelo compromisso com os direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes por meio de ações de atenção integral, que resultaram no atual desenho dos subprogramas e serviços desenvolvidos pelo PRONAICA nas áreas de proteção especial, promoção da saúde, educação infantil, educação escolar, educação para o trabalho, esporte e cultura.

Dando cumprimento ao seu papel coordenador na formulação e implementação de políticas, o Ministério elaborou uma proposta de Política Nacional de Educação Infantil, ora em discussão. Uma comissão nacional, composta por representantes do setor público e de entidades não-governamentais, lidera o processo de discussão da melhoria do atendimento das crianças na faixa de 0 a 6 anos de idade.

No âmbito das políticas pioneiras ou inovadoras incluem-se, ainda, o Projeto de Educação Indígena e as Políticas de Valorização do Magistério; de Educação Especial, para atendimento aos portado-

res de deficiência, aos superdotados e àqueles que apresentam desvios de comportamento; de Educação à Distância, com a maximização da capacidade instalada de receptores de rádio e televisão; de Qualidade na Educação; de Educação Ambiental e de Valorização do Magistério.

### **Atendimento ao Educando**

Mediante convênio com os municípios, descentralizou-se o fornecimento da alimentação escolar. Com esta medida e a destinação de verbas específicas, 30 milhões de crianças foram atendidas ao longo do biênio.

Em 1992, a alimentação era suficiente para atender 43 dias letivos; em 1993, esse atendimento cresceu para 155 dias letivos e em 1994, chegou-se a 200 dias letivos.

No período 1993/94, foram distribuídas diretamente às escolas mais de 80 publicações. A parceria com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos-ECT conferiu economia, segurança e agilidade à distribuição dos livros, cuja seleção também vem sendo aprimorada, com a participação das Secretarias Estaduais de Educação.

Com o objetivo de formar o acervo básico das bibliotecas escolares, foram distribuídos 3,7 milhões de livros a cerca de 70 mil escolas, bem como 5,3 milhões de periódicos como material de apoio às atividades escolares.

Alunos carentes da rede pública do ensino fundamental foram beneficiados com módulos de material escolar, constituídos de cadernos, lápis, borracha, régua e apontador. A instalação de mais 34 Postos de Venda de material escolar, a preço de custo, complementou as ações do Programa.

Nos dois últimos anos assistiu-se cerca de quase 30 milhões de alunos em 80 mil escolas nas áreas de:

a) saúde geral, controle e promoção da saúde, palestras educativas, primeiros socorros, campanhas contra doenças infecto-contagiosas e encaminhamento a unidades de saúde pública;

b) oftalmologia, testes de acuidade visual e distribuição de óculos aos necessitados;

c) odontologia, ações de prevenção à cárie (escovação dentária e bochechos fluorados) e de odontologia curativa (restauração e extrações).

Quanto ao transporte escolar, o Programa Nacional de Transporte Escolar-PNTE, iniciado em 1993, assegurou a 2.550 municípios o acesso à escola.

## Educação Média e Tecnológica

A realização de cursos e eventos para capacitação de recursos humanos e a implantação de banco de materiais instrucionais, produção e publicação de livros didáticos, redefiniu os modelos pedagógicos e administrativos das escolas técnicas e agrotécnicas.

No período 1993/94 foram inauguradas 12 escolas técnicas e agrotécnicas, além de iniciadas as obras de outras 13. No biênio foram atendidas, ainda, 106 Instituições Federais de Educação Tecnológica, com melhoria de instalações físicas e modernização de equipamentos.

## Educação Superior

O Ministério concentrou esforços no biênio com vistas à evolução qualitativa no ensino de terceiro grau. Recursos foram aplicados na pesquisa, na extensão, no apoio aos *campi* universitários e no treinamento de recursos humanos.

Mereceu atenção especial o ensino noturno, tendo as instituições federais de ensino superior criado novos cursos, com ampliação de cerca de 20% das vagas existentes.

O Programa de Avaliação das Universidades Brasileiras-PAIUB, desenvolvido com base no documento "Avaliação das Universidades Brasileiras - Uma Proposta Nacional", desempenhou importante papel no processo de mobilização nas Instituições de Ensino Superior-IES no desenvolvimento de projetos integrados. Dentre os 65 projetos submetidos ao Ministério, 12 foram integralmente aprovados e 37 passam por reformulações necessárias à sua aprovação.

Instituiu-se, em março de 1994, uma comissão nacional composta por representantes do Ministério e de entidades vinculadas ao ensino superior, incumbida de desenvolver estudos para a viabilização operacional da autonomia universitária.

No início do nosso Governo, o Programa de Crédito Educativo atendia menos de 5% dos alunos matriculados em estabelecimentos privados de ensino superior. Mudanças nas condições operacionais deste e a ampliação nos recursos disponíveis possibilitaram incrementar o número de novos contratos.

O Programa de Interiorização das Universidades, especialmente as da Amazônia Legal, foi intensificado através da criação de vários *campi* no interior. Nesses *campi* são ministrados os cursos chamados "fora da sede", evitando o êxodo de concluintes do segundo grau para as capitais. O número de cursos e vagas apresentou uma taxa de crescimento 33,97% em 1991 e 36,59% em 1994.

### **Capacitação e Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior**

Restabeleceu-se o valor das bolsas de estudo no País, mediante critérios definitivos de ajuste das diversas modalidades de bolsas (remuneração dos docentes das universidades federais) e regularizou-se as datas de pagamento das mesmas. Essas medidas resultaram no crescimento de 25% na concessão de bolsas de estudo *stricto sensu* e de 48% na de *lato sensu*.

Ênfase especial foi dada à implementação de Planos Regionais de Pós-Graduação e Pesquisa, merecendo especial atenção, no ano de 1994, a execução do Plano de Pós-Graduação e Pesquisa da Região Norte, com destaque orçamentário da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES e implementação de dois novos programas: Professor Visitante Recorrente e Doutorado Sanduíche.

No âmbito internacional, o Ministério reorganizou e redirecionou o investimento na formação de recursos humanos. Para tanto, estabeleceu-se uma política com os seguintes objetivos: eliminação dos obstáculos que retardam a formação do bolsista no exterior; ampliação de apoio logístico através das Associações Brasileiras de Estudantes de Pós-Graduação (ABEP's) e embaixadas brasileiras no exterior; aprimoramento da seleção de candidatos com a introdução da entrevista; estabelecimento do tempo de duração da bolsa por área do conhecimento e por país; identificação e seleção das melhores universidades, por área do conhecimento, evitando o investimento de baixo retorno. A concessão dessa modalidade de bolsas teve incremento de 20%.

### **Desporto**

Estimulou-se e alimentou-se a sociedade desportiva, mediante ações desportivas sócio-educacionais, instrumentalizadas na escola, e às sócio-culturais, destinadas à integração social das pessoas portadoras de deficiência e à identidade cultural da população em geral.

### **Pesquisas Educacionais**

O Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais-INEP trouxe contribuição às ações desenvolvidas pelo Ministério. A mais expressiva advém do Programa de Fomento à Pesquisa, compreendendo seis

áreas temáticas: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação básica de jovens e adultos, ensino superior e educação, Estado e sociedade.

## MINISTÉRIO DA CULTURA

### a. Situação Encontrada

O Sistema Federal de Cultura encontrava-se praticamente paralisado. O desmonte institucional, a crise do funcionalismo e o colapso orçamentário decorrentes das circunstâncias em que se realizou a reforma administrativa de abril de 1990, refletiram a forma discriminatória como o setor cultural foi tratado pela política de contenção dos gastos públicos.

A preocupação em reduzir o tamanho do Estado traduziu-se, na área cultural, no desaparecimento de várias entidades. O Ministério foi extinto. Decidiu-se pela liquidação da Embrafilme. As Fundações Pró-Memória, Pró-Leitura, FUNDACEN, FUNARTE e Cinema Brasileiro deixaram de existir como entidades autônomas. Terminou-se, também, com o Conselho Federal de Cultura. Esse impacto de reforma administrativa gerou fenômenos indesejáveis de gigantismo institucional, além de reduzir em 36% a força de trabalho, que passou de 4.371 para 2.796 servidores. As funções de direção e assessoramento superior foram reduzidas em cerca de 47%, ocasionando sérios problemas na gestão das atividades do Ministério e suas entidades vinculadas.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

A principal realização do nosso Governo na área cultural foi a recriação do Ministério, permitindo a retomada de uma política cultural para o País.

#### **Incentivo à Produção e Difusão Cultural**

- realização do XIII e XIV Salão Nacional de Artes Plásticas;
- implementação do Projeto Macunaíma, dedicado à difusão das experiências e propostas de novos artistas plásticos, de todo o País;

- realização da X Bienal de Música Contemporânea Brasileira, com a promoção de 14 concertos;
- Rede Nacional de Música - difusão, principalmente no interior do País, da música de concerto, do intérprete e do compositor brasileiro;
- Projeto Pixinguinha - retomado em 1993, o mais importante projeto musical do País;
- Concurso Nacional de Dramaturgia, 1993 / 1994;
- reativação da Escola Nacional do Circo e do Centro Técnico de Artes Cênicas; instalação do Programa de Teatro de Bonecos; promoção do Prêmio Sílvia Romero para a cultura popular;
- implementação do Programa de Interiorização do Teatro na Amazônia;
- criação do Museu de Imagens do Inconsciente - cooperação técnica entre o Ministério da Saúde e a FUNARTE/MinC;
- implementação do Programa de Apoio a Excursões de Espetáculos Teatrais;
- realização do Concurso Nacional de Canto Lírico, em 1993 e 1994;
- inauguração do Espaço Oscar Niemeyer, com maquetes de suas principais realizações;
- promoção dos Prêmios Nacional de Música, Nacional de Arte e do VI e VII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia.

### **Apoio à Produção e Difusão de Obras Cinematográficas Brasileiras**

- o Cinema Brasileiro ressurgiu, finalmente, de um estado inegável de quase extinção, concorrendo para tanto o apoio considerável do Governo Federal, com a promulgação da Lei nº 8.685, de 20.07.93, que cria mecanismos de incentivo às atividades audiovisuais e financiamento para produção de filmes, regulamentada pelo Decreto nº 974, de 08.11.93, e com a aprovação de crédito adicional para incentivo à produção de obras cinematográficas brasileiras, no valor equivalente a R\$ 25.000.000,00;
- através do Prêmio Resgate do Cinema Brasileiro, em 1993 e 1994 foram apoiados 14 projetos para finalização de longa metragem. Em 1994 foram realizados dois editais de produção que co-patrocinaram 55 filmes de longa-metragem, 26 filmes de curta-metragem e 09 filmes de média metragem, num total de 90 filmes;

### **Preservação e Difusão do Livro e da Biblioteca**

- restauração do Edifício Sede da Biblioteca Nacional através do convênio FBN/Fundação Roberto Marinho/Banco Real, no valor de R\$ 2.300.000,00;
- conexão dos computadores da Biblioteca Nacional com a REDE-RIO, constituída de 15 Instituições Científicas Brasileiras e outras similares de 80 países através da INTERNET, por meio de convênio com a Fundação para o Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro - FAPERJ. Hoje, o usuário/pesquisador da Biblioteca Nacional pode ter acesso aos acervos das maiores bibliotecas do mundo; '
- convênio FBN/Conselho de Reitores das Unidades Brasileiras (CRUB), permitindo a ligação *on line* das 900 bibliotecas universitárias com as 3000 bibliotecas integrantes do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas;
- implantação da Casa da Leitura do Rio de Janeiro, espaço onde educadores, pesquisadores e estudantes estarão reunidos com o intuito de modificar o panorama da leitura no país;
- realização de Seminários de Leitura com ação integrada entre o PROLER, Universidades, Governos e Entidades locais;
- implantação do Sistema Cheque-Livro, para a compra de livros para as bibliotecas públicas;
- execução do projeto "O Escritor na Cidade", desenvolvido pelo Sistema Nacional de Bibliotecas em parceria com o SESI, com a visita de escritores a 300 municípios brasileiros;
- realização, pela Biblioteca Nacional, de 38 Exposições locais de grande porte;
- programa de preservação do acervo da Biblioteca Nacional constituído por 700 mil manuscritos, 42 mil obras raras, 50 mil partituras originais, 4,0 milhões de jornais e revistas, 1,2 Milhão de monografias e 3 milhões de discos.

### **Preservação e Difusão do Patrimônio Cultural**

- execução de 127 obras de Restauração de bens imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
- restauração do Palácio Gustavo Capanema no Rio de Janeiro, em conjunto com a Petrobrás;
- restauração e estabilização do Terrano do Convento do Carmo em Olinda e da Igreja do Convento de Santa Tereza;
- restauração das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário e Santa Ephigênia em Ouro Preto;

- processos concluídos de Tombamentos do Conjunto da Pampulha em Belo Horizonte, Cine Teatro Central de Juiz de Fora e processos em andamento do Tombamento de Cataguases, Laranjeiras e Penedo;
- dinamização dos Museus facilitando ao público o acesso aos bens culturais, através da visitação, realiza o de cursos, seminários e exposições.

### **Preservação e Difusão da Cultura Afro-Brasileira**

- publicação do Dicionário da Escravidão Negra no Brasil, em convênio com a União Brasileira de Escritores;
- participação em reuniões que discutiram as questões fundiárias dos remanescentes de quilombos de Frexal (MA), Calunga (GO) e Rio das R s (BA), emitindo parecer técnico de reconhecimento dessas comunidades como quilombos;
- realização do I Concurso de Desenhos "Prêmio Consciência Negra", para crianças e adolescentes, no âmbito do Distrito Federal e Entorno, e da Exposição "História, Arte, Comunidade e Movimento do Povo Negro no Brasil";
- o Ministério, através da Fundação Cultural Palmares, apoiou a publicação de 7 obras literárias sobre questões do negro no Brasil;
- realização do Simpósio Internacional "Negritude e Lusof nia", na Feira do Livro em Frankfurt - Alemanha;
- realização do Encontro Internacional "Palmares 300 anos, Memória e Estratégias Comunitárias";
- instalação da Comissão Nacional para as comemorações do Tricentenário de Zumbi dos Palmares.

### **Programa de Cooperação e Intercâmbio Cultural**

- um dos mais importantes projetos internacionais desenvolvidos em 1994 foi, sem d vida, o Projeto Frankfurt, que consistiu na participação do Brasil na 46  Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha, realizada no período de 5 a 10 de outubro de 1994, da qual o Brasil foi País-Tema, ou seja, o País homenageado.

- participação no Seminário “Educação sem Fronteiras”, em Foz do Iguaçu, visando a promover o intercâmbio de experiências do ensino de língua portuguesa nos países integrantes do MERCOSUL.
- participação do Encontro de Ministros e Secretários de Cultura do MERCOSUL, em Buenos Aires (Argentina);

### **Programa Nacional de Cultura (PRONAC)**

- na área do Mecenato privado, que permite às pessoas físicas e jurídicas a dedução, no imposto de renda devido, de recursos alocados sob a forma de doação e patrocínios, foram aprovados, de novembro de 1992 a outubro de 1994, um total de 930 projetos, no montante equivalente a R\$ 359,00 milhões. Para os meses de novembro e dezembro de 1994, prevê-se a aprovação de mais 54 projetos, no valor de R\$ 11,00 milhões;
- através do Fundo Nacional de Cultura, que conta com recursos oriundos de 1% da renda bruta das Loterias Federais e dos Fundos de Investimentos Regionais, foram aprovados, de novembro de 1992 a outubro de 1994, um total de 307 projetos, no valor de R\$ 50,00 milhões;
- assinado, em 1994, o convênio Ministério da Cultura e Caixa Econômica Federal destinado à concessão de empréstimo reembolsável para a produção teatral, em nível nacional, no limite de R\$ 40 mil por projeto, financiando mais de 40 peças teatrais.

## **MINISTÉRIO DO TRABALHO**

### **a. Situação Encontrada**

A área do Trabalho sofreu um processo contínuo de esvaziamento, não exercendo qualquer tipo de influência na formulação da política econômica, na política salarial ou na política de rendas, atendo-se à gestão de atividades meramente burocráticas. Como resultado da fusão com a Previdência Social, em 1990, programas e atividades tradicionalmente mantidos pelo Ministério foram descaracterizados ou relegados a segundo plano, tendo em vista a prioridade atribuída aos graves problemas estruturais enfrentados pela área previdenciária.

Pouco antes de minha posse, outra mudança havia sido realizada, desta vez com a área da Administração Federal, dando origem ao então Ministério do Trabalho e da Administração - MTA, que alteramos posteriormente.

As Delegacias Regionais do Trabalho apresentavam um quadro preocupante. A operação dos programas e atividades do Ministério nos estados, como o seguro-desemprego, a intermediação e reciclagem de mão-de-obra, a fiscalização das relações trabalhistas e dos ambientes de trabalho, a mediação de conflitos individuais e coletivos no trabalho, entre outros, estava completamente desestruturada do ponto de vista administrativo-operacional, com deficiências tanto no que se refere aos equipamentos mínimos necessários a uma boa prestação de serviços à população, como no que se refere aos recursos humanos.

Apesar dessas dificuldades, o Ministério retomou, a partir da reestruturação administrativa em outubro de 1992, a condição de partícipe da formulação da política econômica, especialmente nas questões relacionadas com emprego e salário.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

Com o propósito de contribuir para a recuperação dos níveis de emprego e de melhoria da renda, o Ministério dirigiu, inicialmente, suas ações para o aperfeiçoamento da participação da cidadania na ação do Estado, através de duas vertentes principais: estimular a participação dos diferentes atores sociais na definição e implementação das políticas de desenvolvimento econômico e social; e criar condições para a revisão e o aperfeiçoamento do Sistema de Relações de Trabalho.

Dentre as ações concretizadas pelo Ministério em 1993, merece destaque o acordo com os Servidores Públicos Federais, Civis e Militares, configurado na aprovação pelo Congresso Nacional da Lei nº 8.676, de 13 de julho de 1993, que adotou uma nova política salarial que vigorou até maio de 1994, com antecipações bimestrais a partir de julho de 1993 e reajuste geral na data-base (janeiro de 1994) corrigindo perdas de 1993; elevação gradativa, que se completou em junho de 1994, do percentual da Gratificação de Atividade Executiva-GAE de 80% para 160%, criação de comissão mista governo-servidores para o acompanhamento do processo de apuração dos índices de revisão salarial; compromisso de destinação de adicional sobre aumento real da receita líquida para a implantação e aperfeiçoamento

de planos de carreira; e a calendarização para o pagamento de contas inativas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço-FGTS durante o ano de 1994, nos respectivos meses de aniversário, em função do advento do Regime Jurídico Único.

Os acordos derivados do funcionamento das câmaras setoriais - setores automotivo, de construção naval, e de caminhões e máquinas agrícolas (FINAME-Rural) - constituíram importantes eventos para a retomada do desenvolvimento, ampliação do emprego e aperfeiçoamento das condições trabalhistas. Em decorrência dos acordos firmados foram destinados recursos adicionais do Fundo de Amparo ao Trabalhador-FAT, em 15 de setembro de 1993, no montante de R\$ 618,6 milhões, que foram aplicados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social- BNDES. Recursos aprovados pelo Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador- CODE-FAT beneficiaram o Ministério da Saúde, em outubro de 1992 e julho de 1993. Somados a um primeiro empréstimo, em dezembro de 1991, os recursos emprestados para a área de saúde totalizam R\$ 1,6 bilhões.

Quanto ao pagamento das contas inativas do FGTS foi possível iniciar os pedidos de saque. Mais de 18 milhões de trabalhadores, entre 1993 e 1994, tiveram suas contas salgadas, gozando de uma bonificação adicional à taxa vigente de 3% ao ano. O total sacado atingiu R\$ 1,4 bilhão. Foram concluídas as auditorias nas contas do FGTS relativas aos anos de 1990 a 1992, o que possibilitou o aperfeiçoamento da gestão do fundo, bem como a caracterização dos atos irregulares de gestão e punição dos responsáveis. Por fim, definiram-se os mecanismos para parcelamento dos débitos de contribuições com FGTS e para o aprofundamento do trabalho de fiscalização dos recolhimentos de contribuições, tendo como resultado o crescimento real de arrecadação mensal em cerca de 7,5%.

A participação da representação do Brasil na 80ª e na 81ª Conferências da Organização Internacional do Trabalho serviu para resgatar o respeito ao País, notadamente pela divulgação das providências que têm sido tomadas quanto às denúncias de trabalho forçado ou escravo e discriminação no mercado de trabalho. Merece registro a recente assinatura de termo de compromisso entre o Ministério do Trabalho, Ministério Público do Trabalho, Ministério Público Federal e Departamento de Polícia Federal, para reprimir e erradicar práticas de trabalho forçado, violência contra o trabalhador e crimes contra a organização do trabalho.

Relativamente ao Plano de Combate à Fome, foi iniciado debate junto aos segmentos empresariais e de representações dos trabalhadores, com o objetivo de promover a ampliação do Programa de

Alimentação do Trabalhador-PAT e a alteração do perfil do trabalhador beneficiado para abranger, prioritariamente, os trabalhadores de poder aquisitivo mais baixo. Nesse sentido, foram desenvolvidas as seguintes ações: dinamização de informação sobre o Programa, de modo a estimular a sua utilização por trabalhadores e empresas; aperfeiçoamento dos mecanismos operacionais do Programa, flexibilizando os instrumentos de sua aplicação de forma a atingir o trabalhador rural e os trabalhadores de menor nível de organização; definição de mecanismos que possibilitem o atendimento de trabalhadores beneficiados pelo seguro-desemprego e do setor informal do mercado de trabalho; ampliação do Programa para trabalhadores de alguns segmentos do setor informal da economia, especialmente na construção civil e na prestação de serviços; normatização da legislação pertinente, de forma a permitir o acompanhamento e a fiscalização do Programa; e revisão dos benefícios incentivados, de forma a atingir os pequenos e médios empresários. O PAT beneficia, atualmente, cerca de 8 milhões de trabalhadores.

O Ministério promoveu em 1993 amplo debate sobre o sistema de relações de trabalho, objetivando criar condições favoráveis à adoção do Contrato Coletivo de Trabalho-CCT, tendo realizado Fórum Nacional com transmissão, via TV Executiva da EMBRATEL, para 56 auditórios localizados nos Estados, acompanhado por debates realizados através de Fóruns Regionais e da captação de experiências de outros países através de Seminários Internacionais. Esses eventos objetivaram diagnosticar a situação das relações de trabalho no Brasil, ao nível nacional, e nas diversas regiões, comparando essa realidade com a experiência internacional.

Foi implantado o Conselho Nacional do Trabalho-CNTb, composto por representantes dos empresários, dos trabalhadores, da sociedade civil e do governo. O CNTb convocou e realizou em março de 1994, em Brasília a I Conferência Nacional do Trabalho com o objetivo de aprofundar as discussões sobre o futuro do mundo do trabalho.

Atualmente o Ministério conclui a elaboração de projetos de lei disciplinando os recursos na justiça do trabalho, reordenando e reorganizando a Consolidação das Leis do Trabalho-CLT e os processos de trabalho. Também foram encaminhados ao Congresso Nacional projeto de lei que cria a comissão paritária de conciliação, com a atribuição de conciliar os dissídios individuais de trabalho e projeto de lei que disciplina o processo de execução na justiça do trabalho. Foram reordenados os procedimentos de registro das entidades sindicais, através da edição, em agosto de 1994, das Instruções Normativas nº 3 e nº 4 que dispõem sobre o registro sindical.

Em conjunto com outros Ministérios, instituiu em 1993 o "Pro-Labor - Força Jovem para o Interior", que busca solução para dois problemas: o dos 230 mil profissionais recém-formados que deixam as faculdades anualmente sem perspectivas de emprego, e dos empregadores, como prefeituras, pequenas empresas e outras instituições distantes dos grandes centros urbanos, que não dispõem de informações para a localização da força de trabalho. Projeto de lei em discussão no âmbito do Poder Executivo prevê o estabelecimento de incentivos para empresas contratantes de profissionais recém-formados.

Foram negociados os termos de um acordo de cooperação, ainda em 1993, com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação-FAO, aprovado pela Agência Brasileira de Cooperação-ABC e pela FAO-Roma, para a implementação de um programa de geração de emprego e renda em áreas rurais e urbanas de pobreza generalizada, mediante a organização e capacitação massiva de trabalhadores para incentivar a criação de empreendimentos autogestados.

Em 1994, 16.000 trabalhadores rurais foram treinados em convênio firmado com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural-SENAR e assinado termo de cooperação técnica com o Ministério da Educação e do Desporto, para utilização das instalações dos "CAIC's" em cursos de formação profissional. Outros convênios foram firmados com o Sistema Nacional de Emprego - SINE dos Estados - RJ, SP, MS e CE - e com o Sindicato da Indústria de Construção Civil do Rio de Janeiro-SINDUSCON/RJ. Este objetivou a implantação de projetos pilotos de testes metodológicos do "projeto trabalhar" destinados aos trabalhadores da construção civil no que tange às habilidades básicas e específicas, com formação de 150 alunos multiplicadores. Com referência ao SINE, vale citar a viabilização de 29.800 matrículas de trabalhadores e 800 matrículas de servidores em cursos profissionais.

O aperfeiçoamento da fiscalização do trabalho desencadeado neste último ano teve como finalidade atingir os segmentos produtivos de maior densidade de trabalhadores, os de maior risco e os de menor organização. Buscou-se, através de ações conjuntas, com o envolvimento de outros órgãos da administração pública e instituições e segmentos da sociedade civil, maior eficácia na proteção ao trabalho. Em relação à fiscalização das contribuições do FGTS, foram fiscalizados 290,7 mil empresas, alcançando-se 19,0 milhões de empregados. Quanto às denúncias de ocorrência de trabalho forçado, foi organizado arquivo contendo as informações relativas aos resul-

tados da fiscalização e desdobramentos da ação fiscal no âmbito do Ministério Público, Polícias Civil e Federal e Poder Judiciário. Para adequação dos novos procedimentos na fiscalização do FGTS, 2.000 técnicos foram treinados no ano de 1994.

Em relação ao trabalho da criança e do adolescente, adotou-se como objetivos erradicar o trabalho de menores de 12 anos, coibir a ocorrência de prorrogação da jornada de trabalho sem autorização ou de manutenção de menores de 18 anos em trabalho noturno e garantir o horário de frequência à escola e o cumprimento das cotas de contratação de aprendizes. Celebrou-se, também, convênio com a Organização Internacional do Trabalho-OIT para execução de programa de caráter internacional.

Complementarmente, o Ministério realizou mapeamento dos problemas através das unidades regionais, manteve contatos com entidades governamentais e civis e realizou estudo dos programas já implantados; analisou propostas de governos estaduais e municipais e de entidades da sociedade civil; participou das assembléias do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e de suas comissões temáticas; e elaborou proposta de ação para fiscalização do trabalho da criança e do adolescente, estimulando a promoção de fóruns e debates sobre a questão com os diversos representantes da sociedade civil.

Visando a elaboração de um plano de ação capaz de contribuir efetivamente para a melhoria das condições e ambientes de trabalho e para a proteção à saúde no trabalho, foram desenvolvidas atividades preparatórias à implantação de projetos relacionados ao trabalho da criança e do adolescente; à formulação das normas regulamentadoras do uso de benzeno; e dispositivos que garantam a segurança e a saúde de trabalhadores que se utilizam de motosserras. Além disso, destacam-se a revisão, atualização e publicação de sete normas de segurança e saúde no trabalho; articulação de ações de segurança e saúde no trabalho com o Sistema Único de Saúde-SUS, beneficiando 10 unidades da Federação; fiscalização dos ambientes e condições de trabalho de 153 mil empresas; realização da Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho-CANPAT em várias unidades da Federação; distribuição de 185 mil exemplares de cartilhas sobre direitos trabalhistas em saúde; e implantação nas escolas de conteúdos de educação em segurança, saúde e higiene no trabalho.

Foi firmado termo de compromisso entre o Ministério, Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas do Estado de Minas Gerais e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais perante o Ministério Público do Trabalho para a implan-

tação de condições mínimas de trabalho nas atividades de produção de carvão vegetal em Minas Gerais. O termo de compromisso envolve 37 empresas, cerca de 500 empreiteiras, em 116 municípios, atingindo aproximadamente 10 mil trabalhadores.

Em novembro de 1993, foi iniciada a “Campanha pela Carteira de Trabalho Assinada - Questão de Cidadania” com o objetivo de aumentar o número de trabalhadores com sua situação funcional formalizada, passando a usufruir de todos os direitos trabalhistas. Recentemente foi firmado contrato com a Imprensa Nacional para confecção de 3,7 milhões de carteiras de trabalho.

O Sistema Nacional de Emprego-SINE passou por um amplo processo de reestruturação, efetivada através da realização de convênios com os Estados, com aplicação de CR\$ 1,3 bilhão do FAT em 1993 e de R\$ 46,7 milhões em 1994. Também neste ano os governos estaduais contribuíram com R\$ 28,2 milhões. O aperfeiçoamento da concessão de seguro-desemprego atualmente enfatiza a preparação do trabalhador desempregado para o retorno ao trabalho, através de programas de reciclagem profissional adequados às necessidades locais. Nesse sentido, o Ministério treinou 32,2 mil trabalhadores, beneficiou 3,6 milhões de trabalhadores com seguro-desemprego, e concedeu abono salarial dos programas PIS/PASEP a 3,9 milhões de trabalhadores de baixa renda. Foram instaladas comissões tripartites de emprego em nove Estados e no DF, com o objetivo principal de auxiliar na gestão do Sistema Nacional de Emprego -SINE, no âmbito de cada Unidade Federativa.

Acordo firmado entre o governo brasileiro e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD resultou na implantação do projeto “Desenvolvimento de Políticas e Programa para o Setor Trabalho”, que objetiva a implantação do contrato coletivo de trabalho no Brasil, a geração massiva de empregos e a criação de métodos visando o acesso às informações básicas sobre direitos, benefícios e obrigações, dentro de um amplo programa denominado “Trabalho e Cidadania”. Dessa forma, os trabalhadores urbanos, pelo estágio de organização que já alcançaram, disporão de um novo instrumento de relação de trabalho que ampara, indistintamente, empregados de grandes, médias e pequenas empresas; os trabalhadores rurais contarão com meio de informação, bem como com fiscalização de suas atividades; as universidades e centros de pesquisa terão acesso a bancos de dados referentes à questão trabalho; e os trabalhos suscetíveis a doenças em decorrência do ambiente e das condições do trabalho terão, mediante a revisão de legislação e da presença da fiscalização, melhoria da sua qualidade de vida.

Finalmente, providências foram adotadas para adequar a estrutura administrativo-operacional do Ministério ao seu novo perfil, com a conseqüente busca de melhoria de qualidade dos serviços prestados à sociedade. Nesse sentido, destacam-se os seguintes projetos em andamento: “Plano Emergencial de Apoio Técnico-Administrativo”, destinado a prestar assessoramento direto e efetivo às Delegacias Regionais do Trabalho com ações de manutenção, de apoio administrativo, de investimento/inversões financeiras e de reformas e melhorias de prédios; política de recursos humanos através da manutenção de programas de qualificação dos servidores e de adequação do quadro de pessoal às reais necessidades do órgão; obtenção e adequação de espaços físicos; e plano de informática, envolvendo a sede em Brasília e as Delegacias Regionais do Trabalho. Em novembro de 1994 foi publicado edital de concurso público para o preenchimento de 651 vagas de Fiscal do Trabalho beneficiando todos os Estados e o Distrito Federal.

## MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

### a. Situação Encontrada

A Previdência Social exibia uma série de pontos críticos, tais como:

- a) ineficiência do sistema de concessão de benefícios, com lentidão na concessão de benefícios e elevado número de benefícios represados;
- b) política salarial dos aposentados e pensionistas diferenciada da dos trabalhadores ativos;
- c) baixo nível de eficiência de rotinas e procedimentos do seguro social, da arrecadação e da fiscalização decorrente do uso de tecnologias ultrapassadas;
- d) necessidade de honrar os compromissos acumulados em função da demora ocorrida na plena compatibilização da legislação de custeio e benefícios com a nova Constituição;
- e) necessidade de terminar o recadastramento rural iniciado;
- f) número significativo de benefícios a serem revistos;
- g) parcela expressiva de municípios, estados e empresas públicas e privadas com débitos elevados;

h) desatendimento da determinação legal de realizar o recadastramento urbano;

i) número expressivo de sindicâncias e inquéritos a serem instaurados e de processos administrativos iniciados e não concluídos; e

j) necessidade de dar continuidade às ações de combate às fraudes no âmbito da Inspeção-Geral da Previdência Social e Auditoria-Geral do INSS.

#### **b. Principais Realizações do Período de Governo**

Mesmo com as limitações impostas pelo esgotado modelo de financiamento, conseguimos garantir o cumprimento dos direitos preconizados pela Constituição, reconhecendo e liquidando a maior parte das dívidas acumuladas para com os segurados. Estas ações, somadas a uma postura gerencial ativa, com acompanhamento sistemático do desempenho operacional da máquina previdenciária, mudaram substancialmente a imagem da Previdência Social perante a sociedade.

Os avanços alcançados nos indicadores de qualidade do seguro social, a significativa mudança de patamar obtida na arrecadação, as ações de inteligência fiscal identificando os segmentos de maior inadimplência, a cobrança rigorosa dos devedores do setor privado e do setor público, a informatização de bancos de dados e de rotinas, a reorganização do sistema de fiscalização das entidades de Previdência Complementar, o combate às fraudes comprovaram que, com dedicação e profissionalismo, não só é possível administrar a Previdência Social, como também transformá-la em algo de que a sociedade brasileira possa se orgulhar.

Em face da situação encontrada, foram adotadas, de imediato, medidas de natureza política com o firme propósito de reconquistar a confiança dos segurados na Instituição, principiando pelo resgate da dignidade e da cidadania dos aposentados e pensionistas, que passaram a receber seus benefícios, pela primeira vez na história da Previdência, com reajustes idênticos aos que percebem os trabalhadores da ativa. Essa unificação vigora desde o final do ano de 1992.

No que tange ao orçamento da Previdência Social, até o final de 1994 foram despendidos recursos totais equivalentes a R\$ 27,96 bilhões, contra R\$ 24,45 bilhões em 1993 e R\$ 17,22 bilhões em 1992.

Quanto às atividades relacionadas à programação prioritária da Previdência Social, relacionam-se, a seguir, os resultados.

### Concessão e Manutenção de Benefícios

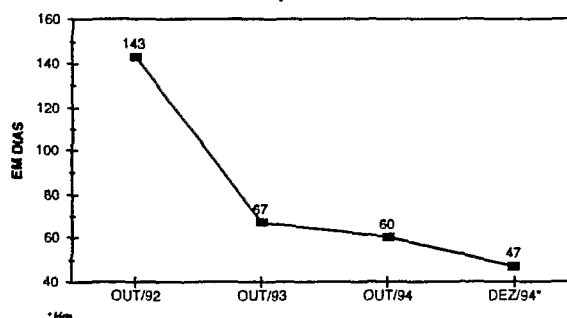
A Previdência Social emitiu, em dezembro de 1993, 14.185.370 benefícios de duração continuada - aposentadorias e pensões, e, em dezembro de 1994, este número deverá ultrapassar os 15,2 milhões de benefícios, um crescimento, portanto, de mais de 7%. Em relação a dezembro de 1989, quando os benefícios em manutenção somavam 12.123.205 benefícios, o crescimento será superior a 25%.

Os valores desembolsados com a manutenção de benefícios, em 1994, foram de ordem de R\$ 23,6 bilhões, depois de registrar o equivalente a R\$ 20,9 bilhões em 1993. O total despendido em 1992 foi de R\$ 14,5 bilhões, ou seja, registrou-se uma ampliação de gastos, desde então, de 63%.

O valor médio dos benefícios também aumentou passando do equivalente a R\$ 76, em outubro de 1992, para R\$ 125, em dezembro de 1994, representando, portanto, um incremento de 64%. Outro avanço expressivo foi a preservação do poder aquisitivo das aposentadorias e pensões, com seu valores reais estáveis na faixa de R\$ 120 de março a agosto e alcançando o patamar de R\$ 125 no último trimestre de 1994.

O crescimento do número de benefícios em manutenção foi uma consequência direta do saldo líquido apurado entre as concessões e os cancelamentos, suspensões ou cessações de benefícios num dado período considerado. Os novos benefícios concedidos passaram de 1.359.898 em 1991, para 1.987.130 em 1992, 2.445.565 em 1993, e para 2.000.000 em 1994.

**TEMPO MÉDIO DE CONCESSÃO**  
EVOLUÇÃO - OUT/92 a DEZ/94

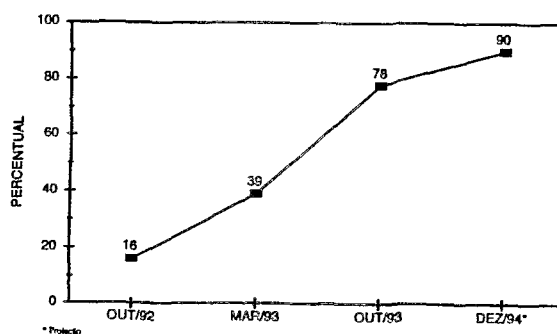


O grande crescimento da concessão rural, de 280.703 benefícios em 1991, para 797.185 em 1992 e para 1.129.843 em 1993, explica os saltos verificados na concessão total em 1992 e 1993. Em 1994 o total de benefícios rurais deverá recuar para cerca de 650.000.

### Agilização na Concessão de Benefícios

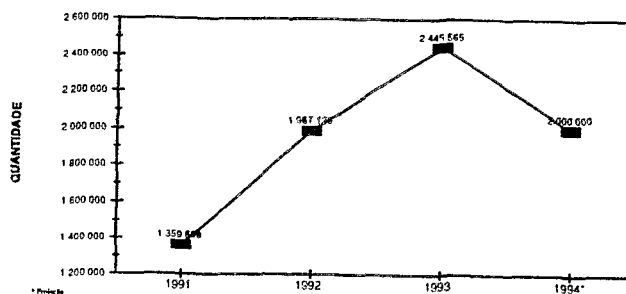
Atualmente, três em cada quatro benefícios são concedidos com tempo abaixo de 45 dias, conforme determina a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social.

**BENEFÍCIOS CONCEDIDOS NO PRAZO LEGAL**



O tempo médio de concessão dos benefícios também melhorou. Em outubro de 1992 um benefício demorava 143 dias, em média, para ser concedido. Ao final de 1994 este tempo está em torno de 50 dias.

**TOTAL DE BENEFÍCIOS CONCEDIDOS**

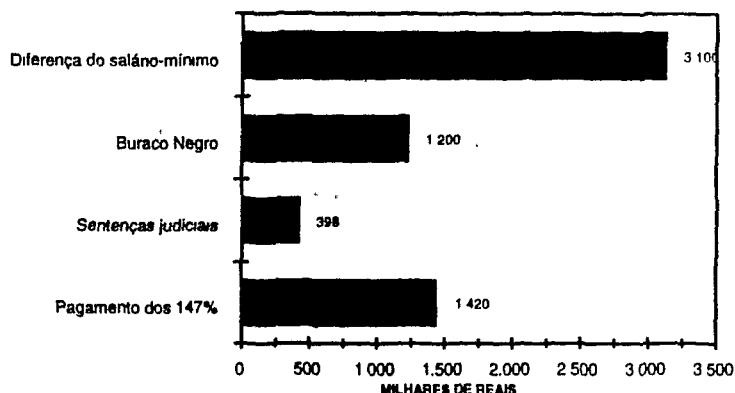


### Pagamento do Passivo de Débitos da Previdência Social

Foram pagos os 147%, devidos pelo Governo a 2,9 milhões de aposentados e pensionistas entre novembro de 1992 e outubro de 1993.

A revisão dos valores dos benefícios concedidos no intervalo conhecido como "Buraco Negro" consumiu R\$ 1,2 bilhão, compreendendo 1.173.813 benefícios. Restam a serem revistos 20.036 benefícios.

#### PASSIVOS PAGOS PELA PREVIDÊNCIA SOCIAL



Após deliberação do Supremo Tribunal Federal relativa a um único caso, decidiu-se também pelo pagamento da diferença devida aos cerca de 7,4 milhões de aposentados e pensionistas que receberam menos de um salário-mínimo entre 6 de outubro de 1988 e 4 de abril de 1991.

#### Mudanças no processo de trabalho

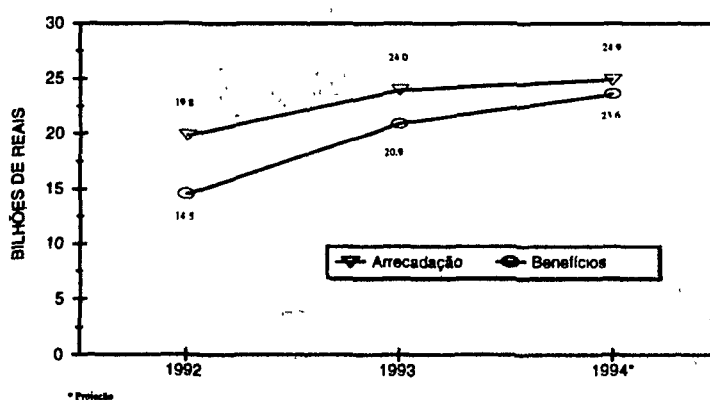
A informatização de rotinas e procedimentos, num conjunto de importantes projetos em implantação, está delineando a Previdência Social do futuro. O Sistema Fita-a-Fita, o PRISMA - Informatização dos Postos de Seguro Social, SUB - Sistema Único de Benefícios, o Cadastro Nacional de Informações Sociais - CNIS - e o projeto GIRAFIA - Gerência Regional de Arrecadação e Fiscalização, revolucionam as áreas do seguro social e da arrecadação e fiscalização. Uma estrutura de acompanhamento e avaliação, com capilaridade em todo o território nacional, permite informações sobre o desempenho de cada um dos setores previdenciários, nas diferentes localidades.

Dos atuais 990 postos do Seguro Social, 650 estavam plenamente informatizados em outubro de 1994. O acesso instantâneo ao histórico de vínculos empregatícios dos segurados já é possível em diversos postos de São Paulo, onde o CNIS está operando em caráter experimental no combate ao represamento. O recolhimento das contribuições previdenciárias se dá em prazos menores e de forma mais segura, mediante a utilização de fitas magnéticas para a troca de informações entre a rede bancária e a Previdência Social.

## Arrecadação e Fiscalização

A arrecadação bancária evoluiu de R\$ 19,8 bilhões em 1992 para R\$ 24,0 bilhões em 1993, atingindo R\$ 24,9 bilhões em 1994. O avanço real superior a 25% em relação a 1992 reflete o esforço dos previdenciários, mas esconde limitações estruturais: apesar da majoração das alíquotas de contribuição em mais de 60%, as receitas previdenciárias sobre a folha continuam representando os mesmos 5,5% do PIB que significavam no início dos anos 80.

### ARRECADAÇÃO x PAGAMENTO DE BENEFÍCIOS



Os resultados da ação fiscal - notificações de débito, parcelamentos e recolhimentos - deverão alcançar R\$ 5,0 bilhões em 1994, depois dos mais de R\$ 6,0 bilhões conseguidos em 1993 quando teve início a agressiva política dos parcelamentos. Estes números representam quase o dobro das médias de períodos anteriores.

## MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

### Situação Encontrada

No início do meu Governo, o Ministério da Aeronáutica enfrentava crescentes dificuldades para manter a Força Aérea Brasileira em permanente estado de prontamento operacional, em razão da insuficiência de recursos orçamentários, e financeiros.

No tocante à Pesquisa e Desenvolvimento, até setembro de 1992, tinham sido concluídos, na área do Programa Missão Espacial Completa Brasileira (MECB), os ensaios de análise modal do Veículo Lançador de Satélites - VLS, os estudos preliminares do veículo VS-40 (subconjunto do 3º e 4º estágios do VLS) e realizados os

primeiros ensaios no solo dos propulsores S40 e S44, terceiro e quarto estágios do VLS, respectivamente.

No que diz respeito à Proteção ao Voo, completava-se a implantação do controle positivo em rota nas Regiões Sul/Sudeste e em parte do Centro-Oeste, com estações de Radar e Telecomunicações aeronáuticas, e encontrava-se em andamento a implantação dos mesmos serviços no Nordeste, através do Centro de Controle de Recife, buscando dotar este centro de capacidade semelhante à já instalada em Brasília e Curitiba. Para proteção das áreas terminais de navegação aérea, proporcionando maior segurança e velocidade no fluxo de chegada e saída dos aeroportos, já existiam em operação 19 radares para esse emprego específico.

Além disso, encontravam-se em curso o projeto de especificação técnica e de configuração completa do Sistema de Vigilância da Amazônia - SIVAM e a instalação de radares de vigilância e controle do tráfego aéreo em Manaus, Boa Vista, São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga.

Quanto à Infra-estrutura Aeroespacial, estavam em obras o Terminal de Passageiros nº 2, do Aeroporto Internacional de São Paulo e a adequação/ampliação dos terminais de passageiros dos Aeroportos Internacionais de Brasília e de Curitiba.

No Setor da Indústria Aeroespacial, a Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. - EMBRAER encontrava-se inserida no contexto das empresas estatais em processo de privatização e, em função da discrepância existente na participação societária e à sua elevada dívida, o processo de privatização desenvolvia-se com morosidade e sujeito a possíveis interposições de recursos judiciais.

As linhas de montagens de todos os programas da EMBRAER encontravam-se em baixo nível de produção, ou mesmo paralisadas, pela falta de capital de giro, e a empresa buscava uma garantia financeira do Governo brasileiro para a execução do contrato de venda de 80 aeronaves EMB-312 Tucano para a "Armée de L'Air" Francesa.

No que tange ao Programa Conjunto AM-X, que constitui o mais importante projeto de atualização dos meios da Força Aérea Brasileira, já havia sido entregue ao seu acervo a décima-oitava aeronave. A insuficiência de recursos financeiros já implicava, na época, em um atraso de cronograma equivalente a oito aeronaves.

No final do período do Governo anterior, buscava-se autorização de engajamento governamental para aquisição do terceiro lote dessas aeronaves.

### **Principais Realizações do Período de Governo**

No tocante às Operações Aéreas, a Força Aérea Brasileira foi obrigada, por uma série de fatores, sendo o mais significativo a falta de recursos financeiros para a compra de material de aviação, a, gradativamente, reduzir a atividade aérea. Em consequência dessa redução, o Ministério da Aeronáutica viu-se compelido a tomar uma decisão drástica em benefício da manutenção do padrão de eficiência das equipagens em níveis aceitáveis, optando pela retirada da atividade aérea, neste ano, de uma quantidade significativa de tripulantes, de modo a permitir que a atividade aérea permaneça acima do nível mínimo da eficiência operacional exigida.

No campo da Pesquisa e Desenvolvimento, foi atingido um marco relevante com o lançamento do foguete VS-40, em abril de 1993, destinado à avaliação, em condições reais, do motor do quarto estágio do Veículo Lançador de Satélite (VLS) e à ativação da Estação de Teledestruição do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), capacitando-se, desta maneira, o Centro de Lançamento de Alcântara para lançamento de foguetes de sondagem.

Foram realizadas operações conjuntas entre as equipes do CLA e do Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais - INPE, em cooperação com a National Aeronautical and Space Agency - NASA para estudar o comportamento da ionosfera, na altura do equador magnético, com o lançamento de 36 foguetes suborbitais, além de vários outros de menor porte, para sondagens meteorológicas e testes de equipamentos de telemetria e controle. Essa operação com a NASA, denominada "Operação Guará", pode ser considerada como uma demonstração inequívoca de maturidade do CLA, como também sua integração às atividades espaciais em nível internacional.

O VLS, que está sendo desenvolvido pelo Instituto de Aeronáutica e Espaço - IAE, do Centro Técnico Aeroespacial - CTA, teve um pequeno avanço em 1994, decorrente da reduzida alocação de recursos feita ao programa, alcançando, até o momento, 78% do total das metas planejadas.

Deu-se início, em 1994, à construção da plataforma de lançamento do VLS no Centro de Lançamento de Alcântara - CLA, assim como a construção do Banco de Controle para gerenciamento de eventos de ensaios e aplicação na contagem regressiva do lançamento.

No setor da Indústria Aeronáutica, a Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A - EMBRAER, principal empresa aeronáutica do

País, vinculada a este Ministério, encontra-se inserida no contexto das empresas estatais em processo final de privatização.

Neste setor, os eventos mais marcantes no período podem ser considerados a entrega dos sete primeiros Tucanos para a "Armée de L'Air" Francesa e a usinagem da primeira peça da aeronave à reação EMB-145, com capacidade para transportar 45 passageiros, destinada ao mercado civil.

O governo brasileiro concedeu a garantia financeira buscada pela EMBRAER para a entrada em vigor do contrato de aquisição das 80 aeronaves EMB-312, destinadas à "Armée de L'Air" Francesa.

A empresa entregou, de outubro de 1992 a dezembro de 1994, 30 aeronaves EMB-120 Brasília e 12 aeronaves AM-X.

Foi, também, autorizada pelo Governo a assinatura de documentos, através dos quais os governos do Brasil e Itália se comprometem a adquirir o terceiro lote de aeronaves AM-X.

A EMBRAER está participando da concorrência internacional, em conjunto com a empresa norte-americana Northrop, para o fornecimento de 712 aviões de treinamento a serem distribuídos entre a Força Aérea e a Marinha dos Estados Unidos da América, tendo já sido realizados testes específicos com a sua aeronave EMB-312 H Super Tucano.

Na área de Proteção ao Voo, o Ministério da Aeronáutica vem atuando com crescente eficiência no controle do espaço aéreo brasileiro.

Foram atingidas as seguintes metas principais: ativado o Terceiro Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - CINDACTA III, com sede em Recife; transferência para Brasília da Estação Terrena "Local User Terminal" (LUT) do Programa COSPAS/SARSAT para localização de aeronaves e navios considerados perdidos, com a utilização de satélites. Ativada a cobertura radar preenchendo completamente o espaço aéreo entre Salvador e Fortaleza (litoral). Deu-se prosseguimento ao projeto de revitalização e substituição dos equipamentos eletro-eletrônicos instalados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste dos sistemas de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - DACTA I e DACTA II, com introdução de gradativos aperfeiçoamentos na operacionalidade da sede do Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - CINDACTA - Brasília, em função dos novos equipamentos e sistemas instalados. Prosseguiu-se com a implantação de melhorias na área de telecomunicações, assim como na ativação da operação radar da área de Fortaleza e na implantação de proteção ao voo em Fernando de

Noronha, fazendo parte do Sistema DACTA III, responsável pelo controle radar na região nordeste.

No Projeto Sistema de Vigilância da Amazônia - SIVAM, foram concluídas as obras do sítio de São Gabriel da Cachoeira, encontrando-se em operação o radar e todos os demais equipamentos planejados para o local, prevendo-se, para curto prazo, a sua integração ao Centro de Controle de Área, em Manaus.

Foram implantados os sítios-radar de Manaus e Boa Vista, restando o de Tabatinga, cujas obras encontram-se em andamento e foram concluídos os documentos que compõem a concepção, configuração e o plano de implantação de todo o sistema.

O SIVAM é parte integrante do SIPAM - Sistema de Proteção da Amazônia, cujo objetivo é propiciar a integração e avaliação das informações sobre a região, por meio de um processamento usando inteligência artificial e a criação de um banco de dados abrangente, permitindo o planejamento e a coordenação das ações dos órgãos governamentais, respeitadas suas competências institucionais, através da implantação de uma complexa rede de telecomunicações, radares e outros sensores, e desta maneira, o SIVAM, como infra-estrutura de meios técnicos do SIPAM, possibilitará a vigilância dos movimentos de tráfego aéreo e de superfície na região, uma operação segura e eficiente da aviação civil e militar, vigilância ambiental, monitoração meteorológica e monitoração de comunicações, que propiciarão, a partir do processamento, suporte às atividades de combate a ilícitos, controle ambiental e a implementação de programa de desenvolvimento sustentável.

Em resumo, o Ministério da Aeronáutica participará e coöperará com os órgãos oficiais envolvidos no combate ao narcotráfico, controlando efetivamente o espaço aéreo nacional.

Na área de Infra-Estrutura Aeroespacial, a Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária - INFRAERO, concluiu as obras de ampliação dos aeroportos de Aracajú e de Ilhéus. Continuou dando andamento às obras de modernização e ampliação dos aeroportos de Brasília, do Rio de Janeiro, de São Paulo, Curitiba e Rio Branco. Em Brasília será inaugurado o primeiro satélite para embarque de passageiros na primeira quinzena de dezembro de 1994. São Paulo (Aeroporto Internacional de Guarulhos) teve concluído o seu terminal número dois para passageiros.

O ritmo das obras tem sido afetado pelos atrasos ocorridos no recebimento das arrecadações tarifárias, principal fonte de receita dos investimentos feitos nessas modernizações.

Iniciaram-se os estudos para construção de novos terminais de passageiros nos aeroportos de Fortaleza, Natal, São Luís e Porto Alegre.

No campo da Aviação Civil, foram concluídas as negociações e assinados acordos bilaterais sobre Transporte Aéreo com a China e Macau.

Reflexo do sucesso da política de flexibilização da Aviação Civil e da estabilidade econômica decorrente da implantação do Plano Real, as empresas já sinalizam resultados econômicos positivos.

Surgem novas empresas de carga e passageiros em vôos não regulares, enquanto as tradicionais consolidam novas operações, inaugurando novas rotas e "Gateways", simultaneamente com a reengenharia de suas estruturas administrativas e operacionais.

No tocante à Construção de Residências, a Caixa de Financiamento Imobiliário da Aeronáutica - CFIAe, entregou, no período, 200 residências em Minas Gerais, destinadas a cabos, taifeiros e civis; e concluiu, no Rio de Janeiro, 96 apartamentos destinados a oficiais e civis e 192 para suboficiais e sargentos.

Na área de Sistemas Bélicos, foram realizadas, no Campo de Provas de Cachimbo, as operações MUTUM, URUTU E BOICORÁ sendo ensaiados diversos armamentos em desenvolvimento no CTA, tais como: bombas lança - granadas, de freio aerodinâmico, incendiárias, antipistas e do míssil AR-AR para combate aéreo, MAA-X1, retomado no segundo semestre de 1993, com o envolvimento da indústria nacional e do CTA.

## MINISTÉRIO DA SAÚDE

### a. Situação Encontrada

A crise institucional se evidenciava pela ausência de políticas e diretrizes claras e explícitas, caracterizando e/ou reforçando uma crise de identidade no Setor e não permitindo ações mais coerentes e efetivas na construção do Sistema Único de Saúde - SUS e na descentralização e interação das três esferas político-administrativas integrantes do sistema.

O esvaziamento e a desmotivação crescentes do quadro de recursos humanos surgiram como conseqüências da reforma administrativa implementada pelo Governo anterior, que reforçou o caráter centralizador das ações da direção nacional do SUS.

Por outro lado, a crônica insuficiência de recursos do setor de saúde apresentava-se como um dos maiores desafios a enfrentar. Além disso, os instrumentos utilizados para o repasse intergovernamental e a irregularidade nos fluxos financeiros converteram-se em dificuldades adicionais para os responsáveis pela prestação de serviços. Na relação com o setor privado complementar, os atrasos na transferência de recursos financeiros conduziram a impasses que repercutiram fortemente sobre a disponibilidade de serviços à população.

A partir de outubro de 1992, o Ministério assumiu o compromisso de conduzir o processo de implantação do Sistema Único de Saúde, na direção dos preceitos constitucionais, respeitando as recomendações da IX Conferência Nacional de Saúde. Foi priorizada a formulação de uma proposta de operacionalização dos dispositivos legais que determinam a descentralização do Sistema de Saúde, que se concretizou em documento apresentado ao plenário do Conselho Nacional de Saúde em reunião extraordinária realizada em 21 de janeiro de 1993. Foram também desencadeadas ações com o objetivo de recuperar a capacidade de regulação estatal sobre algumas áreas estratégicas, como é o caso da política de medicamentos e das ações de Vigilância Sanitária.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

##### **• Assistência à Saúde e Controle de Doenças**

Neste campo, as ações desenvolvidas pelo Ministério se relacionaram principalmente às funções de normatização, gestão, controle e avaliação, além da cooperação e intercâmbio técnico.

No tocante à elaboração de normas e outros documentos de natureza técnica destacam-se: criação dos meios necessários para implantação do repasse de recursos financeiros do Fundo Nacional de Saúde para os Fundos Estaduais e Municipais dos Estados e Municípios habilitados para a gestão semi-plena; elaboração de regulamentos técnicos dispondo sobre especificação e requisitos de segurança de equipamentos eletromédicos, próteses implantáveis e, regulamentação do registro de produtos correlatos.

Quanto à gestão, controle e avaliação da assistência, o Ministério desenvolveu ações no sentido de subsidiar gestores do SUS com as informações necessárias ao bom desempenho de suas funções. Nesse sentido as principais ações foram:

- desenvolvimento de Banco de Dados sobre municipalização, abrangendo 11 estados e 1300 municípios;

- implantação plena da Autorização de Internação Hospitalar - AIH, em meio magnético, visando ao processamento das informações de forma mais ágil, facilitando a consolidação dos dados e abrindo acesso a consultas e relatórios do sistema, tornando o processo de controle e avaliação transparente e eficiente.

- estudo e revisão dos tetos de AIH por Unidade da Federação - UF, com base na estimativa populacional do IBGE para 1994; na análise de relatórios dos procedimentos mais frequentes; e, na situação cadastral das unidades prestadoras, de forma a evitar gastos desnecessários por superestimação populacional, cadastral ou procedimentos cobrados de forma questionável ou desnecessária;

- elaboração do novo instrumento de cadastro das unidades, visando atualizar e melhor dimensionar a capacidade da rede de serviços, incorporando indicadores de qualidade como forma de exigir melhoria das condições físicas e tecnológicas dos prestadores públicos e privados, classificando-as no sistema de referência e contra-referência, distribuindo-as regionalmente segundo o fluxo da demanda e adequando-as às necessidades assistenciais.

- Controle de Doenças Transmissíveis

### Doenças Imunopreviníveis da Infância

Tendo o objetivo de reduzir a morbi-mortalidade por doenças evitáveis, o Ministério apoiou técnica e financeiramente as Unidades Federadas no desenvolvimento dos programas de controle desses agravos, assim como, na operacionalização das estratégias de vacinação através do fornecimento de todas as vacinas. Sob este enfoque, o Programa Nacional de Imunização através de campanhas e da vacinação de rotina pôde alcançar os dados de cobertura vacinal descritos a seguir:

| Cobertura vacinal (rotina / campanhas) |        |       |        |       |        |       |
|----------------------------------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
| Menores de 1 ano vacinados             | 1992 % |       | 1993 % |       | 1994 * |       |
| Sarampo                                | 90,62  |       | 84,98  |       | 63,42  |       |
| Tríplice                               | 70,97  |       | 75,33  |       | 57,32  |       |
| BCG                                    | 89,58  |       | 98,49  |       | 76,56  |       |
| Poliomielite **                        | 1ª C   | 2ª C  | 1ª C   | 2ª C  | 1ª C   | 2ª C  |
|                                        | 96,48  | 97,74 | 92,87  | 89,01 | 96,91  | 95,20 |

\*Dados parciais

\*\*Campanhas

É importante ressaltar que o empenho dispensado nos anos precedentes e que lograram sucessivos êxitos no controle da Poliomielite culminaram, neste ano em curso, com o recebimento do certificado de erradicação da doença no Brasil.

Pela primeira vez, a vacinação contra a Rubéola entrou na rotina de dois Estados, a saber, Distrito Federal e São Paulo, pelo fato de que estas unidades da federação vinham desenvolvendo o controle epidemiológico da doença.

### Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST e AIDS

Foram adquiridos e distribuídos pelo programa 36 milhões de preservativos para 165 Organizações Não-Governamentais, 27 Secretarias Estaduais e 44 Secretarias Municipais de Saúde.

No tocante à AIDS foram confirmados no período de 1992 - 94 um total de 25.578 casos e 7.335 óbitos (dados até 3/9/94). Neste período, foi realizada a padronização dos medicamentos de máxima prioridade para o tratamento da doença e assegurada a distribuição destes para 27 Estados.

O sistema de vigilância sentinela do HIV que tem o objetivo de monitorar infecções recentes foi implementado em 39 locais distribuídos em 26 cidades.

Houve implantação da Rede Nacional de Laboratórios de Referência em AIDS, composta de cinco laboratórios de referência nacional, cinco de referência macro-regional e 18 de referência estadual, que estão funcionando de forma integrada, bem como a padronização de metodologias para o diagnóstico laboratorial das DST e AIDS.

Como estímulo à implantação de alternativas assistenciais foi criado o Hospital - Dia que fornece acompanhamento clínico-diagnóstico e terapêutico aos pacientes com AIDS, com ajuda da família. São atendidos pacientes debilitados pela doença que requerem internação no período diurno. É fornecido apoio psicológico aos doentes e familiares, favorecendo a manutenção do doente no domicílio. Este programa foi implantado em 17 unidades em 13 municípios.

### **• Controle de Doenças Endêmicas**

No tocante à malária, houve durante este período uma redução do número de casos da ordem de 19%, principalmente, devido à execução de um trabalho de combate à doença em 115 municípios da

Amazônia Legal, que em conjunto, são responsáveis por 80% dos casos notificados no país. As atividades desenvolvidas compreenderam a elaboração de um plano de trabalho com o Ministério do Exército para o atendimento às populações civis residentes nas zonas de fronteira e localidades afastadas, além da elaboração e execução de projetos de saneamento ambiental para o controle de vetores em áreas urbanas com transmissão da doença, tais como Porto Velho (RO), Manaus (AM), Barcelos (AM), Coari (AM) e Boa Vista (RR).

Para o controle da febre amarela foram aplicadas 1.753.032 doses de vacina. Em 1992, foram registrados 12 casos. Em 1993, 66 casos, não existindo ainda dados disponíveis para o ano de 1994. Quanto à dengue, registrou-se em 1992 um total de 3.215 casos da doença. Em 1993 este número passou para 7.086 e em 1994, até o primeiro semestre, foram notificados 33.171 casos.

Com relação à Doença de Chagas foi observada uma redução nos casos de infestação intradomiciliar (por todas as espécies) de 1,9% para 0,8%, assim como no número de internações da ordem de 14,19%. Tal resultado deve-se a uma campanha continental de erradicação do vetor, de hábito exclusivamente domiciliar (*Triatoma infestans*), através da borrifação com inseticida de ação residual. No sentido de interromper a transmissão transfusional está sendo realizada a triagem de doadores de sangue em 70% dos serviços de hemoterapia do país.

A hanseníase apresentou uma redução no coeficiente de prevalência de 15,35 para 12,50 / 10.000 hab. Foram elaborados e/ou revisados materiais técnico-normativos e instrucionais referentes ao controle da doença bem como regularizada a distribuição da medicação apropriada (Dapsona e Talidomida).

A incidência da tuberculose vem sofrendo nos últimos anos sensível aumento, particularmente, devido à associação da doença com a AIDS.

Desde a introdução do cólera no Brasil foram confirmados 140.378 casos da doença com 1.450 óbitos (dados até 8/6/94). No seu controle, o Ministério, além do incentivo para a monitoração das doenças diarreicas nos serviços capacitados para tal, tem atuado fundamentalmente dando assistência técnica durante situações de emergência vivenciadas pelos estados e municípios.

## • Combate à Desnutrição e às Carências Nutricionais

### Programa "Leite é Saúde"

O INAN - Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição iniciou em outubro de 1993 o Programa "Leite é Saúde" beneficiando até o momento cerca de 1.300.000 pessoas, entre crianças desnutridas, seus irmãos e as gestantes em risco nutricional, residentes em 600 municípios, com o comprometimento de cerca de R\$ 38 milhões. Em 1993, foi dada prioridade ao atendimento aos municípios mais carentes da Região Nordeste, totalizando 52% de todos os convênios assinados. Em 1994 esta prioridade foi mantida.

### Programa de Combate ao Bócio Endêmico

O antigo programa foi reformulado e reestruturado para aumentar sua abrangência. O bócio endêmico é apenas uma das consequências da deficiência de iodo, inclusive a menos severa. Foram adquiridas, após licitação internacional, 60 toneladas de iodato de potássio para distribuição à indústria salineira que deverá aumentar o teor de iodo exigido no sal, passando de 10 ppm, para 40 a 60 ppm.

Além disso, encontra-se em fase de conclusão um inquérito nacional em 400 mil escolares sobre a prevalência da deficiência de iodo.

### Programa de Combate à Hipovitaminose A

Associada aos dias nacionais de vacinação, foi realizada em estados da região Nordeste e no Vale do Jequitinhonha/MG campanha de distribuição de vitamina A para crianças de 6 meses a 4 anos, envolvendo um total de 1059 municípios, alcançando cobertura de 65% da população-alvo.

## • Saúde Materno-Infantil

Na área de Saúde Materno-Infantil foram desenvolvidas, dentre outras, as seguintes atividades: criação de comissões e comitês (Nacional, Estaduais e Municipais) para redução da mortalidade materna; criação do comitê de redução da mortalidade infantil; implantação do Cartão da Criança a partir do nascimento nas maternidades até os 5 anos de idade, em todo o país; implantação do Cartão da Gestante a nível nacional; desenvolvimento e implantação do SIMCA - Sistema de Informações sobre a Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente.

### • Saúde Bucal

No âmbito do Programa de Saúde Bucal foram implantados microssistemas de fluoretação de águas de abastecimento público nas macroregiões e alocados recursos aos estados para programas educativos e preventivos. Através de convênio com a OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde estabeleceu-se um sistema de informações em saúde bucal nacional e um sistema de trocas de experiências entre municípios e estados.

### • Saúde Mental

Tendo em vista a reestruturação da assistência em saúde mental, foram estabelecidos parâmetros mínimos para funcionamento dos hospitais psiquiátricos, bem como a determinação de supervisão sistemática dos serviços prestados aos doentes, juntamente com as Secretarias Estaduais de Saúde. Adicionalmente, foi também estabelecido o financiamento da assistência extra-hospitalar em saúde mental.

### • Emergência e Trauma

Nessa área, deu-se ênfase à organização da relação entre sistemas pré-hospitalar e hospitalar para o atendimento aos traumatizados, através do treinamento de socorristas e da aquisição de equipamentos para implantação e ampliação dos Sistemas de Resgate, permitindo assim um acréscimo de cobertura para onze milhões de brasileiros (atendimento médio de cerca de 8 minutos)

### • Controle da Infecção Hospitalar

O Ministério apoiou o desenvolvimento de Programas Estaduais, bem como normatizou a área a partir da elaboração do 1º Estudo da Prevalência de Infecção Hospitalar e da publicação do Manual de Controle e do Guia de Farmácia Hospitalar.

### • Insumos Críticos da Assistência

#### Medicamentos e Imunobiológicos

Com relação aos medicamentos, a CEME - Central de Medicamentos fez aquisição de 132 itens destinados aos programas específicos do Ministério, priorizando as necessidades da área de saúde materno-infantil, através da celebração de 25 convênios com os

laboratórios do Sistema Oficial, e 52 contratos com empresas particulares, totalizando R\$ 224,0 milhões.

Na área de produção para o Sistema Oficial, realizada pela FIOCRUZ - Fundação Instituto Oswaldo Cruz/Farmanguinhos, houve um significativo incremento de unidades farmacêuticas produzidas que passaram de 54,4 milhões em 1992 para 156,6 milhões em 1993, encerrando o ano de 1994 com uma produção em torno de 400 milhões. No mesmo período, a linha2 de produção foi diversificada passando de 5 para 27 medicamentos básicos que, produzidos a baixos custos, possibilitam sua comercialização a preços 50% abaixo daqueles praticados pelo mercado.

A produção de imunobiológicos, a cargo de Biomanguinhos, experimentou no período um crescimento de mais de 200%, tendo passado de 22,7 milhões de doses para 70 milhões de doses de vacinas contra a Febre Amarela, Sarampo, Poliomielite, Meningite C e Febre Tifóide.

No campo do controle de qualidade é importante destacar a estruturação da Rede Nacional de Laboratórios Oficiais de Controle de Qualidade em Saúde e a realização, pelo INCQS, de análises de todos os lotes de vacinas utilizados pelo Programa Nacional de Imunização.

### Sangue e Hemoderivados

Na área de sangue e hemoderivados, a hemorrede pública ampliou sua capacidade de atendimento de 59% para 73% das necessidades de sangue e componentes do país. Também houve transferência de R\$ 6,63 milhões para a construção, reforma e aquisição de equipamentos para a hemorrede.

### **• Saneamento Básico**

Através da Fundação Nacional de Saúde foram beneficiados aproximadamente 6,5 milhões de habitantes, mediante construção e ampliação de sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário. Foram recuperadas 3 mil moradias para redução da sobrevivência do inseto transmissor da doença de Chagas. Beneficiou-se 25 localidades através da construção de drenagens em áreas endêmicas de malária e, para o combate e prevenção do cólera foram implantadas melhorias sanitárias em 120 municípios.

### • Descentralização e Democratização da Gestão

De outubro de 1992 a dezembro de 1994 o Conselho Nacional de Saúde formulou 110 Resoluções, visando disciplinar cursos superiores de saúde e pesquisas clínicas conduzidas no exterior, normatizar e garantir o financiamento do atendimento à saúde, objetivando sobretudo a sua municipalização. Assegurou, ainda, a realização das seguintes conferências específicas: Saúde dos Povos Indígenas, Recursos Humanos para a Saúde, Ciência e Tecnologia, Saúde do Trabalhador, Saúde Mental e Saúde Bucal.

A Norma Operacional Básica/93, contendo diretrizes e procedimentos para o processo de descentralização, estabeleceu foros de negociação e deliberação representados pelas comissões intergestoras e pelos conselhos de saúde, e a possibilidade da coexistência de três diferentes condições no que se refere à gestão do sistema - *gestão incipiente, gestão parcial e gestão semi-plena* - que correspondem às diferenças ao longo do processo de descentralização.

A condição de gestão semi plena, com a transferência global e automática, fundo a fundo, dos recursos financeiros correspondentes à assistência hospitalar e ambulatorial foi efetivada em 20 municípios e seis Estados.

No esforço de implantação do SUS o Ministério implementou reformas organizacionais e estruturais, pois a extinção do INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social exigiu a incorporação, pela Secretaria de Assistência à Saúde, das competências daquele Instituto relativas à normatização, controle e avaliação. Foram descentralizadas para estados e municípios 254 unidades de saúde das 732 unidades anteriormente existentes.

### • Reformulação do Modelo de Assistência

Diante da reiterada constatação da ineficácia e inviabilidade financeira do modelo de atenção centralizado e fortemente dependente da assistência médico-hospitalar, o Ministério decidiu empreender um conjunto de programas destinados a reformular o Sistema em direção a um novo modelo, em que se prioriza a promoção e a proteção da saúde.

### • Programa de Agentes Comunitários de Saúde

Criado como uma estratégia de extensão da atenção primária de saúde para áreas desassistidas, conta hoje com 32 mil agentes, atuando em 980 municípios e em 17 estados nas regiões Norte e Nordeste do país.

- **Programa de Saúde da Família**

Garantia da presença permanente de uma equipe formada por um médico, um enfermeiro e cinco agentes de saúde, está implantado em 51 municípios de 13 estados com um total de 329 equipes em atuação.

- **Programa de Interiorização do SUS**

Fixação de uma equipe formada por médico, auxiliar de enfermagem e agentes de saúde, em localidades onde anteriormente havia um ou nenhum médico. Encontram-se em atuação 90 equipes.

- **Ambulatórios de Alta Resolutividade**

Reforma, ampliação e reequipamento de um total de 134 unidades ambulatoriais, situadas em periferias de grandes cidades, em 13 unidades da federação, oferecendo durante 24 horas serviços de radiologia, laboratório de análises clínicas, salas de parto e de pequena cirurgia e leitos de observação.

- **Ouvidoria Geral do MS-Disque Saúde**

Trata-se de um sistema informatizado, em estruturação, que permitirá ao cidadão o contato direto com o Ministério, via telefone, para sugestões, reclamações, orientação e denúncias. O Disque Saúde permitirá ainda a pesquisa viva e a facilitação do contato com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde - "Mailling" Eletrônico.

- **Educação e Saúde - Canal Saúde**

Como forma moderna e barata de enfrentar o desafio da formação, treinamento e reciclagem de pessoal, o Ministério da Saúde está viabilizando o Canal Saúde exclusivo, através de convênio com a EMBRATEL, que entrará em operação na primeira quinzena de dezembro. Além disso, o Canal Saúde possibilitará a veiculação de mensagens educativas sobre temas de interesse da saúde.

- **Desenvolvimento nas Áreas de Regulação e Controle**

- Ciência e Tecnologia**

Marco de fundamental importância para a estruturação da área de C&T em saúde foi a realização da I Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia em Saúde - I CNCTS.

Nas áreas de fomento, desenvolvimento e pesquisa pode-se destacar:

- a implantação do Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde (PAPAES) na FIOCRUZ;
- o Programa de Fomento Interno de Pesquisa (PROFIP) desenvolvido pelo INCa;
- desenvolvimento de 792 projetos de pesquisa, com publicação de 401 trabalhos científicos, pelo Institute for Scientific Information (ISI);
- desenvolvimento, entre produtos e processos, de 126 inovações, requerendo-se 20 pedidos de patentes no Brasil, quatro nos EUA, sete na Europa, um no Japão, um na Nova Zelândia e um na Austrália;
- desenvolvimento de nova tecnologia para a detecção do antígeno HIV em tecido placentário;
- desenvolvimento de tecnologias para o controle definitivo dos vetores da Filariose.

Destacam-se ainda as ações voltadas para a produção de medicamentos e de produtos naturais, objetivando a redução da dependência brasileira de fármacos, bem como projetos de desenvolvimento de novas vacinas bacterianas, especialmente a vacina contra a Meningite B e o aprimoramento das vacinas contra a Febre Amarela e o Sarampo.

#### • Controle da Produção de Serviços

Foram introduzidos ou aperfeiçoados mecanismos e instrumentos tais como, emissão obrigatória de recibo - comprovação do serviço prestado, por parte dos prestadores, aos usuários; aprimoramento da crítica no processamento dos dados do Sistema de Informações Hospitalares SIH-SUS; e, vinculação das AIH's aos prestadores, por série numérica.

#### • Sistema Nacional de Auditoria

No início de 1994, foi instituído o Sistema Nacional de Auditoria, já tendo sido auditados 1.000 hospitais. Encontra-se em andamento o processo de auditoria nos 5196 hospitais restantes, bem como, pela primeira vez, nas Unidades Ambulatoriais cadastradas no SIA-SUS.

### • Controle Social

O Ministério vem estimulando e apoiando a instalação e funcionamento dos Conselhos Estaduais e Municipais de Saúde com a colaboração do Conselho Nacional de Saúde, órgãos máximos de controle social sobre o Sistema Único de Saúde. Estes Conselhos estão instituídos nos 27 estados e em 1975 municípios do país.

### • Readequação da Capacidade de Gestão do MS

Para enfrentar os graves problemas decorrentes do dismantelamento da máquina administrativa e ao mesmo tempo adequar a estrutura organizacional do Ministério para atuar como órgão de direção central do SUS, foram adotadas três linhas básicas de ação:

- capacitação e treinamento dos recursos humanos do Ministério e das Secretarias Estaduais de Saúde, em diferentes áreas temáticas;
- desenvolvimento e implantação de rede corporativa de microinformática que permite a intercomunicação entre unidades, órgãos e sistemas internos e externos ao Ministério, inclusive internacionais, via INTERNET;
- criação e instalação de assessoria técnico-gerencial, ligada ao Gabinete do Ministro, com a função de apoiar permanentemente o processo de direção e gerência a partir da recuperação, tratamento e disponibilização da informação, de modo a avaliar o impacto da ação governamental sobre o quadro sanitário.

## MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO

### a. Situação Encontrada

Restabelecemos a Pasta, com o intuito de capacitar e aprimorar a gestão governamental em áreas afins, viabilizando, desta forma, uma coordenação mais eficaz de órgãos e funções relacionados com: política industrial e de comércio exterior; propriedade industrial, marcas, patentes e transferência de tecnologia; metrologia, normalização e qualidade industrial; turismo; serviços; apoio às micro e pequenas empresas; e registro de comércio.

Além da obtenção de maior sinergia de atuação nessas áreas, a Pasta resgatou um canal superior de articulação com o setor privado, elemento fundamental para a condução das políticas industrial e de comércio exterior.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

Um dos mecanismos utilizados para enfrentar esses problemas foram as Câmaras Setoriais, como instrumentos de promoção de acordos setoriais, buscando alternativas negociadas entre empresários, trabalhadores, governo e consumidores, visando à reestruturação dos complexos industriais e à modernização das relações de trabalho.

Foram pactuados sete acordos setoriais, sendo dois automotivos, um da indústria naval, dois de brinquedos, um de cosméticos e um de tratores, máquinas e implementos agrícolas, estando em negociação diversos outros, com destaque para os setores de bens de capital, têxtil e confecções, gemas, jóias e bijuterias, indústria da construção, transporte aéreo, higiene, limpeza e cosméticos.

O Ministério coordena, atualmente, 27 Câmaras Setoriais, buscando nos acordos já pactuados, a implementação de um adequado monitoramento para garantir o cumprimento dos compromissos assumidos pelos setores envolvidos.

Vimos atuando em busca de parcerias que aperfeiçoem a formulação e execução da política industrial e de comércio exterior, merecendo destaque a atuação através do Conselho da Indústria, Comércio e Turismo (CONSICT) que, em sintonia com o Fórum Nacional de Secretários de Indústria, Comércio e Turismo, tem permitido o intercâmbio de informações e experiências e a prestação de assistência mútua para a implementação de programas e projetos nessas áreas. Nesse sentido, cabe ainda salientar a criação, em 1993, do Conselho Consultivo Empresarial de Competitividade (CONCEC), reunindo mais de 200 empresários. Também foi criado, no mesmo ano, o Conselho Consultivo dos Trabalhadores para a Competitividade (CTCOM), com a participação de 280 trabalhadores.

Estará instalada no final de 1994 a Câmara Estrutural, fórum que reunirá membros do Conselho Consultivo Empresarial de Competitividade e do Conselho Consultivo dos Trabalhadores para a Competitividade, com o intuito de identificar e contribuir na implementação de medidas destinadas a aumentar a competitividade estrutural da economia brasileira.

O esforço que está sendo empreendido para a reavaliação da política industrial e de comércio exterior conta, também, com o

subsídio das propostas derivadas do “Estudo de Competitividade da Indústria Brasileira”. Este estudo, patrocinado pelo Governo Federal, representa um esforço abrangente de diagnóstico e resultou na formulação de diretrizes de política e ação na área industrial.

O Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP) passou por importante reorganização e redirecionamento a partir da reunião de Reavaliação Estratégica ocorrida em dezembro de 1992, tendo intensificado as ações voltadas à participação dos trabalhadores e concernentes às micro e pequenas empresas, a saber:

- participação das Centrais Sindicais, além do Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas - DIEESE, no Comitê Nacional e na Coordenação Executivas do PBQP;
- capacitação de 100 líderes sindicais em gestão da qualidade, através de um curso de 234 horas-aula;
- criação do subprograma para micro e pequenas empresas, coordenado pelo Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa - SEBRAE, que já tem 770 consultores formados para a disseminação da metodologia de gestão da qualidade para micro e pequenas empresas;
- avanço significativo no número de empresas brasileiras certificadas pelas normas da série ISO 9000 - que passou de 15 em 1991 para 425 até novembro de 1994;
- em conjunto com o Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria (PACTI/MICT), consolidação de diagnósticos sobre a qualidade da educação básica no País; e
- aumento da produtividade da indústria brasileira, medida pelo IBGE, de 4,4% em 1992, para 17,2% em 1993.

Em termos de comércio exterior, em 1993 a economia mundial mostrou sinais de recuperação ao crescer 2,3%, segundo dados do Fundo Monetário Internacional - FMI. Este resultado foi obtido em um ambiente ainda recessivo na maioria das nações industrializadas, com a produção dos países da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE aumentando apenas 1,1%. A melhoria do cenário econômico global deve-se à retomada do crescimento por parte dos Estados Unidos (3% em 1993) e dos países em desenvolvimento que mantiveram um ritmo de crescimento expressivo (6,1%), com destaque para o maior dinamismo das economias da Ásia (8,7%).

O comércio internacional manteve a tendência de maior crescimento nas transações comerciais face ao produto. Foram destaques,

em 1993, as negociações em torno de acordos de integração regional (NAFTA, União Européia e MERCOSUL) e a conclusão da Rodada Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio - GATT, observando-se já nesse ano uma firme expansão das trocas intra-regionais.

Nesse contexto, a economia brasileira apresentou, em 1993, os números mais favoráveis dos últimos sete anos, com crescimento de 4,5% no PIB, para o que contribuiu principalmente, a produção industrial com o aumento de 9,0%.

No "front" externo da economia, a balança comercial brasileira registrou o recorde histórico alcançado pela corrente de comércio, que somou US\$ 64,2 bilhões, com exportações de US\$ 38,6 bilhões e importações de US\$ 25,6 bilhões.

As exportações, com um crescimento excepcional de 7,9%, concorreram diretamente para a reativação econômica verificada no país, impulsionadas por diversos fatores, entre os quais merecem destaque o crescimento da demanda no MERCOSUL e o aumento das exportações para o mercado americano, devido à recuperação econômica nos Estados Unidos.

As importações também apresentaram desempenho recorde, crescendo 24,82%, em decorrência do reaquecimento da atividade produtiva e da abertura do comércio exterior brasileiro, consolidada através da conclusão da reforma tarifária em julho de 1993.

O programa Novos Pólos de Comércio Exterior, implementado durante 1993 em várias regiões do Brasil, buscou aumentar a participação brasileira no comércio internacional, visando sobretudo uma maior adesão das pequenas e médias empresas ao processo exportador, uma vez que um expressivo contingente da produção nacional não estava engajado no comércio exterior. O programa, em seu primeiro ano, já apresentou resultados significativamente compensadores: os 24 produtos que abrange registraram crescimento de 25,31%, contra 7,87% nas exportações brasileiras globais.

A continuidade das políticas econômicas, em especial a de comércio exterior, em 1994, tem permitido ao país maior inserção na corrente mundial de comércio, com expressivos aumentos no volume das exportações e das importações, tendo ainda conduzido o parque industrial brasileiro a buscar maior nível de eficiência produtiva, com ganhos crescentes de competitividade e mercado.

A situação internacional dos mercados de "commodities" e produtos agrícolas têm contribuído para o bom desempenho do setor exportador brasileiro. A elevação dos preços dos principais produtos agrícolas que compõem a nossa pauta de exportações, foi substancial no primeiro semestre de 1994, se compararmos com o mesmo período

do ano anterior (suco de laranja 51%, café 34%, óleo de soja 29%, açúcar 15%, soja em grão 12%). Além disso, têm sido ainda favoráveis ao bom desempenho das exportações, a desvalorização de 10% ocorrida com o dólar no primeiro semestre, frente a uma cesta de moedas européias acrescida do Yen japonês, que minimizou, em parte, a sobrevalorização da moeda brasileira ocorrida após a implementação do Plano Real. As medidas governamentais no sentido de ampliação dos mecanismos de financiamento, desgravação tributária e desregulamentação, também favoreceram uma melhor performance do comércio exterior do Brasil em 1994.

Tendo em vista que os fatores favoráveis ao desempenho do comércio exterior brasileiro devem se manter até o final deste segundo semestre, estima-se que o nível das exportações brasileiras poderá atingir patamar superior a US\$ 42 bilhões em 1994. No período de janeiro a outubro de 1994, as exportações já registraram recorde histórico (US\$ 36,1 bilhões) o que, associado a importações também expressivas (US\$ 24,3 bilhões), resultou num saldo comercial de US\$ 11,8 bilhões, registrando um crescimento de 5,61% em relação ao mesmo período de 1993.

Para melhorar a gestão da política industrial e de comércio exterior, foram também incorporados à estrutura do Ministério os órgãos encarregados das ações de *metrologia, normalização e certificação* (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO) e registro de *marcas e patentes* (Instituto Nacional de Propriedade Industrial - INPI), que estavam anteriormente vinculados ao Ministério da Justiça.

As ações do INMETRO resultaram na implantação de Comitês Nacionais nas áreas de Normalização (com a participação de 40 entidades), Certificação de Empresas (em setembro de 1992 eram 30, em novembro de 1994 chegaram a 425), e Credenciamento de Laboratórios (em setembro de 1992 eram 75, em novembro de 1994 chegaram a 107, mais 63 que estão em andamento). Além disso, foram criadas várias entidades tecnológicas setoriais para a certificação de produtos padronizados e com garantia de qualidade (nas áreas de eletro-eletrônica, construção civil, brinquedos e automobilística), e implantados novos modelos de normalização, certificação e credenciamento de laboratórios. Também coube ao INMETRO a formulação da Política Nacional de Metrologia Científica e Industrial, implementação da regulamentação técnica metrológica para instrumentos na área de saúde e implantação da política de proteção ao consumidor através da expansão da rede de fiscalização metrológica e da certificação de produtos vinculados à saúde e segurança.

O INPI, após um período de descompasso financeiro entre 1992 e meados de 1993, adotou uma política de preços realista e de controle de gastos, que resultou no equilíbrio das finanças, obtido em fins de 1993 e mantido ao longo de 1994.

Empenhou-se, também, na tramitação do projeto de lei de propriedade industrial, aprovado na Câmara e em fase de tramitação no Senado, que virá dotar o País de um instrumento legal moderno e eficiente, compatível com a legislação internacional e os interesses brasileiros.

No âmbito das negociações do MERCOSUL referentes à propriedade industrial, cabe destacar o estudo comparativo das legislações, o levantamento das diferenças existentes entre os quatro países no campo da proteção às marcas e as medidas sugeridas para evitar empecilhos ao comércio, decorrentes da superposição de registros de marcas.

Em se tratando de comércio interno, merecem destaque as ações relacionadas com a comercialização do café. O segmento ganhou novo impulso em 1993 com a criação, sob a liderança brasileira, da Associação dos Países Produtores de Café - APPC, cuja finalidade é gerenciar a oferta mundial do produto, e também com a implantação do Programa de Retenção de Cafés Exportáveis, que visa a recuperação dos preços internacionais.

As ações relevantes no setor, em 1994, resultaram na colocação de parcela dos estoques governamentais de café junto ao mercado interno, objetivando a estabilização do suprimento de matéria-prima às indústrias de torrefação e moagem, para atendimento ao consumidor brasileiro, e às indústrias de café solúvel, para conquista de novos mercados. Além disto, foi elaborado o Programa para a Recuperação de Cafezais Geados, com vistas à renovação da cafeicultura e à consolidação de cooperativas de cafeicultores, a ser desenvolvido em dois anos com financiamentos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira - FUNCAFÉ.

Os estoques governamentais de café, estimados em 17 milhões de sacas, estão sob processo de auditoria externa, quantitativa e qualitativa, especialmente licitada e contratada pelo Ministério, com conclusão dos trabalhos prevista para meados de dezembro de 1994.

Dentro da área da qualidade e produtividade, o Plano de Trabalho de 1994 do Subprograma Setorial do Comércio foi cumprido integralmente, sendo, por exemplo, instalada a Câmara Setorial do

Comércio, com funcionamento efetivo de sete grupos de trabalho e realizada pesquisa em mais de 1.200 empresas comerciais no Brasil, para identificação do estágio atual do setor em relação às ações do PBQP.

Destacam-se no Registro de Comércio as ações de informatização das Juntas Comerciais e sua rede de interligação, elaboração dos manuais de atos do registro de comércio sobre Firma Individual, Sociedade Limitada e Sociedade Anônima e lançamento da consolidação da legislação sobre criação de empresas binacionais. Houve também a criação da Agência de Informações Empresariais e a instalação da Câmara Setorial de Registro do Comércio.

Dando prosseguimento ao Programa de Zonas de Processamento de Exportação - ZPE, aprovou-se a criação de mais 4 ZPEs, perfazendo um total de 18. Além disto, a regulamentação foi aprimorada para garantir a atratividade das ZPEs brasileiras *vis a vis* as de outros países.

Em relação ao turismo brasileiro, hoje detentor do 10º lugar mundial em faturamento, com valores em torno de US\$ 44,7 bilhões, merecem ênfase: o encaminhamento, ao Congresso Nacional, de Projeto de Lei para o turismo e a captação de recursos, internos e externos, para a realização do Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR/NE, no valor de US\$ 800 milhões.

O Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR, incorporado ao Ministério, desenvolveu relevantes atividades na área de turismo, onde se destacam: o financiamento da infra-estrutura turística através do FUNGETUR; a divulgação do Produto Turístico Nacional no exterior através do Programa Comitê *Fly to Brasil*; e o desenvolvimento do Projeto de Produção e Disseminação de Informação Turística.

## MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA

### a. Situação Encontrada

Os setores energético e minero-metalúrgico caracterizavam-se pelo seguinte quadro: restrições macroeconômicas que dificultavam a retomada dos investimentos; elevado grau de desperdício na utili-

zação de energéticos; desequilíbrio econômico-financeiro no segmento de energia elétrica; instabilidade da política tarifária; restrições legais para participação da iniciativa privada nesses setores; baixo aproveitamento do potencial mineral disponível no País.

Na área de energia, impunha-se solucionar definitivamente os problemas do setor elétrico, notadamente a grave insuficiência de recursos, que provocava o atraso na implementação de investimentos de geração e transmissão de energia elétrica e elevava os riscos de desabastecimento.

Era também necessário modernizar e racionalizar a estrutura legal, institucional e administrativa dos setores mineral e energético, que vinham impedindo seus desenvolvimentos de forma compatível com o grande potencial do País.

Outras providências se afiguravam inadiáveis nesses setores, a saber:

- agilização do processo de privatização;
- intensificação das ações para maior autonomia de gestão às empresas estatais, de modo a buscar a elevação de sua eficiência; e
- racionalização da matriz energética brasileira, através, entre outras iniciativas, do estímulo ao aumento da oferta de gás natural.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

##### **Setor Energético**

O setor de energia elétrica foi caracterizada pela recuperação institucional, patrimonial e econômico-financeira que há muitos anos vinha sendo perseguida. Dentre as principais realizações destacam-se:

- A promulgação da Lei n 8.631, de 4 de março de 1993, a qual constitui-se em marco referencial para a recuperação econômica e a modernização do setor elétrico, implantando as seguintes medidas:
- estabelecimento de tarifas de fornecimento a cargo de cada concessionária para homologação pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE e término da remuneração garantida, criando um quadro de maior realismo tarifário e de estímulo à eficiência;
- Quitação da Conta de Resultados a Compensar - CRC e recuperação dos níveis tarifários, permitindo expressiva melhora na situação econômico-financeira das empresas e regularização dos fluxos financeiros do setor;

- Novo direcionamento para os recursos da Reserva Global de Reversão - RGR e extensão da Conta de Combustíveis - CCC, viabilizando recursos adicionais para o financiamento da expansão setorial e o rateio dos ônus da geração térmica dos sistemas isolados.

— Decreto n 915, de 6 de setembro de 1993, o qual autorizou a formação de consórcios de auto-produtores, objetivando a construção de usinas hidrelétricas, permitindo a participação de novos investidores na expansão do parque gerador. Esta participação será ampliada pela regulamentação dos produtores independentes de energia, cuja minuta de projeto de lei já se encontra elaborada.

— Decreto n 1.009, de 22 de dezembro de 1993, que criou o Sistema Nacional de Transmissão de Energia Elétrica - SINTREL, que permite o transporte da energia gerada por quaisquer usinas até o mercado consumidor, constituindo-se em instrumento fundamental para o aumento de eficiência e redução dos custos setoriais, através da competição de novos agentes na produção de energia elétrica.

— Retomada de obras prioritárias para a expansão do setor, objetivando assegurar o suprimento de energia elétrica ao mercado. Dentre essas obras destacam-se:

- Hidrelétricas de Xingó, Samuel e Corumbá;
- Termelétricas de Santana e Jorge Lacerda;
- Linha de transmissão Samuel - Ariquemes - Ji-Paraná;
- Linha de transmissão Nobres - Sinop (Região Norte do Mato Grosso);
- Reforços de pontos críticos do Sistema de Transmissão.

— Estruturação de parcerias com a iniciativa privada para permitir a conclusão de obras paralisadas por indisponibilidade de recursos das empresas públicas, destacando-se as usinas de Serra da Mesa, Itá e Jacuí.

No setor de petróleo, cabe destacar que a produção nacional deverá atingir, em 1994, 750.000 barris/dia e 24 milhões de metros cúbicos de gás natural. O volume processado nas refinarias superará os 1.400 barris/dia, representando um acréscimo de 5% em relação a 1992.

A atividade de exploração desenvolvida pela PETROBRÁS permitiu a elevação das reservas provadas de petróleo e gás natural para cerca de 10 bilhões de barris de óleo, contra 4,5 bilhões em 1992.

Ao final de 1994 os investimentos da PETROBRÁS deverão alcançar cerca de R\$ 3 bilhões. As suas ações deverão estar concen-

tradas na área de desenvolvimento da produção, nos campos de Albacora, Enchova-Oeste e Marlin.

O Governo tem implementado política destinada a ampliar a participação do gás natural na matriz energética brasileira para cerca de 11% do consumo total de energéticos no final da década, contra uma participação atual próxima a 2%. A utilização mais intensiva do gás natural possibilitará a melhoria da qualidade do ar nas grandes cidades, redução de custos, e o aperfeiçoamento das condições operacionais em alguns processos industriais.

Além do aumento da produção interna desse energético, o Governo confere prioridade à viabilização dos esquemas institucional e financeiro necessários à concretização do empreendimento de importação do gás da Bolívia, cujo contrato de fornecimento foi assinado em fevereiro de 1993. O volume de gás a ser adquirido daquele País será de 8 milhões de m<sup>3</sup>/dia, numa primeira etapa, e de 16 milhões de m<sup>3</sup>/dia, a partir do oitavo ano de operação do gasoduto.

Também merece destaque as ações no campo da racionalização do uso dos energéticos, incluindo:

- a assinatura de convênios com o Ministério da Educação e do Desporto, Serviço Nacional da Indústria e do Comércio - SENAI e Serviço Nacional do Comércio - SENAC - para inclusão dos conceitos da racionalização energética em todos os níveis do ensino brasileiro;
- assinatura de convênios com a Confederação Nacional da Indústria - CNI, Confederação Nacional do Comércio - CNC e Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa - SEBRAE para promover a eliminação de desperdícios e reduzir a incidência energética na produção de bens e serviços; e com a Associação Brasileira da Indústria de Material Eletro-Eletrônico - ABINEE, Associação Brasileira da Indústria de Iluminação - ABILUX e Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores - ANFAVEA para promover o aumento da eficiência de equipamentos, eletrodomésticos, sistemas de iluminação e veículos produzidos no Brasil;
- a criação do Selo Verde de Eficiência Energética, com o objetivo de identificar, para os consumidores, os equipamentos que apresentem os melhores níveis de eficiência energética;
- a retomada das atividades do Grupo Executivo do Programa Nacional de Racionalização do Uso de Energia, com a ampliação da sua estrutura organizacional e o redirecionamento de suas atribuições; e

- a formulação do Programa MERCOSUL de Racionalização, Qualidade e Produtividade no Setor Energético.

Com relação às iniciativas na área tecnológica, foram concluídos estudos propondo diversas medidas para viabilizar o uso competitivo do carvão mineral nacional na geração de energia elétrica, atendendo os requisitos da legislação ambiental vigente. Ademais, vêm sendo realizadas pesquisas destinadas à intensificação da utilização do gás natural nos segmentos de energia elétrica e como combustível para veículos, além de estudos relacionados com o aproveitamento do gás natural de Urucum, na Amazônia, para geração de energia elétrica para a região.

### **Setor Mineral**

No setor mineral, o Governo promoveu a mais profunda reformulação desde a década de 70, objetivando modernizar este importante segmento econômico e organizar a ação institucional do Governo. Em 8 de setembro de 1994 foi encaminhado ao Congresso Nacional um conjunto de cinco Projetos de Lei que contemplavam:

- Desregulamentar o Código de Mineração.
- Dinamizar a produção de materiais destinados à construção civil e obras públicas.
- Converter o Departamento Nacional da Produção Mineral - DNPM em autarquia, conferindo maior dinamismo à administração dos recursos minerais.
- Transformar a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais - CPRM, em empresa pública, atribuindo-lhe a missão de ser o Serviço Geológico do Brasil.

Destacam-se ainda a aprovação do Programa de Mapeamentos Geológicos do Brasil, até 1999, e a determinação da elaboração do Plano Plurianual para a Mineração Brasileira.

A atividade de garimpo, responsável no passado por grandes conflitos, vive atualmente uma fase de tranquilidade graças à intensa ação de regularização das áreas garimpeiras. Os principais garimpos brasileiros, como Serra Pelada e a região dos Tapajós, encontram-se em pleno processo de transição para a mineração organizada.

Após mais de uma década de declínio contínuo nos investimentos em pesquisa mineral no Brasil, iniciou-se em 1992 a recuperação do setor, com crescimento do volume de recursos destinados à pesquisa mineral. No ano de 1994 deve-se atingir mais de R\$ 80 milhões em investimentos, cerca de 60% a mais do que o registrado

em 1992. Verifica-se o retorno do interesse de empresas estrangeiras de mineração, em função da estabilidade econômica, da credibilidade governamental e das medidas modernizadoras adotadas pelo Governo.

Ainda com relação ao Setor Mineral, cabe destacar o bom desempenho que vem sendo apresentado pela Companhia Vale do Rio Doce - CVRD, a despeito da conjuntura adversa observada no mercado internacional. Para tanto, contribuiu decisivamente a implementação do contrato de gestão, assinado com a União em meados de 1992, o qual outorgou à CVRD maior autonomia operacional, administrativa e financeira, facilitando o ajustamento competitivo da empresa.

Após sete anos de paralisação, a empresa retomou, em 1993, as obras do projeto ALUNORTE, cuja planta, localizada em Barcarena-PA, deverá produzir 1.100 mil toneladas/ano de alumina a partir de 1995. Também em 1993, foi fechado o acordo de participação societária que permitiu a constituição da Salobo Metais. Este projeto da CVRD, em associação com a Mineração Morro Velho, localizado na província mineral de Carajás, deverá produzir, a partir de 1998, 150 mil toneladas/ano de cobre metálico, 17 toneladas/ano de prata e 8 toneladas/ano de ouro.

Cabe também destacar a entrada em operação, no mês de abril de 1993, do Terminal de Grãos da CVRD, no Porto de Tubarão, em Vitória-ES, encerrando a primeira fase de implantação do Corredor de Exportação Centro-Oeste, que liga por ferrovia a região central do País e grande parte do estado de Minas Gerais ao litoral do Espírito Santo, facilitando o escoamento da produção industrial e agrícola para os grandes mercados mundiais. Esse complexo tem capacidade para movimentar, anualmente, 1,5 milhão de toneladas de grãos e farelo de soja.

A CVRD deu início à implantação do projeto de produção de ouro no estado de Tocantins, com capacidade de extração de 0,5 a 1,0 tonelada do metal numa primeira etapa. O referido projeto deverá entrar em operação em meados de 1995. Prevê-se, numa segunda etapa (1997), produção da ordem de 5,0 toneladas.

## MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO REGIONAL

### a. Situação Encontrada

Esse Ministério sucedeu a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República e teve sua estrutura definida pela Lei nº 8.490, de 22 de novembro de 1992, sendo-lhe atribuídas

atividades nas áreas de Defesa Civil, Relações com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, Irrigação, Macrossaneamento, Desenvolvimento Regional, Urbano e das Áreas Metropolitanas e as atividades do Setor Sucroalcooleiro. Também o compõem, como entidades vinculadas a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, a Superintendência para o Desenvolvimento da Região Amazônica - SUDAM, a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia - SUFRAMA, a Companhia para o Desenvolvimento de Barcarena - CODEBAR e a Companhia para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

A Secretaria de Defesa Civil, pelo Programa Emergencial de Combate à Seca, beneficiou cerca de 8 milhões de pessoas em mais de 1.000 municípios com a oferta de 210.000 empregos. Foi implantado o Conselho Nacional de Defesa Civil - CONDEC dando objetividade aos assuntos emergenciais afetos. Protocolo foi assinado para a integração do Ministério do Exército nos assuntos de Defesa Civil, em casos de calamidade pública. Criou-se o Fundo Especial de Defesa Civil - SINDEC e ampliou-se o Programa de Monitoramento de Sismos e Inundações.

Na Região Nordeste, implementaram-se ações emergenciais sob a égide do Programa Frentes Produtivas de Trabalho, o Programa foi descentralizado, ensejando a participação efetiva de representantes da sociedade civil. Os Estados nele envolvidos contribuíram com maior participação financeira, através de uma contrapartida equivalente a 30% dos recursos liberados pelo Governo Federal.

Foram construídos 1.744 Km de adutoras, realizada a recuperação e manutenção de 150.189 Km de estradas vicinais, construídos e recuperados açudes, poços artesianos, cacimbões e poços amazonas, barragens e barreiros, perfazendo cerca de 170.000 unidades; manutenção e construção de cerca de 160.000 km de estradas vicinais, 1.006 casas populares, além da perfuração de 653 poços profundos, gerando atividade produtiva para dois milhões de trabalhadores, em 1.155 municípios, numa área de 1.163.936 km<sup>2</sup>.

O Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - PAPP, tornou-se estadual no que concerne a sua coordenação, planejamento, administração e controles de execução. À SUDENE coube acompanhar, supervisionar e avaliar o desempenho em nível regional, e prestar, complementarmente, assessoramento técnico aos Estados.

Entre as primeiras realizações do Programa estão a implantação de 260 sistemas de abastecimento d'água, perfuração de 581 poços

artesianos e construção de 200 cisternas, favorecendo cerca de 104,6 mil famílias. Além disso, foram atendidas 46 cooperativas e 18 associações, beneficiando nove mil produtores e proporcionando a comercialização da produção local, da ordem de 3,3 mil toneladas.

No âmbito da CODEVASF, foram concluídas obras de irrigação em 101.070 hectares, com a geração de 212.548 empregos diretos e indiretos. Foram assentadas 619 famílias de pequenos agricultores e recuperados 964 lotes para médios e grandes empresários. A fruticultura obteve destaque com o desenvolvimento de atividades pelos produtores rurais, após a implantação de projeto de irrigação, especialmente na região de Petrolina/Juazeiro. Também foram recuperados diversos perímetros públicos de irrigação, realizado treinamento de técnicos em assistência técnica rural, melhoramento genético de rebanhos bovinos de corte e produção de alevinos destinados ao peixamento de rios, lagos e açudes.

Na Região Norte, a Superintendência para o Desenvolvimento a Amazônia - SUDAM, realizou a revisão do Plano de Desenvolvimento da Amazônia 92/95, com a definição de Projetos Estratégicos. No período foram aprovados 48 projetos novos, sendo 57% do setor industrial e o enquadramento de 110 dentro da nova lei. Com a implantação certificada de 41 empreendimentos ocorreu a geração de mais de 4.000 novos empregos diretos efetivos.

A Superintendência da Zona Franca de Manaus SUFRAMA passou a implementar gradativamente a legislação que instituiu o Processo Produtivo Básico (Decreto nº 783, de 25 de março de 1993), participando na elaboração da sua regulamentação e implantação.

A Zona Franca de Manaus (ZFM) obteve no período o segundo maior faturamento desde sua implantação, há 25 anos. Incrementou a oferta de emprego direto na ordem de 25% e reduziu o preço final de grande parte de seus produtos em cerca de 35%. Pela SUFRAMA foram aprovados e implantados novos projetos industriais, sendo os setores mais beneficiados o eletro-eletrônico e o de informática, além de duas centenas de projetos de ampliação e diversificação da produção.

Estabeleceram-se Áreas de Livre Comércio de Macapá/Santana no Amapá, de Cruzeiro do Sul e Epitaciolândia no Acre e do Entreponto Internacional da Zona Franca de Manaus, um centro de compras voltado para atendimento de importadores.

O Programa de Manejo de Recursos Naturais de Rondônia (PLANAFLORO) teve como principais realizações: assistência técnica e financiamento a produtores rurais, implantação de unidades de observação, construção de rodovias, construção e recuperação de

escolas, pesquisas e atividades de fiscalização de saúde vinculadas aos índios atendendo 52 mil famílias de produtores rurais, 2400 famílias de seringueiros, 900 famílias de pescadores e cinco mil índios.

No Centro-Oeste, a administração do Fundo Constitucional do Centro-Oeste, passou a estimular a participação dos pequenos produtores aumentando para 83% os contratos de financiamento, com destaque para as ações de incentivo ao associativismo.

Os recursos do Projeto de Desenvolvimento Ambiental do Mato Grosso (PRODEAGRO) foram utilizados em infra-estrutura, treinamento de recursos humanos, pesquisa florestal, crédito a pequenos produtores, demarcação de áreas indígenas e proteção e demarcação de unidades de conservação, cadastramento de terras, construção e reforma de escolas e unidades de saúde.

No Sudeste, o Programa de Promoção do Desenvolvimento Integrado dos Vales Pobres de Minas Gerais (PROMOVALE) abrange 114 municípios, numa área de 204 mil quilômetros quadrados com 2,5 milhões de habitantes. Concebido para o período de 1993/95, conta com dotações iniciais de CR\$ 4,9 bilhões, para cobertura das necessidades básicas da população nas áreas de educação, saúde, moradia popular, saneamento básico, desenvolvimento rural, eletrificação, irrigação, estradas rurais e vicinais e ações geradoras de emprego e renda. Envolve a participação dos Ministérios da Fazenda, Planejamento, Saúde, Bem-Estar Social, Minas e Energia, Educação e Agricultura, além do Governo de Minas Gerais, associações locais e organizações não Governamentais da região.

Na Região Sul foram atendidos programas e projetos que tiveram como prioridade investimentos em infra-estrutura das cidades, construção e recuperação de estradas vicinais e saneamento ambiental, e realizadas obras de saneamento básico e pavimentação de vias públicas, beneficiando áreas rurais e aglomerados urbanos.

Aos fundos constitucionais do Nordeste (FNE), do Norte (FNO) e do Centro-Oeste (FCO) foram dadas conotações operacionais com vistas a difusão de financiamentos para empresas de médio e pequeno porte. No caso do FNE, foi cumprida a determinação constitucional de elevação do volume de recursos deferidos aos produtores/empresas localizadas no Semi-Árido, os quais atingiram patamares superiores a 50% dos recursos totais contratados pelo Fundo.

No tocante ao Fundo de Investimento do Nordeste - FINOR, foram aprovados 42 projetos. Os setores mais beneficiados foram a indústria, com 17 projetos, e a agricultura, com 13 projetos, absorvendo, respectivamente, 81,1% e 10,7% do investimento total e

79,1% e 12,7% de incentivos do Fundo, que aumentaram a oferta de empregos em mais de 6.000 postos de trabalho.

Foram financiados com recursos do Fundo de Investimento da Amazônia - FINAM, 61 projetos, sendo 42 de enquadramento e 26 novos, que geram cerca de 10.500 novos empregos. Também foram deferidos pleitos de isenção, de redução do Imposto de Renda e de reinvestimento.

No que diz respeito ao Fundo Constitucional do Norte - FNO, entre as operações de crédito realizadas, cabe ressaltar aquelas referentes ao "Programa da Terra" que obtiveram incremento de 2.000%, beneficiando os projetos assentamentos elaborados pelo INCRA.

## MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

### a. Situação Encontrada

Na década de 80, em particular no seu final, o ritmo de desenvolvimento do setor de comunicações no País vinha frustrando as expectativas da sociedade, com repercussões adversas sob o ponto de vista da integração do território nacional e da modernização da economia brasileira. Níveis de investimento insatisfatórios, deterioração da qualidade dos serviços, falta de fiscalização das comunicações no País e ausência de atrativos ou regulamentação adequada para investimentos privados conformavam um quadro de distorções que bloqueava o dinamismo do setor.

Havia a clara consciência, no início do nosso Governo, da necessidade de reverter esse quadro, introduzindo mudanças na política que permitissem recuperar e ampliar os serviços de comunicações ofertados à população, através de ações direcionadas para: resgatar as condições de planejamento de médio e longo prazos do setor; garantir um adequado nível de remuneração pelos serviços prestados; reduzir as barreiras regulamentares à participação da iniciativa privada nos investimentos; e dar maior autonomia gerencial às empresas estatais que atuam na área.

Especificamente na área de telecomunicações, o Brasil vinha investindo, através do Grupo Telebrás, valores inferiores a 1% do PIB na manutenção e ampliação dos sistemas, quando se estima necessidades mínimas de investimento em torno de 1,5% do PIB para que o setor possa efetivamente atuar como indutor do desenvolvimento econômico e social do País.

Dentre os fatores que já vinham atuando de forma restritiva à expansão da oferta de serviços e melhoria tecnológica, merece destaque a prática de uma política tarifária, a partir de 1979, que não refletia os custos e não acompanhava a evolução da inflação. Particularmente, os níveis extremamente elevados de inflação dos anos recentes, deixaram o setor de telecomunicações com preços reais substancialmente abaixo do nível que vigorava há uma década atrás, impedindo, assim, a TELEBRÁS de gerar internamente os recursos necessários para investimentos tanto em modernização como na expansão da rede.

Cabe destacar a preocupação dos países do primeiro mundo em assegurar uma infra-estrutura adequada de comunicações que possibilite maior integração econômica e social, a nível regional e internacional, a aceleração dos ganhos de produtividade na economia, a melhoria da qualidade de vida da população e a criação de um ambiente favorável ao fluxo de informações, de maneira ampla, permeando toda a atividade social.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

No período de outubro de 1992 ao final de 1994 conferiu-se prioridade à recuperação das defasagens tarifárias dos serviços de telecomunicações e correios, efetivada, inicialmente, através das determinações constantes das Exposições de Motivos de número 19 e 20, de dezembro de 1992, tendo como principal propósito restabelecer as condições de auto-financiamento, elemento indispensável para a elevação dos níveis de investimento setoriais. Tal política permitiu, no tocante aos serviços de telecomunicações, ganhos reais de tarifa superiores a 36% no período de janeiro a agosto de 1993.

Com a recuperação da capacidade de investimento, procurou-se intensificar ações visando ao atendimento de regiões interioranas e de camadas menos favorecidas da população, a despeito da preservação dos programas voltados a ampliar e diversificar a oferta de serviços para os centros mais desenvolvidos da economia.

De outubro de 1992 a dezembro de 1994, os investimentos da Telebrás devem ultrapassar valores equivalentes R\$ 6,0 bilhões, estimando-se uma progressiva elevação do nível de aplicações já a partir de 1995, de modo a aumentar a densidade telefônica no País para cerca de 10 terminais por 100 habitantes, atingindo, nesse ano, cerca de 400 mil telefones públicos, contra 350 mil em 1993.

A expansão dos serviços de telecomunicações permitiu atender mais de 2.300 localidades que antes não eram beneficiadas por esses serviços, instalar mais de 2,4 milhões de terminais telefônicos e ampliar cerca de 100 mil telefones de uso público.

Vale destacar a obtenção de melhoria sensível na qualidade e confiabilidade dos serviços prestados. A taxa de congestionamento nas ligações telefônicas urbanas caiu de quase 14% em 92, para cerca de 9% atualmente, sendo que a taxa de chamadas completadas via Discagem Direta à Distância passou para patamares superiores à 52%, contra níveis próximos a 47% no final do ano de 1992.

Os Sistemas de Telefonia Móvel Celular, em todo o território nacional, tiveram uma expansão significativa. Hoje, quase 600.000 terminais estão em operação no País, usufruindo da facilidade de habilitação automática, possibilitando aos seus assinantes fazerem e receberem automaticamente as ligações em qualquer localidade do País que dispõe do serviço, como se estivessem em suas localidades de origem.

A abrangência desta facilidade é notável até para países do Primeiro Mundo. O Brasil é, também, um dos poucos países do mundo que adotou, na Telefonia Móvel Celular, o pagamento da chamada telefônica pelo assinante que a origina. Este método entrou em vigor no final de 1994.

Outra iniciativa de relevo foi a inauguração, pela EMBRATEL, da ligação por fibra óptica entre o Rio de Janeiro e São Paulo, envolvendo recursos equivalentes a US\$ 40 milhões, que possibilitará um acréscimo estimado de tráfego de 80% entre os dois Estados. Foi também iniciada a implantação do sistema de cabos de fibras ópticas interligando o Rio de Janeiro a Belo Horizonte e Belo Horizonte a São Paulo, e aberta a concorrência para a implantação da rota de fibras ópticas interligando o Rio de Janeiro a Fortaleza.

Ressalte-se, também, a implantação, em Santa Catarina, da maior rede de fibras ópticas instaladas em linhas de transmissão elétrica da América Latina, com mais de 500 km de extensão, tendo como objetivo reduzir os custos de comunicações de longa distância e aumentar a capacidade de transmissão.

O País vem ainda desenvolvendo as ações necessárias para garantir a sua participação, já a partir de 1994, no Sistema Internacional de Fibras Óticas, envolvendo o Cabo Submarino Américas I (Brasil-Venezuela-Trinidad-St.Thomas-EUA); Cabo Submarino Columbus II (Brasil-EUA-Espanha-Portugal-Itália); e Cabo Sumarino Unisur (Brasil-Argentina-Uruguai), recém inaugurado.

Teve continuidade o projeto de lançamento de dois satélites de segunda geração em substituição ao BRASILSAT I e II, que se encontram em fase final de vida útil. O primeiro foi lançado com sucesso, no segundo semestre de 1994, e o segundo deverá ser lançado até o final do primeiro trimestre do próximo ano.

É importante destacar, também, a regulamentação ocorrida no segundo semestre de 1994, dos programas de investimentos em parceria com a iniciativa privada para a expansão da Rede Pública de Telecomunicações. Este fato possibilitará a crescente participação da iniciativa privada no financiamento da infra-estrutura de telecomunicações do País, atraindo recursos, inclusive externos, com repercussões positivas na sociedade brasileira. Estima-se, já para 1995, que os investimentos diretos da iniciativa privada envolvam recursos em torno de R\$ 800 milhões.

Um aspecto fundamental do processo de desenvolvimento das telecomunicações do País, é o esforço empreendido no sentido da geração e capacitação tecnológica interna. O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento-CPqD, da Telebrás, com poucos recursos aplicados em atividades de P & D, conseguiu excepcionais resultados tecnológicos em áreas de fronteira como as de tecnologia digital (sendo representativo o projeto da central de comutação digital TRÓPICO), de fibras óticas e de satélites, contribuindo, dessa forma, para a substantiva redução de custos e melhoria da qualidade do Sistema Telebrás. Afora isso, o CPqD, promove a capacitação tecnológica da indústria nacional ao repassar as tecnologias desenvolvidas no Centro para a iniciativa privada.

Vale ressaltar o esforço realizado no sentido de preparar o caminho para expansão da radiodifusão no País. Existem cerca de 2.000 canais de radiodifusão disponíveis no País, em todas as modalidades de serviços (TV, FM, etc.)

Estão sendo realizados estudos para alterar a Legislação existente, no que diz respeito à decisão dos editais, agregando maior transparência e critérios técnicos. Foram concluídos cerca de 500 processos, entre renovações de outorga, prorrogações, transferências, aumento de potência e outros, sendo pois, oito (8) novas outorgas educativas.

No tocante às comunicações postais, o Governo atuou fortemente no saneamento administrativo e operacional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT. Isto fez com que vários projetos fossem paralizados para reavaliação. O saneamento financeiro da ECT foi alcançado no início de 1994 e as ações para consolidar o saneamento administrativo deverão continuar ao longo do próximo ano.

Além disso, a ECT adotou como objetivo disseminar os serviços básicos dos Correios por todo o Território Nacional e o contínuo incremento do padrão de qualidade dos serviços prestados à população. Para tanto, prosseguiu-se no estabelecimento de parcerias com a

iniciativa privada, apoiadas tanto nos serviços tradicionais dos Correios, quanto na comercialização de produtos de terceiros, nas unidades de atendimento da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT).

Assim, foi intensificada a adoção do sistema de *franchising* para a instalação de agências postais, visando o redimensionamento da rede de atendimento própria da ECT, a racionalização da distribuição das unidades e a redução dos custos de manutenção. Atualmente, cerca de 1.700 agências já vêm operando nesse sistema. O número total de agências dos Correios manteve-se, durante o período de outubro de 1992 a novembro de 1994 em torno de 11 mil postos de serviços.

No tocante às ações de modernização operacional e diversificação de serviços, destaque-se a implementação do Serviço de Mensagem Eletrônica, proporcionando facilidades de comunicação que vão desde a interligação com outros sistemas públicos e privados e conexão com FAX/Telex, até a impressão e entrega física de mensagens geradas por microcomputadores de usuários.

Cabe, também, mencionar um conjunto de intervenções dos Correios, com elevado alcance social, a saber:

- a criação da “Carta Social”, que objetivou reduzir os custos das remessas postais para as pessoas físicas;
- a ampliação do contrato com o INSS para habilitação e concessão de benefícios, pagamento e recebimento de contribuições em todas as cidades onde não haja postos desse Instituto;
- a prestação, através das agências dos Correios, do auxílio pecuniário aos consumidores de baixa renda na compra de gás de cozinha;
- o convênio com a Secretaria da Receita Federal para solicitação do CPF através das agências de Correios;
- a consolidação dos programas de distribuição de livros e remédios para Estados e Municípios; e
- a abertura de importante mercado para os Correios, decorrente da importação, através da ECT, de produtos comercializados por catálogos e destinados a pessoas físicas.

## MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

### a. Situação Encontrada

A insuficiência de recursos financeiros para a Ciência e Tecnologia no País revelava-se, nos últimos anos, o principal obstáculo à concretização das metas postuladas para o setor. A crise refletiu-se no atraso de inúmeros projetos prioritários, no enfraquecimento da ação de fomento - com a consequente redução da atividade de pesquisa e obsolescência na infra-estrutura laboratorial - e na retração da capacidade de planejamento e articulação do Ministério com o Sistema de Ciência e Tecnologia do País.

A situação do setor tornou-se ainda mais grave face ao contingenciamento das dotações federais, devido ao desequilíbrio estrutural existente entre as fontes de financiamento. As estimativas indicavam que 90% do dispêndio nacional constituíam-se de recursos públicos, dos quais cerca de 70% oriundos da União.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

Diante da situação inicial, o nosso Governo manteve as seguintes diretrizes básicas:

- aperfeiçoamento da Coordenação e Gestão do Sistema de C&T;
- ampliação do Orçamento Nacional de C & T;
- formação de Recursos Humanos e Auxílio à Pesquisa;
- fortalecimento de Políticas e Projetos de Natureza Estratégica;

No conjunto das diretrizes estabelecidas, nosso Governo procurou contemplar ações junto ao Congresso Nacional e a entidades nacionais e internacionais para criar instrumentos que estimulassem a articulação das instituições geradoras de C & T, a expansão do nível de investimentos no setor, a quantidade e qualidade dos recursos humanos e a concentração de esforços em áreas estratégicas, destacando-se os setores aeroespacial, nuclear, informática, novos materiais, telecomunicações, biotecnologia e energias alternativas.

Essas ações em conjunto visam contribuir para o desenvolvimento do processo de transformação produtiva, habilitando as empresas no País a se expandirem em um ambiente econômico mais competitivo e global.

No âmbito de cada diretriz, destacam-se de forma mais específica as seguintes ações:

### **Aperfeiçoamento da Coordenação e da Gestão do Sistema de C & T**

Foi proposta a reformulação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia - CCT, como órgão superior de assessoramento para formulação das políticas nacionais de desenvolvimento científico e tecnológico. O CCT contará com a participação dos Ministros de Estado da Fazenda, Planejamento, Relações Exteriores, Educação, Assuntos Estratégicos, Estado Maior das Forças Armadas e Ciência e Tecnologia e de sete representantes do meio científico, tecnológico e de setores produtores de bens e serviços. O projeto de Lei encontra-se em tramitação no Congresso Nacional.

Foi criada a Comissão de Capacitação Tecnológica da Indústria, com o objetivo de ampliar a descentralização e a participação do setor industrial e da classe trabalhadora no Programa Nacional de Capacitação Tecnológica da Indústria.

Foram implantados seis Subcomissões nos seguintes temas: Linhas de Financiamento, Poder de Compra, Mobilização Tecnológica, Gestão e Educação Tecnológica, Infra-Estrutura Tecnológica e Articulação Setorial. Essas Subcomissões envolvem mais de 40 instituições, abrangendo representantes de empresas, órgãos dos Governos Federal e Estadual, universidades, fundações e institutos tecnológicos, associações de classe e representantes da classe trabalhadora.

Em janeiro de 1993 foi criada, no âmbito do Ministério, a Comissão de Supervisão e Avaliação dos Institutos de Pesquisa do CNPQ e do Ministério, assim como de outros institutos de universidades, com o objetivo de avaliar o desempenho técnico-científico dessas instituições e de propor ações visando o respectivo aperfeiçoamento dessas. A medida representa um passo importante no sentido de ampliar a eficácia da infra-estrutura de pesquisa do País.

Na mesma direção foram criadas, em fevereiro de 1993, no âmbito dos Institutos e Unidades de Pesquisa vinculados ao Ministério e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), os Conselhos Técnicos Científicos, com a função consultiva e de assessoramento na formulação da política científica e tecnológica dos institutos. As Comissões, específicas de cada Instituto, são integradas por representantes das próprias instituições e da comunidade científica e tecnológica externa e dos setores produtivos das respectivas áreas de atuação.

Durante o último biênio, o Ministério coordenou e assessorou tecnicamente a realização de três grandes estudos envolvendo a base de ciência e tecnologia instalada e uma análise do setor produtivo do

País, são os seguintes estudos: Sistema Atual e Papel Futuro da Ciência e Tecnologia no Brasil, Estudos de Competividade da Indústria Brasileira e Estudos Analíticos do Setor de C&T no Brasil, contendo subsídios ao aperfeiçoamento da estrutura e funcionamento institucional da Ciência e Tecnologia no País e recomendações de estratégias para a futuro.

Ainda no plano da gestão de C&T, foi criado o Plano de Carreira para a área de C&T com a promulgação da Lei nº 8.691, de 28 de julho de 1993, estabelecendo uma política salarial para o setor e a padronização dos cargos composta das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infra-Estrutura em Ciência e Tecnologia.

### **Ampliação do Orçamento Nacional de C & T.**

Em maio de 1994, foi assinado o Decreto nº 822, destinando parte dos recursos, em moeda corrente, obtidos com as vendas de empresas estatais, para projetos e programas da área de Ciência e Tecnologia. Foi autorizada a execução de projetos estratégicos e de infra-estrutura, com custos estimados em cerca de R\$ 242,1 milhões (US\$ 283,3 milhões, pela cotação de 9 de dezembro de 1994), distribuídos ao longo de três anos. Recursos recebidos até julho de 1994 totalizaram o montante de R\$ 50,5 milhões (US\$ 59,1 milhões), dos quais cerca de R\$ 22,5 milhões (US\$ 26,3 milhões) foram liberados em 1993. Em 1994, o valor estimado é de cerca de R\$ 81,2 milhões (US\$ 95,0 milhões).

Um aporte adicional de recursos no valor de US\$ 60 a US\$ 80 milhões foi previsto mediante acordo com a Fundação do Banco do Brasil, o BNB e o BASA.

Da mesma forma, recursos de organismos financeiros internacionais têm sido importantes fontes de financiamento. Foi obtido empréstimo do Banco Mundial (BIRD) para o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), de US\$ 300 milhões, dos quais 50% constituem a contrapartida do Governo Brasileiro. Encontra-se em negociação um empréstimo de US\$ 300 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), sendo que US\$ 200 milhões destinam-se a atividades de pesquisa e desenvolvimento das empresas, com juros subsidiados e US\$ 100 milhões ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT).

Com a aprovação da Lei nº 8.661, de 3 de junho de 1993, que criou o incentivo fiscal para a Capacitação Tecnológica da Indústria

e da Agropecuária, a renúncia fiscal prevista em decorrência destes estímulos é estimada em US\$ 250 milhões anuais. Em troca desta renúncia fiscal, os empresários se comprometem com as seguintes contrapartidas:

- destinação de 5% do faturamento bruto para atividades de P&D;
- atendimento às regras do Processo Produtivo Básico; e
- atendimento, em prazo não superior a dois anos, a padrões de qualidade ISO 9000.

### **Formação de Recursos Humanos e Auxílio à Pesquisa**

Foram assegurados os recursos para a manutenção das bolsas do CNPq no patamar de 45.000 bolsas de pesquisa e pós-graduação, no País e no Exterior. Cumprindo a diretriz de diversificar a atuação desse programa, foi fortalecido o subprograma Recursos Humanos em Áreas Prioritárias (RHAE), que tem como meta consolidar a competência tecnológica das instituições atuantes no desenvolvimento tecnológico nacional (empresas, universidades e institutos de pesquisa), mediante formação e treinamento de técnicos, pesquisadores e especialistas. Até o final de 1994, está previsto o custeio de cerca de 9.439 bolsas do RHAE, destacando-se a tendência de participação crescente das empresas privadas, que deverá atingir 40% do total, suplantando assim a participação das Universidades.

A equiparação, para efeito de data de pagamento, das bolsas ao salário do funcionalismo permitiu assegurar o pagamento em dia, corrigindo-se o valor das bolsas pelo índice de correção integral dos salários.

O auxílio à pesquisa foi consolidado através do Programa de Fomento à Pesquisa (CNPq) e do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT). Dentre os resultados obtidos, especialmente os já transferidos ou em fase de transferência para o setor industrial, destacam-se: Insulina Humana via Engenharia Genética, Biofilme, Superímãs de Terras Raras, Plásticos Biodegradáveis, Biomaterias de Colágeno e Poliuretanas, Tomografia por Ressonância Magnética Nuclear, Coração Artificial, Holografia, Doença de Chagas, Ultra-som, Guias de Ondas, AZT, Substâncias Antivirais, Fármacos, Soja; entre outros.

## **Fortalecimento de Políticas e Projetos de Natureza Estratégica.**

### **Política Industrial**

O processo de integração competitiva do País na economia mundial tem sido objeto de duas estratégias: a criação de um ambiente econômico mais competitivo, para o qual estão sendo adotados três modelos: redução progressiva do imposto de importação, desregulamentação, privatização, modernização das leis de defesa do consumidor e de concorrência; e a construção das condições de sustentação de competitividade econômica, para a qual estão sendo executados dois programas: Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade (PBQP) e Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria (PACTI).

### **Política de Informática**

A partir de outubro de 1992, com a efetiva extinção dos mecanismos de proteção do mercado brasileiro de informática, consolidada pela Lei 8.248, de 24 de outubro de 1991, iniciou-se a implementação de uma política de estímulos, voltada à manutenção do parque industrial de informática e à recuperação e preservação do nível de empregos no setor.

Providências foram tomadas no sentido da revisão da legislação de proteção à propriedade industrial de programas de computador e de circuitos integrados e à desregulamentação da comercialização do *software*.

Foi encaminhado ao Congresso Nacional projeto de lei que modifica a legislação brasileira de proteção a programas de computador, para torná-la mais adequada às novas regras de comércio internacional, principalmente aos compromissos assumidos pelo País frente ao GATT.

Com a implantação do Programa Nacional de Software para Exportação, SOFTEX 2.000, o Governo oferece meios para a elevação do patamar tecnológico em que trabalham as empresas brasileiras; e possibilitar ao Brasil ocupar 1% do mercado mundial de software no ano 2.000, representando em termos atuais, US\$ 2 bilhões de dólares em exportação por ano.

Em relação à rede eletrônica de apoio às atividades de educação, pesquisa e desenvolvimento a Rede Nacional de Pesquisa - RPN está se estendendo para empresas e organizações não governamentais.

## **Política Espacial**

Em fevereiro de 1994 foi criada a Agência Espacial Brasileira, voltada para o desenvolvimento das pesquisas civis na área espacial, possibilitando um planejamento de longo prazo e a integração do INPE às demais instituições que atuam no setor. No plano técnico-científico, o SCD1, satélite de coleta de dados ambientais, previsto na Missão Espacial Completa Brasileira (MECB), foi colocado em órbita com sucesso em fevereiro de 1993; e o projeto de cooperação técnica para construção e lançamento de satélites de sensoriamento remoto, em conjunto com a República da China, foi retomado.

## **Política de Meio Ambiente**

Dentre os subprogramas que compõem o Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, o Subprograma de Ciência e Tecnologia, a ser executado pelo Ministério, tem o objetivo de promover a geração e disseminação de conhecimentos científicos e tecnológicos relevantes para a conservação e desenvolvimento sustentável na Região Amazônica. Estabelecido em dois componentes: o Projeto de Pesquisa Dirigida -PPD que apoia projetos de pesquisa em áreas de conhecimento sobre os ecossistemas amazônicos, uso sustentável de recursos da região, adaptação de tecnologias e sobre variáveis sociais e culturais; enquanto que os Projetos Centros de Excelência apoiam o fortalecimento das atividades de planejamento, administração, gerenciamento, de infra-estrutura e de capacitação de recursos humanos.

Instituído em 1993, o Comitê para Ciências do Mar (CCM) tem a atribuição de elaborar um programa piloto com vistas a atender aos compromissos internacionais firmados pelo Brasil sobre o assunto.

## **Projetos Estratégicos**

Em 1994, a Fundação Centro Tecnológico para Informática - CTI, através do Programa de Microeletrônica, tornou-se o primeiro centro de pesquisa no País com capacidade e competência para executar o ciclo completo de projeto, manufatura e caracterização de circuitos integrados. O investimento total realizado supera R\$ 35 milhões, dos quais R\$ 5 milhões no atual Governo.

Ao desempenhar a função de agente catalizador de empreendimentos conjuntos na área de desenvolvimento tecnológico e de apoiar todas as fases do processo de criação e incorporação do conhecimento, abrangendo desde a fase da investigação até a etapa de industrialização ou aplicação, as atividades da Financiadora de

Estudos e Projetos - FINEP vêm abrangendo várias dimensões do progresso técnico associados com os seguintes destaques não mencionados: Operações de Investimentos, Programa de Combate à Fome e pela Vida, Educação para a Competitividade, Tecnologia e Habitação, Projetos de Transferência de Tecnologia, Apoio à Biomassa, Capacitação Tecnológica das Empresas Nacionais de Consultoria em Engenharia, Cooperação Tecnológica, MERCOSUL.

A partir de recente reestruturação, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, INPA, alocou US\$ 18,3 milhões em 1993, correspondendo a um crescimento de 50% em relação ao exercício de 1992, concentrando suas atividades no âmbito das seguintes linhas de pesquisa: Estudos de Biologia Comparada na Amazônia, Biologia e Ecologia Neotropicais, Tecnologia e Aproveitamento de Recursos Naturais da Amazônia, Sistemas de Produção Rural, O Ser Humano no Ambiente Amazônico, Climatologia e Recursos Hídricos, Projeto Centro de Ciências, Projetos Especiais e Emergentes. O conjunto desses programas recebe financiamentos através da dotação orçamentária do Ministério e de outras agências nacionais e internacionais, totalizando para o período de 1994-1995 um montante de US\$ 8,63 milhões.

Em novembro de 1994 foi inaugurado o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), com capacidade computacional para modelar mudanças climáticas globais e seus impactos regionais, permitindo previsões confiáveis do tempo com antecedência de até 6 dias e margem de acerto de 65%. O INPE concluiu o processo de aquisição de Plataformas de Coleta de Dados (PCDs) para expansão da rede telemétrica de coleta de dados e foram implementados diversos Núcleos Estaduais de Meteorologia e Recursos Hídricos.

O Programa de Monitoramento do Tempo, Clima e Recursos Hídricos, composto de dois sub-programas: Sub-programa com os Estados Brasileiros e o Sub-programa com os Países da América do Sul, o qual é de grande relevância para o relacionamento do Brasil com os países vizinhos na área científica e tecnológica, tem por objetivo implantar, operar e manter Núcleos de Monitoramento Climático e Recursos Hídricos, funcionando em rede, proporcionando a disponibilidade de informações técnico-científicas e gerenciais em prazos compatíveis com os programas e atividades dos Governos.

Na linha de atuação do Instituto Nacional de Tecnologia (INT), pautado na política de resultados associados a serviços e transferência

de tecnologia, mediante conjugação de esforços multidisciplinares, destacam-se: Balcão Sebrae/INT, Geração/Publicação de Normas Técnicas e Trabalhos; atuação em áreas de catálise heterogênea e cerâmica avançadas; obtenção de materiais via metalurgia do pó; sistema computacional para gestão de produção, simulação (jobbing) e confecção (PC-CON); diagnósticos energéticos e programação de educação continuada.

Ainda no âmbito das áreas estratégicas o CNPq, através de seus órgãos, vem mantendo projetos que permeiam vasto campo do conhecimento científico, destacando-se: CBPF - Matéria Condensada, Cosmologia e Gravitação, Teoria de Campos, Física Estatística, Física Nuclear e Raios Cósmicos, Biofísica e Física de Altas Energias; IBICT - Rede de Serviços de Informação em C & T - Antares, Rede de Núcleos de Informação Tecnológica, Rede Nacional de Transferência de Tecnologia e Difusão de Tecnologias Apropriadas, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CNN), Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), Centro Brasileiro de International Standard Serial Number (ISSN), Banco de Dados Sear; IMPA - Reciclagem de Professores e Produção de Livros Textos; LNA - Participação no Projeto Gemini; LNCC - Computação Científica de Alto Desempenho. LNLS - Pesquisa de Materiais com Luz Sincroton; MAST - Projeto Quatro Cantos de Origem; ON - Serviço da Hora; MPEG - Projeto Centros de Excelência.

## MINISTÉRIO DO BEM-ESTAR SOCIAL

### a. Situação Encontrada

O Ministério, que resultou da reestruturação do Ministério da Ação Social (Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992), tem suas atribuições nos segmentos da promoção humana e assistência social, do saneamento básico e da habitação popular, conjunto abrangido pelas citadas prioridades.

Uma análise das ações realizadas pelo extinto Ministério da Ação Social evidenciou a persistência do clientelismo na implementação de programas e projetos da área de promoção e assistência social.

E ainda, injunções na execução das políticas setoriais a cargo do extinto Ministério da Ação Social nas áreas de habitação e saneamento, como o descompasso entre as contratações de obras e a

disponibilidade de ingressos financeiros, levaram à quase exaustão o FGTS, a mais importante fonte de financiamento do setor habitacional e expressiva fonte das ações de saneamento e urbanização em parceria com a Caixa Econômica Federal.

Mesmo com reforço de recursos transferidos do Fundo de Desenvolvimento Social - FDS, a capacidade de desembolso do FGTS ficou muito abaixo dos compromissos existentes, acumulando um déficit para o exercício de 1993 da ordem de cem milhões de Unidade Padrão Fiscal - UPF.

Existiam quase 300 mil unidades habitacionais em obras, contratadas em excesso em 1991, praticamente paralisadas por carência de recursos do FGTS. Essas habitações destinavam-se a famílias com renda entre 3 e 12 salários-mínimos, mas nada estava programado para famílias carentes (renda inferior a 3 salários-mínimos).

Também os recursos oriundos de financiamentos externos alocados ao saneamento tiveram sua aplicação prejudicada pelas dificuldades de atendimento às condições contratuais de desembolso, particularmente no provimento dos recursos nacionais de contrapartida.

Assim é que também se encontravam paralisados em outubro de 1992 o Programa de Modernização do Setor de Saneamento, o Projeto de Qualidade das Águas e Poluição Hídrica e o Programa de Ação Social em Saneamento (PROSEGE).

#### **b. Principais Realizações do Período de Governo**

Com a consciência da questão do desperdício do dinheiro público e de outras formas de irregularidades e sua repercussão social, ações concretas foram desenvolvidas pela Pasta, tendentes ao saneamento financeiro, à busca do rígido controle e fiscalização do gasto público, à elevação da eficiência do aparato administrativo e à adequação do papel e das responsabilidades dos diferentes níveis. No particular, cabe destacar as ações de:

- descentralização parceria entre a União, os Estados e os Municípios, envolvimento da comunidade e organizações não-governamentais, descentralização de programas de habitação, descentralização político-administrativa das ações de promoção humana e assistência social, descentralização na tomada de decisões no âmbito do FGTS e FDS;
- municipalização oferecimento às administrações locais de oportunidades adicionais de geração de renda e emprego e de controle dos investimentos federais realizados;

- integração das ações de saneamento, habitação e assistência social;
- focalização dos programas para a população mais pobre e para a geração de renda e ocupação; implantação de critérios técnicos para a concessão de recursos financeiros;
- reordenamento institucional para maior flexibilidade institucional e eficácia na alocação dos fundos;
- seleção prioridades para a política de família, da maternidade, da infância e adolescência, da pessoa idosa e dos portadores de deficiência;
- modernização no segmento habitação, procurando avaliar novas tecnologias, racionalizar processos de fabricação de materiais e componentes; no saneamento, buscando a reorganização institucional e o aperfeiçoamento da gestão das companhias estaduais de saneamento; na promoção humana, buscando implementar a Política Nacional de Assistência Social;
- controle e fiscalização prioridade à análise do estoque de cerca de 20.000 processos de prestação de contas acumulados desde 1986, com instituição de grupos técnicos de análise e de fiscalização; implantação de sistema de controle programático, para acompanhamento e avaliação das ações previstas no Programa de Ação; cancelamento de 8.123 registros e 5.368 cadastros de entidades registradas no CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social, face à ausência de prestação de contas, extinção de entidades ou não cumprimento dos critérios legais de enquadramento.

### **Habitação**

Para atender de forma sistemática e efetiva famílias com renda inferior a 3 salários-mínimos, através de mutirão habitacional e urbanização de favelas, cabe destacar a criação, em 1993, do Programa HABITAR-BRASIL. Contempla a construção e a melhoria de moradias, saneamento, pavimentação, energia, equipamentos sociais, organização comunitária, educação sanitária e capacitação profissional, caracterizando-se, pelo impacto sócio-econômico, como importante instrumento de governo para uma ação eficaz no combate ao cólera, ao analfabetismo, à violência urbana, ao problema dos meninos-de-rua, ao desemprego e à fome. Mesmo com os poucos recursos constantes do OGU-1993 e com as indefinições havidas quanto aos recursos do OGU-94, 12.591 famílias foram beneficiadas em 11 favelas, com projetos no valor de R\$ 22,44 milhões.

No intuito de correção dos desequilíbrios estruturais encontrados no FGTS, foi estabelecida ação compartilhada entre o Ministério, o Ministério do Trabalho e Conselho Curador do FGTS, para a conclusão das obras pendentes, mediante aporte de recursos do FDS, remanejamentos do próprio FGTS e acréscimo na arrecadação bruta e na efetivação de saques previstos em contas inativas.

Foram aplicados R\$ 648,55 mil em 1993, do FGTS, para conclusão de unidades habitacionais contratadas em 1990/91, com benefício a 294.434 famílias.

Sindicância foi feita quanto a irregularidades na gestão e aplicação de recursos do FGTS, sendo encontradas cerca de 518.000 habitações no país, relativamente ao período de 1990/1991, das quais somente 277.000 haviam sido vendidas. Ou seja, não obstante o extraordinário déficit habitacional, sérias dificuldades foram registradas para a comercialização das unidades construídas, o que exigiu um conjunto de medidas coordenadas pela Pasta, como a criação de condições excepcionais para a comercialização (Resoluções 72/94, 83/94, 130/94, 135/94, 142/94 e 144/94, todas do Conselho Curador do FGTS), análise de suplementação de recursos para obras em andamento, diagnóstico da situação de imóveis construídos e em construção (voto nº 33/94 do Ministério, encaminhado ao Conselho Curador do FGTS em 31 de agosto de 1994), participação no Grupo de Apoio Permanente ao Conselho Curador do FGTS e a reorganização do sistema de acompanhamento dos programas do FGTS, dentre outras.

Como resultado, somente no período de fevereiro a julho de 1994 foram comercializadas 107.945 e concluídas obras de 57.710 unidades habitacionais.

De outra parte, o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo - SBPE, fonte de financiamento habitacional criada pelo Decreto-Lei nº 70, de 21 de novembro de 1966, perdeu a relevância do início da década de 80, quando chegou a financiar a produção de cerca de 250.000 moradias/ano, destinadas a famílias de classe média, tendo em vista a conjugação de diversos fatores, desde o bloqueio de contas até a falta de cobertura de saldos residuais ao final dos contratos, por parte do FCVS.

Para o atendimento à classe média, foram adotados novos financiamentos que permitiram atingir a meta de aplicação de R\$ 1,15 bilhões, benefício cerca de 42 mil famílias.

Já o FDS - Fundo de Desenvolvimento Social, criado em 1991 (Decreto nº 103 de 22 de abril de 1991), lastreado com recursos do

FAF (Fundo de Aplicações Financeiras) e com o objetivo de estimular a participação de empresas ou entidades do setor privado em projetos de interesse social, para atender famílias com renda de até 8 salários mínimos, dispõe de R\$ 299,96 milhões, dos quais R\$ 201,03 milhões emprestados ao FGTS, com retorno previsto até o fim do exercício de 1994. Questionada sua criação por decreto, editou-se a Lei nº 8.677, de 13 de julho de 1993.

Em 1994, o FDS atendeu a 600 famílias através do Programa Habitação do Cidadão (financiamento para construção em lote próprio ou em condomínio), com aplicação de R\$ 3,57 milhões.

No âmbito do Programa Nacional de Tecnologia de Habitação - PRONATH, ações foram desenvolvidas com o objetivo central de redução do custo final das habitações e da melhoria da qualidade da moradia, mediante inovação tecnológica, uso de tecnologias adequadas e combate ao desperdício, cabendo destaque a convênio firmado com a ABNT, em 1993, para o estabelecimento de um sistema de certificação de materiais e componentes da construção civil, de abrangência nacional.

Participou o Ministério da Exposição de Motivos Interministerial que fundamentou a criação, no âmbito do Governo Federal, do Programa de Difusão de Tecnologia para Construção de Habitações de Baixo Custo - PROTECH (Decreto de 28 de julho de 1993, publicado no Diário Oficial da União nº 143, de 29 de julho de 1993). Sob coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República, com recursos financeiros do OGU e outros decorrentes da alienação de imóveis funcionais da União (Decreto 1.036, de 4 de janeiro de 1994) ou de parcerias e organizações públicas ou privadas, nacionais e internacionais, o PROTECH tem como objetivo central demonstrar as possibilidades e identificar os caminhos que viabilizem a construção de moradias de melhor qualidade e com menores custos, cabendo destaque, em suas linhas de ação, às "Vilas Tecnológicas", centros de referência para o desenvolvimento de novas propostas de assentamentos habitacionais.

### **Saneamento**

Os recursos orçamentários de 1993 atenderam a mais de 1.500 municípios, com obras de projetos de drenagem, infra-estrutura urbana, saneamento geral, coleta e tratamento de resíduos sólidos, abastecimento d'água em núcleos urbanos e em áreas de fronteira, infra-estrutura hídrica, sistemas coleta e tratamento de esgotos sanitários e defesa contra inundações.

Foram reativados os programas/projetos paralisados. Com relação àqueles com recursos do exterior (BID/BIRD):

- já em dezembro de 1992 foi celebrado o contrato entre o Governo Brasileiro e o BIRD (nº 3442 - BR, de 9 de dezembro de 1992), quanto ao PMSS (Projeto de Modernização do Setor de Saneamento), procurando a Pasta, em 1993, cumprir etapas e condições para sua efetivação; este projeto, desenvolvido através de cooperação entre o MBES e o IPEA/SEPLAN, teve por objetivo promover a modernização do setor de saneamento no Brasil e a retomada dos investimentos nessa área. O PMSS é composto por duas linhas de ações complementares e independentes: uma refere-se ao componente institucional que visa, principalmente, desenvolver estudos aplicados para a reestruturação do setor de saneamento; e a segunda contempla um componente de investimentos e modernização nas três companhias estaduais de saneamento básico: em Santa Catarina, Bahia e Mato Grosso do Sul;
- ainda no final de 1992 foi criada a Unidade de Gerenciamento do Projeto de Qualidade das Águas e Poluição Hídrica (para a primeira vertente do Programa, a implantação de obras nos Estados de Minas Gerais, Paraná e São Paulo), foram acordados os convênios de repasse e firmados os contratos de avaliação da qualidade das águas. Para a segunda vertente do Programa - componente nacional - a União Federal deverá dispor de recursos de cerca de US\$ 9,0 milhões para o desenvolvimento de programas semelhantes em outras áreas críticas do país, conforme contrato de empréstimo ocorrido em 28 de junho de 1994, na sede do Banco Mundial, em Washington. Foi celebrado o primeiro convênio, com transferência a fundo perdido de US\$ 1,6 milhões (R\$ 1,36 milhões) para programa de saneamento ambiental nas bacias dos rios Piracicaba e Capivari, em São Paulo;
- no tocante ao PROSEGE, foram promovidas gestões junto ao BID e já em dezembro de 1992 foram firmados os primeiros convênios. Até o momento, 244 convênios foram efetivados, no valor de US\$ 479.562.940,00, ou R\$ 407.628.499,00 (inclusive contrapartidas), para benefício a 3.775.760 pessoas, estando prevista a execução de todos os projetos até agosto de 1995;

Quanto aos programas com recursos do FGTS, com a reativação das negociações com Estados e Municípios inadimplentes, pelo atual Governo, foi viabilizado o pagamento, em 1993, de

debitos vencidos junto à Caixa Econômica Federal, que opera os programas, a saber:

- Programa de Saneamento para Núcleos Urbanos - PRONURB, que objetiva o financiamento de implantação e ampliação de sistemas de água, implantação e ampliação de sistemas de esgoto sanitário, drenagem urbana e modalidades integradas de saneamento para pequenas comunidades;
- Programa de Saneamento para Áreas de Baixa Renda - PROSANEAR, que se destina a complementar ações de saneamento em aglomerados urbanos de baixa renda, situados em localidades onde se caracterize a inexistência de condições sanitárias e ambientais aceitáveis. Este programa contava com recursos do Banco Mundial - BIRD, cuja participação foi encerrada recentemente com as últimas transferências;
- Programa de Apoio ao Desenvolvimento Urbano - PROBASE, destinado a apoiar o poder público na promoção do desenvolvimento urbano, financiando a implantação e/ou melhoria de infra-estrutura urbana e equipamentos comunitários (pavimentação, contenção e estabilização de encostas, drenagem, extensão de redes de água e/ou esgotos, energia elétrica, centro de saúde, centro comunitário, quadra de esportes e posto policial) em áreas identificadas como de ocupação prioritária ou onde se configura a necessidade de investimentos em intervenções no espaço urbano; áreas já adensadas, ocupadas por população de baixa renda e sem adequadas condições de habitabilidade; conjuntos habitacionais financiados com recursos do FGTS.

Entretanto, pelo excesso das contratações efetuadas no exercício de 1991, os valores disponíveis foram suficientes apenas para honrar os compromissos dos contratos firmados, com os seguintes desembolsos efetuados em 1.000 UPF:

| Ano   | PRONURB/PROSANEAR | PROBASE |
|-------|-------------------|---------|
| 1992  | 50.315            | 18.735  |
| 1993  | 38.648            | 14.581  |
| *1994 | 25.516            | 4.382   |

\* Até junho/94.

(UPF = R\$ 7,52)

## Promoção Humana e Assistência Social

No âmbito da promoção humana e assistência social, os programas e projetos apoiados voltaram-se prioritariamente para a geração de ocupação e renda e para a provisão de serviços básicos no combate à miséria e à fome, cabendo destaque para:

- participação na formulação da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS - Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993), com ações interministeriais que estão sendo desenvolvidas com vistas à sua regulamentação (Portaria nº 727, de 13 de julho de 1994);
- ações para a formulação da Política Nacional do Idoso, que resultou na Lei nº 8.842/94, sancionada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República em 4.1.94;
- projetos de Unidades de Apoio à Profissionalização (UA-P'S), estruturas físicas de pequeno porte em áreas desassistidas, destinadas ao treinamento/ aproveitamento de mão-de-obra não qualificada e de baixa renda, como corte e costura, bordado, datilografia, digitação, mecânica, cerâmica, pedreiro, serralheiro e marceneiro - 766 unidades previstas;
- projetos de Microunidades Produtivas (MUP'S), unidades de produção de bens de consumo com matéria-prima local e para consumo na região, como casas de farinha, doces e conservas, confeitaria, marcenaria, padaria comunitária e pré-processamento de alimentos - 510 unidades;
- o Programa do Artesanato Brasileiro - PAB (Decreto de 21 de março de 1991), com o apoio previsto, em 1994, a 27 Planos Estaduais do Artesanato;
- o Programa de Geração de Emprego e Renda em Áreas de Pobreza - PROGER, que visa acelerar o desenvolvimento social e econômico das áreas de alta concentração de pobreza urbana e rural, mediante investimentos em empreendimentos associativos/cooperativos geradores de novos empregos e renda. Em 1994/95 estão previstos 10 Laboratórios de Curso e 100 Laboratórios de Terreno - *aprender fazendo* - com mobilização de 75.000 pessoas, capacitação de 38.000 pessoas, geração de 5.360 postos de trabalho e capacitação de 300 pessoas de nível médio/superior em técnicas de desenvolvimento empresarial, aptas a organizarem-se em cooperativas de formação profissional;

- o Projeto Vida Centro Humanístico no Estado do Rio Grande do Sul, com transferência, em 1993, de CR\$ 4,4 milhões e benefício a 12 mil idosos e 92,4 mil crianças, com contrapartida financeira do Estado;
- ações da Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, com projetos de capacitação de recursos humanos para o atendimento ao portador de deficiência e projetos para a prevenção da deficiência, a reabilitação integral e a remoção de barreiras arquitetônicas e ambientais, com benefício a 1,4 milhões de pessoas portadoras de deficiência, através de 103 agências não-governamentais e 11 agências governamentais (1993) e 5.664 instituições (1994). No Programa de Capacitação Profissional, efetuou a transferência, em 1994, de R\$ 5.100.000,00; no Programa de Coordenação das Ações Integradas da Pessoa Portadora de Deficiência à Sociedade, a CORDE apresentou como metas atingidas: 1993 - transferências de R\$ 35.979.667,04, com benefício a 280.000 portadores de deficiência e apoio a 123 instituições; 1994 - transferências de R\$ 4.250.000,00, com benefício a 210.400 portadores de deficiência e com apoio a cerca de 71 instituições;
- ações do Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência - CBIA, com benefício, em 1993, a 850 mil crianças/adolescentes em situação de risco (meninos envolvidos em atos infracionais, meninos de rua, meninos envolvidos em uso e distribuição de drogas e meninas envolvidas em prostituição infanto-juvenil), participação de 2.360 agências governamentais e não governamentais, transferência de recursos de CR\$ 4,0 bilhões e contrapartidas financeiras de Estados e Municípios; no mesmo período (1993) foram implantados e operacionalizados o Conselho Nacional, Estaduais e Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente: capacitação de 66 mil agentes sociais e implantação de 2.300 Conselhos de Direitos e Conselhos Tutelares. Em 1994, encontram-se já implantados 2.024 Conselhos Municipais e 1.055 Conselhos Tutelares. Auxiliou o Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência - CBIA a implementação de varas especializadas da Justiça; conseguiu a montagem de sistema de informações com o Ministério Público Federal; obteve a capacitação de policiais civis e militares, profissionais de saúde, técnicos da justiça e da Infância e da Juventude e profissionais da educação; implementou Centros de Defesa; implantou

plantões interinstitucionais, pela integração operacional de órgãos do judiciário, ministério público, defensoria, segurança pública e assistência social, buscando agilizar o atendimento inicial a adolescentes aos quais se atribuía a autoria de ato infracional; iniciou um diagnóstico nacional sobre a exploração sexual de crianças e de adolescentes - dentre outras atividades;

- ações da Legião Brasileira de Assistência (LBA). A LBA, integrando-se ao esforço de mobilização nacional de luta contra a fome e a miséria, pela vida, vem assumindo este compromisso, consubstanciado em ações de caráter compensatório, educativo e promocional dirigidas à família, como um todo. Ou seja, os programas que a LBA tem sob sua responsabilidade, dirigidos à criança, ao idoso, ao portador de deficiência e à família, constituem-se em instrumentos de enfrentamento da pobreza. Tem apoiado a 1,4 milhão de crianças carentes/mês, 212 mil idosos/mês, apoio ao cidadão, à família e ao deficiente, com benefício a 94 mil pessoas/mês. Implantou microunidades produtivas e projetos descentralizados de assistência às comunidades e conveniou, com a CNBB, pela Pastoral da Criança, atividades de capacitação de agentes sociais, ações comunitárias alternativas e de saúde, com 74 mil gestantes e 1,5 milhão de crianças beneficiadas, em 1993, e de 2,20 milhões de crianças e 110 mil gestantes, em 1994.

Resumem-se, a seguir, os totais das transferências de todas as fontes (FGTS e OGU, inclusive recursos externos) e de pessoas beneficiadas durante o ano de 1993, pelo Ministério e Entidades vinculadas.

| Região       | R\$ milhões | %      | Pessoas Beneficiadas | %      |
|--------------|-------------|--------|----------------------|--------|
| Centro-Oeste | 57,13       | 6,48   | 1.108.748            | 9,39   |
| Nordeste     | 282,67      | 32,07  | 4.713.879            | 39,91  |
| Norte        | 79,53       | 9,02   | 1.923.398            | 16,29  |
| Sudeste      | 359,16      | 40,75  | 2.972.039            | 25,17  |
| Sul          | 102,80      | 11,68  | 1.090.632            | 9,24   |
| Brasil       | 881,29      | 100,00 | 11.808.696           | 100,00 |

Para 1994, estimam-se os seguintes valores:

| Região       | R\$ milhões | %.     | Pessoas Beneficiadas, | %      |
|--------------|-------------|--------|-----------------------|--------|
| Centro-Oeste | 139,89      | 15,54  | 1.170.125             | 6,41   |
| Nordeste     | 176,45      | 19,60  | 4.030.139             | 28,91  |
| Norte        | 60,32       | 6,70   | 1.804.659             | 6,98   |
| Sudeste      | 432,57      | 48,05  | 3.582.933             | 42,65  |
| Sul          | 91,03       | 10,11  | 2.604.089             | 15,05  |
| Brasil       | 900,26      | 100,00 | 13.191.945            | 100,00 |

## MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E DA AMAZÔNIA LEGAL

### a. Situação Encontrada

Na reforma administrativa empreendida pelo Governo em outubro de 1992 foi criado o Ministério do Meio Ambiente (MMA), em substituição à Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República (SEMAM-PR).

O novo Ministério surgiu no momento em que, após a intensa mobilização em torno da II Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, e passado o momento político que praticamente paralisou o Governo, era necessário rearticular em nível nacional as ações e os mecanismos voltados para a implementação da política de meio ambiente. Assim, foram retomados os estudos e avaliações sobre a reestruturação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e se priorizaram as ações visando ao fortalecimento do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), com ênfase na criação e estruturação de órgãos estaduais e municipais de meio ambiente - Conselhos e Secretarias - e na descentralização executiva da política ambiental. Ao mesmo tempo, foram realizados os entendimentos na área de cooperação técnica e financeira externa para projetos ambientais no Brasil.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

Em setembro de 1993, o Governo criou o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, vinculando a uma mesma estrutura

administrativa a política nacional de meio ambiente e a ação coordenada na Região Amazônica. As atribuições definidas para o novo Ministério, além daquelas próprias da política ambiental, envolvem a coordenação das ações do Governo Federal na Amazônia, mediante a articulação de atividades, responsabilidades, programas e projetos de Ministérios setoriais e de entidades federais que atuam na região, preferencialmente de forma integrada com os governos estaduais e locais. Como exemplo, os garímpos, áreas indígenas e as áreas de fronteiras.

### **Desenvolvimento Institucional**

Como grande destaque, a criação do Conselho Nacional da Amazônia Legal, como órgão de assessoramento superior da Presidência da República, para a formulação e o acompanhamento da implantação de política nacional integrada para aquela região, em articulação com os governos estaduais.

### **Programa Piloto Para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil**

Criado pelo Governo Federal em junho de 1992, o Programa tem por objetivo maximizar os benefícios ambientais das florestas tropicais brasileiras através de processos que permitam sua utilização sustentável e a redução progressiva do desflorestamento. Previsto para execução em cinco anos, com investimentos de US\$ 250 milhões, o Programa tem apoio financeiro dos países do Grupo dos Sete e da Comissão das Comunidades Européias. Integram o Programa os seguintes Projetos:

Projeto Ciência e Tecnologia, com dois componentes: Pesquisa Dirigida destinada a prover conhecimentos científicos e tecnológicos para a conservação da floresta amazônica e sua utilização, e Centros de Excelência, que têm por objetivo consolidar o Museu Emílio Goeldi e o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia como “centros de excelência” voltados para o estudo da região. Ambos são coordenados em conjunto com o Ministério.

Projeto Demonstrativo Tipo A, cujo objetivo é o de contribuir para a conservação e preservação da Amazônia, da Mata Atlântica e de ecossistemas associados.

Projeto Reservas Extrativistas, testar em quatro reservas extrativistas modelos apropriados de gerenciamento econômico, social e ambiental, com vistas a aperfeiçoar os procedimentos utilizados pelas populações tradicionais.

Reservas Indígenas, cujo objetivo é o de contribuir para a proteção, conservação, demarcação e regularização fundiária em terras indígenas da Amazônia Legal. Sua execução está a cargo da FUNAI.

Projeto Florestas Nacionais, que tem por objetivo desenvolver estratégias para viabilizar o manejo sustentável dos recursos florestais da Amazônia.

Subprograma de Política de Recursos Naturais, cujo objetivo é o de criar condições para a implementação do Sistema Estadual de Gestão Ambiental em cada unidade federada da Amazônia Legal, mediante o fortalecimento institucional dos órgãos estaduais de meio-ambiente e o apoio ao zoneamento ecológico-econômico.

Projeto Parques e Reservas, que tem por objetivo apoiar os esforços brasileiros na proteção da biodiversidade dos ecossistemas amazônicos. Este projeto se encontra em fase de concepção básica.

#### **Projeto de Proteção do Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas (PMACI)**

O PMACI é o componente ambiental do contrato de empréstimo do Governo Brasileiro com o BID, assinado em 1985 para a pavimentação da rodovia BR-364 no trecho Porto Velho - Rio Branco. São beneficiários 5 mil índios em 28 áreas indígenas do Acre, Rondônia e Amazonas, em projetos de saúde, de educação, extrativismo, agricultura e pecuária.

#### **Plano Setorial Para os Recursos do Mar (PSRM)**

O terceiro Plano Setorial Para os Recursos do Mar, criado em dezembro de 1989, definiu as diretrizes e prioridades para o setor em função de o Brasil ter ratificado a Convenção das Nações Unidas Sobre o Direito do Mar. Para atender ao compromisso de levantamento dos potenciais sustentáveis de captura de recursos vivos de sua Zona Econômica Exclusiva (Plataforma Continental), foi criado o Programa Para o Levantamento dos Potenciais Sustentáveis de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE). A execução desse programa de pesquisas, cuja coordenação foi transferida do Ministério da Marinha para o Ministério do Meio Ambiente, representou um dos aspectos prioritários da política de meio ambiente no período. Foram assinados convênios do MMA com a Universidade de São Paulo e a Universidade de Rio Grande para equipar os navios Professor Besnard e Atlântico Sul, que permitirão melhorar as condições de execução das pesquisas a serem desenvolvidas pelo Brasil.

### **Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC)**

Este programa, iniciado em 1990, visa a planejar e gerenciar de forma integrada e descentralizada as atividades sócio-econômicas da Zona Costeira do Brasil, abrangida por 17 estados. Entre outras ações, foram executados no período o diagnóstico ambiental, político-institucional e jurídico da zona costeira brasileira e a estruturação do Sistema de Informações do Gerenciamento Costeiro (SIGERCO). Durante o período, foram elaboradas cartas do litoral e iniciados trabalhos de macrozoneamento de vários segmentos litorâneos, além de outros estudos em conjunto com diversas instituições.

### **Programa Nacional do Meio Ambiente (PNMA)**

O programa teve um período inicial de execução de três anos (1991-93) com financiamento do Banco Mundial (US\$ 117 milhões), Banco de Desenvolvimento do Governo Alemão - KFW (US\$ 16,3 milhões) e Governo Brasileiro (US\$ 33,1 milhões). É executado de forma descentralizada, com a participação de órgãos estaduais e municipais e organizações não governamentais. Em 1993 foi realizada a revisão de meio termo do Programa, ampliando-se por mais três anos o período de execução e incluindo-se os Cerrados e a Caatinga entre os ecossistemas a serem protegidos, como o Pantanal e a Mata Atlântica. No componente de unidades de conservação, destacam-se a criação do Parque Nacional da Serra Geral e a demarcação dos Parques Nacionais da Chapada dos Guimarães e Grande Sertão Veredas e da Reserva Biológica de Una.

### **Programa Nacional de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica (PROBIO)**

O objetivo deste programa é a efetiva proteção, recuperação e utilização sustentável da diversidade biológica brasileira (flora, fauna, micro-organismos e ecossistemas), a ser concretizada mediante três linhas prioritárias: inventário e monitoramento da diversidade biológica, estimativa de seu valor econômico e conservação e utilização sustentável dos recursos bióticos. O custo previsto do programa é de US\$ 50 milhões, compreendendo as fases de investimento (US\$ 10,0 milhões), com duração de três anos, e de fomento (US\$ 40,0 milhões), com efetiva execução sendo iniciada em 1994.

### **Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA)**

O FNMA existe desde 1989 e integra a estrutura do MMA, tendo a finalidade de estimular e promover o desenvolvimento de projetos de caráter inovador e efeito multiplicador, que visem ao uso racional e sustentável dos recursos naturais e melhoria da qualidade ambiental, constituindo-se em um instrumento para a efetivação da política ambiental.

Atualmente a principal fonte de recursos do Fundo, administrado por um comitê, é um contrato de empréstimo com o BID no valor de US\$ 30,0 milhões, ao longo de quatro anos, dos quais US\$ 8,0 milhões correspondem à contrapartida nacional. Entre outubro de 1992 e novembro de 1994 o Comitê do FNMA aprovou 127 novos projetos, a grande maioria dos quais apresentada por prefeituras municipais e organizações não governamentais.

### **Proteção ao Meio Ambiente em Terras Indígenas**

Em conjunto com o Ministério da Justiça e a FUNAI, tem a atribuição de coordenar, fiscalizar, recuperar e controlar as ações ambientais nas terras indígenas e suas áreas limítrofes, visando garantir as condições próprias para a vida das comunidades. Inclui-se no Programa o projeto do Cadastro Nacional de Áreas Indígenas, cujo objetivo é realizar o levantamento ambiental dessas áreas, suas características geográficas e bióticas, as vocações de uso, etc., e cadastrar as áreas próximas, no que diz respeito a ações e empreendimentos públicos e privados, para efeito de diagnóstico, controle e recuperação. As ações conduzidas pelo MMA em 1993 tiveram início em outubro nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul e prosseguiram em 1994.

### **Acordos e Convenções Internacionais**

O Brasil participa de diversos Acordos e Convenções internacionais, com destaque para os seguintes: Convenção sobre Mudança do Clima, Convenção de Diversidade Biológica, Convenção de Combate à Desertificação, Convenção de Viena e Protocolo de Montreal, MERCOSUL e Declaração Autorativa de Princípios Florestais. Em novembro de 1994 entrou em vigor, para o Brasil, a Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar. Cabe ao Ministério implementar internamente esses compromissos, no que concerne aos aspectos ambientais.

Especial destaque cabe à Agenda 21, um amplo plano de ação global de desenvolvimento sócio-econômico e política ambiental para a década de 1990 e o início do século XXI em busca de sustentabilidade, resultante da Conferência do Rio de 1992. Seus principais temas são o combate à pobreza, política demográfica, saúde, educação, abastecimento de água potável, saneamento e tratamento de resíduos, agricultura, desenvolvimento rural e gerenciamento sustentável dos recursos hídricos, do solo e das florestas. No Brasil, em 1993/94, definiram-se estudos e propostas para consultas a instituições do Governo e da sociedade, visando à formulação da Agenda 21 Nacional. Nesse quadro se situa a criação da Comissão Interministerial Para o Desenvolvimento Sustentável (CIDES), na qual o MMA é responsável pela Coordenadoria de Diversidade Biológica.

### **Proteção, Conservação e Manutenção de Ecossistemas**

Um dos setores mais importantes da atuação do IBAMA diz respeito à proteção e conservação dos ecossistemas nacionais.

Entre as principais ações realizadas no período estão a criação do Parque Nacional da Serra Geral (no âmbito do PNMA), a regularização fundiária do Parque Nacional da Serra do Cipó, Reserva Biológica de Una e Estação Ecológica de Itabaiana, revisão de planos de manejo do Parque Nacional de Brasília, implantação de 20 reservas particulares do patrimônio natural e gestão de 97 unidades de conservação de uso indireto.

### **Conservação e Manejo da Fauna, Flora e Recursos Naturais Renováveis**

Entre as responsabilidades permanentes do IBAMA está a preservação e proteção da fauna e da flora brasileira e a conservação dos recursos naturais renováveis. Desenvolvem-se atividades em diversos pontos do território, como as do Centro de Conservação e Manejo da Fauna, dedicado à proteção de quelônios; de proteção e manejo de tartarugas marinhas, destacando-se o Projeto Tamar, que tem apoio financeiro da PETROBRÁS; de proteção, conservação e manejo de aves silvestres, com atuação no Pantanal Matogrossense e outras regiões; e de manejo da fauna silvestre, com seis Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETA).

Na conservação e manejo dos recursos naturais renováveis, o IBAMA dedica-se à pesquisa e difusão de técnicas de manejo de recursos florestais e animais, visando à sua utilização racional e sustentável; à recuperação de áreas degradadas; à produção de mudas

de diversas espécies, para distribuição a produtores, através de 80 Postos de Fomento (POFOM); e à proteção dos recursos naturais para coibir sua destruição ou exploração predatória.

### **Fiscalização e Controle da Qualidade Ambiental**

As atividades de fiscalização e controle da qualidade ambiental, que têm a coordenação nacional sob a responsabilidade do IBAMA, objetivam a proteção dos recursos florestais, pesqueiros e da fauna e o controle das fontes e fatores poluentes e/ou degradadoras do meio ambiente. Estas ações em conjunto integram o Projeto de Fiscalização dos Recursos Ambientais, executado de forma descentralizada pelas Superintendências Estaduais do IBAMA e por entidades convenientes - órgãos estaduais de meio ambiente e polícias florestais dos Estados. A ação de fiscalização e controle foi fortalecida em 1993-94 através do aparelhamento das unidades descentralizadas, capacitação dos agentes de defesa ambiental, aperfeiçoamento dos sistemas de sensoriamento remoto e informatização do sistema de controle.

As ações mais significativas de fiscalização e controle da qualidade ambiental no período relacionaram-se a programas como o Sistema Nacional de Prevenção e Controle aos Incêndios Florestais (PREVFOGO), Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (PROCONVE), Programa Nacional de Qualidade do Ar (PRONAR), Programa Nacional de Educação e Controle da Poluição Sonora, as operações especiais de fiscalização relativas à Amazônia e ao Pantanal, à extração de carvão e aos garimpos, a avaliação de agrotóxicos para licenciamento (ecotoxicologia) e a poluição por derramamentos de óleo, entre outros.

### **Educação Ambiental**

As campanhas de educação ambiental do IBAMA têm o objetivo de conscientizar a sociedade a respeito da educação ambiental, como condição imprescindível à preservação do meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. O programa atua junto ao sistema de ensino formal e não formal, universidades, centros de pesquisas, órgãos estaduais e municipais de meio ambiente e setores organizados da sociedade civil.

No período destacam-se entre as atividades realizadas a criação de 27 núcleos de educação ambiental nas Superintendências Estaduais da IBAMA e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a capacitação de 150 técnicos de nível superior, a promoção do Seminário Universidade e Meio Ambiente e a execução de projetos de educação ambiental junto a organizações e instituições diversas.

No segundo semestre de 1994 foram iniciados entendimentos com o MEC no sentido de formalizar a implementação de um programa abrangente e regular de educação ambiental que, além da população escolar e dos docentes, atinja igualmente o cidadão comum mediante campanhas de esclarecimentos a serem veiculadas nos meios de comunicação.

### **Coordenação e Fomento de Atividades Produtivas**

Nos setores de pesca, produção de borracha natural e extração florestal, o IBAMA é responsável pelas atividades de fiscalização, fomento e regulação do mercado. Promove-se o desenvolvimento sócio-econômico das comunidades pesqueiras artesanais, o ordenamento pesqueiro, a melhoria da infra-estrutura de pesca no país e a política de pesca e monitoramento dos estoques pesqueiros nas regiões produtivas. O IBAMA mantém e opera 10 estações de aquicultura em diversos Estados, nas quais são produzidos alevinos e larvas e prestada assistência técnica a mais de 1.100 produtores. No setor de borracha natural o IBAMA tem financiado a safra, o custeio da comercialização e a manutenção do estoque regulador, além do apoio técnico direto aos seringueiros através de suas cooperativas extrativistas.

### **Gerenciamento de Recursos Hídricos**

As ações do IBAMA nesta área visam, sobretudo, controlar e monitorar, mediante ações articuladas com governos estaduais, as bacias hidrográficas brasileiras para avaliar os empreendimentos existentes em suas áreas, definir diretrizes de fiscalização, estabelecer normas específicas de utilização dos recursos hídricos, recuperar cursos de água e proteger nascentes.

No período o IBAMA elaborou a proposta básica de um Programa Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos e participou das reuniões dos comitês da Bacia do Rio São Francisco (CEEI-VASF), do Rio Parapanema (CEEIPEMA) e do Rio Grande (CEEI-GRAN), elaborando, para este, os termos de referência para um plano de recuperação da bacia. Foram também realizadas, entre outras, a avaliação da qualidade das águas dos rios fronteiros da bacia do Prata e os estudos para um programa de recuperação da bacia do rio Paraíba do Sul, nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

## **Pesquisa e Desenvolvimento Técnico-Científico**

O IBAMA, em conjunto com a comunidade científica e ambientalista e órgãos da administração pública federal, estadual e municipal, promove e apoia um programa diversificado de pesquisas voltadas para o conhecimento dos ecossistemas do País, para a exploração sustentável dos seus recursos e a reversão de processos poluidores e degradadores do meio ambiente, bem como para a difusão de pesquisas e estudos técnicos relacionados a problemas ambientais. São exemplos significativos os programas de pesquisas referentes à utilização sustentável da diversidade biológica, proteção das florestas tropicais, zoneamento ecológico-econômico, recursos vivos da Zona Econômica Exclusiva, unidades de conservação, e gerenciamento costeiro, ao lado de pesquisas específicas focalizando aspectos diversos dos problemas do meio ambiente.

## **SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E COORDENAÇÃO**

### **a. Situação Encontrada**

Essa Secretaria fora transformada em Secretaria Nacional de Planejamento - SNP, pertencente à estrutura do então Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento - MEFP.

Através da Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, recriei a Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coordenação da Presidência da República - SEPLAN/PR, com a finalidade de “assistir ao Presidente da República na Coordenação do Sistema de Planejamento e Orçamento, formulação de estudos e pesquisas sócio-econômicas, elaboração e acompanhamento dos Planos Nacionais e Regionais de Desenvolvimento, do Plano Plurianual de Aplicações, da Lei de Diretrizes Orçamentárias e das Leis Orçamentárias anuais, e na supervisão dos Sistemas Cartográfico e Estatístico Nacionais”.

Face à desestruturação organizacional ocorrida, a Secretaria enfrentou problemas de várias ordens para sua reimplantação e consolidação. A falta de estrutura administrativa gerou problemas para os órgãos de controle interno e externo nas áreas de administração patrimonial, orçamentária e financeira. O Orçamento de 1992 foi

executado pelo Ministério da Fazenda e o de 1993 foi rateado entre os três órgãos resultantes do desmembramento do Ministério da Economia, isto sem levar em consideração as atividades de cada um, comprometendo a execução de algumas ações prioritárias da Secretaria. O corpo funcional sofreu perdas desordenadas de seus técnicos através de aposentadorias precoces, evasão para outros órgãos do próprio Governo e para a iniciativa privada em função, principalmente, da política desigual de remuneração entre os três poderes e no próprio Poder Executivo.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

Desde a sua recriação, a Secretaria vem desenvolvendo ações no sentido da reestruturação do Sistema de Planejamento da Administração Pública Federal e da concepção e implantação de um Subsistema de Acompanhamento e Avaliação da Ação Governamental.

Dentre elas, destacam-se:

- a regulamentação das atividades de planejamento e de orçamento da Administração Pública Federal, em consonância com a medida provisória que organiza e disciplina os Sistemas de Controle Interno e de Planejamento e de Orçamento do Poder Executivo;
- a articulação com os diversos órgãos de governo no processo de tomada de decisões sobre as estratégias e políticas nacionais necessárias ao desenvolvimento sustentável;
- articulação e integração das áreas de planejamento e de orçamento;
- reatualização das áreas setoriais de planejamento dos Ministérios e Secretarias da Presidência da República; e
- fortalecimento da área de planejamento intersetorial, com vistas à elaboração de diretrizes de ordem estratégica no âmbito do desenvolvimento regional científico tecnológico e do meio ambiente.

No primeiro semestre de 1993 procedeu-se à revisão do Plano Plurianual para o período 1994-95, a fim de ajustá-lo às circunstâncias emergentes no contexto social, político, econômico e financeiro do País, bem como para assegurar a continuidade do processo de estabilização da economia e da retomada do crescimento.

No âmbito do fortalecimento do processo de planejamento governamental, a Secretaria retomou os contatos com diversos órgãos setoriais da administração e com as Secretarias Estaduais de Planeja-

mento, no esforço para sustentar um processo permanente e institucionalmente homogêneo de atuação governamental.

No que diz respeito ao desenvolvimento regional, cabe destacar que a Secretaria deu ênfase à elaboração de um arcabouço operacional que permita a definição de políticas e diretrizes de ordenamento territorial, dentro de uma visão espacial e não apenas setorial do desenvolvimento nacional. Como resultado desse esforço, foram desenvolvidas estratégias específicas para macro espaços regionais, em colaboração com órgãos governamentais e do setor privado, podendo destacar: o macroeixo Leste-Oeste, que incorpora uma ampla região que vai desde o litoral capixaba até o Estado de Goiás, eixo para o qual estão voltados amplos empreendimentos nas áreas de infra-estrutura, indústria, serviços e agricultura; a região do Cerrado Setentrional brasileiro, embora ainda incipiente em termos de investimentos de grande vulto, representa uma posição estratégica no contexto da integração dos espaços amazônico, nordestino e o resto do País; o eixo hidro-agrícola da bacia do Rio São Francisco e suas derivações, que incluem a transposição de suas águas para resolver de forma estrutural o problema das variações climáticas dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, tornando esta via um real caminho de integração com o resto do País; a região de fronteiras com os países integrantes do Mercosul, cuja materialização se traduz no Programa Sulfronteiras, onde diversos empreendimentos de infra-estrutura, indústria, comércio e serviços de caráter multinacional; as regiões Norte e Nordeste com um todo, onde o Plano de Desenvolvimento da Amazônia e o Projeto Árida refletem em sua essencialidade a dimensão espacial que se quer privilegiar no âmbito do desenvolvimento regional e subregional.

No que concerne à área de ciência e tecnologia, a Secretaria procurou concentrar sua ação no processo de montagem de uma rede institucional de articulação nacional para o planejamento de C&T, através da implementação de um sistema de acompanhamento das ações de C&T no nível nacional. Para isso iniciou a implantação do Programa de Acompanhamento dos Sistemas Estaduais de C&T - PROSECT, e o Programa de Acompanhamento das Ações de Ciência e Tecnologia do Governo Federal - PROACT. São atividades convergentes, que procuram, pelo efeito de reciprocidade na troca de informações, prover os órgãos de planejamento de C&T, estaduais e das instituições federais, de meios que lhes permitam ampliar a eficiência do investimento público nesse setor, evitando o paralelismo de ações e difundindo uma cultura de parcerias e de cooperação, não só entre essas duas esferas de governo, como entre as próprias administrações estaduais no campo da C&T.

No que concerne às empresas estatais, ações de supervisão foram adotadas com vistas a ajustar suas atividades às diretrizes governamentais de retomada do crescimento econômico, aliado às políticas de eliminação do déficit público e de combate à inflação, criando-se o Conselho de Coordenação e Contorle das Empresas Estatais.

Melhorias ocorreram no desempenho do conjunto das estatais, contribuindo positivamente para a formação de receitas, a redução das despesas e induzindo ao comprometimento das respectivas administrações com programas de resultados. Destacam-se ainda as seguintes medidas adotadas:

aperfeiçoamento dos mecanismos de coordenação do Programa de Gestão de Empresas Estatais;

- definição de critérios para alienação das participações minoritárias das empresas estatais em outras entidades, estimadas em R\$ 11.7 bilhões;
- estabelecimento de diretrizes e parâmetros para disciplinar as negociações coletivas de trabalho de que participam as empresas estatais;
- estabelecimento de metodologia para a celebração de contrato de gestão com empresas estatais, buscando maior eficiência operacional e econômico-financeira no contexto da política governamental. Já foram implantados contratos de gestão com a PETROBRÁS e a Cia. Vale do Rio Doce e estão em fase final de negociação os contratos com a ELETROBRÁS, a TELEBRÁS, o BNDES e a FINEP;
- equacionamento do crônico endividamento do setor elétrico (Lei nº 8.631, de 5 de março de 1993), bem como estímulo à eficiência e à produtividade no âmbito das empresas concessionárias;
- estabelecimento, como parâmetro básico para a política dos preços públicos, da manutenção de valores das tarifas em termos reais, com a possibilidade das empresas repassarem aos consumidores ganhos com aumento da produtividade e/ou redução de seus custos, via diminuição de preços;
- elaboração de proposta de orçamento de investimento e definição dos tetos de dispêndios globais com a adoção de algumas premissas básicas que tornaram possível reduzir o endividamento total das empresas estatais de US\$ 105,8 bilhões em dezembro de 1992 para US\$ 89,1 bilhões em agosto de 1994. Igualmente a dívida vencida baixou de US\$ 17,8 bilhões para US\$ 12,2 bilhões no mesmo período.

Com relação à captação de recursos externos junto a organismos internacionais e agências governamentais de crédito, foram aprovados pela Comissão de Financiamentos Externos - COFIEIX, financiamentos para projetos no valor de US\$ 4,09 bilhões, sendo US\$ 2,34 bilhões financiados pelas agências governamentais estrangeiras.

Além disso, na área de assuntos internacionais, pode-se destacar as seguintes ações:

- recuperação de créditos brasileiros no exterior no montante equivalente a US\$ 400 milhões, gerando ingresso de divisas superior a US\$ 270 milhões;
- aprovação de metodologia para avaliação de Risco-País, visando orientar as decisões para recuperação e concessão de créditos ao exterior;
- realização de Acordos Bilaterais da Fase IV do Clube de Paris, com 20 países;
- encaminhamento ao Congresso Nacional de 5 (cinco) Acordos de Promoção e Proteção Recíprocas de Investimentos;
- aperfeiçoamento do sistema de acompanhamento e avaliação de projetos governamentais financiados com recursos externos;
- negociação com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID para realização do estudo de avaliação de impacto e desempenho referente aos projetos de estradas vicinais no Nordeste;
- apoio às atividades da Comissão de Financiamentos Externos - COFIEIX, que no período aprovou 60 projetos de financiamentos multilaterais (Banco Mundial - BIRD, Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, Banco Europeu de Investimento - BEI, Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola - FIDA, e Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata - FONPLATA), totalizando cerca de US\$ 8,3 bilhões de empréstimos. Neste período, foram contratados US\$ 2,04 bilhões junto ao Banco Mundial e US\$ 2,06 bilhões junto ao BID, recursos esses destinados à implementação de 24 projetos;
- preparação de lista de projetos aprovados pela COFIEIX, a serem financiados pelo Overseas Economic Cooperation Fund - OECF/Japão, no curto e médio prazos, cujo financiamento é de aproximadamente US\$ 1 bilhão;
- preparação de lista de projetos a serem financiados pelo EXIMBANK/Japão, no curto e médio prazos, contando com

financiamentos no montante aproximado de US\$ 2.183 bilhões;

- conclusão de negociações formais, com a JICA/Japão, para o PROCEDER III (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados);
- conclusão de negociação para o Projeto de Telecomunicações Rurais MT/TELEBRÁS e em andamento as negociações referentes ao Projeto de Desenvolvimento Agro-industrial Hortifrutigranjeiro/Governo do Estado do Mato Grosso, no âmbito do Acordo Brasil/Itália;
- continuidade das negociações, no âmbito do Acordo Brasil/Tchecoslováquia, visando o financiamento do projeto Pré-Metrô de Belo Horizonte/Governo do Estado de Minas Gerais;
- definição da lista de projetos a serem financiados pelo Kreditanstalt Für Wiederaufbau - KfW no âmbito da Coordenação Financeira Brasil/Alemanha, totalizando recursos alemães da ordem de US\$ 91,0 milhões;

No que concerne ao desenvolvimento institucional da Secretaria, no âmbito do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade - PBQP, foi implantado o "Programa de Qualidade Total da SEPLAN/PR", buscando a melhoria do desempenho, a adequação às rápidas evoluções científicas e tecnológicas e otimização dos recursos.

Procurando dar maior transparência ao Orçamento Geral da União, foi implantado o Projeto "Orçamento Cidadão", com o objetivo de atender aos questionamentos da sociedade no que se refere à utilização dos recursos públicos e realizados estudos visando a simplificação e racionalização dos procedimentos de sua elaboração.

### **BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - BNDES**

O BNDES pautou sua atuação pelo aprofundamento do processo de aumento da competitividade da economia brasileira, com incremento da geração de empregos e a redução dos desequilíbrios regionais, através de financiamentos a investimentos em expansão industrial, agricultura e infra-estrutura, além de investimentos em qualidade e produtividade, treinamento de mão-de-obra e desenvolvimento tecnológico.

O total de financiamentos aprovados no período foi da ordem de R\$ 10.870 milhões, assim distribuídos:

| R\$ milhão |           |           |
|------------|-----------|-----------|
| 1992       | 1993      | 1994*     |
| OUT a DEZ  | JAN a DEZ | JAN a DEZ |
| 1.790,0    | 3.880,0   | 5.200,0   |

\* *Previsão*

Estes desembolsos contribuíram, em 1993, para a geração ou manutenção de cerca de 280 mil empregos diretos e indiretos. A estimativa do Banco é de que cerca de 370 mil empregos diretos e indiretos serão gerados ou mantidos em decorrência dos desembolsos em 1994.

No sentido de combater os desníveis regionais e as disparidades sociais, o BNDES lançou dois novos programas especiais de financiamento para o Norte e Nordeste: Amazônia Integrada e Nordeste Competitivo, respectivamente.

O Programa Amazônia Integrada conta com uma dotação de R\$ 1 bilhão para aplicação em três anos, nos seguintes setores: bioindústria, agroindústria, aquíicultura, turismo, beneficiamento de madeira, mineração/metalurgia e construção naval.

O Programa Nordeste Competitivo tem também dotação de R\$ 1 bilhão para aplicação em três anos, nos seguintes setores: turismo, fruticultura irrigada, indústria têxtil/confecções e beneficiamento de pedras ornamentais (mármore, granito e gipsita).

Foram criadas linhas de financiamento de longo prazo que oferecem a melhor solução para as necessidades de investimentos das micro, pequenas e médias empresas. De janeiro até começo de setembro, foram desembolsados cerca de R\$ 1,4 bilhão. Este montante já superou os desembolsos para o mesmo segmento feitos em todo o ano passado (o equivalente a R\$ 1,22 bilhão). Estima-se que os desembolsos para estas empresas atinjam até o fim do ano R\$ 2,5 bilhões.

As operações de financiamento com pessoas físicas, praticamente inexistentes até 1992, intensificaram-se a partir da extensão do Programa Agrícola da Finame, que só operava com pessoas jurídicas. Em 1993 foi criada uma linha de crédito para compras de caminhões para pessoas físicas. Até então não havia este tipo de financiamento no Brasil.

Em 1994 foi criado o Programa Enter/BNDES - Programa de Informatização do Pequeno Empreendimento - destinado a profissionais liberais, micro e pequenas empresas para o financiamento de

microcomputadores e de *software*. O programa tem uma dotação de R\$ 150 milhões e é operado em parceria com a Secretaria de Política de Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Nos últimos anos vem sendo cada vez maior o número de financiamentos de menor porte, ampliando as operações com micro, pequenas e médias empresas. Em 1993, por exemplo, foram realizadas 58.491 operações de crédito, com desembolsos equivalentes a US\$ 3,4 bilhões.

Foram financiados projetos de preservação ambiental e despoluição industrial, num total de R\$ 700 milhões a partir de 1992 e financiados os Subprogramas de Capacitação Tecnológica, de Qualidade e Produtividade, e, através da subsidiária BNDESPAR, o Condomínio para a Capitalização de Pequenas e Médias Empresas de Base Tecnológica (CONTEC), que começou a operar em 1992 com o objetivo de apoiar, com capital de risco (participação acionária tecnológica), pequenas e médias empresas de base.

Com o objetivo de ampliar o apoio ao processo de avanço tecnológico na economia brasileira, foi criado um cadastro especial na Finame, para os bens de capital de fabricantes de máquinas e equipamentos que têm o Certificado ISO 9001/9002 e que investem em capacitação tecnológica. Estes fabricantes passaram a dispor de melhores condições financeiras para a comercialização daqueles bens.

O Programa Nacional Desestatização (PND), no atual Governo, arrecadou com os leilões de privatização o montante de R\$ 3,0 bilhões, sendo R\$ 470 milhões em moeda corrente. Com as vendas de sobras de leilões (papéis da USIMINAS, CSN, COSIPA e COPE-SUL), por meio de ofertas públicas, foram arrecadados R\$ 729 milhões, sendo R\$ 696 milhões em moeda corrente, os quais foram destinados ao Fundo Social de Emergência. Até o final de 1994 deverão ser obtidos cerca de R\$ 650 milhões com a venda de novo lote da Cosipa e de participações de empresas públicas em outras companhias.

Os resultados alcançados pelo PND representaram uma expressiva contribuição para o processo de racionalização dos gastos públicos, através, sobretudo, da reordenação da presença do Estado na economia, como empresário e produtor direto, de forma a que possa concentrar sua atuação em áreas típicas de governo, nas quais sua presença é essencial, e do saneamento das finanças públicas, com a redução da dívida da União.

Com as privatizações foram transferidos do setor público para o setor privado o total de R\$ 2,964 bilhões de dívidas.

## **INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)**

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), como um órgão realizador de pesquisas e estudos para a formulação e avaliação das políticas públicas, vem desenvolvendo as seguintes atividades:

- estudos para subsidiar a reforma do Estado, sendo considerado como prioritários e estratégicos os seguintes temas: desestatização, desregulamentação, descentralização/federalismo, concessão dos serviços públicos e contratos de gestão;
- elaboração e publicação de um conjunto de 39 artigos no livro “O Brasil no Fim do Século: Desafios e Propostas para a Ação Governamental” onde são apresentadas propostas para a retomada do processo sustentado de desenvolvimento;
- elaboração de diagnósticos, indicadores e cenários para a ação governamental e políticas públicas. Foram escolhidos cinco macro temas: o financiamento do desenvolvimento, a equidade, a competitividade, a globalização e a reforma do Estado por estarem presentes em qualquer estratégia de desenvolvimento ou nas políticas que serão adotadas no próximo governo;
- realização de 10 Fóruns BRASIL - 1995: agenda de mudanças estruturais que tem como ponto central discutir, num espaço ampliado a partir da participação de experts e formadores de opinião, estudos e pesquisas relacionadas com os principais problemas e oportunidades que irão abrir-se à nova equipe de governo;
- realização de estudo sobre a reformulação do orçamento público onde estão sendo analisados os seguintes aspectos: modernização dos instrumentos orçamentários, transparência das ações governamentais e definição de restrições e regras, visando o equilíbrio financeiro das contas governamentais;
- apresentação da proposta de novo ordenamento institucional para o setor saneamento;
- execução de projetos e atividades de pesquisa visando a formulação de políticas públicas; finanças públicas; análise e modelagem macroeconômica; mercado de trabalho e distribuição de renda; seguridade social; meio ambiente; indústria, tecnologia e comércio exterior;
- na área da Educação foram aprofundadas as análises e discussões do processo de descentralização do sistema educacional,

dando ênfase a três grandes questões: gestão do sistema educacional e da escola e qualidade do ensino; parcerias institucionais entre Estados e Municípios, e financiamento da educação;

- acompanhamento, avaliação e articulação de ações prioritárias do Plano de Combate à Fome e à Miséria, prestando assessoria técnica ao CONSEA, com estudos, pareceres e reuniões de trabalho sobre os programas prioritários na área de segurança alimentar, tais como o Programa de Alimentação do Trabalhador - PAT; Programa de Assentamento de Trabalhadores Rurais; Programa de Atendimento aos Desnutridos e às Gestantes em Risco Nutricional - Leite é Saúde; Programa Nacional de Alimentação Escolar; Programa de Geração de Emprego e Renda e Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos - PRODEA;
- implementação da Rede-IPEA, possibilitando o intercâmbio de informações, tanto internamente como com outras instituições, com o aproveitamento do grande acervo acumulado ao longo dos anos pela Fundação.

### **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE**

A FUNDAÇÃO IBGE manteve, no período, suas atividades regulares de coleta, análise, processamento, disseminação de estatísticas, elaboração de índices, indicadores econômicos e sociais, bem como estudos e pesquisas geocientíficos, sempre objetivando o fornecimento de um atualizado retrato da realidade brasileira, e tendo como constante preocupação o aprimoramento técnico e metodológico de suas atividades.

Com relação aos trabalhos de pesquisas Sociodemográficas e Econômicas foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Censo Demográfico, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - (está prevista para 1995 a divulgação dos resultados finais), Economia Informal Urbana (iniciada em agosto de 1994 e implantada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro); Indicadores Sociais (concluída a elaboração dos Indicadores Sociais da Década de 80, devendo ser lançado o documento intitulado "O Traço da Desigualdade Social no Brasil").
- pesquisa Mensal de Empregos, Registro Civil e Estimativas e Projeções de População, Pesquisas Mensais da Indústria, Pesquisa Mensal do Comércio - PAC (na Região Metropoli-

tana do Rio de Janeiro), Pesquisas Anuais da Indústria, do Transporte Rodoviário, do Comércio e da Indústria de Construção.

- classificação de Atividades Econômicas, Cadastro de Empresas e Unidades Locais (banco de dados “on-line”), Estatísticas do Setor Público, Sistema de Contas Nacionais e Estatísticas de Preços (Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SINPC e Sistema Nacional de Custos e Índices da Construção Civil - SINAPI).
- com relação à área de geociências, a multiplicidade temática que a caracteriza se faz presente no elenco de produtos que inclui, entre outros, Diagnósticos e Zoneamentos Ambientais, modelos de Divisões Regionais, Mapeamento Topográfico e Temático, análises da dinâmica da Divisão Política e Administrativa.

Destacam-se ainda, no decorrer do período:

- a implantação da Rede Brasileira de Monitoramento Contínuo do Território Nacional - RBMC;
- o desenvolvimento e implantação da cartografia digital e a ampliação da Rede de Geoprocessamento;
- a elaboração e publicação do primeiro volume de “MERCOSUL: Sinopse Estatística”, no intuito de promover a disseminação de informações estatísticas, análises, estudos e documentos sobre os países membros do Tratado de Assunção. No mesmo sentido foi também publicado “MERCOSUL: Inventário das Estatísticas Nacionais”, procurando ampliar, de forma padronizada, as informações sobre esses países;
- a implantação do projeto INTERNET, que tem por finalidade interligar o IBGE às principais instituições de pesquisa e ensino em 45 países, através de correio eletrônico, de conferências, debates interativos, transferências de arquivos e serviços “on line”.

## ESTADO-MAIOR DAS FORÇAS ARMADAS (EMFA)

### a. Situação Encontrada

A escassez de recursos, provocada pelo reduzido orçamento do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), não permitiu que fossem desenvolvidos os projetos, previstos no Plano de Trabalho, no ritmo ideal, retardando a conclusão de diversas fases já em andamento e postergando para outros exercícios financeiros o início de novas fases.

Dessa maneira, prosseguiu-se na execução de projetos voltados para o desenvolvimento de tecnologias militares, para implantação dos Sistemas de Comunicações Militares por Satélites e do Sistema Militar de Comando e Controle, que dotarão o Brasil de um sistema de comunicação eficiente e confiável; para atender a estrutura militar, além das atividades ligadas à área aeroespacial, através da Comissão Brasileira de Atividades Espaciais, (extinta em 24 de outubro de 1994, com a criação da Agência Espacial Brasileira).

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

#### **Implementação do Sistema Militar de Comando e Controle**

Durante os anos de 1993 e 1994, o EMFA prosseguiu no seus trabalhos de implementação do Sistema Militar de Comando e Controle, com preparação de recursos humanos, aquisição de equipamentos para os Subsistemas de Comunicações e de Informática, melhoria das instalações experimentais do Centro de Operações do Comando Supremo (COCS) e, a interligação dos Centros de Operações, por meio de equipamentos de sigilo.

Foram, ainda, instaladas estações de trabalho, com os softwares correspondentes, nos Centros de Operações, sendo que as estações do COCS (Centro de Operações do Comando Supremo) e do Centro de Coordenação do Poder Aeroespacial Brasileiro (CCPAB), foram interligados por fibra ótica e as estações de trabalho do Centro de Comando do Teatro de Operações Marítimo (CCTOM) e a estação do Centro de Comando e Controle da Força Terrestre (CCCFTer), por meio do Sistema de Comunicações por Satélites.

Com as interligações concluídas, foi implantado um sistema de correio eletrônico multimídia, para transmissão de mensagens entre os Centros de Operação.

#### **Plano de Ciência e Tecnologia**

A Comissão Assessora de Assuntos Científicos e Tecnológicos das Forças Armadas (COMASSE) desenvolveu estudos e análises que culminaram com a consolidação do Plano de Ciência e Tecnologia das Forças Armadas (PCT-FA) e implementou a estrutura gerencial para a execução dos Projetos constantes do PCT-FA.

### **Levantamento Aeroespacial e Cartográfico**

Por intermédio da Seção de Levantamento Aeroespacial e Cartografia, o EMFA realizou trabalhos com a finalidade de subsidiar o Campo de Provas das Forças Armadas, na Região de Cachimbo-PA, entre o Exército e a Aeronáutica.

Na área de Levantamento Aeroespacial e Cartografia, o EMFA apoiou e participou do 1º Seminário sobre legislação cartográfica e aerolevantamento, sob o auspício da Sociedade Brasileira de Cartografia.

Coordenou o 4º Simpósio de Cartografia Militar, objetivando identificar e definir a estrutura capaz de permitir a devida supervisão das atividades cartográficas comuns das Forças Armadas e a implantação de uma célula cartográfica no Centro de Operações.

Realizou o controle da 2ª Missão Conjunta IBAMA/Serviço Florestal Americano, visando o monitoramento das queimadas e desenvolvimento de sensores especiais.

Trabalho conjunto EMFA/SEPLAN-PR propiciou a criação da Comissão Nacional de Cartografia - CONCAR (Decreto de 21 de junho de 1994), em atendimento ao anseio da comunidade cartográfica Civil e Militar.

O EMFA elaborou uma proposta para um novo Regulamento de Atividades de Aerolevantamentos no Território Nacional.

### **Implantação do Sistema de Comunicações por Satélite**

Com relação ao Projeto de Implantação do Sistema de Comunicações Militares por Satélite, foram instaladas e colocadas em operação três estações terrenas, operando na banda "C"; ativadas 21 estações de comunicações com dezesseis centrais telefônicas CPA-T; concluída uma rede de 45 km de cabos de fibras óticas em três cidades; interligadas vinte rádios digitais e 68 multiplexes.

Foram interligadas as redes de Brasília, Rio de Janeiro e Curitiba, através do Satélite BRASILSAT II que, após um período de operação experimental, entrou oficialmente em funcionamento regular.

### **42º Campeonato Mundial de Pentátlo Militar**

Por intermédio da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB), o Brasil organizou e sediou o 42º Campeonato Mundial de Pentátlo Militar, contando com a participação de 20 países, totalizan-

do 239 visitantes, sagrando-se o Brasil Campeão Mundial por equipe masculina e obtendo os dois primeiros lugares, individualmente.

### **Participação das Forças Armadas Brasileiras em Missões de Paz (11/11/94)**

No período, em cumprimento a compromissos internacionais com a ONU, 260 militares do Exército participaram de missões de paz em El Salvador/Onusal; Ex-Iugoslávia/Unprofor; Moçambique/Cobramoz; Moçambique/Onumoz; Angola/Unavem II; EUA/Dep Op Paz; Honduras e Costa Rica/Reminas; Guatemala/Minugua; Angola/Una Vem III;

### **Escola Superior de Guerra**

A ESG promove, anualmente os cursos de Altos Estudos de Política e Estratégica e o de Altos Estudos de Política Estratégica Militar, habilitando civis e militares para o exercício de funções de Direção e Assessoria, especialmente dos órgãos responsáveis pela formulação e planejamento da Política Nacional de Segurança e Desenvolvimento e, aos militares para o exercício de funções de Comando, Chefia e Estado-Maior, além de outras.

Para esse ano, foram selecionados 73 civis e 55 militares, que compõem as duas turmas de estagiários.

### **Hospital das Forças Armadas**

O HFA, nosocômio que atende além dos militares das Forças Armadas diversos órgãos federais e o Governo do Distrito Federal, através de convênios, incrementou suas atividades de atendimento médico-hospitalar, em conformidade com o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, aumentando a oferta nos setores onde era maior a demanda, como na área assistencial e na oferta de leitos, ampliando-os de 135, em janeiro 94, para 210. Para isso, reativou o 10º e o 11º andares, destinados a hospitalização.

### **Comissão Permanente para Licitação Internacional de Produtos Farmacêuticos de Linha Humana**

Finalmente, a par das suas atividades normais, o EMFA, por Decreto Presidencial de 14 de dezembro de 1992, vem coordenando as ações da Comissão Permanente para Licitação Internacional de Produtos Farmacêuticos da Linha Humana e dos Respective

mos (CLPF), com participação de diversos setores do Poder Executivo.

Sua finalidade é promover licitações internacionais de produtos farmacêuticos e insumos, solicitadas pelo Ministério da Saúde, com vistas à regularização do abastecimento interno, com níveis de preços compatíveis com o do mercado mundial e, se for o caso, propor medidas, que viabilizem uma ampla abertura para o mercado nacional e internacional.

Em 1994, foram realizadas três concorrências internacionais, para aquisição de Imunoglobina RHO, Iodato de Potássio e Concentrados de Fatores de Coagulação VIII e IX, ressaltando-se esta última que propiciou, aos cofres públicos, uma economia de cerca de US\$ 8,800,000.00.

## SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS

### a. Situação Encontrada

A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) enfrentava problemas decorrentes da acentuada redução do crédito orçamentário, da perda de pessoal técnico especializado e da falta de motivação dos servidores, paralelamente à necessidade de reestruturação de algumas áreas, tais como, a de Planejamento Estratégico, a de Programas e Projetos Estratégicos e a de Inteligência.

A Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, reestruturou a SAE, conferindo-lhe a finalidade de coordenar o planejamento estratégico nacional, promover estudos, elaborar, coordenar e controlar planos, programas e projetos de natureza estratégica, inclusive no tocante a informações e ao macrozoneamento geopolítico e econômico, executar atividades permanentes necessárias ao exercício da competência do Conselho de Defesa Nacional (CDN), e coordenar a formulação e acompanhar a execução da política nuclear.

### b. Principais Realizações do Período de Governo

No que se refere à formulação de políticas estratégicas, a Secretaria de Planejamento Estratégico (SPE), o Centro de Estudos Estratégicos (CEE) e demais Secretarias da SAE, em conjunto com o

Estado-Maior das Forças Armadas, o Ministério das Relações Exteriores e os Ministérios da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, elaboraram proposta de Bases para a Política de Defesa Nacional, a ser submetida ao CDN, no qual o Ministro de Estado Chefe da SAE exerce a função de Secretário-Executivo.

### **Secretaria de Planejamento Estratégico (SPE)**

Na área de Planejamento Estratégico, foi dada continuidade ao levantamento físico, econômico-financeiro e institucional dos sistemas de infra-estrutura produtiva (transporte, armazenamento, energia e telecomunicações), com a finalidade de identificar aspectos críticos para a retomada do crescimento econômico brasileiro. Nesse sentido, foram efetuados estudos com o objetivo de avaliar oportunidades de investimento nos referidos sistemas, segundo o enfoque de “eixos de desenvolvimento”, buscando estabelecer prioridades de investimentos de longo prazo.

Nos campos social e político-institucional, foram feitas análises diversas, de médio e longo prazos, construídos cenários internos e externos e elaborados estudos voltados ao encaminhamento de soluções alternativas para problemas específicos dessas áreas.

Durante 1994, procurou-se dar ênfase a trabalhos de alcance estratégico, através da elaboração de análises sobre questões e/ou problemas de magnitude nacional, com vistas à proposição de diretrizes para o desenvolvimento brasileiro de longo prazo e com delineamentos que podem servir para lançar as bases de um Projeto Nacional. Foram os seguintes os temas estudados com prioridade: transformação econômica; inserção do País na economia mundial; sustentabilidade e distribuição espacial do desenvolvimento; equalização de oportunidades; educação para o progresso técnico e científico; modernização do Estado; recuperação do sistema nacional de planejamento; e, segurança interna e externa.

No Programa de Zoneamento Ecológico-Econômico do Território Nacional, foi concluído o Diagnóstico Ambiental da Amazônia Legal, realizado através de convênios entre a SAE, o IBGE e o INPE. Diversos governos estaduais prosseguem o detalhamento e a elaboração de propostas de ação, etapa para a qual também estão sendo assinados convênios com a SAE, estendendo, dessa forma, o zoneamento às demais regiões do País.

Quanto ao Diagnóstico Ambiental da Amazônia Legal, prepararam-se atualmente sua revisão técnica e edição em papel e meios magnéticos. Para tal, e com vistas a dar difusão e seguimento técnico aos trabalhos dele decorrentes, foi firmado um convênio de cooperação técnica com a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS) e a Fundação de Ciência, Aplicações e Tecnologias Espaciais (FUNCATE).

Além disso, em cumprimento ao parágrafo 2º, do artigo 15 do Decreto nº 101, de 17/4/91, vigente com a redação que lhe foi dada pelo Decreto nº 153, de 25/6/91, foram analisadas e emitidas 150 declarações de conformidade para projetos agroindustriais beneficiados por incentivos fiscais administrados pela SUDAM.

### **Secretaria de Programas e Projetos Estratégicos (SPP)**

Na área de Programas e Projetos Estratégicos, foi dada continuidade às atividades de apoio ao Programa de Desenvolvimento de Tecnologia Nuclear (PDTN), que é realizado em associação com a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), os Institutos Militares de Pesquisa, universidades e indústria. Além de já ter avançado no domínio do ciclo do combustível nuclear, promoveu o repasse ao parque industrial de tecnologia em áreas de eletrônica avançada, solventes químicos, mecânica fina, metalurgia especial, mecânica pesada, ótica, refrigeração, informática e radioisótopos, dentre outras.

Na área da Política Nacional de Exportação de Material de Emprego Militar (PNEMEM), pode-se apontar o avanço significativo nas condições de acompanhamento e controle de processo, obtido a partir da implantação, em abril de 1994, de um terminal ligado ao Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX).

Ainda nesse segmento, convém ressaltar as modificações introduzidas nas Diretrizes Gerais da PNEMEM, resultado dos trabalhos produzidos pelo Grupo Interministerial encarregado de adaptar a documentação normativa existente ao Projeto de Lei nº 2530/92, as quais agilizam o processo de análise dos pedidos de exportação.

Com relação ao Regime de Controle de Tecnologia de Mísseis (MTCR), foi criado, como consequência do compromisso anunciado pelo Governo brasileiro em fevereiro de 1994, um Grupo de Trabalho Interministerial, para, sob a coordenação da SPP, elaborar a documentação específica de controle de exportações de bens relacionados a

mísseis e serviços diretamente vinculados, estando os trabalhos em fase final.

No que se refere ao Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM), o Conselho de Defesa Nacional examinou e aprovou o projeto Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), ora em início de implantação, com a aquisição de equipamentos para controle e proteção do tráfego aéreo e detecção de atividades anômalas na Região. Dentre as atividades a serem monitoradas, haverá ênfase naquelas suscetíveis de causar dano ao meio ambiente da Região Amazônica. Ainda no âmbito do SIPAM/SIVAM, cabe registrar que entrarão em condições de operação as unidades de vigilância de Manaus, Boa Vista, Tabatinga e São Gabriel da Cachoeira, com a realização de obras civis e instalação de equipamentos de geração de força, radares, estações de VHF e rádio-enlace tricanal.

Quanto ao Programa Calha Norte, foi realizada uma série de ações de vigilância e de operações navais, terrestres e aéreas e promovida assistência às comunidades indígenas, além da implantação de estrutura viária na Região Amazônica. Mais especificamente, não obstante a insuficiência de recursos financeiros, outras metas importantes também foram alcançadas: foram concluídas obras em quatro aeródromos; construídas duas embarcações e adquiridas outras duas; efetuadas melhorias no cais da Estação Naval do Rio Negro (ENRN); e realizadas obras de infra-estrutura viária (prosseguimento da construção da ligação BR 307 - Maturacá, conservação e manutenção de pontes na BR 307 e na via de ligação Ipanoré - Urubuquara, e também conclusão de implantação de duas pequenas centrais elétricas (PCH) e manutenção de outras duas).

Quanto ao Programa de Auxílio Financeiro aos Municípios da Faixa de Fronteira, que abrange um universo da ordem de 500 municípios, foi prestada colaboração na execução de obras de infra-estrutura que visam não só a amenizar o êxodo populacional em direção às grandes cidades, como também a concorrer para aumentar o controle nacional dessas áreas sujeitas a influências de países limítrofes.

### **Secretaria de Inteligência (SIT)**

Na área de Inteligência, procedeu-se à consolidação da atividade com estrita observância aos preceitos constitucionais e inerentes ao Estado democrático de direito. Com a finalidade de suprir a carência de pessoal especializado, instituiu-se o concurso público de Analista de Informações. O Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Recursos Humanos (CEFARH) ministrou cursos de inteligência

fiscal, bem como de inteligência tributária para fiscais do INSS. Também no campo de Inteligência, o CEFARH ofereceu novos cursos e estágios para integrantes das Forças Armadas e Forças Auxiliares.

### **Centro de Estudos Estratégicos (CEE)**

O Centro de Estudos Estratégicos, com a missão de promover a pesquisa e o debate de questões de amplitude estratégica, empreendeu, desde novembro de 1992 - data de sua criação - até o presente, programa de estudos e eventos com vistas a difundir metodologias e formulações de planejamento estratégico entre pessoal técnico governamental e de outras organizações.

### **Centro de Pesquisa e Desenvolvimento para a Segurança das Comunicações (CEPESC)**

O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento para a Segurança das Comunicações (CEPESC), apesar das alterações em sua organização, o que prejudicou suas atividades de pesquisa científica e tecnológica no início dos anos 90, conseguiu superar as expectativas e concluiu o ano de 1994 com resultados positivos. Na área de projetos de equipamentos, foram finalizados relevantes trabalhos e encontram-se em fase de conclusão de projeto e de pesquisa sete novos produtos voltados à segurança da informação.

Dos trabalhos desenvolvidos na atual gestão, destaca-se a busca de domínio da técnica criptológica conhecida como "chave pública", solução ideal para a organização de redes (voz, dados e imagem) inteiramente protegidas, assim como de caminhos para chegar à ligação celular segura.

### **Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN)**

No âmbito de competência da CNEN, foram executadas atividades de licenciamento e fiscalização da Usina Nuclear de Angra I, dos quatro reatores de pesquisa nacionais e das instalações nucleares do ciclo de combustível, além das instalações radiativas industriais médicas e de pesquisa. Com relação ao tratamento de rejeitos radioativos, foi concluído o projeto do repositório definitivo para os rejeitos do acidente de Goiânia.

Nas atividades de apoio à comunidade, a CNEN realizou extenso programa abrangendo análises de alimentos e de outros produtos importados e exportados, calibração de equipamentos e treinamento

em radioproteção de especialistas na área de saúde, bem como suporte ao Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade, dentre outros. A produção de radioisótopos e radiofármacos para fins medicinais registrou crescimento acima de 15%, suprimindo hoje cerca de 200 centros de medicina nuclear, com atendimento a mais de 500.000 pacientes por ano.

O preceito constitucional de uso da energia nuclear exclusivamente para fins pacíficos obriga a CNEN a um controle estrito dos materiais nucleares, através do processo de salvaguardas e da fiscalização do comércio destes materiais. Estas são atividades de grande relevância no cenário internacional, em especial devido ao acordo assinado com a República Argentina e a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

No ramo industrial, as atividades do ciclo do combustível estão a cargo da Indústrias Nucleares do Brasil (INB), responsável pela fabricação das recargas de Angra I. A INB promoveu recentemente uma redução de seu custo operacional através da incorporação de suas subsidiárias NUCLEI, NUCLEMON e Urânio do Brasil.

Na atividade mineradora, a INB realizou estudos de viabilidade econômica de produção de concentrado de urânio em novas áreas e desenvolveu um programa para exaustão do minério de urânio de alto teor do Complexo Industrial de Poços de Caldas e do beneficiamento do material denominado Torta II.

No que diz respeito à Nuclebrás Equipamentos Pesados (NUCLEP), a empresa participa da fabricação de componentes para a área nuclear e disputa também mercado no setor convencional.

## SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

### a. Situação Encontrada

A crise do Estado brasileiro tem como uma das suas principais facetas a crise da burocracia pública federal.

Os processos históricos que levaram à crise atual são longos e complexos. Num primeiro momento, a arquitetura do modelo burocrático weberiano foi desfigurada pela transformação de cargos públicos em moeda de troca política. Em seguida, agregou-se caoticamente à administração direta um enorme setor empresarial, autárquico e fundacional que fugiu ao controle e facilitou, pela multiplicação dos órgãos e empresas com alto grau de autonomia, a

feudalização da máquina pública, por interesses privados. Enfim, a Administração Federal sofreu o impacto desorganizador da reforma Collor, mal pensada e mal executada.

A isso tudo é necessário agregar mais dois fatores agravantes da crise. A crise fiscal do Estado Federal e o aumento do corporativismo no serviço público.

Tendo perdido em boa parte as referências políticas e profissionais que dão um sentido mais amplo e profundo ao trabalho, os servidores adotaram posturas defensivas e orientaram o melhor de seus esforços no sentido de maximizar seus interesses individuais ou corporativistas.

Qualquer intenção de mudança é dificultada por estes elementos. Portanto, neste momento, a mais importante orientação normativa do trabalho é o da recuperação da dignidade da função pública.

É absolutamente necessário mobilizar os talentos profissionais ociosos, recompor os núcleos de competência dispersos, ampliar os espaços de exercício da capacidade gerencial e reafirmar a ética do bem servir aos cidadãos.

Somente é possível se pensar em modernização, renovação ou reforma da Administração Pública a partir da conquista de referências profissionais decorrentes da existência de um sistema integrado de valorização do servidor: carreira, formação e treinamento, premiação do mérito, remuneração, estabilidade funcional, proteção contra manipulação política, condições institucionais de expansão da criatividade e do aproveitamento dos talentos profissionais individuais.

#### b. Principais Realizações do Período de Governo

##### **Área de Recursos Humanos**

Foi proposto o reordenamento do serviço público e a valorização do servidor, através do Projeto de Lei nº 4.407, de 20 de janeiro de 1994, que instituiu o Sistema de Planos de Carreira dos servidores civis dos poderes da União.

O Decreto nº 1.026, de 28 de dezembro de 1993, regulamentou o Fundo Especial de Formação, Qualificação, Treinamento e Desenvolvimento do Servidor Público - FUNDASE, objetivando a implementação do Programa Nacional de Treinamento dos Servidores Públicos - PNTS.

Foi criado o Conselho Deliberativo do FUNDASE, o qual estabeleceu diretrizes e normas de gestão, linhas prioritárias e condições para concessão de recursos, planos de trabalho e formas de execução, modelos para celebração dos convênios, formas de liberação e aplicação dos recursos, modelos de relatórios de execução físico-financeira e de prestação de contas.

Foi instituído o Plano de Carreiras para a área de Ciência e Tecnologia da Administração Federal Direta, das Autarquias e das Fundações, contemplando a formação, a realização da pesquisa e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Buscou-se o aperfeiçoamento do Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos - SIAPE, tornando efetivos os controles de funções, lotação de pessoal, cadastro de dependentes e centralizada a folha de pagamento dos servidores dos extintos territórios na Secretaria. Também foi restabelecida a Auditoria de Pessoal, visando melhor acompanhamento, orientação e controle da aplicação da legislação de pessoal.

Foi constituída Comissão para analisar a elaboração de proposta de isonomia de vencimentos, resultando na unificação das tabelas e equiparação da Gratificação de Atividade Executiva - GAE em 160% sobre o vencimento. Também foi analisada matriz de vencimentos, com o agrupamento de cargos de atribuições iguais ou assemelhados.

Em dezembro de 1994 estará sendo concluído o recadastramento dos servidores ativos da administração direta, autárquica e fundacional.

No que tange aos benefícios aos servidores públicos federais, foi regulamentado o Benefício Alimentação, através do Decreto nº 969, de 3 de novembro de 1993. Foi regulamentada a Assistência Pré-Escolar, através do Decreto nº 977, de 10 de novembro de 1993.

Foi proposto o Plano de Seguridade Social do Servidor Público Federal, através de Projeto de Lei e minutas de decretos para a criação de um Sistema de Atenção Integral à Saúde do Servidor, de regulamentação da Saúde Ocupacional, do Serviço Médico de Pessoal e do Montepio Civil da União.

Foram recadastrados os servidores federais à disposição dos Estados de Roraima, Amapá, Rondonia e Acre, mediante convênios com o Ministério do Exército, visando levantar e analisar a situação funcional desses servidores, e instituída a Coordenação-Geral dos Ex-Territórios - COGET, na estrutura da Secretaria.

### **Área de Organização e Informática**

Foi regulamentado e implantado o Sistema de Organização e Modernização Administrativas - SOMAD, por intermédio do Decreto nº 1.039, de 10 de janeiro de 1994, com o objetivo de disseminar orientações técnicas para padronização e racionalização dos procedimentos administrativos no âmbito da Administração Pública Federal, e instituído o Programa Nacional de Descentralização - PRODESCEN, através do Decreto nº 1.044, de 14 de janeiro de 1994.

Foi instituído o Sistema de Administração dos Recursos de Informação e Informática - SISP, por intermédio do Decreto nº 1.048, de 21 de janeiro de 1994, com o propósito de modernizar e integrar ações de informação e informatização no âmbito da Administração Pública Federal, e implantada a Rede Metropolitana de Alta Velocidade - REMAV.

Vários estudos e proposições de medidas de reestruturação da Administração Pública Federal foram desenvolvidas, como os documentos denominados "Subsídios para a Reestruturação da Administração Pública Federal" e "Estratégias para a Informatização da Administração Pública Federal".

Também foi elaborada proposta de revisão da estrutura de códigos do Orçamento Geral da União, de forma a incluir a informação e informática, a nível de Programa.

Foi criado o Programa sobre Normalização Técnica em Informática do Governo Federal, através da Portaria nº 3.094, da Secretaria, publicada no DOU de 13 de outubro de 1994, visando racionalizar o poder de compra do Governo e garantir integração de ambientes informatizados.

### **Serviços Gerais e Assuntos Imobiliários**

Foi instituído o Sistema Integrado de Serviços Gerais - SIASG com o objetivo de dar maior transparência aos processos licitatórios e promover economia de consumo de materiais evitando-se compras desnecessárias e desperdícios. O SIASG conta com os seguintes módulos em fase de implantação: Sistema de Catálogo Básico de Materiais e Serviços - SICAT; Sistema Integrado de Registro de Preços - SIREP; Sistema Integrado de Reaproveitamento de Materiais - SIRMA e Sistema de Controle de Veículos Oficiais - SITRAN.

Foram concluídas as liquidações e extinções de 43 órgãos e entidades, restando apenas 05 a serem extintos/liquidados.

O Fundo Rotativo Habitacional de Brasília - FRHB, foi reorganizado para levantamento e depuração do patrimônio móvel e imóvel, e alienados em 1994 mais 79 imóveis.

Também foram elaborados documentos normativos relativo a: valores limites da licitação, uso de edifícios públicos, uso de telefone celular, ocupação e uso de imóveis funcionais de órgãos e entidades em extinção, normas para licitação e contratos com a Administração Pública Federal, reajuste de preços nos contratos da Administração Pública Federal, conversão para Unidade Real de Valor - URV dos contratos da Administração Pública Federal, reajuste de preços dos contratos de serviços de limpeza e conservação e de vigilância com a Administração Pública Federal, disciplina de procedimentos para movimentação da frota de veículos oficiais e publicação do Manual de Cadastramento do Sistema Unificado de Cadastramento de Fornecedores - SICAF.

### **Área de Qualidade e Produtividade**

Foram definidos critérios para a geração de indicadores de qualidade e produtividade no serviço público e realizados cursos básicos e especiais sobre Gestão da Qualidade, cursos de especialização em Gestão da Qualidade e seminários nacionais sobre Qualidade e Produtividade na Administração Pública. Também foi elaborado termo de referência sobre Qualidade e Produtividade na Administração Pública Federal.

### **Fundação Escola Nacional de Administração Pública - ENAP**

Foram desenvolvidos programas de formação de quadros para a Administração Pública Federal e de capacitação gerencial, técnico-administrativa e institucional (vide quadro abaixo), e elaboradas as diretrizes e normas de funcionamento do Fundo Especial de Formação, Qualificação, Treinamento e Desenvolvimento do Servidor Público - FUNDASE.

Foi instituída a Rede Nacional de Documentação e Informação em Administração Pública - RENAP, com vinte instituições participantes, incluindo escolas de governo e outras instituições federais, estaduais e municipais.

**QUADRO DEMONSTRATIVO DAS ATIVIDADES(\*)**

| Natureza da Atividade                                               | Número     | Número<br>Hora /Atividade | Número<br>Participantes |
|---------------------------------------------------------------------|------------|---------------------------|-------------------------|
| Cursos (turmas)                                                     | 227        | 12 149                    | 6.153                   |
| Seminários, Workshops, Encontro<br>Círculos, Debates e Conferências | 70         | 848                       | 5.035                   |
| <b>Subtotal</b>                                                     | <b>297</b> | <b>12.997</b>             | <b>11.188</b>           |

|                                                              |            |          |               |
|--------------------------------------------------------------|------------|----------|---------------|
| Estudos e Pesquisas                                          | 16         | —        | —             |
| Publicações                                                  | 14         | —        | —             |
| Atendimento ao Público (biblioteca e serviço de informações) | 4          | —        | 23.943        |
| Eventos Culturais                                            | 158        | —        | 12.415        |
| <b>Subtotal</b>                                              | <b>202</b> | <b>—</b> | <b>36.358</b> |

|                            |            |               |               |
|----------------------------|------------|---------------|---------------|
| <b>TOTAL DE ATIVIDADES</b> | <b>499</b> | <b>12.997</b> | <b>47.546</b> |
|----------------------------|------------|---------------|---------------|

(\*) *Dados preliminares, com base nas atividades realizadas até outubro e previstas para novembro e dezembro de 1994.*

(\*) ANEXOS ÀS ATAS DAS REUNIÕES DE INSTALAÇÃO (1ª REUNIÃO), E DE OITIVAS E DE APROVAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL E ENCERRAMENTO DA COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 151, DE 1993-CN, DESTINADA A APURAR OS FATOS CONTIDOS NAS DENÚNCIAS DO SR. JOSÉ CARLOS ALVES DOS SANTOS, REFERENTES ÀS ATIVIDADES DOS PARLAMENTARES, MEMBROS DO GOVERNO E REPRE-

SENTANTES DE EMPRESAS ENVOLVIDAS NA DESTINAÇÃO DE RECURSOS DO ORÇAMENTO DA UNIÃO, QUE SE PUBLICA COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO DO SENHOR PRESIDENTE DA COMISSÃO.

(\*) Serão publicados em Suplementos à presente edição.